



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

**Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino
Básico**

Projeto de Relatório de Estágio

**Expressão Plástica: Práticas e Dinâmicas em Contexto de
Ensino Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico**

Orientadora Científica:

Professora Doutora *Maria Isabel Condessa*

Mestrando: *Carlos Manuel Amaral Dias*

Introdução

O presente documento emerge no âmbito do mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e assume-se como um ponto de partida para a elaboração do relatório de estágio, aquando das unidades curriculares de Prática Educativa Supervisionada I e II. Como é sabido, é dado a cada mestrando, durante esta fase, a oportunidade de escolher uma determinada temática, de modo a aprofundá-la na execução do relatório de estágio.

Neste sentido, a escolha do tema, “*Expressão Plástica: Práticas e Dinâmicas em contexto de Ensino Pré-Escolar e 1º Ciclo*”, deveu-se ao interesse pessoal de investigar a importância que educadores de infância e professores do 1º ciclo dão à Expressão Plástica, pois esta área ainda surge como uma área de pouco interesse ou de menor importância, quando comparada com outras áreas como o Português ou a Matemática.

Por outro lado, ao longo da minha formação e da minha experiência profissional tenho constatado, também, que esta importância (ou a falta dela) é mais acentuada na passagem do ensino pré-escolar, para o 1º ciclo do ensino básico. Ou seja, se no Jardim de Infância as crianças possuem de algum tempo destinado ao “cantinho da plástica”, no 1º ciclo é notório a falta dele (basta observar os horários para se chegar a esta conclusão).

Mas a que se deve esta mudança tão abrupta de investimento na área da expressão plástica? À organização curricular? À formação do corpo docente? À inexistência de recursos?

De acordo com João Buchó (2011)¹, as metodologias e os métodos, adotados pela maioria das escolas portuguesas, são ainda “*meramente expositivos*”, sendo atribuído ao aluno um papel de “bom ouvinte”. Também, segundo o mesmo autor, “*em todas as escolas do mundo*”, a importância dada às Artes, não é a mesma dada às disciplinas de Matemática e Português. Ken Robison apresentou a seguinte ordem de importância: “*primeiro surgem as Matemáticas e as Línguas, depois num segundo plano estão as Ciências Humanas e por fim num terceiro nível as Artes.*”²

Relativamente à estrutura, este projeto está organizado em torno de vários pontos importantes para a sua realização: uma breve fundamentação teórica, os objetivos gerais

¹ In Ferraz, M. (coord.), (2011). *Educação Expressiva. Um novo Paradigma Educativo*. Vol. I. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial, Lda. (p.24)

² Idem

das práticas pedagógicas, os objetivos da temática, a metodologia adotada, o cronograma de atividades e a bibliografia fundamental.

Revisão Bibliográfica

Numa escola que se deseja que cada vez mais que o aluno desfrute de um papel ativo no seu processo educativo, a Expressão Plástica deverá ter um lugar de relevo, já que proporciona momentos propícios à aquisição de aprendizagens significativas. “*Os chamados mediadores expressivos e artísticos, poderiam servir de ponte para os alunos poderem exprimir livremente as suas ideias, sentimentos e emoções, ao mesmo tempo que seriam um excelente auxiliar técnico e pedagógico em todo o processo de ensino-aprendizagem*” (João Bucho³). Importa, assim, que o educador/professor promova atividades na perspetiva construtivista e interdisciplinar, de modo a estimular o desenvolvimento das competências inerentes ao estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra.

No desenho ou na pintura, através de uma linguagem muito própria, a criança exprime um conjunto de sensações, sentimentos, desejos, muitas vezes difíceis de exprimir pela linguagem verbal. Também organiza e ajusta as imagens do seu mundo interior ao exterior, através de formas, símbolos e cores. Os autores Cardoso e Valsassina (1988), cit in Relatório de Estágio, *As Potencialidades Didáticas das Atividades da Área das Expressões*, Furtado, N., (2011, p.23) referem que “(...) arte plástica infantil é essencialmente uma linguagem que, praticada nas devidas condições, ajudará a criança no seu natural desenvolvimento a encontrar o equilíbrio, por meio de uma série de experiências sensoriais e intelectuais”.

Michel Houle (cit in Martins, 2002) refere que:

“ Expressar-se é explorar o ser que somos o mais possível, o melhor possível, de acordo com a nossa própria natureza. (C. Wautelet).

³ In Ferraz, M. (coord.), (2011). *Educação Expressiva. Um novo Paradigma Educativo*. Vol. I. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial, Lda. (p.24)

É através da expressão e do reconhecimento do seu desejo pelo outro, numa experiência de prazer partilhado, que a criança adquire e confirma o sentimento de existir e de ter uma identidade pessoal. (M. Pagès)”.

Pela Expressão Plástica, a criança pode construir um maior conhecimento do mundo e de si mesma, integrando-se melhor na sociedade. E ainda, estruturar os diversos conhecimentos e articulá-los com outras áreas de aprendizagem (interdisciplinaridade) promove a agilidade do pensamento, na medida em que desenvolve estruturas de interpretação, explicação, análise e crítica.

Aos educadores/professores cabe-lhes a tarefa de criar condições para que a criança se possa exprimir livremente, desenvolvendo assim todas as suas potencialidades. Estas condições passam pela organização adequada do espaço e apresentação de propostas de trabalho diversificadas, bem como, pela disposição de materiais e instrumentos de trabalho e, sobretudo, através da criação de condições propícias ao desenvolvimento destas atividades.

Infelizmente, estas atribuições nem sempre se verificam nos docentes que estão nas nossas escolas. Exemplo disso é que, muitas vezes, por economia de tempo e desejo de obter “resultados briosos”, as atividades já chegam aos alunos pré-concebidas, retirando-lhes o poder de criação, pois é-lhes dado um modelo, que todos os alunos têm a obrigatoriedade de o seguir. Muitas vezes o processo é substituído pelo produto.

De acordo com Sousa (2003), “(...) *não interessa o que a criança desenvolve, nem como ela o faz. Interessa apenas, que o faça, a expressão e não o seu produto*”. Menciona ainda, que “*desenha-se, pinta-se e modela-se apenas pelo prazer que esses atos proporcionam e não com a intenção de produzir algo que seja «arte»*”.

Resumidamente, a Escola não confere, ainda, a devida função social e educativa à Expressão Plástica. Esta situação deve-se, sobretudo a uma série de ideias erradas, que se foram fixando ao longo do tempo e que se tornam difíceis de serem alteradas, devido à falta de credibilidade que se foi atribuindo a esta área. Contrariar estes pressupostos é, por isso, um processo moroso, longo e difícil, pois os docentes têm demonstrado uma falta de cultura educativa face à formação artística.

O professor/educador, se gostar de exercer as suas funções, deverá sentir o prazer pela descoberta, de observar o modo com as crianças experienciam, conversam e brincam. Enquanto educadores/professores, deveremos encarar a escola como um espaço “*de partilha e diálogo, interactivo e dinâmico, constantemente alvo do nosso*

pensamento e a Educação do futuro terá de ser repensada de forma a podermos preparar e formar pessoas, que saibam lidar com as transformações e exigências que a sociedade lhes exige e lhes solicita.” (João Bucho, 2011)⁴.

A Expressão plástica, deverá, deste modo, revelar-se como uma área integradora de vários conteúdos curriculares, abordando e/ou interligando diversas áreas/disciplinas. Ou seja, é uma área com potencial pedagógico, quer a nível da educação pré-escolar, quer a nível do primeiro ciclo do ensino básico.

Objetivos Gerais das Práticas Pedagógicas

- ✓ Articular a prática educativa supervisionada, quer com as intervenções das colegas de núcleo pedagógico, quer com as práticas da educadora/professora titular do grupo/turma;
- ✓ Planificar e avaliar tendo em conta o grupo de crianças/turma e o seu meio familiar e social;
- ✓ Explorar, de forma articulada, as diferentes áreas de conteúdo/disciplinas, em que cada uma delas deva contribuir, tanto quanto possível, para o desenvolvimento harmonioso de um vasto leque de aptidões e de atitudes;
- ✓ Implantar práticas interdisciplinares na escola, tornando-se importante o papel que desempenharei na gestão de todo este processo de ensino-aprendizagem, sobretudo na organização dos conteúdos a abordar;
- ✓ Proporcionar atividades que se articulam estreitamente com a vida e o meio das crianças;
- ✓ Promover atividades sociais indispensáveis à formação pessoal e social das crianças;
- ✓ Despertar atitudes e valores tais como a sensibilidade estética e moral, a

⁴ In Ferraz, M. (coord.), (2011). *Educação Expressiva. Um novo Paradigma Educativo*. Vol. I. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial, Lda. (p.24)

autoestima, o sentido de responsabilidade e de solidariedade;

- ✓ Estabelecer uma boa relação pedagógica, pautada pelas regras, negociação, respeito, comunicação e aceitação;
- ✓ Organizar o espaço, bem como mobilizar e gerir os recursos educativos, de modo a criar no estabelecimento educativo um ambiente favorável ao bem-estar e à aprendizagem das crianças;
- ✓ Fomentar nas crianças uma prática pedagógica, onde aprendam a procurar a informação, habilitando-se a prosseguir, no futuro, de forma continuada, a sua autoformação.

Objetivos da Temática

- ✓ Compreender as potencialidades lúdico-expressivas das Expressões Artísticas, em geral, e da Expressão Plástica, em particular, no contexto educacional da Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico;
- ✓ Perceber as atitudes e perceções dos docentes em relação à Expressão Plástica (as suas expectativas e representações, a disponibilidade e o valor demonstrados);
- ✓ Aprender as atitudes e perceções das crianças em relação à Expressão Plástica (os seus interesses e o valor dado);
- ✓ Descrever e comparar os comportamentos de envolvimento de crianças/alunos perante o contato com materiais, atividades/ tarefas e estratégias diversificadas apresentadas no âmbito da expressão plástica;
- ✓ Despertar, em todos os intervenientes, o interesse pela reciclagem e reutilização de materiais de desperdício, como forma de conhecer e compreender os contributos para a proteção do meio ambiente, para o equilíbrio ecológico e para a preservação do património.

Metodologia

As atividades que pretendo realizar ao longo das minhas intervenções pedagógicas, bem como as aprendizagens diversificadas associadas, surgem da articulação das diferentes áreas de conteúdo apresentadas nas *Orientações Curriculares para o Pré-Escolar* (no seguimento da unidade curricular Prática Educativa Supervisionada I) e da articulação dos programas das disciplinas do 1º ciclo (no seguimento da unidade curricular Prática Educativa Supervisionada II). Paralelamente, foi tido em consideração o Projeto Educativo de Escola (PEE), o Projeto Curricular de Escola (PCE), o Plano Anual de Atividades (PAA) e o Projeto Curricular de Grupo/Turma (PCG/PCT).

No entender de Dias (1999), em qualquer trabalho investigativo, o investigador “(...) *precisa de utilizar instrumentos que lhe permitam reter aquilo que é preciso conservar do material a recolher ou já recolhido e que vai servir como documentação de apoio na realização do trabalho científico.*” Numa perspetiva de investigação/formação, as metodologias privilegiadas, no decorrer das práticas educativas, serão:

- a observação direta, realizada a partir de registos efectuados no local baseados nas respostas e ações das crianças;
- a observação indireta, realizada os registos fotográficos e vídeo; o registo e análise documental;
- o registo em diário de alguns momentos das práticas;
- o registo das lista de verificação, grelhas de avaliação e o caderno de observações diretas, elaboradas para cada sequência didática;
- as reflexões efetuadas com os colegas de núcleo, educadora/professora cooperante e orientador de estágio.

Posteriormente, será feita uma análise qualitativa e quantitativa destes registos, onde se pretende cruzar informação retirada da avaliação efetuada às crianças sobre a minha intervenção, juntamente com as reflexões realizadas com as educadoras/professoras cooperantes, com as orientadoras de estágio e com as colegas do núcleo pedagógico, pois “*Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da*

acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. (...) Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento.”⁵















De modo a garantir um melhor e maior sucesso no estudo da temática que me proponho aprofundar, será desenvolvido um trabalho colateral entre a Escola Básica Integrada de Roberto Ivens e a Escola Básica Integrada Canto da Maia, para que no final se realize um cruzamento de dados e consequentes conclusões. O trabalho incidirá, por um lado, com as crianças e, por outro, com os educadores/professores. No primeiro caso, pretende-se proporcionar momentos de contato com diferentes materiais, possibilitando-lhes, ao mesmo tempo, experienciar várias situações e retirar, desses momentos, conclusões acerca das suas reações; no segundo caso, recorrer-se-á ao inquérito por questionário para se investigar as motivações e dificuldades com que os professores se deparam na exploração da vertente da expressão plástica.







Cronograma de tarefas

A proposta de calendarização que se segue aponta para a realização das várias atividades intervenientes e indispensáveis para a elaboração do Relatório de Estágio. Porém, sempre que seja necessário, pode ser alterada e reformulada, não sendo, por isso, uma proposta de planificação concludente e inalterável, mas sim ativa e em constante atualização.







⁵ Departamento de Educação Básica (DEB) (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: DEB – Ministério da Educação. (p.58).

Bibliografia Fundamental

-  Cardoso, M. (1988). *Arte infantil. Linguagem plástica*. Lisboa: Editorial Presença.
-  Condessa, I., Fialho, A. & Andrade, R. (2008). *O Projecto P.I.R.A.T.A.-C.B. e as Expressões Artísticas na Educação Básica*. In: CD *Actas. do 1º Congresso Internacional em Estudos da Criança. “Infâncias Possíveis, Mundos Reais”* - Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Braga. Portugal.
-  Condessa, I. (2006). “O Movimento Criativo”, pp 37-52 in Castro, G. e Carvalho, M. *Actas do Colóquio. A Criatividade na Educação*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
-  Departamento de Educação Básica (DEB) (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: DEB – Ministério da Educação.
-  Departamento de Educação Básica (DEB) (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: DEB – Ministério da Educação.
-  Departamento de Educação Básica (DEB) (1990), *Programas do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: DEB – Ministério da Educação.
-  Dias, M. (1999). *Métodos e Técnicas de Estudo e Elaboração de Trabalhos Científicos*. Coimbra: Minerva.
-  Ferraz, M. (2011). *Terapias Expressivas Integradas*. Vol. I. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial, Lda.
-  Ferraz, M. (2011). *Educação Expressiva. Um novo Paradigma Educativo*. Vol. I. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial, Lda.
-  Ferreira, S. (org.) (2001). *O Ensino das Artes. Construindo Caminhos*. Campinas: Papyrus Editora.
-  Gonçalves, E. (1991), *A Arte Descobre a Criança*. Amadora. Raiz Editora, Lda.
-  Hohmann, M. & Weikart, D. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
-  Lopes, J. & Silva, H.S. (2009). *Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula*. Porto: LIDEL Edições Técnicas Lda.
-  Martins, A. (2002). *Didáctica das Expressões*. Lisboa: U. Aberta.

-  Oliveira, M. (2007). *A expressão plástica para a compreensão da cultura visual. Saber(e)Educar*. Porto: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. N.º12.
-  Serra, M. (2004). *Currículo na educação pré-escolar e articulação curricular com o 1ºCiclo do Ensino Básico*. Coleção Educação. Porto: Porto Editora.
-  Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. 1º Vol. Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
-  Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. 2º Vol. Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
-  Sousa, Alberto, B. (2003). *Educação pela arte e arte na educação – Música e artes plásticas – Horizonte Pedagógicos*. 3º Volume. Lisboa: Instituto Piaget.
-  Telmo, I. (1994). *Linguagem Gráfica Infantil*. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal.

Referências Bibliográficas

-  Departamento de Educação Básica (DEB) (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: DEB – Ministério da Educação.
-  Dias, M. (1999). *Métodos e Técnicas de Estudo e Elaboração de Trabalhos Científicos*. Coimbra: Minerva.
-  Ferraz, M. (2011). *Educação Expressiva. Um novo Paradigma Educativo*. Vol. I. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial, Lda.
-  Furtado, N., (2011), *As Potencialidades Didáticas das Atividades da Área das Expressões*, Relatório de Estágio Não Publicado, Universidade dos Açores.
-  Lopes, J. & Silva, H.S. (2009). *Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula*. Porto: LIDEL Edições Técnicas Lda.
-  Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. 1º Vol. Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.

Área da Expressão e Comunicação

Domínio da Expressão Motora

Nomes	Idade	Conhece as diferentes partes do seu corpo	Nomeia as diferentes partes do seu corpo	Controla diferentes formas de deslocação	Demonstra interesse em participar em atividades para desenvolver novas habilidades motoras	Diferencia e experimenta as diferentes posturas (em cima/em baixo...)	Tem definido a mão dominante	Identifica a esquerda/direita em si	Identifica a esquerda/direita no outro	Faz enfiamentos com seqüências de cores	Faz enfiamentos com seqüências de formas	Segura o pincel e o lápis em pinça	Pega corretamente na tesoura	Recorta respeitando os limites	Pinta sem sair dos limites	Aperta e desaperta botões/fechos

Legenda: Sempre (S) Frequentemente (F) Algumas Vezes (AV) Raramente (R) Nunca (N)

Observações: _____

Área da Expressão e Comunicação

Domínio da Expressão Musical

Nomes	Idade	Está atenta às canções	Gosta de cantar	Gosta de dançar	Gosta de representar	Participa ativamente nas atividades	Canta segundo várias intensidades	Produz diversos timbres de voz	Memoriza canções/lengalengas	Interpreta canções respeitando o ritmo	Interpreta canções respeitando a melodia	Reproduz sons longos e breves (duração)	Reproduz sons graves	Reproduz sons agudos	Experimenta diferentes instrumentos	Identifica o som de diversos instrumentos	Identifica e reproduz sons produzidos com o corpo	Aprende e explora diferentes ritmos	

Legenda: Sempre (S) Frequentemente (F) Algumas Vezes (AV) Raramente (R) Nunca (N)

Observações:

Área da Expressão e Comunicação

Domínio da Expressão Plástica

Nomes										
	S	F	AV	R	N					
Explora diversos materiais										
Pega no lápis e pincel em pinça										
Desenha com lápis de cor, cera e marcadores										
Utiliza vários suportes no desenho e pintura										
Utiliza com cuidado as tintas										
Utiliza com cuidado a tesoura										
Desenha a figura humana										
Desenha a figura humana com alguns adereços										
Desenha o retrato										
Representa graficamente uma história/acontecimento										
Desenha as personagens de uma história com adereços										
Reconhece e nomeia as cores primárias										
Reconhece e nomeia as cores secundárias										
Sabe fazer a mistura de determinadas cores para obter a cor pretendida										
Pinta com detalhes										
Desenha com detalhes										
Utiliza técnicas simples de pintura, recorte, colagem e dobragem										
Recorta diversos tipos de papel e outros materiais (tecido, lã, ...)										
Revela criatividade nas suas produções										
Manifesta preocupação com a apresentação dos trabalhos										

Legenda: Sempre (S) Frequentemente (F) Algumas Vezes (AV) Raramente (R) Nunca (N)

Observações: _____

Área da Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

Nomes	e a a a -		Identifica /nomeia as formas geométricas	Identifica e representa as figuras geométricas	Ordena segundo o tamanho	Agrupa objetos segundo a forma	Agrupa objetos segundo a cor	Agrupa objetos segundo a textura	Agrupa objetos segundo a espessura	Completa/ordena sequências até 5 objetos	Preenche uma tabela de duas entradas	Conta até 20	Tem a noção de conjunto	Tem a noção de ordinal/cardinal	Relaciona número, palavra, objetos	Associa número a quantidade	Compara objetos pelo seu peso	Compreende noções espaciais: em cima/em baixo, dentro/fora, atrás /à frente	Compreende noções espaciais: lento/rápido, m longe que...	Tem a noção de manhã/tarde/noite	Tem noção de ontem/hoje/amanhã	Identifica os dias da semana	Reconhece as estações do ano	Realiza operações simples de adição e subtração com os objetos	Realiza mentalmente operações de adição e subtração	Faz a decomposição de números	

Legenda: Sempre (S) Frequentemente (F) Algumas Vezes (AV) Raramente (R) Nunca (N)

Observações: _____

Área do Conhecimento do Mundo

Nomes	e o a o o o o o o o														
	Faz perguntas sobre o que o rodeia	Dá opinião sobre o que o rodeia	Demonstra interesse pela realização de experiências	Releva interesse em fazer pesquisa sobre um tema	Relata e regista o que observou nas experiências	Questiona acerca do que observa	Tira conclusões acerca do que observou	Identifica vários estados de tempo	Identifica os vários períodos do dia	Associa fenómenos naturais às diferentes épocas do ano	Compreende as regras para manter um ambiente limpo	Participa na construção e aplica regras para manter um ambiente limpo e saudável	Participa nas tarefas de proteção/cuidado de animais e plantas	Localiza-se no espaço e no tempo	Conhece o ambiente natural e social

Legenda: Sempre (S) Frequentemente (F) Algumas Vezes (AV) Raramente (R) Nunca (N)

Observações: _____

Escola: _____ Educadora: _____

Sala: _____ Piso: _____ Nº de alunos: _____ Data: _____ Hora: _____

Área de Formação Pessoal e Social

Nomes	e d a r																
		Sabe o seu nome completo	Sabe a sua idade	Sabe a dizer a que sexo pertence	Sabe o nome do pai e da mãe	Cumprir as rotinas da sala	Cumprir e aceitar as regras da sala e do grupo	Responsabilizar-se pelo cumprimento das tarefas que lhe são destinadas	Arrumar os materiais da sala de forma correta	Respeitar as regras de um jogo	Participar nas conversas e esperar pela sua vez	Finalizar a sua tarefa	Escolher o que quer fazer sem a ajuda do adulto	Participar em atividades de grande grupo, por iniciativa própria	Diversificar as atividades ao longo do dia	Despeçar-se e vestir-se sozinho	

Legenda: Sempre (S) Frequentemente (F) Algumas Vezes (AV) Raramente (R) Nunca (N)

Observações: _____

Nomes											
	S	F	AV	R	N						
Sabe o seu nome completo											
Sabe a sua idade											
Sabe a dizer a que sexo pertence											
Sabe o nome do pai e da mãe											
Cumprir as rotinas da sala											
Cumprir e aceitar as regras da sala e do grupo											
Responsabilizar-se pelo cumprimento das tarefas que lhe são destinadas											
Arrumar os materiais da sala de forma correta											
Respeitar as regras de um jogo											
Participar nas conversas e esperar pela sua vez											
Finalizar a sua tarefa											
Escolher o que quer fazer sem a ajuda do adulto											
Participar em atividades de grande grupo, por iniciativa própria											
Diversificar as atividades ao longo do dia											
Despe-se e veste-se sozinho											

Legenda: Sempre (S) Frequentemente (F) Algumas Vezes (AV) Raramente (R) Nunca (N)

Observações: _____



Universidade dos Açores

Departamento de Ciências da Educação

Mestrado em Educação Pré - Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Ano Letivo de 2011/2012 – 2ºSemestre

Prática Educativa Supervisionada I

Sequência Didática – Educação Pré-Escolar

EB1/JI de Maricas (S. Roque II)

07/05/2012 e 08/05/2012

Docente da Disciplina: Mestre Ana Sequeira

Orientadora Cooperante: Ed. Sandra Mendes

Mestrando: Carlos Dias

Ponta Delgada, 7 maio de 2012

ÍNDICE

Introdução	3
Justificação das Opções	4
Grelha da Sequência Didáctica.....	10
Descrição da Sequência Didáctica	20
Referências Bibliográficas	26
Anexos	27

Introdução

A presente sequência didática foi elaborada no âmbito da disciplina de Prática Educativa Supervisionada I para os dias 7 e 8 de maio de 2012 e destina-se ao grupo de 17 crianças do Pré-Escolar, com idades compreendidas entre os 4 e 6 anos de idade e orientado pela Educadora Sandra Mendes. Até, sensivelmente, meados de abril, o grupo, anteriormente constituído por 19 crianças, ficou reduzido a 17, motivado pelo facto de duas crianças (os irmãos Luís e Susana) terem mudado de habitação permanente e, conseqüentemente, de escola, agora na freguesia de S. Vicente Ferreira. Aliás, esta era uma situação que todos nós temíamos, uma vez que estas crianças, no ano letivo anterior, passaram por cinco escolas diferentes. O grupo encontrar-se-á, na minha opinião, mais fragilizado, na medida em que eram duas crianças que, apesar de apresentarem muitas dificuldades, demonstravam uma grande vontade em aprender, o que se reflete nas melhorias que estas duas crianças tinham feito ao longo dos últimos dias.

O conjunto de atividades que proponho desenvolver surge da articulação das diferentes áreas de conteúdo apresentadas nas *Orientações Curriculares para o Pré-Escolar*, tendo em conta o Projeto Educativo de Escola (PEE), o Projeto Curricular de Escola (PCE), o Plano Anual de Atividades (PAA) e o Projeto Curricular de Grupo (PCG). Tal como tem sido intencionado ao longo das minhas intervenções, pretendo, por um lado, adequar as atividades propostas às características do grupo, ou seja, aos seus pré-requisitos, interesses, gostos, experiências, necessidades e aprendizagens, e, por outro lado, seguir a rotina que fui ajustando na minha última intervenção e que tem sido, também, seguida pelas posteriores intervenções das colegas de núcleo. Segundo Hohmann & Weikart (2004), “Uma rotina diária consistente permite à criança aceder a tempo suficiente para perseguir os seus interesses, fazer escolhas e tomar decisões, e resolver problemas “ à dimensão da criança” no contexto dos acontecimentos que vão surgindo” (p.224).

A temática que pretendo desenvolver vai ao encontro do PCG e da planificação da educadora titular e relaciona-se com “As Profissões”. Esta é, no entanto, a mesma temática que a colega de núcleo pedagógico, Nélia Cordeiro, irá abordar na sua próxima intervenção, devido à planificação da educadora Sandra Mendes. Por tal, para a elaboração desta sequência didática, tivemos (eu e a colega de núcleo) em conta o cuidado em manter alguma coerência na ligação dos conteúdos a serem abordados.

Neste sentido, coube-me a tarefa de, primeiro, fazer uma recolha de informação junto das crianças sobre as suas preferências na escolha das profissões; depois, nos próximos dias 7 e 8 de maio, irei apresentá-las ao grupo, mas sem nunca fazer referência à criança que a escolheu, pois esta função caberá à colega. Ou seja, irei, nestes dois dias, abordar a temática das profissões de uma forma mais geral, enquanto a colega irá fazê-lo de uma forma mais específica. Importa referir que, durante o trabalho de recolha de dados referido anteriormente, foi notória a falta de clareza na escolha da profissão por parte das crianças.

Com as propostas de atividades apresentadas nesta sequência, pretende-se que as crianças desenvolvam competências associadas aos objetivos patentes nas *Orientações Curriculares para o Pré-Escolar* e que são, também, referidas na sequência didática. De um modo geral, é minha vontade, para esta minha última intervenção de dois dias, proporcionar atividades que permitam à criança «aprender brincando», pois tal como referem as *Orientações Curriculares para o pré-escolar* “*adoptar uma pedagogia organizada e estruturada não significa introduzir na educação pré-escolar certas práticas “tradicionais” sem sentido para a criança, nem menosprezar o carácter lúdico de que se revestem muitas das aprendizagens, pois o prazer de aprender e de dominar determinadas competências exige também esforço, concentração e investimento pessoal.*” (1997, p. 18).

A organização deste documento é feito do mesmo modo que as anteriores sequências didáticas, isto é, introdução, justificação das opções tomadas, grelha (competências a desenvolver, conteúdos, descritores de desempenho, experiências de aprendizagem, recursos, avaliação), descrição da sequência didática (descrição pré-ativa da ação a desenvolver) e referências bibliográficas.

Este documento pretende ser um instrumento de orientação para a minha ação e, como tal, apresenta-se como um documento aberto, passível de ser alterado, tendo em conta as necessidades, interesses, dificuldades e motivações das crianças.

1. Justificação das opções

Neste ponto pretendo apresentar as minhas atividades, fundamentando-as com a revisão bibliográfica que tenho vindo a fazer.

Como é sabido, o educador de infância tem autonomia na atividade pedagógica, o que lhe permite adotar as metodologias diversificadas, mas que considere as mais adequadas. De acordo com o que tem sido referido ao longo das minhas intervenções, tem sido difícil enquadrar a minha ação em apenas num ou dois modelos. Continuo, no entanto, a mostrar uma certa preferência pelo Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola e pelo do Modelo High-/Scope, na medida em que têm demonstrado alguma eficácia, tanto na minha ação como “educador de infância” e consequentes estímulos que daí resultam, como na resposta positiva que o grupo, na sua generalidade, tem apresentado. Dito de outra forma, sempre que há oportunidade, grupo de crianças tem demonstrado que consegue participar ativamente na gestão das atividades, dos materiais, do tempo e do espaço (tal como defende o Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola). Paralelamente, tal como defende o Modelo High-/Scope, tenho insistido na promoção de situações onde as crianças detenham um papel interventivo e ativo, proporcionando momentos de aprendizagens ativas e significativas. Em relação às aprendizagens ativas, Piaget (citado por Hohmann, Mary *et al.*, 1984, p. 14) refere que “*é o experimentar directo e imediato dos objectos, das pessoas e dos acontecimentos, é condição necessária para a reestruturação cognitiva e, deste modo, para o desenvolvimento.*”

Pode-se concluir que, devido à incoerência de escolha de métodos, para esta sequência didática, adotarei uma *Pedagogia de Situação*, em que “o educador(a) pode também seguir práticas indiferenciadas, não identificadas com um método específico”¹. Neste tipo de pedagogia, “os educadores devem partir do que a criança já sabe e valorizar os seus saberes como fundamento de novas aprendizagens, bem como estimular a participação de todas as crianças.”

O educador de infância é um exemplo a seguir e, em todas as atividades, é importante que tenha cuidado em não se contradizer nas minhas palavras e ações, que tenha coerência nas minhas atitudes e respeite e trate cada criança de igual forma, para que a criança não se sinta rejeitada e num ambiente que desagradável.

Nesta sequência didática, irei privilegiar a área do Conhecimento do Mundo como área transversal e estruturante da minha prática. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997, p. 79), “a área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e

¹ <http://www.apei.pt/educacao-infancia/modelos-pedagogicos/>, acessado a 1 de maio de 2012.

compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo”.

Posto isto, as atividades dos dois dias iniciarão, como é hábito na Educação Pré-Escolar, com o acolhimento, um momento importante de socialização, pois permite que todas as crianças troquem impressões livremente. O acolhimento será feito da mesma forma como fizemos na minha última semana intensiva. Destaco para este momento o recurso à Expressão Plástica, nomeadamente para a elaboração do “desenho do fim-de-semana”, pois numa escola que se deseja que cada vez mais que a criança/aluno desfrute de um papel ativo no seu processo educativo, este tipo de Expressão deverá ter um lugar de relevo, já que proporciona momentos propícios à aquisição de aprendizagens significativas. *“Os chamados mediadores expressivos e artísticos, poderiam servir de ponte para os alunos poderem exprimir livremente as suas ideias, sentimentos e emoções, ao mesmo tempo que seriam um excelente auxiliar técnico e pedagógico em todo o processo de ensino-aprendizagem”* (João Bucho, citado por Ferraz, 2011, p. 24). Pela Expressão Plástica, a criança pode construir um maior conhecimento do mundo e de si mesma, integrando-se melhor na sociedade. E ainda, estruturar os diversos conhecimentos e articulá-los com outras áreas de aprendizagem (interdisciplinaridade) promove a agilidade do pensamento, na medida em que desenvolve estruturas de interpretação, explicação, análise e crítica.

Posteriormente, pretendo com o relato da minha experiência na caminhada para a descoberta da minha profissão atual, a partir da dramatização da história *“Quando era pequenino...”*, fazer a introdução à temática das “Profissões”. Na verdade, nem sempre é fácil fazermos a escolha da profissão que achamos ser a mais indicada para o futuro, o que foi comprovado no momento que fiz a recolha de informação junto das crianças sobre as suas preferências na escolha das profissões, onde apresentaram grandes incertezas (o que é normal para a idade). Pretendo, assim, mostrar-lhes que, mesmo nos adultos, esta “confusão” também existe.

Quer para esta atividade, quer para a atividade da tarde, apresentarei um conjunto de utensílios referentes às profissões que irão ser abordadas. Este tipo de recurso permite que todas as crianças possam ver, manipular e experimentar, facilitando a construção de conhecimentos mais rigorosos a partir dos saberes já adquiridos. De acordo com Sanches (2001, p. 77), “há que pensar bem nas propostas de atividades que vamos propor de modo a suscitar a curiosidade e a adesão daqueles a quem são

propostas, tendo em conta a sua pertinência, oportunidade, necessidade e interesse” (Sanches, 2001, p.77).

Ainda na segunda-feira, apresentarei um pequeno filme, intitulado “Quando crescer, quero ser...”, a partir de um vídeo-projetor. Trata-se de um filme, como o próprio nome indica, relacionado com a temática. No entanto, é também um dos objetivos, a partir do filme, despertar o interesse das crianças para diferentes estilos/géneros musicais. As crianças em idade pré-escolar, e este grupo em particular, não têm, ainda, a capacidade de se concentrarem para apreciar música. Então, cabe ao educador, sempre que possível, apresentar diferentes estilos/géneros musicais a partir de histórias, dramatizações ou filmes, de forma a criar nas crianças um gosto e uma atitude crítica perante a música. Na perspetiva de Scoenberg (citado por Hohmann & Weikart, 2009, p. 657), a música é “uma sucessão e combinação de tons, organizados de tal forma que deixam uma impressão agradável no ouvido, e a sua impressão na inteligência é compreensível (...). Estas impressões têm o poder de influenciar partes ocultas da nossa alma e das nossas esferas sentimentais”.

É também a partir de uma canção que irei apresentar a última atividade para este dia. Trata-se de um jogo de adivinha, onde, em vez de lidas, as adivinhas serão cantadas por mim. Segundo alguns estudos realizados demonstram que a Expressão Musical no Pré-Escolar “facilita o desenvolvimento das capacidades cognitivas” (Almeida, 2002, cap. III)². A partir da canção, a criança desenvolve a capacidade de concentração e a memória, trazendo, posteriormente, benefícios ao processo da escrita e ao raciocínio matemático. Esta atividade permite à criança trabalhar em grupo, interagindo com o educador numa perspetiva dialogante e lúdica.

Para terça-feira, após o acolhimento, as crianças vestirão o “papel” de cozinheiros (no sentido denotativo e conotativo), pois segundo Hohmann & Weikart (2009)

“ o processo de aprendizagem ativa envolve todos os sentidos. Uma criança pequena aprende o que é um objeto através das experimentações que sobre ele realiza. (...) Quando as crianças exploram um objeto e descobrem os seus atributos, começam a compreender como funcionam as suas diferentes partes,

² Para melhor compreensão do estudo, recomenda-se a leitura de Almeida, I. & Antunes, A. (2002). *Educação Musical – Da Teoria à prática*. Escola Superior de Educação de Leiria, disponível em http://anae.com.sapo.pt/rae/Microsoft%20Word%20-%20artigo_musica.pdf

como se encaixam e interligam e como “trabalha” o objeto, percebendo exatamente como ele é, em vez de como parece ser” (, p.36).

Em contrapartida, constata-se que, nesta tenra idade, algumas crianças tem vindo a demonstrar alguma dificuldade na proveniência de determinados produtos, bem como a importância dos mesmos. Também, tendem a dissociar as profissões umas das outras. Com a atividade de “Sou cozinheiro por uma hora”, as crianças terão a possibilidade de associar aquela profissão com a de agricultor, a de moleiro, a de ilustrador e a de distribuidor. De acordo com as Orientações Curriculares, um dos propósitos principais da Área de Conhecimento do Mundo é a tentativa de compreender e dar sentido ao Mundo, partindo da curiosidade e do desejo de saber das crianças.

Outra riqueza que este tipo de atividade proporciona é a oportunidade de abordagem aos cuidados de higiene necessários para a confeção de alimentos. Todas as crianças utilizarão a indumentária apropriada na profissão de cozinheiro (chapéu e avental) e farão uma correta higienização das mãos. Associados aos cuidados de higiene, temos os cuidados de segurança. Sendo as crianças, por natureza, curiosas, é de extrema importância alertar para os cuidados a ter, tanto no manuseio dos instrumentos, como na escolha dos alimentos mais frescos e saudáveis.

Também serão abordados diversos termos matemáticos, como a associação do número à quantidade (neste caso, dos ingredientes) ou da medida à capacidade.

Em suma, este modelo de exploração da atividade é um verdadeiro exemplo de interdisciplinaridade, relacionando a Área do Conhecimento do Mundo com as Áreas de Formação Pessoal e Social, Expressão e Comunicação, Domínio Expressão Plástica (a partir da decoração de uma caixa para transporte das bolachas), Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática.

O educador deve, assim, ser o protagonista na implantação de práticas interdisciplinares na sala de atividades. Conforme podemos verificar no Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, “cabe ao professor/[educador] organizar e gerir o processo de ensino-aprendizagem de modo a promover o desenvolvimento de competências que integrem o *saber* [(conhecimentos cognitivos)], o *saber-fazer* [(observações, consulta de mapas, localização, interpretação de códigos, métodos de estudo, entre outros)] e o *saber-ser* [(respeito pelo património, defesa do ambiente, manifestações de solidariedade, entre outros)] e, assim, assegurar e garantir a qualidade das aprendizagens de todos os alunos” (p. 84).

Partilho da opinião que o facto de a aprendizagem ser ativa determina fortemente o desenvolvimento de competências e o aproveitamento das aprendizagens, embora se considere ser importante ao longo de toda a vida, em idade pré-escolar, torna-se ainda mais evidente, pois a criança nesta idade “gosta de imitar, de fingir, de fazer bonecos ou «modelos» com cubos ou barro, porque através destas actividades pode exercitar a sua capacidade de representar o mundo” (Hohmann, 1984, p. 16).

Para a última atividade orientada, foram preparados uns cartões com imagens de profissões e respetiva leitura. Com estes cartões, as crianças terão de descrever a profissão a partir de mímica. A Expressão Dramática é, segundo Sousa (2003, p. 33), “um dos meios mais valiosos e completos de educação. A amplitude da sua acção, abrangendo quase todos os aspetos importantes do desenvolvimento da crianças e a grande diversificação de formas que pode tomar, podendo ser regulada conforme os objectivos, as idades e os meios de que se dispõe, tornam-na por excelência a principal forma de actividade educativa.” O mesmo autor acrescenta que “o objectivo principal desta forma de educação é a expressão, ou seja, o estimular da criança para que expresse livremente todos os seus sentimentos, desejos e tensões interiores.”

As referidas “vantagens” da Expressão Plástica podem, também, ser corroboradas na tarde de terça-feira, durante os “cantinhos das profissões”. Nestes espaços, as crianças, através do jogo simbólico, poderão “assumir” algumas funções de verdadeiros pescadores, agricultores, enfermeiros, cabeleireiros ou pintores artísticos. O jogo simbólico é, de acordo como já foi referido anteriormente, “um meio de afirmação de si na relação com o(s) outro(s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais. Na interacção com outra ou outras crianças, em actividades de jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciência das suas reacções, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não-verbal” (Ministério da Educação, 1997, p. 59).

Com as estratégias adotadas e atividades propostas, é meu objetivo que as crianças desenvolvam o conjunto competências definidas e que sintam alegria e prazer em aprender. Só assim será possível contribuir para a formação de cidadãos ativos, participativos e reflexivos.

2. Grelha da sequência didática – 07e 08 de maio

Competências		Áreas de conteúdo	Descritores de desempenho	Experiências de aprendizagem		Recursos	Tempo
Foco	Associada			Atividades/Estratégias	Avaliação		
CF1 - Participar democraticamente na vida do grupo, cumprindo regras elaboradas e negociadas por todos.	CA1 - Produzir um desenho, como forma de se expressar, para a sua organização espacial.	<p>Área de Formação Pessoal e Social;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação:</p> <p>- Domínio Expressão Plástica;</p>	<p>DD1- Cumpre com as regras previamente construídas;</p> <p>DD2- Representa espontaneamente imagens que interiormente construiu (a partir de um desenho);</p> <p>DD3- Elabora um desenho, tendo em atenção a orientação espacial;</p>	<p>- Acolhimento (sentados em cadeiras, à volta das mesas):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escolha do chefe do dia; - Canção do “Bom dia”; - Marcação do dia da semana; - Referência ao mês; - Referência à estação do ano; - Registo do tempo meteorológico; - Marcação das presenças; - Contar o total de alunos, quantos meninos e quantas meninas estão presentes e quantas crianças faltaram. <p>- Elaboração de um desenho: “<i>Neste fim-de-semana eu...</i>”.</p> <p>- Mostragem de alguns desenhos ao grupo (os restantes serão mostrados no final do dia).</p>	<p>- Observação direta (Anexos I e II);</p> <p>- Caderno de observações diretas;</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Mapa de Presenças; - Quadro do “<i>chefe do dia</i>”; - Quadro “<i>Quantos somos?</i>” - Calendário; - Quadro do tempo; - Guitarra; - Papel A4; - Lápis, borracha, lápis de cor; 	<p>2ª feira</p> <p>9h00m às 10h30m</p>

Competências		Áreas de conteúdo	Descritores de desempenho	Experiências de aprendizagem		Recursos	Tempo
Foco	Associada			Atividades/Estratégias	Avaliação		
CF2 - Desenvolver o conhecimento das profissões de modo a alargar saberes básicos necessários à vida social .	CA2 - Alargar, progressivamente, saberes básicos necessários à vida social de forma a ultrapassar a sua experiência direta e as suas vivências imediatas.	Área de Conhecimento do Mundo; Área de Conhecimento do Mundo;	DD4- Relaciona profissões com respetivos objetos de trabalho. DD5- Identifica algumas profissões e serviços no seu meio familiar e local, ou noutros que conheça; DD6- Antecipa ações simples para o seu futuro próximo e mais distante, a partir de contextos presentes (ex.: quando for grande...).	- Relato da minha experiência na caminhada para a descoberta da minha profissão atual, a partir da dramatização da história “ <i>Quando era pequenino...</i> ”, com recurso a adereços; -Exploração do “ <i>Baú das profissões</i> ” (cada criança retirará um adereço/utensílio de uma determinada profissão e terá de identifica-lo e corresponde-lo com a respetiva profissão);	- Observação direta (Anexo I e II); - Caderno de observações diretas; -Fotografias;	Baú com objetos das profissões (extintor, serrote, secador, algemas, sacho, colher de pau, giz, ferramentas, rede de pesca, trompete, tesou de poda, pincel, chave de “boca-de-grilo”, bola de futebol, carta de condução, linha de costura, rádio, “caderneta do animal” e “colher de mestre”.	11h00m às 12h00m

Competências		Áreas de conteúdo	Descritores de desempenho	Experiências de aprendizagem		Recursos	Tempo
Foco	Associada			Atividades/Estratégias	Avaliação		
CF2	<p>CA2</p> <p>CA3 - Explorar ritmos e sons para desenvolver a sensibilidade expressiva e estética no domínio musical.</p>	<p>Área de Conhecimento do Mundo;</p> <p>Área de Conhecimento do Mundo;</p> <p>- Domínio da Expressão Musical ;</p>	<p>DD4</p> <p>DD5</p> <p>DD6</p> <p>DD7- Demonstra sensibilidade para diferentes estilos/gêneros musicais.</p>	<p>- Visualização e exploração do filme (“Quando crescer, quero ser...”).</p>	<p>- Observação direta (Anexos I e II);</p> <p>- Caderno de observações diretas;</p> <p>-Fotografias;</p>	<p>Computador;</p> <p>Videoprojector;</p> <p>Vídeo.</p>	<p>13h30m às 14h00m</p>

Competências		Áreas de conteúdo	Descritores de desempenho	Experiências de aprendizagem		Recursos	Tempo
Foco	Associada			Atividades/Estratégias	Avaliação		
CF2	<p>CA4- Desenvolver a compreensão oral, de modo a ser capaz de adequar a sua comunicação a situações diversas;</p> <p>CA3</p>	<p>Área de Conhecimento do Mundo;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação:</p> <p>- Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita;</p> <p>- Domínio da Expressão Musical ;</p>	<p>DD4</p> <p>DD5</p> <p>DD6</p> <p>DD8- Compreende a informação que está a ser transmitida a partir da canção (diferentes situações de comunicação).</p> <p>DD9- Sabe fazer silêncio para escutar e identificar as profissões.</p>	<p>- Jogo de Adivinhas (a partir da canção “Esta vida de... está a dar cabo de mim!”)</p>	<p>- Observação direta (Anexos I e II);</p> <p>- Caderno de observações diretas (Anexo II);</p> <p>-Fotografias;</p>	<p>- Adivinhas;</p> <p>- Cartões com as imagens das profissões;</p> <p>- Guitarra.</p>	<p>14h00m às 14h45m</p>

Competências		Áreas de conteúdo	Descritores de desempenho	Experiências de aprendizagem		Recursos	Tempo
Foco	Associada			Atividades/Estratégias	Avaliação		
CF1	CA4	<p>Área de Formação Pessoal e Social;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação:</p> <p>- Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita;</p>	<p>DD1</p> <p>DD10- É capaz de participar/manter um diálogo.</p>	<p>- Preenchimento do mapa de comportamento.</p> <p>- Recolha das mochilas e de outros pertences.</p>	<p>- Observação direta (Anexos I e II);</p> <p>- Caderno de observações diretas (Anexo II);</p>	- Mapa de comportamento.	14h45m às 15h00m
CF1		<p>Área de Formação Pessoal e Social;</p>	DD1	<p>- Acolhimento (sentados em cadeiras, à volta das mesas):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escolha do chefe do dia; - Canção do “Bom dia”; - Marcação do dia da semana; - Referência ao mês; - Referência à estação do ano; - Registo do tempo meteorológico; - Marcação das presenças; - Contar o total de alunos, quantos meninos e quantas meninas estão presentes e quantas crianças faltaram. 	<p>- Observação direta (Anexos I e II);</p> <p>- Caderno de observações diretas;</p> <p>-Fotografias;</p>	<p>- Mapa de Presenças;</p> <p>- Quadro do “<i>chefe do dia</i>”;</p> <p>- Quadro “<i>Quantos somos?</i>”</p> <p>- Calendário;</p> <p>- Quadro do tempo;</p> <p>- Guitarra;</p>	3ª feira

Competências		Áreas de conteúdo	Descritores de desempenho	Experiências de aprendizagem		Recursos	Tempo
Foco	Associada			Atividades/Estratégias	Avaliação		
CF2	<p>CA5 - Mobilizar hábitos de higiene para a educação para a saúde;</p> <p>CA6- Desenvolver a linguagem matemática nas suas diferentes formas de expressão, para apropriação do raciocínio matemático nos seus diversos domínios.</p>	<p>Área de Conhecimento do Mundo;</p> <p>Expressão e Comunicação: - Domínio da matemática</p>	<p>DD4</p> <p>DD11- Identifica os cuidados de higiene a ter com o corpo;</p> <p>DD12- Associa medida/capacidade;</p>	<p>- Atividade “<i>Sou cozinheiro por uma hora</i>” (Confeção de <i>Broas Alemãs</i>):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fazer a higiene das mãos; - Distribuição de aventais e de chapéus de cozinheiro; - Leitura e exploração da receita; - Confeção das <i>Broas Alemãs</i> de acordo com a receita; 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta (Anexo I e II); - Caderno de observações diretas; -Fotografias; 	<ul style="list-style-type: none"> - Painel com a receita; -ingredientes da receita (anexo XI); - Recipiente grande; - Colher de pau; - Tabuleiro. 	9h30m às 10h30m

Competências		Áreas de conteúdo	Descritores de desempenho	Experiências de aprendizagem		Recursos	Tempo
Foco	Associada			Atividades/Estratégias	Avaliação		
	CA1	Área de Expressão e Comunicação: - Domínio Expressão Plástica;		- Decoração de caixas (a partir de marcadores coloridos) para mais tarde levar as bolachinhas.		- Caixas de cereais; - Marcadores;	11h00m às 11h30m
CF2	CA7- Desenvolver a comunicação verbal e não-verbal para o progressivo domínio da linguagem e da interação em diferentes situações de comunicação.	Área de Conhecimento do Mundo; Área de Expressão e Comunicação: - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita;	DD4 DD5 DD6 DD13- Utiliza a comunicação não-verbal como suporte da comunicação oral;	- Jogo: “Quem sou eu? Imita-me!”	- Observação direta (Anexo I e II); - Caderno de observações diretas; - Fotografias;	- Cartões com as imagens das profissões;	11h30m às 12h00m

Competências		Áreas de conteúdo	Descritores de desempenho	Experiências de aprendizagem		Recursos	Tempo
Foco	Associada			Atividades/Estratégias	Avaliação		
	CA8- Aprofundar a descoberta de si próprio na relação consigo e com o outro, através da vivência de diferentes jogos em situações de comunicação verbal e não-verbal.	- Domínio da Expressão Dramática.	DD14 - Participa em atividades de expressão dramática: dramatizações e mímica, adotando diversos papéis;				
CF2	CA4	Área de Conhecimento do Mundo; Área de Expressão e Comunicação: - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita;	DD4 DD5 DD10	- Cantinhos das profissões: -Cabeleireiro(a); -Enfermeiro(a); -Carpinteiro(a); -Pescador; -Pintor(a) (Artístico(a)). - Explicação das atividades a desenvolver em cada cantinho;	- Observação direta (Anexo I); - Caderno de observações diretas; - Fotografias;	- “Kit” para jogo da pesca (canas de pesca, recipiente com água, 12 peixes em madeira); -1 busto, secador, escovas de	

Competências		Áreas de conteúdo	Descritores de desempenho	Experiências de aprendizagem		Recursos	Tempo
Foco	Associada			Atividades/Estratégias	Avaliação		
	CA8	- Domínio da Expressão Dramática.	DD14	- Distribuição das crianças pelos diferentes cantinhos; - Desmontagem dos cantinhos.		cabelo, ganchos de cabelo, ...; -papel A3, tintas, pinceis; -bonecas, seringas, medidor de tensão arterial, pensos rápidos, balança, ...; - brinquedos (bancada de carpinteiro; ferramentas diversas, parafusos,...), madeiras e aparas de madeira.	

Competências		Áreas de conteúdo	Descritores de desempenho	Experiências de aprendizagem		Recursos	Tempo
Foco	Associada			Atividades/Estratégias	Avaliação		
CF1	CA4	<p>Área de Formação Pessoal e Social;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação: - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita;</p>	<p>DD1</p> <p>DD10</p>	<p>- Preenchimento do mapa de comportamento.</p> <p>- Recolha das mochilas e de outros pertences.</p>	<p>- Observação direta (Anexo I e II);</p> <p>- Caderno de observações diretas;</p>	<p>- Mapa de comportamento.</p>	<p>14h45m às 15h00m</p>

3. Descrição da sequência didática

Neste ponto do documento, pretende-se realizar uma descrição pré-ativa de todas as atividades que serão desenvolvidas.

Na segunda-feira, dia 7 de maio, darei início à intervenção às 09h00m, nomeadamente com o acolhimento, que será cumprido conforme o habitual, isto é, as boas vindas às crianças, a escolha do chefe do dia (de acordo com a ordem do mapa de presenças), que será o responsável por iniciar tanto a “canção do bom dia”, como pela saudação individual a todos os colegas e pela verificação e marcação do estado do tempo. Posteriormente, cantaremos a canção dos dias da semana (canção introduzida na minha última intervenção) e o chefe do dia ter assinalará, com molas, os dias correspondentes. Posto isso, o chefe do dia dará início à marcação das presenças, a partir do mapa também já existente, em que cada criança presente coloca um algarismo (por exemplo, a criança **A** inicia a marcação com o número 1, a criança **B** com o 2, e assim sucessivamente; no dia seguinte, a primeira criança a marcar continua a partir do último número marcado).

De seguida, as crianças serão convidadas elaborar um desenho, com recurso a lápis de cor, numa folha de papel própria (anexo III), com o propósito de representar os momentos importantes do fim-de-semana. Nesta mesma folha, existe um espaço próprio para eu escrever o que fizeram no fim-de-semana e outro para a elaboração do desenho. Com efeito, enquanto as crianças elaborem a sua tarefa, irei ao encontro de cada criança, com o objetivo de procurar saber o que fizeram no fim-de-semana para poder escrever no respetivo local. O acolhimento, mais esta atividade, terão a duração de cerca de uma hora e trinta minutos, mas, caso terminem mais cedo, irei fazer uma pequena apresentação dos trabalhos realizados, bem como a respetiva leitura.

Pelas 10h25m, como é hábito, iniciarei, e as crianças continuarão, a canção “Meu leitinho”, como forma de chamar a atenção do grupo para a toma do leite. O chefe do dia será o responsável por chamar as crianças para a formação do comboio.

Pelas 10 horas e 30 minutos, as crianças farão um intervalo, onde terão oportunidade de beber leite e fazer brincadeiras livres no recreio. Este momento de recreio ficará sobre a responsabilidade das Assistentes Operacionais.

Às 11h00m, as crianças retornarão à sala de atividades. Normalmente as crianças regressam à sala com alguma euforia, motivada por algum comportamento menos

correto de algum colega, ou porque viram algo no recreio e que querem compartilhar. Assim, será dado um tempo (cerca de dez minutos) para a partilha dessas situações e para eu introduzir a temática a trabalhar com as crianças ao longo dos dois dias de intervenção, designadamente as profissões.

Exibirei, assim, uma pequena dramatização, em que me apresentarei com alguns adereços (bata vestida, com um avental por cima, chapéu de polícia na cabeça, fita métrica pendurada na algibeira, extintor, estetoscópio preso ao pescoço, viola e bola na mão) e farei o relato da caminhada que fiz para a decisão da escolha da minha profissão (neste caso, futura). Depois, as crianças poderão falar um pouco a cerca da temática, designadamente do que gostavam de ser quando "forem crescidos", de modo que a colega de núcleo, possa fazer um registo mais coerente das opções das crianças, para preparar a sua sequência didática. Também é um registo importante para ser comparado com aquele que foi feito anteriormente, antes da preparação e elaboração da presente sequência didática.

Seguidamente, apresentarei um baú (anexo V) com diversos objetos e um conjunto de cartões com imagens alusivas à temática (anexo VI). Os cartões serão distribuídos por todas as crianças (cada uma com um cartão diferente) e, à medida que for retirando os objetos da caixa, a criança que tiver o cartão da profissão correspondente ao objeto mostrado, identifica-se e terá de discutir sobre a profissão em questão, referenciando o nome da profissão, a sua função e a sua importância. O restante grupo poderá participar no diálogo, sempre que haja alguma informação que queira compartilhar.

Pelas 11h55m, iniciarei, e as crianças continuarão, a canção "Meu almoço", como forma de chamar a atenção do grupo para o almoço. O chefe do dia será o responsável por chamar as crianças para a formação do comboio. Às 12 horas, acompanharei as crianças ao refeitório, onde estarei com elas até às 12 horas e 30 minutos, altura que terminam o almoço e ficam sob cuidados das Assistentes Operacionais, tal como no intervalo da manhã.

Às 13 horas e 30 minutos, aquando do regresso à sala, as crianças sentar-se-ão nos seus lugares e haverá, tal como no regresso do primeiro intervalo da manhã, um momento de partilha de acontecimentos que o grupo ache importante serem relatados. Depois retomarei o assunto das profissões, a partir da visualização de um pequeno filme elaborado por mim, a partir do *software Movie Maker* (anexo VII) onde as crianças poderão visualizar a algumas profissões (as escolhidas pelas crianças antecipadamente)

em ação. De seguida, será feita uma exploração do vídeo, reforçando o facto de não haver profissões de homens e profissões de mulheres. Neste momento, farei algumas questões, tais como: “Qual o tema do Vídeo?”; “Quais as profissões referidas?”; “Qual a importância das profissões apresentadas?” e “Quais os objetos que utilizavam?”.

Para última atividade orientada do dia, será apresentada o “jogo de adivinhas” (anexo VIII). As crianças formarão equipas de pares ou trios (conforme o número de crianças presentes) e depois cada grupo terá de eleger um porta-voz. Após esta fase, irei explicar as regras do jogo que são: primeiro canto a adivinha, depois as crianças, após eu ter terminado, conversem entre o seu grupo e o porta-voz levanta o dedo; o primeiro a levantar o dedo, dará a resposta; se acertar, recebe o cartão da profissão correspondente, mas se falhar, passa para o grupo que levantou em segundo lugar, e assim sucessivamente; a equipa que receber mais cartões é a vencedora. Para este jogo, como se trata de uma adaptação da canção “Esta vida de marinheiro está a dar cabo de mim”, será reproduzido, por todas as crianças e sempre que seja descoberta a profissão, o refrão, mas substituindo a profissão de marinheiro por aquela que foi adivinhada. Como se trata de um refrão simples, primeiro vou cantá-lo as vezes necessárias para as crianças memorizarem-lho (usarei a profissão de marinheiro, a original da canção, e a de estudante, que é a “profissão” que as crianças ocupam neste momento).

Às 14h45m, as crianças farão uma reflexão sobre o decorrer do dia, as atividades, os seus trabalhos. Depois apoiarei na distribuição dos casacos e das mochilas das crianças, bem como de outros pertences. Às 15h00m as crianças acompanharão uma assistente operacional para o autocarro, numa fila que foi previamente organizada pelo chefe do dia.

O segundo e último dia de intervenção do meu estágio iniciará o acolhimento realizado da mesma forma como no dia anterior, excetuando a realização do desenho. Farei, nesta fase, um resumo do que o grupo irá fazer ao longo do dia.

A primeira atividade orientada será a confeção de “Broas Alemãs, relacionando com a profissão de cozinheiro, na medida em que é uma profissão mais abrangente. Primeiro as crianças procederão à higienização das mãos, vestirão um avental e colocarão um chapéu próprio na cabeça. Explicarei que estes tipos de gestos são importantes para um cozinheiro confeccionar os seus alimentos. Associados aos cuidados de higiene, temos os cuidados de segurança, pois alertarei para a importância dos cuidados a ter, tanto no manuseio dos instrumentos, como na escolha dos alimentos

mais frescos e saudáveis (por exemplo, quando partimos os ovos, devemos fazê-lo um de cada vez e num recipiente separado).

Depois apresentarei um cartaz com a ordem dos paços para a confeção das referidas bolachas (anexo IX) e os ingredientes. Nesta fase, escolherei a farinha para explicar que é o resultado de um produto transformado e que resulta de um longo processo. Farei, então, uma abordagem às diferentes profissões que aquele pacote de farinha teve de passar: pelo agricultor que semeia e colhe o trigo, pelo moleiro que mói o trigo e transforma-lo em farinha, ao distribuidor que teve de comprar a farinha, empacotá-la, o vendedor e o cozinheiro (padeiro, pasteleiro...). Aliás, este foi o motivo pelo qual escolhi partir destacar uma profissão para ser abordada.

Também serão abordados diversos termos matemáticos, como a associação do número à quantidade (neste caso, dos ingredientes) ou da medida à capacidade.

Por fim, partiremos para a confeção das “Broas Alemãs”, onde será feito num recipiente único, mas com o apoio de todos, uma vez que será solicitado a cada criança para irem um a um cumprir um paço da receita. Para finalizar, a massa será repartida por todos, de modo a que cada criança molde a seu gosto e irá em seguida ao forno. Nesta fase, terei o apoio de uma assistente operacional que prontamente se disponibilizou para cuidar das bolachas enquanto cozem.

A atividade terminará por volta das 10h30m, altura em cantarei a canção “Meu leitinho” e que o chefe do dia organizará a fila para as crianças procederem à toma do leite. Depois irão para, intervalo, onde podem fazer brincadeiras livres no recreio. Este momento de recreio ficará sobre a responsabilidade das Assistentes Operacionais.

Da mesma forma que ocorreu no dia anterior, quando pelas 11h00m, as crianças retornarão à sala de atividades. Normalmente as crianças regressam à sala com alguma euforia, motivada por algum comportamento menos correto de algum colega, ou porque viram algo no recreio e que querem partilhar. Assim, será dado um tempo (cerca de cinco minutos) para a partilha dessas situações.

Seguindo o mesmo percurso na relação entre diversas profissões, as crianças irão proceder à decoração de umas caixas que já foram elaboradas antecipadamente (anexo X), com recurso a marcadores, representando, desta forma, a função dos ilustradores e distribuidores das bolachas.

Quando as crianças terminarem a atividade, passaremos ao jogo “Quem sou eu? Imita-me!”. O jogo proceder-se-á do seguinte modo: primeiro, o grupo de crianças será dividido em três equipas; depois, um elemento de uma equipa irá retirar um cartão com

a imagem de uma profissão e terá de fazer gestos, de modo que qualquer equipa possa responder, desde que seja a primeira a levantar o dedo; a criança que levantar primeiro o dedo, terá a oportunidade de ser a primeira a responder; se responder corretamente, receberá o cartão, mas no caso de errar, a criança que levantou o braço em segundo lugar, responderá e assim sucessivamente; ganhará a equipa que receber mais cartões. Depois de ter explicado estes passos, daremos início ao jogo.

Pelas 11h55m, iniciarei, e as crianças continuarão, a canção “Meu almoço”, como forma de chamar a atenção do grupo para o almoço. O chefe do dia será o responsável por chamar as crianças para a formação do comboio. Às 12 horas, acompanharei as crianças ao refeitório, onde estarei com elas até às 12 horas e 30 minutos, altura que terminam o almoço e ficam sob cuidados das Assistentes Operacionais, tal como no intervalo da manhã.

Durante a hora do almoço, irei montar os cantinhos das profissões: cabeleireiro(a); o enfermeiro(a); o carpinteiro(a); pescador e o pintor(a) artístico(a). Estes cantinhos estarão munidos com diversos utensílios de algumas das profissões abordadas, de modo a que consiga realizar uma observação de atitudes e comportamentos das crianças, perante os colegas e os objetos. Deste modo, pretende-se verificar quais as aprendizagens que as crianças realizaram ao longo dos dois dias de intervenção.

Os cantinhos encontrar-se-ão dispostos com os seguintes materiais: no cantinho do(a) cabeleireiro(a), estará um busto (gentilmente emprestado por uma cabeleireira), onde as crianças poderão realizar penteados, utilizar um secador de cabelo (brinquedos), ...; no cantinho do enfermeiro, haverão bonecas e um estojo de primeiros socorros; no cantinho da carpintaria, haverá uns brinquedos de carpinteiro, madeiras e aparas de madeira; no cantinho do pescador, haverá um alguidar com água, doze peixes de madeira e quatro canas de pescas e no cantinho de pintor(a) artístico(a) folhas de papel cavalinho, do tamanho A3, aguarelas e copinhos com água.









Pelas 13h30m, as crianças regressarão à sala de atividades, tal como tem sido habitual, as crianças terão um tempo para (cerca de cinco minutos) para a partilha de situações que ocorreram no intervalo. Por fim, serão mostradas as “Broas Alemãs”.

Posteriormente, convidarei as crianças a descobrirem as profissões que se encontram nos diferentes cantinhos, que, seguidamente, serão distribuídas pelos mesmos. A distribuição será feita de acordo com o número máximo de crianças por cantinho (quatro, com exceção do(a) cabeleireiro(a)). Explicarei que todos os

profissionais têm um horário a cumprir e que, em muitos casos, existem uns cartões (cartões de ponto) que servem para marcar a hora de entrada e de saída do emprego. Assim, cada criança irá receber um cartão com o seu nome que colocará num painel que existe junto de cada cantinho (XII), ou seja, no cantinho que escolherem participar. No entanto, caso os quatro lugares estejam ocupados, terão de procurar um cantinho disponível. As crianças serão alertadas que a duração em cada cantinho é de quinze minutos (tempo controlado por mim).

A atividade terminará por volta das 14h40m, altura em todos colaborarão na arrumação da sala. As crianças farão uma reflexão sobre o decorrer do dia, as atividades e os seus trabalhos. Depois apoiarei na distribuição das caixas com as bolachas, dos casacos e das mochilas das crianças, bem como de outros pertences. Às 15h00m as crianças acompanharão uma assistente operacional para o autocarro, numa fila que foi previamente organizada pelo chefe do dia.

Bibliografia:

-  Almeida, I. & Antunes, A. (2002). *Educação Musical – Da Teoria à prática*. Escola Superior de Educação de Leiria, disponível em http://anae.com.sapo.pt/rae/Microsoft%20Word%20-%20artigo_musica.pdf, acedido a 3 de maio de 2012.
-  Ferraz, M. (coord.), (2011). *Educação Expressiva. Um novo Paradigma Educativo*. Vol. I. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial, Lda.
-  Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
-  HOHMANN, M. *et al.* (1984). *A Criança em Acção*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
-  Ministério da Educação. *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, Lisboa: Departamento da Educação Básica – Ministério da Educação.
-  Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica – Ministério da Educação.
-  Pinheiro, J. & Ramos, L. (1998). *Métodos Pedagógicos*. 3ª edição. Instituto do Emprego e Formação Profissional.
-  Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. 1º Vol. Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.

Sites consultados:

<http://www.movimentoescolamoderna.pt/>, acedido a 1 d maio de 20012

<http://www.apei.pt/educacao-infancia/modelos-pedagogicos/>, acedido a 1 de maio de 2012.



Universidade dos Açores

Departamento de Ciências da Educação

Mestrado em Educação Pré - Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Ano Letivo de 2012/2013 – 1ºSemestre

Prática Educativa Supervisionada II

Sequência Didática

EB1/JI de Maricas (S. Roque II)

26/11/2012 a 28/11/2012

Docente da Disciplina: Mestre Ana Sequeira

Orientadora Cooperante: Adriana Soares

Mestrando: Carlos Dias

Ponta Delgada, 26 novembro de 2012

ÍNDICE

Introdução	3
Justificação das Opções	5
Grelha de etapas da Sequência Didáctica	15
Roteiro das atividades	25
Glossário	27
Lista de anexos (disponibilizados na <i>dropbox</i>)	34
Bibliografia	35

Introdução

A presente sequência didática foi elaborada no âmbito da disciplina de Prática Educativa Supervisionada II, para os dias 26, 27 e 28 de novembro de 2012 e destina-se à turma B, do 3º ano da escola EB1/JI Padre Domingos Silva Costa (Livramento II), mas que se encontra a funcionar na escola EB1/JI de São Roque (Maricas), por motivos já conhecidos.

O presente documento apresenta um conjunto de atividades que o formando se propõe realizar, em que, por um lado, surgem da articulação das diferentes áreas de conteúdo áreas patentes no Currículo Regional da Educação Básica (CREB), nomeadamente o português, a matemática, as ciências físicas e naturais, a formação pessoal e social e a educação artística e tecnológica – expressão plástica, e, por outro lado, vão ao encontro dos conteúdos programáticos planificados pela professora titular, a professora Adriana Soares. O trabalho para estes dias passará, essencialmente, por uma sistematização/revisão de conteúdos, de forma a esclarecer eventuais dúvidas para as provas de avaliação trimestrais de estudo do meio e de matemática, a realizar nos próximos dias 30 de novembro e 3 de dezembro, respetivamente.

Os conteúdos abordados serão: orientação espacial (mapas); números e operações com números naturais (adição e subtração); noções temporais; descoberta e organização progressiva de volumes – modelagem; diferentes tipos de texto – conversacional e expositivo (notícia); seleção e hierarquização da informação essencial de acordo com o objetivo; relações entre palavras escritas e entre grafia e fonia – homonímia; pesquisa – internet, educação para a sociedade de informação e funções vitais do corpo humano.

A partir da abordagem aos referidos conteúdos, pretende-se desenvolver um conjunto de quatro competências foco (CF), também emanadas no CREB. Na área da matemática, pretende-se desenvolver a CF1 – “usar o sentido espacial na visualização e na compreensão das propriedades das figuras geométricas, no plano e no espaço, das transformações geométricas, da noção de demonstração e para desenvolver as noções de grandeza e de medida, com vista à resolução de problemas em contextos diversos” (p.65). Na área de português, deseja-se desenvolver a competência em línguas CF3 – “mobilizar, de forma consciente e crítica, o conhecimento das unidades, regras e processos gramaticais da língua, nas diferentes situações de compreensão e expressão

verbal” (p. 50). Relativamente à área das ciências físicas e naturais, é intenção desta sequência desenvolver a competência científica e tecnológica (CF4) “mobilizar conhecimentos, processos e ferramentas de âmbito científico e tecnológico com vista à explicação de fenómenos físicos, químicos, biológicos e geológicos”. (pág.79). Por fim, na área da educação e expressão plástica, pretende-se, também desenvolver a competência em educação artística e tecnológica (CF2) “participar ativamente no processo de produção artística” (p.91).

Deste modo, a organização deste documento é feita do mesmo modo que as sequências didáticas anteriores, com exceção da substituição da descrição da sequência didática, por um roteiro que explana as atividades a desenvolver. Assim a referida organização está disposta do seguinte modo: a introdução, a justificação fundamentada das opções tomadas (onde se pretende apresentar as atividades, fundamentando-as com a revisão bibliográfica mais recente), a grelha de etapas da sequência didática (com as competências a desenvolver, conteúdos, descritores de desempenho, experiências de aprendizagem, recursos, avaliação), o referido roteiro, o glossário, as referências bibliográficas e a lista de anexos, constituída com os exemplares e fotos dos recursos didático-pedagógicos construídos e instrumentos de avaliação, que farão parte da prática educativa do formando.

Por fim, este documento pretende ser um instrumento de orientação para a minha ação e, como tal, apresenta-se como um documento aberto, passível de ser alterado, tendo em conta as necessidades, interesses, dificuldades e motivações dos alunos. Consequentemente, a avaliação será realizada ao longo de toda prática educativa, respeitando os níveis e ritmos de aprendizagem, através da lista de verificação, da grelha de avaliação, de grelhas de correção de fichas, da grelha de avaliação de comportamentos e atitudes, da grelha de avaliação da leitura, lista de verificação para a visita de estudo e grelha para autoavaliação dos alunos da visita de estudo.

Para um melhor conhecimento da turma, foi tido em consideração o registo das observações diretas efetuadas anteriormente, tanto pelo formando, como pelas colegas de núcleo de estágio, o Projeto Curricular de Turma (PCT) e o diálogo com a professora cooperante.

1. Justificação das opções

Segundo o PCT, a turma, em termos socioeconómicos, é bastante heterogénea. Associado a este facto está a “baixa escolarização dos pais e/ou encarregados de educação”, as “fracas aspirações e expectativas por parte de alguns pais e ainda por uma crescente desmotivação por parte, também, de certos alunos” (citado do PCT).

Conforme foi referido no projeto formativo, “esta heterogeneidade reflete-se no trabalho realizado na sala de aula e, inevitavelmente, na aprendizagens dos alunos. Os alunos provenientes de meios sociais mais favorecidos são aqueles que têm vindo a demonstrar maior interesse nas aprendizagens” (p.9).

Bertrand (2001, p.56) refere que “a educação deve incidir nos profundos recursos do ser mais do que na aquisição de um saber cultural e técnico, posto que o desenvolvimento da personalidade importa mais que a aquisição de um conteúdo. Assim, o ensino deve favorecer, nas crianças e nos estudantes, o desenvolvimento da criatividade, da imaginação, da expressão espontânea, da autonomia pessoal, da faculdade de auto-avaliação e do julgamento.” Do mesmo modo como aconteceu nas anteriores sequências didáticas, também nesta irei recorrer a estratégias diversificadas, para manter o nível de interesse, motivação e participação dos alunos e tentarei, sempre que possível, integrar os alunos de nível inferior em atividades com os restantes alunos, de modo a se sentirem mais valorizadas e motivadas. O mesmo se sucederá em relação aos modelos e métodos. Este propósito permitirá que, pelo menos na escola, todos os alunos sejam membros integrantes no seu processo de desenvolvimento, enquanto crianças que são.

Neste sentido, a minha ação na sala de aula irá ao encontro dos modelos de interação social que, conforme refere Pacheco (1999, p.164) “promovem a relação do aluno com outros alunos num contexto de interação valorizando, por isso, as relações interpessoais e o ensino como um processo social.” Terei por base os métodos interativos, que, de acordo com o referido autor (1999, p.166) “são os métodos de discussão e debate em grupo na base de grupos pequenos em que se tenta promover um intercâmbio de ideias e de opiniões”. Segundo Bertrand (2001, p.56) com o trabalho interativo “os docentes partilham o poder com os alunos(...). Trata-se, portanto, de trabalho comum, mas sempre com o seguinte objetivo: *o desenvolvimento da criança.*”

Segundo o que tem sido referido, a turma apresenta-se muito dinâmica, autónoma e responsável. Paralelamente, tem demonstrado uma enorme vontade em ser

membros ativos e participativos no seu processo de ensino/aprendizagem. Portanto, é minha intenção que, durante as práticas educativas, haja uma participação ativa e participativa dos alunos nas atividades.

De acordo com o que já foi referido, neste três dias de intervenção, pretende-se, acima de tudo, rever e sistematizar um conjunto de conteúdos já abordados anteriormente, noutras intervenções pedagógicas (orientadas por mim e pelas colegas de núcleo). Uma das estratégias apostadas para esta última intervenção foi uma visita de estudo às instalações da RDP. Pretende-se com esta visita, relacionar grande parte dos conteúdos que serão abordados nestes três dias de intervenção.

Segundo Monteiro (2002, p.171), “Um dos objectivos das novas metodologias de ensino-aprendizagem é, precisamente, promover a interligação entre teoria e prática, a escola e a realidade. A visita de estudo é um dos meios mais utilizados pelos professores para atingir este objectivo, ao nível das disciplinas que leccionam. Daí que seja uma prática muito utilizada como complemento para os conhecimentos previstos nos conteúdos programáticos que assim se tornam mais significativos.”

De acordo com Galvão, *et al* (2006), “uma visita de estudo constitui um processo faseado, envolvendo a preparação prévia na aula, a concretização de várias tarefas no local a visitar e o tratamento da informação recolhida, novamente na escola” (p.10). A preparação da visita de estudo foi preparada de acordo com os referidos autores: “na primeira fase, os alunos deverão planear a visita (...), elaborando uma lista de questões, dúvidas e curiosidades que tenham sobre o lugar a estudar. Podem ainda evidenciar o conhecimento que já possuem sobre [a RDP]”; “a segunda fase consiste na visita propriamente dita”, onde os alunos aplicarão todo o trabalho realizado na fase anterior, finalmente, “na terceira fase (realizada já na sala de aula), cada aluno poderá construir uma história” ou, como neste caso, a elaboração de uma notícia (*ibid*, pp.13-14).

Importa, agora, situar os pré-requisitos dos alunos em relação aos conteúdos a abordar.

Neste sentido, os alunos que apresentam maiores dificuldades são os três alunos de nível 1 (a C1, a J1 e o R1), sendo, portanto, além do apoio sistemático e individualizado, essencial adaptar as atividades às dificuldades que estes alunos apresentam. Além destes alunos, o B1, a M1 e o P1 também têm, vindo a demonstrar algumas dificuldades, nomeadamente nas áreas curriculares do português e do estudo do meio, sendo, também, necessário em apoio individualizado.

Em relação aos dois primeiros conteúdos de português, diferentes tipos de texto – conversacional e expositivo (notícia) e seleção e hierarquização da informação essencial de acordo com o objetivo, a C1, a J1 e o R1 não têm sido capazes nem de produzir, nem de ler autonomamente textos. Estes alunos apresentam algumas dificuldades em articular corretamente as palavras e em expressar-se. Como já é sabido, estes três alunos estão a trabalhar segundo o “método das 28 palavras”. O trabalho realizado com estes alunos é um trabalho articulado entre o que se faz na sala de aula e o que se faz com a professora de educação especial. Pretende-se, então, que estes alunos localizem palavras que conheçam, em diferentes contextos e em diferentes suportes. O trabalho mais sistemático passará pela leitura e escrita dessas palavras e elaboração de frases simples com as mesmas palavras.

Em relação ao B1, ao P1 e à M1, escrevem, por vezes, com incorreção ortográfica e manifestam alguma confusão na organização de ideias e no planeamento da construção frásica. São, no entanto, alunos que apresentam uma expressão oral adequada. Destes alunos, o B1 é quem apresenta mais dificuldades na leitura. Com as atividades propostas para português, pretende-se que estes alunos sejam capazes de elaborar um texto informativo-expositivo, relativo à visita de estudo, com o menor número de erros ortográficos possível. Por se tratar de uma atividade realizada em grande grupo, num “espaço” de troca de opiniões, estes alunos terão a oportunidade de apresentar as suas dúvidas de ortografia e de estrutura frásica, além de aplicar alguns dos conectores discursivos abordados pela colega de núcleo, Nélia Cordeiro.

Relativamente à restante turma, ao longo das várias intervenções de todos os colegas, tem-se verificado que a N1 é a aluna que apresenta uma melhor escrita compositiva, na medida em que nota-se uma correção ortográfica e uma preocupação de aplicar diversos sinónimos, para não repetir palavras. Os restantes alunos apresentam, também um bom nível de escrita, embora a G1, a H1 e a A1 tendem a apresentar alguns erros ortográficos. Porém todos estes alunos conseguem ler textos com a entoação correta, de acordo com a pontuação, do mesmo modo que, também, apresentam um vocabulário rico e diversificado, tanto na escrita, como na oralidade. Apresentam, por isso, um nível de expressão oral bastante adequado à idade. Espera-se que estes alunos, além de elaborar um texto informativo-expositivo, relativo à visita de estudo, sejam capazes de apoiar os colegas que venham a apresentar dúvidas, ao longo dos três dias de intervenção.

Relativamente ao último conteúdo de português, relações entre palavras escritas e entre grafia e fonia – homonímia, por se tratar de uma atividade que procederá de um jogo, realizado em grupos, espera-se, uma vez mais, um momento de integração de todos os elementos da turma. Esta atividade foi planificada para ser aplicada na minha última intervenção, o que não veio a acontecer, devido a motivos de gestão de tempo, conforme já foi justificado na última avaliação das crianças. Trata-se de uma temática abordada pela primeira vez junto dos alunos, onde terão de caracterizar algumas palavras de acordo com a grafia, som e significado. Como já é de conhecimento, os alunos de nível 1 não conseguirão ler todas as frases apresentadas. Espera-se, no entanto, que sejam capazes de identificar as palavras que já conhecem e que resultem no melhoramento e reconhecimento dessas palavras. Aos restantes alunos, como não terão dificuldades em ler tanto as palavras apresentadas, como as frases, pretende-se que consigam sistematizar e aplicar os conhecimentos adquiridos em outras situações, melhorando, desta forma, o seu conhecimento explícito da língua.

No que diz respeito ao primeiro conteúdo a abordar na área da matemática, orientação espacial (mapas), trata-se de um conteúdo já abordado no ano letivo anterior, onde, segundo a professora titular, não apresentaram dificuldades em localizar determinados locais e em traçar itinerários. Todavia, os exercícios apresentados são, segundo a mesma professora, “de elevado grau de exigência, mas que os alunos serão capazes de os resolver”. Espera-se, portanto, que os alunos, na generalidade, além de conseguirem localizar espaços e de traçar itinerários (atividades de revisão de conteúdos, para as provas de avaliação trimestrais), sejam capazes de relacionar este trabalho com a viagem de ida e regresso, que irão realizar na terça-feira, realçando, desta forma, o facto de que a matemática está presente de forma natural na vida quotidiana.

O segundo conteúdo da área da matemática, números e operações com números naturais (adição e subtração), será abordado em duas diferentes perspetivas: para os alunos de nível 1 e para os alunos de nível 3. Para o primeiro caso, é de referir que a C1 manifesta mais dificuldades, que a J1 e o R1, pois efetua, apenas, operações até ao número 20 e fazer associações muito simples, enquanto a J1 e o R1 já conseguem realizar operações um pouco mais complexas e contam até ao número 50. Os três alunos apresentam, simultaneamente, dificuldades utilizar qualquer tipo de estratégia de cálculo, tanto na adição, como na subtração. Pretende-se que estes alunos desenvolvam o cálculo mental, de modo a continuarmos o trabalho de sistematização que tem sido

desenvolvido com eles e que, apesar de não serem em quantidade desejada, têm demonstrado resultados positivos.

Em relação aos alunos de nível 3, não existem casos muito preocupantes de insucesso, pois estes alunos conseguem relacionar e mobilizar os novos conteúdos com as anteriores aprendizagens. Talvez a M1, o E1 e o P1 mereçam particular atenção, por apresentarem alguma necessidade de apoio na interpretação do enunciado, mas que, com este apoio, conseguem resolver o exercício, conforme o solicitado. No que se refere à resolução de situações problemáticas, foi notório, na minha última intervenção, que estes alunos e os restantes de nível 3, apresentam interesse e vontade em ser os primeiros a terminar a execução da tarefa, utilizando as diferentes fases de resolução de problemas apresentado por Polya. Esta vontade prende-se com o desejo de irem ao quadro apresentar os seus trabalhos aos colegas, no quadro. Sumariamente, espera-se que estes alunos mantenham, por um lado, esta mesma vontade e, por outro, mobilizem estes conteúdos para a preparação da visita de estudo.

Tal como o conteúdo anterior, o último conteúdo para a área da matemática, noções temporais, também será abordado de forma diferente para os diferentes níveis. Uma vez que os alunos de nível 1 não são capazes de ver as horas, nem de estabelecer relações temporais, pretende-se que estes alunos estabeleçam relações numéricas. Pelo contrário, os restantes alunos são capazes de ver as horas e conseqüentemente, estabelecer uma série de relações temporais.

A área de estudo do meio, por ser uma área curricular onde todos os alunos têm demonstrado entusiasmo, curiosidade e interesse por efetuar novas aprendizagens, constata-se que, apesar de tudo, a C1, a J1, o R1, o P1, a M1 e o B1 têm demonstrado dificuldades em identificar os diversos órgãos dos diferentes sistemas do corpo humano. A partir dos recursos didáticos-pedagógicos criados, pretende-se rever e sistematizar estes conteúdos e as diferentes funções vitais do corpo humano, na sua generalidade, não só com estes alunos, como com a restante turma, uma vez que se realizará a prova de avaliação trimestral de estudo do meio, na próxima sexta-feira.

O conteúdo abordado na área da educação artística – educação e expressão plástica, descoberta e organização progressiva de volumes (modelagem), surge da vontade em construir uma pequena lembrança aos membros da RDP. Desta vontade, originou o desejo da professora titular em construir uns enfeites a mais, com o intuito de as crianças levarem para casa no final do período. Ao longo das intervenções, tem-se verificado que os alunos adoram manusear todo o tipo de matérias e, a partir deles, criar

novos objetos. Além disso, estão familiarizados com as técnicas utilizadas, sendo pretensão que façam um trabalho que os motive através dos conhecimentos já adquiridos. A maior dificuldade prende-se na gestão do tempo, pois, por ser muito curto, há a necessidade de orientar os alunos para que sejam rápidos na execução das suas tarefas.

Por fim, será a primeira vez que estes alunos procederão a trabalho de grupo com vista a uma pesquisa na internet. Por tal, pretende-se, acima de tudo, que os alunos fiquem alertados para os riscos das pesquisas da internet e sejam capazes de manusear corretamente o computador, desde o ligar, a escolha da funcionalidade (pesquisa), a seleção da informação e desligar corretamente.

Após este trabalho de ligação entre pré-requisito/conteúdos, nesta parte do documento pretende-se apresentar, de forma breve, as atividades a desenvolver ao longo destes três dias de intervenção, complementando com a devida fundamentação.

Neste caso, ao longo dos três dias, iremos trabalhar a temática da visita de estudo, associada aos conteúdos já supramencionados. O dia de segunda-feira será destinado à preparação da visita de estudo. No momento de matemática, será distribuída pelos alunos a ficha “A caminho da RDP” (com o mesmo nome, mas adaptada para os alunos de nível 1) exploraremos um mapa do percurso entre a escola e as instalações da RDP. De acordo com novo Programa de Matemática do Ensino Básico (p.20), “a visualização engloba capacidades relacionadas com a forma como os alunos percebem o mundo que os rodeia (...). O sentido espacial envolve ainda as noções de orientação e movimento, desempenhando um papel importante na percepção das relações espaciais.” A partir desta exploração, estaremos, simultaneamente, a realizar uma série de revisões de conteúdos abordados nas anteriores intervenções, que terão especial ênfase na discussão da correção proporcionada pelos alunos, durante a correção no quadro.

No momento de educação e expressão plástica, devido à época festiva que se aproxima, serão construídos um conjunto de enfeites para decoração de árvores de natal, a partir de massa de sal. A escolha desta atividade resulta, acima de tudo, ao facto de permitir conjugar cinco técnicas básicas da educação e expressão plástica: a modelagem, a pintura, o recorte, a dobragem e a colagem. A nós, futuros professores, cabe-nos a tarefa de “criar condições para que a criança se possa exprimir livremente, desenvolvendo assim todas as suas potencialidades. Estas condições passam pela organização adequada do espaço e apresentação de propostas de trabalho diversificadas,

bem como, pela disposição de materiais e instrumentos de trabalho e, sobretudo, através da criação de condições propícias ao desenvolvimento destas atividades” (segundo o projeto de relatório de estágio, p.3).

No momento de português, pretende-se que sejam os alunos a elaborar o guião de visita de estudo. Segundo Trindade (2002, p. 30), “a importância das visitas de estudo diz respeito quer ao modo como fazem, ou não, sentido para os alunos que as realizam e os professores que as organizam quer ao modo como são preparadas, concretizadas e avaliadas.”O mesmo autor elenca um conjunto de questões que o professor deve ter em atenção durante a preparação da visita de estudo, das quais destacaria: “Como estimular e organizar a participação dos alunos na planificação da visita de estudo? (...) Que materiais é necessário elaborar para apoiar os alunos durante a visita? Textos informativos? Roteiros de trabalho? Questionários?” (p.31).

Na verdade, foi criado um roteiro de visita de estudo, de modo a permitir “refletir sobre a pertinência pedagógica, a organização e a implementação das visitas de estudo como modalidades de intervenção educativa” (*ibid*, p.30). Por outro lado, os alunos terão acesso a quatro computadores, com acesso à internet, donde poderão efetuar uma pesquisa à RDP, de forma a retirar dados suficientes para se criar uma planificação da visita de estudo. “A preparação do itinerário e do guião deve contar com a colaboração activa dos alunos, que poderão ser responsabilizados pelo tratamento informático dos materiais de apoio” (Monteiro, 2002).

A elaboração de um pequeno guião de entrevista, decorrerá após a elaboração da planificação, donde constarão um conjunto de cerca de quatro questões que as crianças poderão apresentar à pessoa responsável pela visita na RDP. Trindade (2002) define *brainstorming* como sendo “uma técnica que permite estimular a produção de ideias”, tendo como finalidade “produzir o maior número de ideias possível face a uma questão previamente colocada. O objetivo da iniciativa tem mais a ver com a quantidade do que com a qualidade das ideias, daí que numa primeira etapa não se discutam nem se critiquem as ideias expostas” (p. 12).

Na terça-feira, entre as 09h00m e as 09h30m, serão formados seis grupos de três elementos e serão distribuídos e explicados os roteiros para a visita de estudo. Entre as 09h30m e as 11h30m será o momento da realização da visita de estudo. Nesta fase, será importante que os alunos preencham o roteiro, de modo a conseguirem retirar dados suficientes para posterior análise dentro da sala de aula.

Pelas 11h30m, retomaremos a sala de aula, onde procederemos à produção de uma notícia, implicada na “apresentação pública dos trabalhos relacionados com a visita de estudo”, que deverá “ser objecto de reconhecimento quer por parte dos seus autores quer por parte de outros actores relacionados, de forma directa ou indirecta, com a Escola e os alunos” (Trindade, 2002, p.31). Primeiramente, registarei no quadro as diferentes partes constituintes da entrevista e os alunos (um a um) irão ao quadro redigir a notícia de acordo com o que está no quadro e com as sugestões que irão sendo sugeridas pelos colegas de turma.

Por fim, será distribuída pelos alunos uma grelha, onde poderão efetuar a sua avaliação da visita de estudo. Esta fase é, segundo Trindade (2002, p. 31), “obrigatória” e deve ser “avaliada no âmbito da turma, podendo ser desenvolvida de um modo mais formal (...) ou informal, individualmente ou em grupo”. Os critérios de avaliação “tanto podem dizer respeito a questões de carácter comportamental como a questões de natureza cognitiva ou de natureza experimental”.

No momento de matemática previsto entre as 14h15m e as 15h45m, procederemos à fase que Galvão, *et al* (2006), denomina de “terceira fase (realizada já na sala de aula)” (p.14). Nesta fase, procederemos à análise da informação recolhida durante a visita de estudo. Para tal, será distribuída a ficha “De regresso da visita de estudo” (com o mesmo nome, mas adaptada para os alunos de nível 1). Ao realizar este trabalho os alunos estarão, simultaneamente, a rever e a sistematizar um conjunto de conteúdos abordados nas anteriores intervenções, que terão especial ênfase na discussão da correção proporcionada pelos alunos, durante a correção no quadro. Esta discussão de ideias é, de acordo com Pacheco (1999, p.166) uma forte estratégia dos métodos interativos. Bertrand (2001, p. 56) refere que “determinadas pedagogias interativas apostam na dinâmica interna da criança, mas nem por isso devolvem `criança, e só a esta, toda a responsabilidade”, cabendo ao professor o papel de gestor desta responsabilidade, orientando-as e/ou dando-lhes orientações.

Importa salientar que para os momentos de matemática de segunda e terça-feira serão dedicados cerca de dez minutos para a rotina diária, que resultarão de contagens progressivas e regressivas, a partir do relógio.

Finalmente, na quarta-feira, o momento de estudo do meio, será um momento de revisão das funções e sistemas do corpo humano. Este trabalho decorrerá sobre duas diferentes estratégias: a partir da exploração de um cartaz (“Funções vitais luminosas”) e a partir de um jogo interativo (“Quem quer ser o milionário das funções e sistemas do

corpo humano?). A construção destes recursos decorreu de acordo com o guião para a elaboração de cartazes e *posters*, diapositivos acompanhados ou não de registo áudio e jogos pedagógicos emanado no CREB (p.124). Deste modo, “o material apresenta-se de forma sugestiva (espelha a temática, capta a atenção dos alunos, é criativo, motivador, instrutivo). (...) As aprendizagens que o aluno deverá realizar através do uso do material são facilmente identificáveis por parte do professor [e (...)] enquadram-se no currículo formal”.

Para exploração do cartaz, serão distribuídas uma lâmpada por cada aluno, que após ter respondido acertadamente ao nome do órgão que a lâmpada corresponde, deverá encaixá-la no local devido. No final, após estar todas as lâmpadas nos respetivo lugares, liguei o cartaz numa tomada elétrica, acendendo, desta forma, as luzes encaixadas. Trata-se de mais uma estratégia onde “o aluno, em cooperação com os seus colegas e professores, realiza a aprendizagem, colocando os seus conhecimentos em interação com os novos conhecimentos a aprender” – Modelo socioconstrutivista (de acordo com Barreira e Moreira, 2004, p. 19).

Para Passerino (1998), (citado por Leal, 2009¹) “a aplicação de jogos didáticos no ambiente escolar traz muitos benefícios para o processo de ensino e aprendizagem, entre eles:

- O jogo é um impulso natural da criança funcionando assim como motivador;
- A criança através do jogo adquire prazer e realiza um esforço espontâneo e voluntário para atingir o seu objectivo;
- O jogo desenvolve esquemas mentais, estimulando o raciocínio, a orientação do tempo e espaço;
- O jogo integra vários aspectos da personalidade: afectiva, social, motora e cognitiva;
- O jogo favorece a aquisição de condutas cognitivas”.

Conforme nos refere Galvão (2006, p.59) “é necessário o desenvolvimento integral de novos e adequados modos de avaliar”. A avaliação, tal como já foi referido de correrá a partir de instrumentos diversificados, de forma a obter uma avaliação mais coerente e justa, “de modo a melhorarem a aprendizagem dos alunos e o sentido de aquisição de conhecimentos.(...) O sistema de avaliação deve incidir no

¹ <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/222/PG-TIC-2009VitorLeal.pdf?sequence=1>,
acedido a 23 de novembro de 2012

desenvolvimento de competências que se considerem necessárias ao indivíduo do século XXI” (Galvão, 2006, p.59). Roldão (2003), citado pelo mesmo autor (p.59), refere que “o primeiro pressuposto para a questão de avaliar de avaliar competências é, por isso, obviamente, trabalhar e ensinar para que os alunos desenvolvam solidamente competências construídas sobre os saberes e os saberes fazer, sedimentando capacidade e disponibilidade para compreender e agir.”

De acordo com Pais & Monteiro (2002, p. 54), “observação permite a recolha de informação, enquanto decorre o processo de ensino-aprendizagem, sobre o desempenho do aluno, das destrezas desenvolvidas e das suas atitudes. Praticando observação, o professor aprende a identificar e a responder às necessidades de cada aluno e, conseqüentemente, a planificação a efectuar será mais fácil, porque adaptada à realidade”.

Os instrumentos serão, então, a lista de verificação, a grelha de avaliação, grelhas de correção de fichas, a grelha de avaliação de comportamentos e atitudes, a grelha de avaliação da leitura, a lista de verificação para a visita de estudo e a grelha para autoavaliação dos alunos da visita de estudo.

Em qualquer dos instrumentos, a avaliação incidirá sobre as competências definidas no Currículo Regional da Educação Básica (CREB) para as diversas áreas curriculares.

2. Grelha de etapas da sequência didática

competências		conteúdo	descritores de desempenho	experiências de aprendizagem		recursos	tempo
foco	associada			atividades/estratégias	avaliação		
<p>competência matemática</p> <p>CF1</p> <p>Usar o sentido espacial na visualização e na compreensão das propriedades das figuras geométricas, no plano e no espaço, das transformações geométricas, da noção de demonstração e para desenvolver as noções de grandeza e de medida, com vista à resolução de problemas em contextos diversos (CREB, p.65).</p>	<p>competência matemática</p>	<p>revisão de conteúdos: orientação espacial – mapas</p>	<p>DD1- ler e utilizar mapas (NPMEB, p.23);</p> <p>DD2- ler e utilizar plantas (NPMEB, p.23);</p>	<p><u>Atividades de integração</u></p> <p><u>Atividades de aprendizagem sistemática</u></p>	<p>- observação direta (anexos I e II);</p> <p>- grelha de correção da ficha “A caminho da RDP” (anexos V e VI);</p> <p>-caderno de observações (anexo XI);</p> <p>-grelha de avaliação de atitudes e comportamentos (anexo IV);</p>	<p>- Ficha “A caminho da RDP” (anexos XII e XIII);</p> <p>-<i>Powerpoint</i> com a correção do exercício 1 da ficha “A caminho da RDP” (anexo 14);</p> <p>-computador;</p> <p>-videoprojector;</p>	<p>2ª feira matemática</p> <p>09h00m/10h30m</p>

Competências		Conteúdo	descritores de desempenho	experiências de aprendizagem		recursos	Tempo
Foco	Associada			atividades/estratégias	Avaliação		
	<p>CA1 Utilizar o sentido de número, compreender os números e as operações e usar a capacidade de cálculo mental e escrito, com vista à resolução de problemas em contextos diversos (CREB, p.65).</p>	<p>números e operações com números naturais (adição e subtração)</p>	<p>DD3-realizar contagens progressivas, a partir de números dados (NPMEB, p.17);</p> <p>DD4- compreender e realizar algoritmos para as operações de adição e subtração (NPMEB, p.18) ;</p>		<p>-grelha de avaliação da leitura (anexo III);</p>		
<p>competência educação artística e tecnológica CF2 Participar ativamente no processo de produção artística (CREB, p.91)</p>		<p>descoberta e organização progressiva de volumes – modelagem</p>	<p>DD5-manipular e explorar materiais moldáveis (P1°CEB, p.90);</p> <p>DD6- explorar possibilidades de expressão plástica mediante a pintura dos enfeites de Natal;</p>	<p><u>Atividade de integração</u></p>	<p>- observação direta (anexos I e II);</p> <p>-caderno de observações (anexo XI);</p>	<p>-pacotes de leite; -papel de embrulho -cola; -fitas de natal; -tintas, pincéis; -farinha, sal; -recipiente; -tesouras;</p>	<p><u>Educação e expressão plástica</u> 11h45m/ 12h30m</p>

competências		Conteúdo	descritores de desempenho	experiências de aprendizagem		recursos	Tempo
Foco	associada			atividades/estratégias	Avaliação		
	competência matemática CA2 Aplicar linguagem rigorosa e geométrica em diferentes tipos de representação artística. (CREB, pág.91).		DD7- comparar e descrever propriedades das figuras geométricas presentes no enfeites de Natal (adaptado de NPPEB, p.23);	<u>Atividades de avaliação</u>	-grelha de avaliação de atitudes e comportamentos (anexo IV);	-moldes de biscoitos; -papel autocolante;	
competência em línguas CF3 Mobilizar, de forma consciente e crítica, o conhecimento das unidades, regras e processos gramaticais da língua, nas		Diferentes tipos de texto: conversacional	DD8- rever os textos com vista ao seu aperfeiçoamento (apenas alunos de nível 3) (NPPEB, p.45); DD9- Localizar palavras em diferentes contextos e diferentes	<u>Atividades de aprendizagem sistemática</u>	- observação direta (anexos I e II); -caderno de observações (anexo XI);	-quatro computadores;	<u>Português</u> 13h30m/ 15h00m

competências		Conteúdo	descritores de desempenho	experiências de aprendizagem		recursos	Tempo
Foco	associada			atividades/estratégias	Avaliação		
diferentes situações de compreensão e expressão verbal (CREB, p. 50).	<p>competência digital CA3</p> <p>Interagir, de forma autônoma e crítica, com informação em suportes digitais diversos (documentos áudio e vídeo, correio eletrônico, sms, blogues, fóruns, ficheiros, catálogos, etc.), mobilizando ferramentas adequadas de pesquisa, seleção e</p>	<p>Pesquisa - internet</p>	<p>suportes (apenas alunos nível 1) (NPPEB, p.35);</p> <p>DD10- discutir as vantagens e possíveis riscos de uso das tecnologias digitais (adaptado do RC, p. 11);</p> <p>DD11- aplicar conceitos básicos de manuseamento de um computador;</p> <p>DD12- pesquisar na internet e procurar a informação;</p>	<p><u>Atividades de integração</u></p>	<p>-grelha de avaliação de atitudes e comportamentos (anexo IV);</p> <p>-grelha de avaliação da leitura (anexo III);</p>		

competências		Conteúdo	descritores de desempenho	experiências de aprendizagem		recursos	Tempo
Foco	associada			atividades/estratégias	Avaliação		
	tratamento de informação (CREB, p. 51).						
competência em línguas CF3	competência social e de cidadania CA4 Integrar e mobilizar, autónoma e criticamente, conhecimentos e competências de pesquisa, seleção, avaliação e organização de informação, com vista à conceção e desenvolvimen-	Diferentes tipos de texto: conversacional Educação para a sociedade de informação	DD8 DD1 DD2 DD13 -conhecer a funcionalidade de uma estação de rádio;	<u>Atividades de integração</u> <u>Atividade de avaliação</u>	- observação direta (anexos I e II); -caderno de observações (anexo XI); -grelha de avaliação de atitudes e comportamentos (anexo IV); -lista de verificação durante a visita de estudo (anexo XIX);	-roteiro da visita de estudo (anexo XV);	3ª feira <u>cidadania</u> 09h00m/ 10h00m

competências		Conteúdo	descritores de desempenho	experiências de aprendizagem		recursos	Tempo
Foco	associada			atividades/estratégias	Avaliação		
	to de projetos individuais e coletivos (CREB, p.52).						
competência matemática CF1	competência social e de cidadania CA5 Usar a matemática, em combinação com outros saberes, na compreensão de situações da realidade, bem como o sentido crítico relativamente à utilização de	revisão de conteúdos: orientação espacial – mapas Educação para a sociedade de informação	DD1 DD2 DD10	<u>Atividades de integração</u> <u>Atividades de avaliação</u>	- observação direta (anexos I e II); -caderno de observações (anexo XI); -grelha de avaliação de atitudes e comportamentos (anexo IV); -lista de verificação durante a visita de estudo (anexo XIX);	-roteiro da visita de estudo (anexo XV);	<u>matemática</u> 10h00m/ 11h00m

Competências		Conteúdo	descritores de desempenho	experiências de aprendizagem		recursos	Tempo
Foco	associada			atividades/estratégias	Avaliação		
	procedimentos e resultados matemáticos (CREB, p. 66).						
competência em línguas CF3	competência em línguas CA6 Construir enunciados verbais dotados de significado, conformes à gramática da língua, às situações e às intencionalidades comunicativas, mobilizando processos	Diferentes tipos de texto: texto informativo-expositivo (notícia)	DD14- elaborar um texto informativo-expositivo, relativo à visita de estudo (exceto alunos nível 1) (NPPEB, p.45); DD15- ler com progressiva autonomia palavras, frases e pequenos textos (PPEB p. 36) (apenas alunos nível 1);	<u>Atividades de exploração</u> <u>Atividades de avaliação</u>	- observação direta (anexos I e II); -caderno de observações (anexo XI); -gralha de avaliação de atitudes e comportamentos (anexo IV); -lista de verificação durante a visita de estudo (anexo XIX);	-roteiro da visita de estudo (anexo XV);	<u>português</u> 11h00m/ 12h30m

competências		Conteúdo	descritores de desempenho	experiências de aprendizagem		recursos	tempo
Foco	associada			atividades/estratégias	Avaliação		
	cognitivos e translinguísticos complexos (planeamento, textualização e revisão do texto) (CREB, p. 50).				-grelha de autoavaliação dos alunos (anexo X);		
competência matemática CF1	competência matemática CA1	revisão de conteúdos: tempo números e operações com números naturais (adição e subtração)	DD16- resolver problemas envolvendo situações temporais (PMEB p. 25); DD17- ler e representar medidas de tempo e estabelecer relações entre hora, minuto e segundo (PMEB p.25) (apenas alunos nível 1); DD18- resolver problemas que envolvam as operações em contextos diversos (NPMEB, p.18);	<u>Atividades de aprendizagem sistemática</u>	- observação direta (anexos I e II); - grelha de correção da ficha “De regresso da RDP” (anexos V II e VII); -caderno de observações (anexo XI); -grelha de avaliação de atitudes e comportamentos (anexo IV);	-roteiro da visita de estudo (anexo XV); - Ficha “De regresso da RDP” (anexos XVI e XVII);	<u>matemática</u> 14h15m/ 15h45m

competências		Conteúdo	descritores de desempenho	experiências de aprendizagem		Recursos	tempo
Foco	associada			atividades/estratégias	Avaliação		
Competência científica e tecnológica CF4 Mobilizar conhecimentos, processos e ferramentas de âmbito científico e tecnológico com vista à explicação de fenómenos físicos, químicos, biológicos e geológicos. (CREB, pág.79).	Competência em línguas CA7 Utilizar corretamente a terminologia científica na comunicação	revisão de conteúdos: funções vitais do corpo humano	DD19- conhecer as funções vitais do corpo humano (adaptado de P1ºCEB, p.114); DD20- identificar fenómenos relacionados com as funções vitais do corpo humano (adaptado de P1ºCEB, p.114); DD21- identificar alguns órgãos dos aparelhos	<u>Atividades de aprendizagem sistemática</u> <u>Atividades de avaliação</u>	- observação direta (anexos I e II); -caderno de observações (anexo XI); -grelha de avaliação de atitudes e comportamentos (anexo IV); -grelha de avaliação da leitura (anexo III);	- cartaz “funções vitais luminosas” (anexo XIX); -jogo interativo (anexo XX); -computador; -videoprojector;	4ª feira <u>estudo do meio</u> 09h00m/ 10h30m

competências		Conteúdo	descritores de desempenho	experiências de aprendizagem		recursos	tempo
Foco	associada			atividades/estratégias	avaliação		
	oral e escrita (CREB, pág.79).		correspondentes (adaptado de P1°CEB, p.114);				4ª feira matemática 09h00m/ 10h30m
competência em línguas CF3		Relações entre palavras escritas e entre grafia e fonia - homonímia	DD22 -Explicitar regras e procedimentos: identificar palavras homónimas (NPPEB, p.60);	<u>Atividades de estruturação</u> <u>Atividades de avaliação</u>	- observação direta (anexos I e II); -caderno de observações (anexo XI); -grelha de avaliação de atitudes e comportamentos (anexo IV); -grelha de avaliação da leitura (anexo III);	- Frases com palavras homónimas (anexo XVIII);	<u>Português</u> 11h00m/ 11h45m

3. Roteiro das atividades

segunda-feira	<p>matemática (09h00m/10h30m)</p>	<ul style="list-style-type: none"> acolhimento (10 min.); registro do sumário (5 min.); rotina diária – contagens progressivas e regressivas (10 min); <p><u>Alunos de nível 3:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> resolução de tarefas matemáticas – análise do percurso da visita de estudo (30 min.) (anexo XIII); comparação de várias estratégias e correção no quadro (35 min.). <p><u>Alunos de nível 1:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> apoio educativo (45 min.); resolução de tarefas matemáticas – análise do percurso da visita de estudo (30 min.) (anexo XII); comparação de várias estratégias e correção no quadro (15 min.).
	Intervalo	
	<p>educação e expressão plástica (11h00m/11h45m)</p>	<p><u>Todos os alunos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> acolhimento (5 min.) preparação de massa de sal (5 min.); confeção de enfeites de Natal (15 min.); decoreção de uma caixa de embrulho (10 min.); pintura dos enfeites de Natal (10 min.).
	intervalo – almoço	
<p>português (14h15m/15h00m)</p>	<p><u>Todos os alunos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> acolhimento (10 min.); registro do sumário (5 min.); pesquisa e registro de dados sobre a RDP – através do <i>site</i> da internet (25 min); elaboração de uma planificação da visita de estudo – segundo as pesquisas efetuadas (25 min); elaboração de um pequeno guião de entrevista – a partir de <i>brainstorming</i> (30 min); 	
terça-feira	<p>cidadania (09h00m/10h00m)</p>	<p><u>Todos os alunos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> acolhimento (10 min.); revisão do programa efetuado (10 min.); distribuição do roteiro de visita de estudo; (5 min.) (anexo XV); início da visita de estudo – ida (25 min.);
	<p>matemática (10h00m/11h00)</p>	<p><u>Todos os alunos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> visita de estudo (45 min.);
	<p>português (11h00m/12h30m)</p>	<p><u>Todos os alunos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> visita de estudo (final/chegada) (30 min.); trabalho de grupo: produção de uma notícia, segundo a planificação deste tipo de texto (30 min.); apresentação dos trabalhos (20 min.); auto e heteroavaliação do desempenho dos alunos durante a visita de estudo (10 min.).
	intervalo – almoço	
<p>matemática</p>	<ul style="list-style-type: none"> acolhimento (10 min.); 	

	(14h15m/15h45m)	<ul style="list-style-type: none"> • registo do sumário (5 min.); • rotina diária – contagens progressivas e regressivas (10 min); <p><u>Alunos de nível 3:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • resolução de tarefas matemáticas – aplicação dos dados recolhidos durante a visita de estudo (30 min.) (anexo XVII); • comparação de várias estratégias e correção no quadro (35 min.). <p><u>Alunos de nível 1:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • resolução da ficha “Vejo as horas” (20 min.); • correção no quadro (20 min.); • resolução de tarefas matemáticas – aplicação dos dados recolhidos durante a visita de estudo (20 min.) (anexo XVI); • comparação de várias estratégias e correção no quadro (15 min.);
quarta-feira	estudo do meio (09h00m/10h30m)	<p><u>Todos os alunos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • acolhimento (10 min.); • registo do sumário (5 min.); • revisão das funções e sistemas do corpo humano, com recurso ao cartaz em “Funções vitais luminosas” (30 min.) (anexo XIX); • jogo “Quem quer ser o milionário das funções e sistemas do corpo humano?” (45 min.) (anexo XX).
	Intervalo	
	português/ matemática (11h00m/11h45m)	<ul style="list-style-type: none"> • acolhimento (5 min.); • registo do sumário (5 min.); • trabalho a pares: “Descobre as palavras homónimas” (15 min.): - preenchimento do quadro (anexo XVIII); <ul style="list-style-type: none"> • registo do sumário (5 min.); • resolução de situações problemáticas, envolvendo o algoritmo e utilização de tabelas (15 min.).

Glossário

Homonímia:

“São homónimas as palavras que têm a mesma grafia e o mesmo som, mas têm significados diferentes.”

Rocha, A. & Lago, C. (2011). *Gramática 1º Ciclo*. Texto Editores, Lda.

Estratégia de resolução de problemas

“Para resolver qualquer problema, os alunos necessitam de ler (ou de quem lhes leia) o problema; compreender as quantidades e relações envolvidas; traduzir a informação em linguagem matemática, efetuar os procedimentos necessários e verificar se resposta obtida é plausível. Polya, (2003), descreveu um plano em quatro fases que pode ajudar a resolver um problema: compreender o problema; delinear um plano, ou seja, selecionar uma (ou mais) estratégia(s); desenvolver esse plano; avaliar os resultados”

(Boavida, A.,2008, p.22).

Sistema digestivo

A digestão começa na tua boca. Os teus dentes mordem e mastigam os alimentos em pedaços suficientemente pequenos para serem engolidos. Quando mastigas, as glândulas salivares libertam saliva, um líquido aquoso que ajuda a humedecer e a dissolver os alimentos. A tua língua molda então os alimentos humedecido numa bola mole, chamada bolo alimentar.

(Ganeri, A. (2010). *Estou vivo*. Porto: Dorling Kindersley – Civilização, Editores.)

Estômago

Os alimentos descem pelo esófago até ao estômago, onde os músculos da parede gástrica começam a contrair-se, amassando os alimentos. Os fortes sucos gástricos, segregados pelo revestimento do estômago, decompõem os alimentos, transformando-os num líquido semidigerido. Ao fim de aproximadamente três horas, um anel muscular, chamado esfíncter pilórico abre-se para libertar a mistura para o duodeno.

(Ganeri, A. (2010). *Estou vivo*. Porto: Dorling Kindersley – Civilização, Editores.)

O intestino delgado

O intestino delgado tem cerca de seis metros de comprimento e é constituído por três partes – o duodeno, o jejuno e o íleo. No seu interior, os alimentos são decompostos em pequenas partículas ou nutrientes. Estes são absorvidos por milhões de minúsculas projecções, chamadas vilosidades, que revestem o intestino. Os nutrientes passam então para o sangue, no qual são transportados por todo o corpo.

Intestino grosso

O intestino grosso tem cerca de um metro e meio de comprimento e é muito mais largo que o intestino delgado. A parte principal do intestino grosso é o cólon. Aí as glândulas segregam muco e absorvem a água dos resíduos de alimentos não digeridos. Isto transforma os resíduos em fezes semi-sólidas, que são expelidas do corpo pelo ânus.

(Ganeri, A. (2010). *Estou vivo*. Porto: Dorling Kindersley – Civilização, Editores.)

Vesícula

A vesícula é um pequeno saco muscular entalado por trás do fígado. Armazena e liberta bÍlis, um líquido produzido pelo fígado que é usado durante a digestão para decompor as gorduras nos alimentos. Quando é necessário, a bÍlis flui pelo ducto biliar para o duodeno.

(Ganeri, A. (2010). *Estou vivo*. Porto: Dorling Kindersley – Civilização, Editores.)

Sistema respiratório

“O sistema respiratório trabalha em conjunto com o sistema circulatório para distribuir oxigénio à células, de modo a que se possa realizar a respiração aeróbica. Também possibilita que o organismo se liberte de dióxido de carbono um produto residual. O sistema respiratório tem duas partes. As vias aéreas conduzem o ar para dentro e para fora do corpo, enquanto que os pulmões permitem a troca gasosa entre o ar e o sangue (Burnie, D., 1996, p.110).

Nariz

“O nariz tem duas aberturas exteriores, ou narinas, separadas por uma lâminade cartilagem denominada septo nasal. Cada narina é revestida de pelos, que impedem a entrada de poeiras e de sujidade nas vias aéreas (Burnie, D., 1996, p.110).”

Faringe

“A faringe é vulgarmente conhecida por garganta. A sua parte superior deixa passar o ar e está ligado à cavidade nasal por duas aberturas, cada uma do tamanho de uma unha. (...) A faringe é percorrida tanto pelos alimentos, como pelo ar. Na sua parte inferior, bifurca-se numa passagem para os alimentos que descem para o esófago e, numa passagem anterior para o ar na direção da laringe” (Burnie, D., 1996, p.111).

Laringe

“A laringe também é chamada caixa vocal. É uma estrutura complexa de cartilagem que, em conjunto, formam um pequeno funil que une a base da garganta à traqueia. A laringe pode ser fechada pela cartilagem superior, a epiglote. A cartilagem inferior, a cartilagem cricoide, une a laringe à traqueia” (Burnie, D., 1996, p.111)..

Traqueia

“A traqueia estende-se desde a base da laringe até aos brônquios que penetram nos pulmões. É reforçada com 20 peças de cartilagem, cada uma das quais com a forma de um C com a abertura voltada para a parte posterior do corpo” (Burnie, D., 1996, p.111).

Pulmão

“Os dois pulmões estão um de cada lado do coração, na caixa torácica e estão protegidos pelas costelas. Em baixo assentam no diafragma e na parte superior estendem-se até ligeiramente acima das clavículas. Cada pulmão é uma massa de tecido esponjoso em forma de cone e altamente irrigada de sangue” (Burnie, D., 1996, p.112).

Brônquio

“Um brônquio é um canal que leva e traz ar dos pulmões. Cada pulmão tem um único brônquio primário, reforçado por peças de cartilagem em forma de C” (Burnie, D., 1996, p.112).

Respiração

“Para sobreviver, o ser humano tem de receber oxigénio e expelir os resíduos de dióxido de carbono em grandes quantidades. Isto processa-se bombeando ar para dentro e para fora dos pulmões, num processo denominado respiração, ou ventilação” (Burnie, D., 1996, p.114).

Diafragma

“Uma poderosa e incansável placa muscular, activa durante 24 horas do dia, literalmente desde o nascimento ao último sopro. Os impulsos nervosos chegam ao diafragma pelo nervo frénico. Como na sua posição relaxada o diafragma está curvado para cima, a sua contracção faz com que as partes centrais desçam, indo contra a base pulmonar e por isso forcem a dilatação dos pulmões” (Sebel & Waldmann, 1992, p.24).

“O diafragma é uma cúpula muscular que separa o tórax do abdómen. Quando inspiramos, contrai-se, baixando-se e tornando-se mais plano, o que alarga a caixa torácica e faz o ar entrar nos pulmões” (Burnie, D., 1996, p.114).

Inspiração

“Encher o peito de ar é conhecido por inspiração. O diafragma baixa ao contrair-se e os músculos intercostais elevam as costelas. Em conjunto, estes dois movimentos aumentam o volume da caixa torácica, o que conduz à expansão dos pulmões com redução da pressão no seu interior” (Burnie, D., 1996, p.114).

Expiração

“Durante a expiração, o diafragma e os músculos intercostais relaxam, reduzindo o volume da caixa torácica e comprimindo os pulmões e o ar que neles se encontra. A pressão do ar dentro dos pulmões torna-se mais” (Burnie, D., 1996, p.114).

Sistema excretor

O corpo elimina os desperdícios sob a forma de gases, líquidos e sólidos. Um gás a eliminar, o chamado dióxido de carbono, sai pelos pulmões de cada vez que respiramos. Os desperdícios sólidos, as fezes, saem uma a duas vezes por dia enquanto que os resíduos líquidos, a urina, sai várias vezes. A urina é formada pelas substâncias indesejadas do sangue em conjunto com a água e é fabricada pelos rins, que são dois órgãos na parte posterior e superior do abdómen. Para o seu tamanho, cada rim recebe um fornecimento massivo de sangue. No interior de um rim estão cerca de um milhão de microfiltros conhecidos como nefrónios.

A urina é produzida por cada um dos rins e recolhida na sua área central, na pélvis renal. Corre então para baixo por um tubo, o ureter, com cerca de 25 centímetros,

na direção de um depósito chamado bexiga. Esta vai-se dilatando e enchendo de urina até que a pessoa sente a necessidade de a esvaziar. Isto é a micção. Um anel muscular, o esfíncter uretral, abre e deixa a urina correr através de outro tubo, a uretra, para o exterior. A quantidade de urina produzida em cada dia varia muito conforme a quantidade do que comemos e bebemos, o quanto estamos activos, a temperatura, o quanto suámos e muitas outras condições. Em média é de cerca de 1 200 a 1 600 mililitros. (Parker, S., Routh, K., (2005). *Atlas do Corpo – Um mapa completo do Corpo Humano*. Lisboa: Paralelo Editora. p. 94)

Sistema reprodutor

Os ovários estão de ambos os lados da parte inferior do abdómen. Aproximadamente todos os meses um deles produz um pequeno óvulo maduro. Após vários dias, esse óvulo faz o seu trajecto por um tubo (trompa de Falópio), na direção do útero. Se nada lhe acontecer acaba por sair do corpo, através do revestimento rico em sangue do útero e seguidamente da vagina. Ocorre então o ciclo menstrual. Mas se o óvulo encontrar um espermatozoide, as duas células unem-se e dão início ao processo reprodutivo.

Os espermatozoides têm a forma de girino e são produzidos constantemente em longos tubos conhecidos como canais seminíferos. Estes estão contidos nos dois testículos, que por sua vez estão pendurados na parte inferior e anterior do abdómen, no interior de um saco de pele, o escroto. O esperma é armazenado num outro tubo comprido, o epidídimo, junto de cada um dos testículos.

(Parker, S., Routh, K., (2005). *Atlas do Corpo – Um mapa completo do Corpo Humano*. Lisboa: Paralelo Editora. p. 98)

Reprodução

Apenas um dos espermatozoides se une, ou fertiliza, o óvulo. Isso junta o material genético da mãe e do pai, que contém todas as instruções necessárias para um novo ser humano crescer e se desenvolver. (Parker, S., Routh, K., (2005). *Atlas do Corpo – Um mapa completo do Corpo Humano*. Lisboa: Paralelo Editora. p. 100)

Dia 1

Passas a primeira meia hora da tua vida como uma única célula com menos de um décimo de milímetro. Essa célula, chamada embrião, forma-se quando um

espermatozoide do teu pai se funde com o óvulo da tua mãe. Os genes da tua mãe e do teu pai juntam-se no núcleo da célula, dando-te um genoma único.

3 Dias

Nos primeiros dias, não cresces muito. Em vez disso, divides-te. A célula única divide-se em 2, depois em 4, depois em 8, e assim sucessivamente, duplicando sempre de número. No espaço de uma semana há centenas de células e na quinzena seguinte um corpo começa a tomar forma. Às três semanas, estás do tamanho de um grão de arroz.

4 semanas

Pareces um camarão e tens cauda. A cabeça está a crescer incrivelmente depressa e ocupa quase metade do corpo. Dois rebentos indicam que os braços estão a começar a formar-se e pintas negras assinalam o início dos teus olhos.

8 semanas

já pareces humano mas és parcialmente transparente. Os teus olhos, nariz, lábios e até os dentes estão a formar-se e o teu coração já bate. Às 12 semanas já mexes os braços e as pernas; as tuas impressões digitais estão formadas; consegues engolir e urinar; o teu cérebro está a trabalhar.

16 semanas

Tornaste-te muito mais activo. Já cerras os punhos, chuchas no polegar, fazes expressões faciais e agarras o cordão umbilical que te liga à tua mãe. Começas a ouvir os teus primeiros sons, mas os teus olhos ainda não abriram.

20 semanas

O teu grau de actividade começa a revelar-se nesta fase. É possível que dêes muitos pontapés e cambalhotas, por exemplo. Já ouves bem e barulhos estrondosos fazem-te saltar. O teu sentido de paladar desenvolveu-se. Todo o teu corpo está coberto de pelos finíssimos que mais tarde desaparecerão.

24 semanas

Entre 22 e 24 semanas, os teus olhos abrem. No entanto, no útero está escuro, por isso, não vês muito. Mas é possível que vejas a luz do sol como um clarão cor de rosa. A tua audição está tão apurada que consegues reconhecer a voz da tua mãe.

Nascimento

Sabes respirar, chuchar e engolir desde o momento em que nasces. Sabes chorar, tossir, espirrar e pestanejar e o teu olfacto e a tua audição são muito apurados. A tua visão, contudo, é muito fraca.

(Winston, R., (2004). *Porque sou e que sou?*. Porto: Editora civilização. p. 38)

O aparelho circulatório:

O coração, o sangue e os vasos sanguíneos compõem o aparelho circulatório. Os vasos sanguíneos – artérias, veias e capilares – estendem-se a todas as partes do corpo. As artérias transportam sangue rico em oxigénio para os tecidos do organismo. Dividem-se em ramos ainda mais pequenos para formar uma trama, ou leito, de capilares minúsculos. Estes unem-se novamente para formar veias, que transportam sangue pobre em oxigénio de volta para o coração.

(Ganeri, A. (2010). *Estou vivo*. Porto: Dorling Kindersley – Civilização, Editores.)

O coração

O teu coração divide-se em duas metades – esquerda e direita -, cada uma com uma aurícula (câmara superior) e um ventrículo (câmara inferior). Sempre que o coração bate, as suas paredes musculares contraem-se para bombear sangue. O sangue pobre em oxigénio flui para o lado direito do coração, de onde é bombeado para os pulmões para receber novo fornecimento de oxigénio. O sangue rico em oxigénio flui então para o lado esquerdo do coração para ser bombeado à volta do corpo.

(Ganeri, A. (2010). *Estou vivo*. Porto: Dorling Kindersley – Civilização, Editores.)

O sangue

Bombeado pelo coração, o sangue circula constantemente pelo teu corpo, transportando oxigénio pelos pulmões, nutrientes dos alimentos e hormonas para as células. Sem estas substâncias, o teu corpo simplesmente não poderia funcionar. O sangue também remove

os resíduos produzidos pelas células, regula a temperatura do corpo e ajuda a combater doenças.

(Ganeri, A. (2010). *Estou vivo*. Porto: Dorling Kindersley – Civilização, Editores.)

Lista de anexos (Disponibilizados na *dropbox*)

Grelha de avaliação.....	anexo I
Lista de verificação.....	anexo II
Grelha de avaliação da leitura.....	anexo III
Grelha de avaliação de atitudes e comportamentos.....	anexo IV
Grelha de correção da ficha “A caminho da RDP” – nível 1.....	anexo V
Grelha de correção da ficha “A caminho da RDP” – nível 2.....	anexo VI
Grelha de correção da ficha “De regresso da RDP” – nível 1.....	anexo VII
Grelha de correção da ficha “De regresso da RDP” – nível 3.....	anexo VIII
Lista de verificação durante a visita de estudo.....	anexo XIX
Grelha de autoavaliação dos alunos (visita de estudo).....	anexo X
Caderno de observações.....	anexo XI
Ficha “A caminho da RDP” – nível 1.....	anexo XII
Ficha “A caminho da RDP” – nível 3.....	anexo XIII
<i>Powerpoint</i> – Correção do exercício 1, da ficha “A caminho da RDP”.....	anexo XIV
Roteiro da visita de estudo.....	anexo XV
Ficha “De regresso da RDP” – nível 1.....	anexo XVI
Ficha “De regresso da RDP” – nível 3.....	anexo XVII
Lista de frases com palavras homónimas.....	anexo XVIII
Foto do cartaz “Funções vitais luminosas”.....	anexo XIX
Jogo interativo – “Quem quer ser o milionário dos sistemas do corpo humano?”.....	anexo XX

Bibliografia

- 📖 Alonso, L. (coord.), (2011). *Referencial Curricular para a Educação Básica na região Autónoma dos Açores*. Secretaria Regional da Educação e Formação.
- 📖 Barreira, A., moreira, M., (2004). *Pedagogia das competências – da teoria à prática*. Edições ASA.
- 📖 Bertrand, Y. (2001). *Teoria contemporâneas da educação*. Instituto de Piaget. 2ª edição.
- 📖 Boavida, A. (coord.), (2008). *A Experiência Matemática no Ensino Básico: Programa de Formação Contínua em Matemática para Professores dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação - Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular
- 📖 Burnie, D. (1996). *Dicionário escolar do corpo humano*. Editora Civilização.
- 📖 Borges, A. et al. , (2010). *Referencial Área de Formação Pessoal e Social. Área Curricular Não Disciplinar de Cidadania Açores: DREF*.
- 📖 Galvão, et al (2006), *Avaliação de competências em ciências – sugestões para professores dos ensinos básico e secundário*. ASA Editores. 1ª edição.
- 📖 Ganeri, A. (2010). *Estou vivo*. Porto: Dorling Kindersley – Civilização, Editores.
- 📖 Ministério da Educação, (2004). *Organização Curricular e Programas 1.º Ciclo do Ensino Básico*. 4.ª Edição, Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- 📖 Ministério da Educação, (2009). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Direção - Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- 📖 Monteiro, M. *Intercâmbios e visitas de estudo*, in Carvalho, A. Marques, M. (2002). *Novas metodologias em educação*. Porto: Porto Editora.
- 📖 Pacheco, J. (org.). (1999). *Componentes do processo de desenvolvimento do currículo*. Braga: Livraria Minho.
- 📖 Pais, A. & Monteiro, M., (2002), *Avaliação – uma prática diária*. Editorial Presença. Lisboa. 2ª Edição.
- 📖 Reis, C. (coord.), (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

- 📖 Sebel, P. & Waldmann, C. (1992). *O corpo humano-a respiração*. Amadora: Ediclube.

- 📖 Trindade, R. (2002), *Experiências educativas e situações de aprendizagem – novas práticas pedagógicas*. Edições ASA. 1ª edição.

- 📖 Winston, R., (2004). *Porque sou e que sou?*. Porto: Editora civilização.

O projeto formativo – um plano de formação e de intervenção pedagógica

Cada vez mais, na nossa linguagem e em conotações variadas, torna-se comum fazer-se referências à palavra *projeto*: projeto de vida, projeto de investigação, projeto de arquitetura, projeto de empresa, projeto educativo de escola, trabalho por projeto, projeto formativo, ... São todos projetos, mas “muito diferentes e variados, tanto no que toca a objetivos como à sua metodologia” (Serrano, 2008, p.16). Mas existe uma noção de projeto?

Na opinião do mesmo autor (ibidem, p.16), “um *projecto* é um avanço antecipado das acções a realizar para conseguir determinados objetivos. (...) Tem como missão *prever, orientar e preparar* bem o caminho do que se vai fazer, para o seu posterior desenvolvimento.” Boutinet (1992, citado por Carvalho e Diogo, 2001, p.9) refere que, “ao mesmo tempo que é portador de ambição o *projecto* toma consciência dos seus limites.” O que quer dizer que um projeto, para ser viável, tem de ser, acima de tudo, realista: não pode ser demasiado modesto, nem recair num certo mimetismo, porque corre um sério risco de ter um final precoce; não pode ser demasiado ambicioso (uma espécie de sonho), por se poder tornar inexecutável.

Com efeito, Costa (2003, p.19) alerta para a dificuldade em encontrar uma definição conceituosa para *projeto*. Este autor distingue o trabalho de Boutinet na noção de *projeto*, do qual destacamos a “tipologia de *projecto* que o autor constrói”, sistematizando em cinco agrupamentos: *projetos individuais, projetos de objetos, projetos de ação, projetos organizacionais e projetos de sociedade*.

Nesta medida, um projeto formativo enquadra-se na tipologia de *projetos de ação*, visto que, surge de uma intencionalidade educativa, que, tal como nos refere as OCEPE (Silva, e outros, 1997, p.14), procede do “processo reflexivo de observação, numa primeira fase, e, posteriormente, do planeamento, acção e avaliação a desenvolver pelo educador, de forma a adequar a sua prática às necessidades das crianças.”

No projeto formativo que o estagiário elaborou, no âmbito da Unidade Curricular de PES I, podemos ler o seguinte:

trata-se de um documento que se define por ser um plano de formação e de intervenção pedagógica, isto é, um conjunto de intenções para a minha prática pedagógica, onde são identificadas algumas linhas orientadoras da minha intervenção educativa, explicita os modelos e processos a utilizar

no seu desenvolvimento, além de perspetivar as práticas e mecanismos de avaliação.

Paralelamente, sempre que seja necessário, pode ser alterado e reformulado, não sendo, por isso, um documento concludente e inalterável, mas sim ativo e em constante atualização.

Ora, esta tipologia de projeto, pelas características já identificadas, em muito se assemelha com o Projeto Curricular de Grupo (em Educação Pré-Escolar) ou Projeto Curricular de Turma (no 1.º CEB), documentos estes que permitem adequar a prática educativa, às especificidades e características das crianças. Em contexto de estágio, um projeto formativo não adquire a mesma validade que aqueles projetos, ou seja, um ano letivo. A validade de um projeto formativo é a mesma que a durabilidade do estágio profissional.

Uma vez que o estagiário considerou os dois projetos formativos, que o próprio elaborou (o primeiro, em contexto de estágio em educação Pré-Escolar e o segundo, em contexto de 1.º CEB), como instrumentos de gestão, da sua intencionalidade educativa, de curto a médio prazo, foram incluídas, também, informações acerca da escola, do meio onde se encontra inserida, do agregado familiar do grupo/turma, da sala de atividades/aulas e do grupo/turma. Certo foi que esta pesquisa permitiu ao estagiário integrar-se na comunidade escolar da escola onde desenvolveu o estágio, isto é, da EB1/JI de Maricas (S. Roque II).

Todavia, ao analisarmos comparativamente os dois projetos concebidos, nem sempre a informação patente foi a mais pertinente, para a finalidade dos documentos. Basta, por isso, admitir que a informação referente ao meio onde a escola se insere de pouco serviu para a intencionalidade educativa, no estágio em educação Pré-Escolar, tendo em conta que, primeiro, as crianças não pertenciam àquele meio (eram crianças deslocadas da freguesia do Livramento) e, segundo, o estagiário não promoveu qualquer atividade que tivessem de sair dos portões da escola, ou seja, que lhes permitissem interagir com o meio envolvente.

Pelo contrário, face a esta experiência e às sugestões da docente da Unidade Curricular PES I e II, o estagiário revelou melhorias no desenvolvimento do seu segundo projeto formativo, revelando, apenas, os aspetos que considerou essenciais para a sua prática pedagógica. Esta aprendizagem reflete aquilo que Leite e outros (2001, p.37) qualificam o projeto por pressupor “que os conhecimentos se produzam, integrando a experiência de cada um dos actores envolvidos e estabelecendo a relação

entre o agir e o investigar, não esquecendo que, ao mesmo tempo que o agente investiga e age, se enriquece sob o ponto de vista formativo e abre caminhos para a mudança”.

Para exemplificar, o estagiário suprimiu a caracterização do meio e optou por fazer um levantamento das necessidades/problemas das crianças. No final deste tópico, após identificar os pré-requisitos de cada um dos alunos, o estagiário refere o seguinte:

em suma, o conhecimento que nós temos da turma é indispensável, porque serve-nos de base para as nossas planificações, nomeadamente, para a escolha das atividades a desenvolver, não descurando as necessidades e potencialidades de cada um dos alunos. É fundamental que, durante as minhas intervenções, motive todos os alunos, através de estratégias de ensino e de novas aprendizagens: quer os que demonstrem dúvidas, como os que sabem, para que a motivação não se transforme em cansaço.

A partir deste excerto, constatamos uma nítida vontade do estagiário em ir ao encontro das características de toda a turma, de um modo geral, e de cada uma das crianças, em particular, procurando incentivá-las e motivá-las à aprendizagem.

Por fim, em qualquer dos contextos (Pré-Escolar e 1.º CEB) o projeto formativo primou pela obtenção do sucesso educativo, ambicionando sempre o desenvolvimento de competências, tanto nos alunos, como no estagiário, na qualidade de discente, de pessoa e de futuro profissional de ensino.



Universidade dos Açores

Departamento de Ciências da Educação

Mestrado em Educação Pré - Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Ano Letivo de 2011/2012 – 2ºSemestre

Projeto Formativo

Prática Educativa Supervisionada I

Docente da Disciplina: Mestre Ana Sequeira

Orientadora Cooperante: Ed. Sandra Mendes

Mestrando: Carlos Dias

Ponta Delgada, 23 de Março 2012

ÍNDICE

Introdução.....	3
1. Caracterização do Meio.....	5
2. Caracterização da Escola.....	6
3. Caracterização da Sala de Atividades	8
4. Organização da Rotina Diária.....	9
5. Caracterização do Grupo.....	11
6. Caracteristicão da Família	12
7. Metodologias e Macroestratégias de actuação.....	13
8. Avaliação	16
Bibliografia.....	17
Anexos.....	18

Introdução

O presente projeto formativo surge no âmbito da disciplina de Prática Educativa Supervisionada I, integrada no 1º ano do mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico.

Trata-se de um documento que se define por ser um plano de formação e de intervenção pedagógica, isto é, um conjunto de intenções para a minha prática pedagógica, onde são identificadas algumas linhas orientadoras da minha intervenção educativa, explicita os modelos e processos a utilizar no seu desenvolvimento, além de perspetivar as práticas e mecanismos de avaliação.

Paralelamente, sempre que seja necessário, pode ser alterado e reformulado, não sendo, por isso, um documento concludente e inalterável, mas sim ativo e em constante atualização.

Durante o meu estágio, na EB1/JI de Maricas (S. Roque II)¹, terei a oportunidade de “*observa[r] cada criança, bem como os pequenos grupos e o grande grupo, com vista a uma planificação de actividades (...) adequados às necessidades da criança e do grupo e aos objetivos de desenvolvimento e da aprendizagem(...); planifica[r] a intervenção educativa de forma integrada e flexível, tendo em conta os dados recolhidos na observação e na avaliação, bem como as propostas explícitas ou implícitas das crianças, as temáticas e as situações imprevistas emergentes no processo educativo*”².

Para a elaboração do presente projeto, serão tidos em atenção as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, o Projeto Educativo de Escola (PEE), o Projeto Curricular de Escola (PCE), o Plano Anual de Atividades (PAA) e o Projeto Curricular de Grupo (PCG). Conjuntamente, alguns destes dados serão apresentados e analisados após as minhas observações, o que faz com que tenha a oportunidade de adquirir conhecimentos do grupo na sua generalidade e de cada criança em particular e do contexto social em que estas crianças vivem, de modo a conseguir elaborar um projeto formativo coeso, sólido, exequível e, acima de tudo, fundamentado.

¹ Importa referir que se trata de um grupo de crianças da EB1/JI Padre Domingos Silva Costa (Livramento II), da freguesia do Livramento, que se encontram, tal como a sua educadora, temporariamente na EB1/JI de Maricas (S. Roque II), até terminadas as obras de requalificação da sua escola (assunto que será abordado mais adiante.)

² Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto.

Importa também salientar a importância da orientação dada, tanto pela orientadora cooperante, a Educadora Sandra Mendes, como pela Docente da Disciplina, a Mestre Ana Cristina Sequeira, pois sempre foram consideradas por mim “*como alguém com mais experiência e com conhecimentos mais claros e reflectidos sobre as situações, dificuldades e problemas semelhantes (...), numa relação aberta, espontânea, autêntica, cordial, empática.*”³

Ao longo do meu estágio, tentarei abordar as diferentes áreas de conteúdos do Pré-Escolar. Como nos refere as O.C.E.P.E.⁴, “*consideram-se «áreas de conteúdo» como âmbitos de saber, com uma estrutura própria e com pertinência sócio-cultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes e saber-fazer*”, sendo, por isso, fundamental, quer para a nossa formação enquanto educadores de infância, quer para as aprendizagens das crianças, que articulemos as diferentes áreas e respetivos domínios inscritos.

Este propósito consiste em levar a cabo um projeto que evidencie o papel das diferentes expressões (motora, dramática, plástica e musical) para a educação ambiental.”*Na educação infantil (...) é importante enfatizar a sensibilização com a percepção, interação, cuidado e respeito das crianças para com a natureza e cultura destacando a diversidade dessa relação*”⁵. A educação ambiental diz respeito a todos nós, crianças e adultos. Para Oliveira (2006)⁶, a característica principal da educação Ambiental “*consiste no facto de ser orientada para a solução de problemas concretos do ambiente em que o Homem vive.*” Acrescentaria, ainda, que são problemas que o próprio Homem criou, pondo em causa, segundo o mesmo autor, a “*sua Qualidade de Vida actual e futura (e mesmo da sua sobrevivência)*”.

No que diz respeito à estrutura, este trabalho apresenta-se, primeiramente, com a caracterização do meio, seguido da caracterização da escola, onde elucidarei a estrutura

³ Alarcão e Tavares (1987), *cit in* Estrela, M. (org) *et al* (1997), *Viver e construir a profissão docente*. Porto: Porto Editora (p.53).

⁴ Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica – Ministério da Educação (p.47).

⁵ UNESCO, 2007. *Vamos cuidar do Brasil : conceitos e práticas em educação ambiental na escola*. Brasília. Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental. (disponível em <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf>, acessado a 19 de Fevereiro de 2012)

⁶ Oliveira, L. (2006). *Educação Ambiental – Guia prático para professores, monitores e animadores culturais e de tempos livres*. 7ª edição. Lisboa: Texto Editora

física, humana, administrativa e social e a caracterização da sala, da rotina diária, do grupo de crianças (os interesses/necessidades e as capacidades/dificuldades) bem com da família. O tipo de metodologias a adotar, a articulação dos conteúdos, o conjunto de macro-estratégias de atuação e a avaliação do projeto também serão evidenciados.

1. Caracterização do Meio

A escola onde irei realizar o meu estágio pedagógico, a EB1/JI de Maricas (São Roque II), situa-se na Canada das Maricas, freguesia de São Roque, no concelho de Ponta Delgada. Esta freguesia, que apresenta uma área de 7,16 km², com cerca de 4 414 habitantes (segundo os censos de 2001), situa-se na costa sul da ilha de São Miguel e confronta-se com o mar e com as freguesias de São Pedro, Fajã de Baixo, Livramento, Pico da Pedra e com a Vila de Rabo de Peixe.

Devido à proximidade com a cidade de Ponta Delgada, é no setor terciário que grande parte dos habitantes da Freguesia de S. Roque se encontram a laborar. No entanto, os setores primários e secundários são outros importantes pilares da base económica desta freguesia. A agricultura e a Pecuária representam um importante meio de subsistência da população, verificando-se a crescente emergência da indústria, dos serviços e do comércio.

Nesta freguesia existe a Fábrica de Conservas “Corretora”, construída em 1956 e situada na 2ª Rua do Terreiro, destinada ao fabrico de conservas de frutas. Outra empresa em grande expansão, ligada às artes gráficas açoriana, nasceu, também, nesta freguesia. Trata-se da Nova Gráfica, uma empresa detentora de diversos prémios de mérito e conta com um processo inovador de impressão digital.

Também ligado aos serviços, existe ainda uma farmácia, um posto de correios (C.T.T. – situado nas antigas instalações do Cabo Telegráfico Submarino entre Portugal e os Açores), um talho, uma peixaria, alguns estabelecimentos de venda de eletrodomésticos, mobiliário, ferragens e material de construção, alguns restaurantes, pequenas casas de pasto, cafés, um supermercado e um Aparthotel. Todo este comércio tem contribuído para o desenvolvimento económico da freguesia.

Outro aspeto importante é o da existência de *“uma grande heterogeneidade social, económica e cultural das famílias. Podemos encontrar famílias com bom nível de vida e com formação média ou superior e, também, agregados familiares com níveis*

*de escolaridade muitos baixos e de fracos recursos socio-económicos, que vivem em ambientes degradados e apresentam graves problemas de alcoolismo, comportamentos desviantes, desemprego, droga e instabilidade familiar.”*⁷

A freguesia de S. Roque possui espaços físicos agradáveis, “*próprios para refúgio ao bulício típico do quotidiano das zonas urbanas e limítrofes*”⁸. Nesta localidade existem magníficas praias que possibilitam momentos de lazer a todos quanto as visitam. No entanto, oferece algumas dificuldades de circulação rodoviária e pedonal, “*sendo mesmo potencialmente perigoso, uma área significativa de S. Roque.*”⁹ A Igreja Paroquial, sobranceira ao mar, merece um lugar de destaque, bem como as várias ermidas, fontanários e o conhecido miradouro situado no ilhéu de São Roque, que inicialmente deu o nome a esta freguesia – Rosto de Cão.

Esta localidade conta, ainda, com uma Junta de Freguesia, um Centro Social Paroquial com Creche, Jardim-de-infância e Lar de Idosos.

A nível recreativo e cultural, destaca-se o Grupo Desportivo de São Roque, fundado em 1960, conhecidos vulgarmente como “Os Amarelos de S. Roque”, devido à cor do seu equipamento (azul e amarelo). Embora não esteja em atividade, esta freguesia possui uma banda filarmónica, a Lira de S. Roque. O grupo de escoteiros merece, também, destaque, na medida que possibilita aos jovens um maior desenvolvimento pessoal e social.

A maior festa desta localidade realiza-se no penúltimo Domingo de Agosto, a festa do Santo Padroeiro (São Roque). As festividades em honra do divino Espírito Santo são, também, muito apreciadas e vividas pelo povo da freguesia.

2. Caracterização da Escola

Em primeiro lugar, importa referir que o grupo de crianças da sala do pré-escolar de 5/6 anos, orientados pela educadora Sandra Mendes, encontra-se nesta escola temporariamente (por um período de dez meses), devido a obras de reconstrução da sua escola, a EB1/JI Padre Domingos Silva Costa (Livramento II), da freguesia do Livramento.

⁷ Disponível em <http://www.ebiri.edu.azores.gov.pt/index.htm>, consultado a 14 de Março de 2012

⁸ Disponível em <http://www.ebiri.edu.azores.gov.pt/index.htm>, consultado a 14 de Fevereiro de 2012.

⁹ Idem

O edifício da EB1/JI São Roque II, do Plano dos Centenários, é do tipo P3 e foi inaugurado em 1988. A sua localização já foi referida anteriormente.

Esta escola dispõe de dezasseis salas de aula, diversas estruturas de apoio e um refeitório. Este último espaço, devido ao grande número de crianças daquela escola (em muito derivado à incorporação da escola do Livramento II), tem de ser ocupado em dois momentos distintos: num primeiro momento, das 12 horas, às 12 horas e 30 minutos, e num segundo momento, das 12 horas e 30 minutos, às 13 horas. Junto a esta zona do refeitório, encontra-se a cozinha, onde as assistentes operacionais preparam as refeições (são confeccionadas por uma empresa de *catering*) e o polidesportivo (com respetiva arrecadação), onde se praticam diversas atividades físicas e encontra-se munido dos seguintes materiais: trampolim, tabela de basquete, espaldares, bancos suecos, colchões, arcos, bolas, cordas e pinos.

As salas destinadas à educação pré-escolar possuem um *hall* de entrada, onde as crianças tomam o seu leite a meio da manhã. Nesta mesma zona há a sala dos professores, onde estes se reúnem à hora de almoço e intervalos. A sala onde nos encontramos, por ser uma sala adaptada ao pré-escolar, não se enquadra nestes formatos, apesar de, também, possuir um pequeno *hall* de entrada. Este pequeno espaço é, contudo, partilhado com os meninos do segundo ano, que se encontram na sala da frente. Na mesma sala funciona, simultaneamente, o ATL da escola, a partir das 15 horas.

A escola possui uma biblioteca, porém teve de ser desmanchada, pelo mesmo motivo de falta de espaço; um gabinete de reprografia, com uma fotocopiadora a funcionar; duas salas de pessoal (uma já existente que serve o pessoal do núcleo de S. Roque II e outra improvisada para o pessoal do Livramento II); uma casa de banho para adultos, trinta casas de banho para alunos.

No P.E.E. salienta-se a importância da utilização das novas tecnologias para o desenvolvimento de projetos que se quer implementar nas Escolas. No entanto, esta é uma realidade com algumas limitações, já que a escola das Maricas tem estabelecido a ligação à Internet (que só se estende à sala de professores do núcleo de S. Roque II), mas possui, apenas, quinze computadores, em que a maior parte deles encontram-se inoperacionais.

Para se fazer uma abordagem aos recursos humanos desta escola, devemos ter em atenção as especificidades dos dois diferentes núcleos: do núcleo de S. Roque II e do núcleo do Livramento II.

Neste sentido, o corpo docente de São Roque II é composto por três educadoras de infância, cinco professores do 1º ciclo do Ensino Básico, uma educadora de ensino especial, dois professores de ensino especial, um professor de educação física, uma professora de inglês em itinerância e uma representante de estabelecimento, pois a coordenadora é docente da EB1/JI Livramento Poço Velho. Também colaboram com este núcleo escolar uma terapeuta de fala, uma técnica de educação especial e reabilitação e uma psicóloga. O corpo não docente é constituído por cinco assistentes operacionais, que têm a seu cargo a limpeza da escola, o acompanhamento das crianças durante o recreio e a preparação do almoço.

Quanto ao núcleo de Livramento II, é constituído por quatro educadoras de infância, sete professores do 1º ciclo do Ensino Básico, uma professora de ensino especial, um professor de apoio, um professor de educação física e uma professora de inglês. Estes docentes usufruem do mesmo espaço, mas trabalham de forma totalmente separada. As reuniões de núcleo, as informações do Conselho Executivo, as atividades pedagógicas, o leite escolar e todas as demais informações são transmitidas em separado. A coordenadora do Livramento II está a exercer funções na escola de S. Roque II e existe a representante de estabelecimento no Livramento I.

Devido às obras, três educadoras de infância ficaram no livramento I, enquanto a restante educadora de infância e os outros docentes, foram para S. Roque II. O professor de educação física e a professora de inglês prestam serviço aos dois núcleos (Livramento I e Livramento II).

O corpo não docente do Livramento II é constituído por quatro assistentes operacionais, embora uma das senhoras falte com muita frequência por ter necessidade de dar assistência ao marido, por motivos de doença grave. Estas senhoras participam na limpeza do estabelecimento escolar, na distribuição das refeições e prestam acompanhamento às crianças da freguesia do livramento no autocarro, tanto na vinda para a escola, como no regresso a casa.

Existe uma funcionária de uma empresa de limpeza que auxilia na limpeza dos blocos, pelo facto das assistentes operacionais do livramento acompanharem as crianças no final da atividade letiva e não terem tempo para realizar este trabalho.

3. Caracterização da Sala de Atividades

A sala é ampla e com boa luminosidade. No entanto, devido à existência de grandes janelas (de madeira e com vidros simples) viradas para o sol, a sala torna-se quente, mesmo em dias mais nebulados. Nela, encontramos mobiliário num estado razoável. Todavia, como já foi referido anteriormente, a sala do pré-escolar onde encontramos é partilhada com o ATL, que funciona naquela escola a partir das 15 horas, existindo, por isso, um acumulado número de estantes junto das paredes. Destas estantes, apenas uma pequena está destinada ao grupo de crianças do pré-escolar (para os seus trabalhos e algum material de trabalho), além de um armário fechado, onde a educadora titular guarda os seus pertences e material. Aquele que não cabe no armário (como as tintas, cartolinas, frascos, entre outros) encontra-se guardado em caixotes, em cima dos referidos armários ou na sala em frente (na sala do 2º ano, da professora Adriana).

Aliás, é notório o bom relacionamento que, tanto a educadora titular, como o seu grupo de crianças têm com a Professora Adriana e com os seus alunos, na medida em que, frequentemente, estes alunos vão à sala de aula ler textos elaborados pelos mesmos, com o intuito de estimular o gosto pela escrita e leitura e, simultaneamente, despertar nas crianças do grupo do pré-escolar o mesmo gosto.

Segundo o PCG, *“a organização do espaço e materiais da sala de actividades é flexível e faz-se de acordo com as necessidades e evolução do grupo, pelo que pode sofrer modificações ao longo do ano lectivo.”* Na verdade, a sala de actividades não se encontra, ao contrário do que é habitual verificar nas salas do pré-escolar, dividida em diversas áreas, por falta de espaço. Apenas se verifica o cantinho da casinha, embora seja necessário ser montado e desmontado, antes e após a sua utilização. Não existe manta e os jogos e a garagem são guardados em caixas e retirados sempre que sejam utilizados.

Ao centro da sala, podemos encontrar oito mesas, com as respetivas cadeiras, dispostas em dois grupos (quatro mesas em cada) e onde são realizadas a maior parte das actividades (o acolhimento, ouvir histórias, cantar, trabalhos diversos, entre outros); uma mesa junto da porta de entrada, que serve para colocar alguns pertences dos alunos; duas mesas encostadas aos armários do fundo, que não têm utilidade, mas que se encontram naquele espaço, porque o ATL é frequentado por vinte e seis crianças (Anexo I).

Esta disposição deve-se, além da falta de espaço, ao facto do grupo, na sua grande maioria, transitar, no próximo ano letivo, para o primeiro ano do Ensino Básico. Por sua vez, as crianças, por estarem habituadas a esta disposição da sala (e porque o

material apresenta-se com estragos), não mostram muita vontade em participar nas brincadeiras livres, nos dias que são montados os cantinhos, acabando mesmo por solicitarem trabalho orientado à educadora cooperante.

Ao fundo da sala, encontra-se, ao centro, um quadro de giz, com um apagador. Existem, também três placards de cortiça, destinados à exposição de cartazes, mas que apenas um foi destinado ao grupo de crianças do pré-escolar e os restantes para as crianças do ATL.

A decoração do espaço é aquela que já existia no ATL, não tendo a educadora titular optado por alterá-la.

Finalmente, no que se refere à Componente de Apoio à Família, o jardim-de-infância apenas oferece a valência de almoço, sendo que dezoito crianças beneficiam deste serviço.

4. Organização da Rotina Diária

Para Hohmann & Weikart (2004)¹⁰ a rotina diária, permite *"às crianças antecipar aquilo que se passará a seguir e dá-lhes um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento do seu dia pré-escolar(...)"*, isto é, permite que as crianças se sintam e partes integrantes, pois serve para orientar as ações das crianças e do educador. A distribuição do tempo educativo é feita de modo flexível, mas corresponde a momentos que se repetem com uma certa periodicidade.

Neste sentido, das 9h00m às 10h30m, é feito o acolhimento, a partir canção dos bons dias, conto das novidades, marcação das presenças, observação e marcação do tempo, a reflexão acerca da atividade anterior, a planificação da atividade seguinte (introdução), finalizado com atividades orientadas.

Das 10h30m às 11h00m, é o tempo destinado à toma do leite e posterior ida para o recreio. O regresso à sala de atividades dá-se pelas 11h00m, altura em que são realizadas as atividades, seguido da arrumação da sala. Pelas 12h00, as crianças vão almoçar ao refeitório, na presença da educadora titular (até às 12h30m).

A partir das 12h30m, as crianças podem realizar brincadeiras livres e diversificadas, ao ar livre, em dias de sol. Pelas 13h30m, o grupo regressa à sala de atividades, onde se promove um diálogo acerca do que se comeu, seguido da

¹⁰ Hohmann, M. & Weikart, D. (2004). *Educar a criança*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. (p.8)

continuação da atividade da manhã ou início de novas atividades, diálogo/ ouvir música/ cantar/ouvir história ou poesia e jogos e/ou brincadeiras.

A arrumação da sala, a preparação para regressarem a casa (vestir casacos, pegar nas mochilas) e a construção do comboio dá-se durante as 14h45m e as 15h00m.

O único trabalho cooperativo existente entre este grupo de crianças e outros da mesma escola, é aquele que é realizado entre o nosso grupo de crianças e a turma do 2º ano, referenciado anteriormente (ponto 3 – Caracterização da Sala de Atividades).

5. Caracterização do Grupo

A presente caracterização foi realizada a partir dos dados recolhidos das observações efetuadas, do diálogo com a educadora titular e da análise do Projeto Curricular do Grupo (PCG).

Assim, conclui-se que o grupo é constituído por dezanove crianças, sendo onze do sexo feminino e oito do sexo masculino, com idades compreendidas entre os quatro e seis anos. Frequentam o jardim-de-infância, pela primeira vez, duas crianças, com quatro anos de idade e uma com cinco anos; pela segunda vez, duas crianças com cinco e duas com seis anos de idade; pela terceira vez, doze crianças com cinco anos de idade (Anexo II). As crianças que frequentam pela primeira vez o jardim-de-infância fizeram, uma rápida e fácil integração. A frequência tem sido assídua e pontual. Três das crianças que já vêm do ano letivo transato têm terapia da fala na escola e uma menina tem particularmente.

Como já foi referido, estas crianças utilizam o autocarro escolar para a deslocação casa/escola e escola/casa. Nem todas as crianças residem com ambos os pais, porque, do total de crianças, duas têm os pais separados. Outro aspeto a reter é que três crianças vivem em famílias desestruturadas, estão sinalizadas, tanto na Comissão e Proteção de Menores, como no Tribunal de Família.

De um modo geral, é um grupo de crianças que manifesta autonomia na realização das suas tarefas de higiene e ao vestir e despir o casaco, já dominam as regras base de funcionamento do jardim-de-infância, sabem brincar em grupo com harmonia, são atentos e participativos na realização de trabalhos, aderem com prazer às experiências de aprendizagem propostas e demonstram curiosidade, desejo de saber, interesse em observar, em experimentar, comentar experiências vividas, bem como aprofundar conceitos científicos.

Para além disso, todos apresentam equilíbrio corporal e têm desenvolvida a sua motricidade global, no entanto, destaca-se as dificuldades da motricidade fina do L. Falam com facilidade sobre as suas experiências, gostos, desejos e motivações, embora o B, a F, o P e a D apresentem dificuldades de fala (a última bastante acentuada). Na leitura, destacam-se o P, o M e o S, por conseguirem associar um som à junção das letras e consequente leitura de palavras simples; o restante grupo reconhece todas as letras do alfabeto e identifica as letras do seu nome. Apenas o L e a E não sabem escrever os seus nomes, nem copiar palavras do quadro. Todos conseguem contar até vinte e associar estes números a uma quantidade. Uma vez mais, o O, o M e o S são as crianças que se evidenciam, pois já conseguem contar até cem e sabem operações da adição simples; a D, a C, a F, o G, a H, a I, a N também conseguem contar até cem e fazer operações da adição simples, no entanto com o apoio do adulto; o K, o P, a E, o L, o A, o B, a Q e a J não conseguem contar até cem, nem identificar os algarismos de vinte a cem.

Apesar de o grupo apresentar, na sua generalidade, um desenvolvimento ajustado à sua idade, existem alguns casos onde é necessário prestar mais apoio na realização das atividades. São eles: o A, que distrai-se com facilidade, mas que tem, segundo as observações realizadas, evoluído muito; a E (segundo a educadora titular, foi pouco estimulada na creche, onde esteve até o ano passado), os irmãos K e Q (que no ano passado passaram por cinco escolas diferentes), o P e o L.

6. Caracterização da família

Segundo a educadora titular, os pais deste grupo mostram preocupação e interesse no progresso dos seus educandos, fazendo um trabalho contínuo em casa. Desta forma, verifica-se uma boa articulação entre este grupo do jardim-de-infância e a família, sendo que *“os efeitos da educação do pré-escolar estão intimamente relacionados com a articulação com as famílias”*¹¹.

Os encarregados de educação são maioritariamente as mães. De um modo geral, a maioria dos pais trabalham por conta de outrem, em atividades profissionais bastantes diversas. Porém, alguns pais e mães encontram-se desempregados. Alguns agregados familiares são muito complicados, apresentando problemas de alcoolismo, falta de

¹¹ Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica – Ministério da Educação (p. 22)

habitação e várias carências sociais. Normalmente são famílias beneficiadas do Rendimento Social de Inserção (RSI).

No que diz respeito às habilitações literárias dos pais, verificamos que são as mães que evidenciam percursos escolares mais adequados e variam entre o cumprimento do ensino obrigatório e o ensino superior.

A idade média dos pais situa-se nos trinta e três anos e das mães nos vinte e seis anos. Alguns destes pais encontram-se separados (divorciados), um pai num estabelecimento prisional, a cumprir pena e outro a laborar no estrangeiro. Desta forma, do total de crianças, duas não vivem com os pais (vivem apenas com as mães) e as restantes crianças vivem com ambos os pais e, quando existem, com os irmãos (Anexo III). Assim, no que se concerne ao número de irmãos por crianças, oito crianças não têm irmãos, sete têm um irmão, três têm dois e apenas um tem mais que três irmãos.

7. Metodologias e Macroestratégias de atuação

Na sua prática educativa, o educador não deverá basear-se em apenas numa escolha metodológica. Pelo contrário, se o educador quiser atender os interesses e necessidades de todas as crianças, deverá utilizar diferentes modelos de ensino adequados às aprendizagens e experiências do grupo. De acordo com Ramos & Pinheiro (1998)¹², *“O contexto de aprendizagem pode ser modificado, acentuando esta possibilidade de modificação o carácter estratégico da opção por um outro método.”* Para os mesmos autores, a escolha dos métodos prende-se com *“as características do saber a transmitir, as características dos formandos [(das crianças)]; os condicionalismos e os recursos (...)”*.

Como já é conhecido, a disposição da sala de jardim-de-infância onde intervenho, possui características muito próprias. O grupo de crianças apresenta, por isso, uma dinâmica de trabalho muito própria, fruto, quer de circunstâncias que advêm do espaço físico, quer do trabalho que a educadora titular promove.

Tendo em consideração as consequências daí resultantes é difícil enquadrar a minha intervenção em apenas um modelo. Debrucei-me, essencialmente, nas *Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (O.C.P.E.)*.

As O.C.P.E. são um importante instrumento de orientação de trabalho para o educador. Na verdade, as O.C.P.E. destinam-se à organização da componente letiva

¹² Pinheiro, J. & Ramos, L. (1998). *Métodos Pedagógicos*. 3ª edição. Instituto do Emprego e Formação Profissional (p.37)

pois, segundo o mesmo documento, “*Não são um programa, pois adoptam uma perspectiva mais centrada em indicações para o educador do que na previsão de aprendizagens a realizar pelas crianças. Diferenciam-se também de algumas concepções de currículo, por (...) incluírem a possibilidade de fundamentar diversas opções educativas e, portanto, vários currículos*”(p.13). Compreende-se, então, que em Educação Pré-Escolar não existe um currículo, mas uma articulação harmoniosa de “*vários currículos*”, ou seja, de vários Modelos Curriculares.

Podemos, assim, afirmar que foi tomado em conta um “misto” de alguns Modelos Curriculares, dos quais destacaria o Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna, não tanto no que se concerne a questões de espaço, mas no que diz respeito à organização do dia.

O meu perfil como futuro educador de infância assemelha-se ao perfil dos educadores que se inscrevem neste Modelo, isto é, “*assumem como promotores da organização participada; dinamizadores da cooperação; animadores cívicos e morais de treino democrático; auditores activos para provocarem a livre expressão e a atitude crítica. Mantêm e estimulam a autonomização e responsabilização de cada educando no grupo de educação cooperada*” (p. 155)¹³.

Segundo Germinet (1997)¹⁴, “*A aprendizagem pela acção leva o aluno a escolher caminhos obrigando-o a contornar todos os obstáculos e leva-o para lá daquilo que os seus conhecimentos lhe permitiam vislumbrar à partida*”. Assim sendo, pretendo recorrer a um modelo de ensino-aprendizagem centrado numa metodologia ativa e participativa, que tem por base o aprender a aprender e o ensinar a pensar, o que permite às crianças se tornarem observadoras ativas, no sentido de “*facilitar[, também,] a transição da criança para a escolaridade obrigatória*”¹⁵.

Nas O.C.P.E., podemos constatar que a existência de uma rotina é importante e “*educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças*”. No entanto, é minha intenção modificar um pouco a existente, pois “*as propostas do educador ou das crianças podem modificar o quotidiano habitual.*”¹⁶

¹³Niza, S. In Formosinho, J. (Org.) et al. (1998). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. 2ª edição atualizada. Porto: Porto Editora

¹⁴Germinet, R. (1999). *Aprendizagem pela Acção*. Lisboa: Instituto Piaget (p.50)

¹⁵ Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica – Ministério da Educação.(p.28)

¹⁶Idem, p.40

Também, de acordo com o Modelo Curricular High-Scope, o educador deve pensar numa gestão da rotina, onde o tempo deve ser proveitoso, tanto a nível de experiências educacionais, como de interações positivas.

Irá ser proporcionado vários momentos de trabalho de grupo, de trabalho a pares e de trabalho individual, o que permite adquirir competências como o desenvolvimento individual inserido em grupo, a aquisição de normas para o trabalho em equipa, bem como uma colaboração entre as crianças. O Modelo Reggio Emilia privilegia a criança enquanto agente ativo, o que permite à criança trabalhar em grupo, interagindo com o educador numa perspetiva dialogante e lúdica. Dado a faixa etária do grupo de crianças, não poderei descuidar do lúdico, na medida em que esta vertente é muito importante e deve estar vincada na sala de jardim-de-infância durante todos os momentos do dia.

Em suma, privilegiarei uma pedagogia organizada e estruturada, tendo como suporte a atividade lúdica característica destas faixas etárias, uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação, que inclua todas as crianças, aceite as diferenças, apoie a aprendizagem e responda às necessidades individuais, além de ter uma perspetiva de que as crianças aprendem ativamente. Conhecer e compreender os contributos para a proteção do meio ambiente, para o equilíbrio ecológico e para a preservação do património é a competência chave que pretendo desenvolver ao longo das minhas intervenções. Será sempre meu propósito adequar a prática educativa às atividades propostas, quer pela educadora titular quer pelas colegas de núcleo pedagógico.

O conjunto de atividades que proponho desenvolver surge da articulação das diferentes áreas de conteúdo apresentadas nas *Orientações Curriculares para o Pré-Escolar*, nomeadamente, a área de Formação Pessoal e Social e a área de Expressão e Comunicação (domínios da expressões musical, plástica, domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e domínio da matemática). Também foi tido em consideração, para o planeamento das mesmas atividades, o PCG, o PAA e PCE.

O relacionamento existente entre as crianças da sala do 2º ano (localizada em frente à sala do jardim-de-infância) também será objeto de atenção nas minhas práticas pedagógicas.

As minhas intervenções pedagógicas estão calendarizadas para o mês de Março, dias 5 e 6 e do dia 26 ao dia 30, e para o mês de Maio, dias 7 e 8. Todavia, a calendarização das atividades (Anexo IV) poderá sofrer alterações, pois este é um

processo contínuo, onde se vai conhecendo melhor as características individuais de cada criança e acompanhando as suas evoluções e necessidades.

8. Avaliação

A avaliação das aprendizagens decorrentes da ação educativa será feita essencialmente através de observação direta, a partir de registos baseados nas respostas e ações das crianças, pois é esta observação que permitirá uma reorientação e/ou reformulação, sempre que tal se justifique. Para os referidos registos, serão utilizadas listas de verificação, grelhas de avaliação (com algumas das Metas para a Educação Pré-Escolar) e o Caderno de Observações Diretas. Também, para a avaliação, serão tidos em consideração a recolha de trabalhos realizados pela criança (individualmente ou em grupo) e um registo fotográfico.

Por sua vez, o Decreto-Lei nº 241/2001, de 30 de Agosto - Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância (II, ponto 3, alínea c) refere que “*o educador avalia, numa perspectiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adoptados, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo*”.

Deste modo, será feita uma análise vertical e horizontal, onde se pretende avaliar as crianças e a minha ação, pois “*Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. (...) Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento.*”¹⁷

Bibliografia

- Estrela, M. (org) *et al* (1997), *Viver e construir a profissão docente*. Porto: Porto Editora.
- Germinet, R. (1999). *Aprendizagem pela Acção*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2004). *Educar a criança*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica – Ministério da Educação.

¹⁷I Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica – Ministério da Educação.(p. 27)

- Niza, S. In Formosinho, J. (Org.) et al. (1998). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. 2ª edição atualizada. Porto: Porto Editora.
- Oliveira, L. (2006). *Educação Ambiental – Guia prático para professores, monitores e animadores culturais e de tempos livres*. 7ª edição. Lisboa: Texto Editora.
- Pinheiro, J. & Ramos, L. (1998). *Métodos Pedagógicos*. 3ª edição. Instituto do Emprego e Formação Profissional.
- UNESCO, 2007. *Vamos cuidar do Brasil : conceitos e práticas em educação ambiental na escola*. Brasília. Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental (disponível em <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf>, acessado a 19 de Fevereiro de 2012).

Outros Documentos

- Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto.

Sites Consultados

- http://www.encyclopedia.com.pt/articles.php?article_id=531, consultado a 20 de Fevereiro de 2012
- <http://www.ebiri.edu.azores.gov.pt/index.htm>, consultado a 14 de Fevereiro de 2012.
- <http://www.ebiri.edu.azores.gov.pt/index.htm>, consultado a 14 de Março de 2012.

Anexos

Anexo I Disposição da sala



Anexo II

Quadro 1: Distribuição por idades e anos de frequência

Frequência	1^a	2^a	3^a
Idade	vez	vez	vez
4 anos	2		
5 anos	1	2	12
6 anos		2	
Total de crianças:	19		

Anexo III

Quadro 2: Pessoas que as crianças moram

Pessoas com quem as crianças moram	N.º de alunos
Pai e Mãe/ irmãos	16
Só Mãe e irmãos	2
Pai, Mãe e avós	1

Anexo IV

Proposta de Calendarização

DATA	ATIVIDADES
5 e 6	<p>Tema: As figuras geométricas</p> <ul style="list-style-type: none">• Leitura do poema “As figuras geométricas”;• Exploração do mesmo no sentido privilegiar a dimensão da consciência fonológica ao nível das rimas, da unidade sílaba e a direccionalidade da escrita;• Apropriação e exploração das peças dos “Blocos Lógicos”;• Leitura da “História do Quim Quadrado”;

de Março	<ul style="list-style-type: none"> • Construção dos fantoches (Quim Quadrado, Cristiano Círculo; Rita Retângulo e Tó Triângulo); • Reprodução de uma imagem projetada, a partir de colagens de figuras geométricas de cartão.
26 a 30 de Março	<p>Tema: A Primavera e a Páscoa</p> <ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de papel reciclado; • Introdução de uma nova canção dos dias da semana e de uma nova canção do “<i>Bom Dia</i>”; • Dramatização, com um pequeno grupo de crianças, da história “A dor de barriga do Azulinho”; • Jogo “Colocar os resíduos sólidos no ecoponto certo”; • Leitura das histórias “<i>Um rabinho de coelho</i>” e “<i>Os ovos misteriosos</i>”; • Construção da caixa de uma caixa onde irão colocar amêndoas; • Construção e decoração de ovos da páscoa; • Canção “<i>Coelhinho Novo</i>”; • Elaboração de postais da páscoa, a partir do papel reciclado criado pela crianças; • Jogo “Caça ao Ovos”, juntamente com a turma do 2º ano;
30 de Abril	Avaliação Intermédia
7 e 8 de Maio	Tema: As profissões
25 de Maio	Avaliação Final



Universidade dos Açores
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado em Educação Pré - Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico
Ano Letivo de 2012/2013 – 1ºSemestre

Projeto Formativo

Prática Educativa Supervisionada II

Docente da Disciplina: Mestre Ana Sequeira

Orientadora Cooperante: Professora Adriana Soares

Mestrando: Carlos Dias

Ponta Delgada, 3 de novembro de 2012

ÍNDICE

Introdução.....	3
1. Caraterização da escola.....	4
2. Caraterização da sala de aulas	6
3. Caraterização da turma.....	7
4. Caraterização do agregado familiar	8
5. Levantamento de necessidades/problemas.....	9
6. Metodologias e macroestratégias de atuação	10
7. Calendarização das atividades.....	13
8. Avaliação.....	14
Referências Bibliográficas e Bibliografia:	16
Anexos	17

Introdução

O presente projeto formativo surge no âmbito da disciplina de Prática Educativa Supervisionada II, integrada no 2º ano do mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico. De acordo com o que foi referido no projeto formativo realizado para a disciplina Prática Educativa Supervisionada I, *“trata-se de um documento que se define por ser um plano de formação e de intervenção pedagógica, isto é, um conjunto de intenções para a minha prática pedagógica”* (p.3), que se realizará na EB1/JI de Maricas (S. Roque II)¹, com a turma do 3º B .

O projeto formativo, como o próprio nome indica, é um plano de formação e de intervenção pedagógica, em constante atualização. Perrenoud (citado por Pais, A. & Monteiro, M., 2002) refere que “as intenções didáticas variam consoante, não só os professores, os momentos e o tipo de actividade, mas também o grau e o género de preparação.

A preparação reúne e organiza informações e materiais em função do projecto didáctico” (p.38).

Considerando a essência deste projeto, o presente documento terá como ponto de partida a recolha, a análise e a interpretação da informação recolhida, a partir dos programas do 1º Ciclo do Ensino Básico, do Currículo Regional, do Projeto Educativo de Escola (PEE), do Plano Anual de Atividades (PAA), do Projeto Curricular de Turma (PCT) e de registos resultantes de observações diretas efetuadas. Paralelamente, neste documento constarão as metodologias e as macroestratégias de atuação (letivo e extra letivo), uma proposta de calendarização das fases de implementação do projeto, bem como as formas de avaliação da implementação do mesmo.

A disciplina de Prática Educativa Supervisionada II é de extrema importância para a formação de futuros professores do 1º Ciclo do Ensino Básico, pois prepara-nos para as mais diversas situações com que poderão confrontar no futuro. Interessa, no entanto, perceber algumas questões: Que tipo de professor serei? Um transmissor de conteúdos programáticos preestabelecidos ou um dinamizador da “construção do conhecimento pelos próprios alunos de forma simultaneamente individualizada,

¹ Importa referir que se trata de uma turma do 3º ano da EB1/JI Padre Domingos Silva Costa (Livramento II), da freguesia do Livramento, que se encontra, juntamente com as restantes turmas da referida escola, temporariamente na EB1/JI de Maricas (S. Roque II), até terminadas as obras de requalificação da sua escola (assunto que será abordado mais adiante.)

personalizada e participada” (Venâncio & Otero, 2003.p.64)? Um professor autoritário, o único detentor do saber, ou um professor atento aos conhecimentos prévios dos alunos, assim como às suas necessidades e/ou dificuldades? Serei capaz de fomentar a criatividade dos “meus” alunos?

O importante é planificar tendo em atenção que o que está em causa é a criança e é em função dela que a planificação terá de ser feita. Pretendo, por isso, na minha prática letiva, diferenciar materiais e experiências de aprendizagens, promotoras tanto do crescimento cognitivo, como do afetivo, sensorial e estético das crianças.

Torna-se, portanto, imprescindível o “contato” direto que irei ter com o currículo, uma vez que este será um guia, quer para a preparação como o desenrolar da minha ação. Outra importante referência para o planeamento e avaliação das experiências de aprendizagens pedagógicas serão os programas do 1.º Ciclo de Ensino Básico, nomeadamente das disciplinas de Português, Estudo do Meio, Matemática, Expressão e Educação Física-Motora, Musical, Dramática e Plástica.

No que diz respeito à estrutura, este documento apresenta-se, primeiramente, com a caracterização do meio, seguido da caracterização da escola, onde elucidarei a estrutura física, humana, administrativa e social e a caracterização da sala, da rotina diária, do grupo de crianças (os interesses/necessidades e as capacidades/dificuldades) bem com da família. Estas caracterizações têm como objetivo não só melhorar o conhecimento dos alunos, como adequar o currículo, de forma a apresentar uma linha orientadora, que permita, em conjunto (órgãos de gestão, professores, alunos, pais/encarregados de educação), contribuir para o sucesso de todos os alunos.

O tipo de metodologias a adotar, a articulação dos conteúdos, o conjunto de macroestratégias de atuação e a avaliação do projeto também serão evidenciados.

1. Caracterização da escola

O edifício da EB1/JI São Roque II, do Plano dos Centenários, é do tipo P3 e foi inaugurado em 1988. Sumariamente, esta escola dispõe de dezasseis salas de aula, diversas estruturas de apoio, um refeitório e um polidesportivo (com respetiva arrecadação).

A escola possui uma biblioteca, porém teve de ser desmanchada, pelo motivo de falta de espaço; um gabinete de reprografia, com uma fotocopiadora a funcionar (que podemos utilizá-la); duas salas de pessoal (uma já existente que serve o pessoal do núcleo de S. Roque II e outra improvisada para o pessoal do Livramento II); uma casa de banho para adultos, trinta casas de banho para alunos.

No exterior, existe um pequeno recinto para a prática de desporto, que por vezes é utilizado pelos professores de educação física. O espaço para o recreio é amplo e rodeia todo o edifício. Neste espaço, encontra-se um pequeno parque de diversão, munido com um baloiço e um escorrega, que podem ser utilizados durante o recreio. Junto à entrada principal, encontra-se um pequeno alpendre, onde as crianças podem abrigar-se de condições metrológicas adversas.

A caracterização do espaço interior, como o exterior, é de extrema relevância para o conhecimento desses espaços, principalmente para o planeamento das intervenções na prática pedagógica. Pois, são espaços onde poderão decorrer algumas das atividades, nomeadamente o recreio e/ou o polidesportivo.

No que diz respeito ao quadro docente, este documento apenas fará referência ao núcleo de Livramento II, pois são os docentes com quem, normalmente, troco ideias e partilho algum do material que é criado para a prática pedagógica. Este núcleo é, portanto, constituído por quatro educadoras de infância, sete professores do 1º ciclo do Ensino Básico, uma professora de ensino especial, um professor de apoio, um professor de educação física e uma professora de inglês. A coordenadora do Livramento II está a exercer funções na escola de S. Roque II e é a pessoa com quem temos de tratar as questões relacionadas com os recursos TIC ou outro tipo de materiais de desgaste que necessitemos.

Devido à gestão de espaço, as educadoras de infância ficaram no livramento I. O professor de educação física e a professora de inglês prestam serviço aos dois núcleos (Livramento I e Livramento II).

O corpo não docente do Livramento II é constituído por quatro assistentes operacionais. Na escola encontram-se, também, a trabalhar três senhoras, ao abrigo do projeto *PROSA*. Estas senhoras, bem como as assistentes operacionais participam na limpeza do estabelecimento escolar, na distribuição das refeições e prestam acompanhamento às crianças da freguesia do livramento no autocarro, tanto na vinda

para a escola, como no regresso a casa. Uma das senhoras é a responsável por manusear a fotocopiadora e facultar-nos as cópias que vimos a necessitar.

Uma vez conhecidas e identificadas algumas das especificidades das funções de algum pessoal docente e não docente, torna-se mais fácil o nosso desempenho durante a prática pedagógica, na medida em que sentimo-nos membros integrantes desta equipe de trabalho. Além disso, ficamos a conhecer todo o “mecanismo de funcionamento”, para eventuais necessidades que possam ocorrer durante e após o estágio.

2. Caracterização da sala de aulas

A sala do 3º ano do 1º ciclo, na qual me encontro a realizar a prática pedagógica, situa-se no rés-do-chão, mais concretamente, na entrada à esquerda do refeitório. É uma sala ampla, com dimensões adequadas e proporcionais ao número de alunos e com boa luminosidade. No entanto, devido à existência de três janelões (de madeira e com vidros simples) e de uma porta para o exterior (que se encontra trancada e sem chave), a sala torna-se quente, mesmo em dias mais nebulados.

No que concerne aos recursos materiais, a sala de aula possui uma secretária e uma cadeira da professora, localizada ao lado do quadro, à frente de um armário metálico (destinado à arrumação de materiais diversos da professora titular) e de um móvel com ficheiros (destinados a trabalho autónomo) e de frente para os alunos. No centro/esquerda estão treze mesas (de dois lugares) e vinte e duas cadeiras. A disposição das mesas é feita por três filas paralelas e de frente para o quadro de giz: a primeira fila é formada por duas mesas, encostadas à secretária da professora, onde se sentam três alunos; a segunda e terceira fila são compostas por três mesas cada, onde se sentam seis alunos em cada; na última fila encontram-se duas mesas destinada aos estagiários e às professoras orientadoras.

À direita da sala, verifica-se três mesas juntas, que formam um “U”, viradas para um quadro de giz, de reduzidas dimensões. Nestas mesas estão sentados os três alunos de nível 1.

Ao fundo da sala, encontram-se duas mesas com dois computadores operacionais e com Internet instalada. Ao lado dessas mesas, estão, à direita, os cacifos dos alunos, onde deixam os manuais e outros materiais relacionados, e, à esquerda, uma

estante, destinada a arquivos dos alunos (por cima) e materiais de desgaste (por baixo). No fim das aulas, todos os alunos colocam o seu material nos referidos cacifos, de modo a facilitar a limpeza da sala, que é feita no final do dia.

Nas laterais dos quadros, encontramos placas de cortiça, onde estão afixadas informações diversas e um calendário de aniversário. O restante espaço foi destinado à exposição de cartazes que abordem os conteúdos lecionados (matemática, português e estudo do meio). A única placa de cortiça ocupada na totalidade é a que se encontra na lateral do quadro pequeno, onde se encontram as vinte e oito palavras, do método com o mesmo nome, ilustradas com as respetivas imagens, destinadas aos alunos de nível 1.

Junto da porta de acesso à sala, deparamos, no exterior, com uma bancada com lavatório, o que nos facilita no desenvolvimento de atividades na área da plástica ou de outras que exijam a higienização das mãos e de materiais.

3. Caracterização da turma

Em primeiro lugar, é importante referir que toda a informação apresentada neste ponto resulta das observações realizadas, da análise documental dos processos individuais dos alunos e do PCT.

A turma B, do 3º ano, da escola EB1/JI de Livramento II, da Professora Adriana Soares, é composta por dezoito alunos, oito do sexo masculino e dez do sexo feminino. Desses alunos, dezassete encontram-se matriculados no terceiro ano, pela primeira vez, e um no segundo pela segunda vez.

De um modo geral, a turma apresenta um bom comportamento, não havendo, por isso, qualquer caso de indisciplina evidente. Em alguns momentos (principalmente durante a realização de trabalhos de grupo) demonstra ser um grupo agitado, com tendência a haver “conversas laterais”, desproporcionadas aos temas tratados.

Em relação ao nível de aprendizagens, a turma encontra-se dividida em dois grupos: três alunos de nível 1 (C1, J1 e R1) e quinze de nível 3 (A1, B1, D1, F1, E1, G1, H1, I1, M1, L1, K1, N1, O1, P1 e Q1).

A C1 apresenta um défice cognitivo e beneficia, tal como a J1, de um apoio regular do Ensino Especial. A C1 carece de um trabalho muito sistemático de repetição em todas as áreas curriculares; manifesta dificuldades a nível da organização espaço-

temporal, da motricidade fina e das capacidades de atenção/ concentração. É uma aluna que precisa de se sentir estimulada e o reforço positivo torna-se numa estratégia fundamental para manter a atenção, concentração e motivação nas atividades propostas. A JI tem demonstrado dificuldades no cálculo (mental e por registo) e em realizar seqüências temporais, apresenta uma linguagem imprópria para a idade e um déficit de conhecimento de palavras e de memória ao longo prazo.

O R1 beneficia de apoio educativo, com uma professora de apoio. Segundo o PCT, “de acordo com a Psicóloga Escolar, este aluno revela um funcionamento intelectual global com a classificação descritiva inferior. Refere ainda que manifesta um desempenho inferior em provas que fazem referência ao conhecimento geral factual (essencialmente dados escolares) à memória e organização preceptiva. Apresenta perfil cognitivo compatível com dificuldades na aprendizagem que poderão tornar-se graves.”

Os restantes quinze alunos estão a acompanhar os conteúdos programáticos deste nível de aprendizagem. Deste grupo, o O1, o E1, o P1 e a M1. revelam um ritmo de trabalho e de aprendizagem mais lento, pelo que se torna imprescindível, sempre que haja possibilidade, desenvolver um trabalho individual com estes alunos.

O grupo de nível 3 constitui-se por um conjunto de alunos autónomos na execução das atividades propostas, que compreendem e seguem as instruções, aprendem/retêm os conteúdos explorados nas aulas e relacionam os conhecimentos. Existe, no entanto, algumas discrepâncias no que diz respeito ao ritmo de trabalho desses alunos, ou seja, alguns deles conseguem executar as atividades em tempo útil, enquanto que outros necessitam de constantes estímulos para as efetuarem.

4. Caraterização do agregado familiar

Tal como no ponto anterior, a informação apresentada neste ponto advém da análise documental dos processos individuais dos alunos e do PCT, além das observações realizadas.

Neste sentido, foi possível concluir que é uma turma, em termos socioeconómicos, muito heterogénea. Por um lado, existem alunos provenientes de famílias com bom nível de qualidade de vida e de meios familiares estáveis; por outro lado, deparamo-nos com alunos provenientes de bairros sociais, “caraterizados por uma

por uma desorganização social, com meios familiares pouco estruturados, com fracos recursos económicos e culturalmente desfavorecidos” (citado do PCT).

Associada a alguma precaridade referida anteriormente, está a “baixa escolarização dos pais e/ou encarregados de educação”, as “fracas aspirações e expectativas por parte de alguns pais e ainda por uma crescente desmotivação por parte, também, de certos alunos” (citado do PCT).

Esta heterogeneidade reflete-se no trabalho realizado na sala de aula e, inevitavelmente, na aprendizagens dos alunos. Os alunos provenientes de meios sociais mais favorecidos são aqueles que têm vindo a demonstrar maior interesse nas aprendizagens. Paralelamente, são também os alunos que executam corretamente os trabalhos de casa ou outras tarefas solicitadas, que seja necessário algum apoio dos pais.

5. Levantamento de necessidades/problemas

Tendo em consideração os pontos anteriores, constata-se que a turma encontra-se “repartida” em três diferentes grupos: os alunos de nível 1, os de nível 3 e, dentro deste grupo, existem alguns alunos que necessitam de apoio e incentivo para terminarem a tarefa proposta.

Para a C1, a J1 e o R1 (alunos de nível 1), terá de haver um acompanhamento direto, individualizado e permanente na consecução das atividades propostas. Necessitam, portanto, de um trabalho muito especificado e constante, nomeadamente nas áreas curriculares de português e matemática, no sentido de colmatarem algumas das dificuldades destes alunos. Na área de português irão trabalhar o método das vinte e oito palavras, não na sua versão original (partir da palavra para a sílaba), mas no reconhecimento e melhoramento da aprendizagem destas palavras. A escolha deste método foi decidida pela professora titular, juntamente com a professora de apoio regular do Ensino Especial.

De nível 3, mas com um ritmo de trabalho e de aprendizagem mais lento, estão o O1, o E1, o P1, e a M1. Além do que foi referido no penúltimo parágrafo, do ponto 3 (caraterização da turma), estes alunos assimilam o sentido global de um texto, respondem a questões, articulam corretamente as palavras e leem textos com todos os casos de leitura. Entretanto, leem um texto com pouca expressividade (fluência, clareza

e entoação), aplicam com dificuldade as regras dos sinais de pontuação, escrevem com pouca correção o que copiam, o que lhe ditam e o que criam.

Os restantes catorze alunos conseguem concretizar todas as tarefas a tempo, sem apoio; respeitam e apoiam os colegas que demonstram dúvidas, em suma, apresentam todo o desenvolvimento que é pretendido nesta faixa etária.

Também, devido ao facto de a turma ser muito heterogénea, em termos socioeconómicos, como nos refere no ponto 4, importa referir que serão pedidos poucos trabalhos para casa, pois os alunos provenientes de meios mais desfavorecidos, são aqueles que mais vezes falham nessas tarefas, fazendo com que estes deveres, de certa forma, deixam de ser um instrumento de aprendizagem, passando a ser um elemento perturbador.

Em suma, o conhecimento que nós temos da turma é indispensável, porque serve-nos de base para as nossas planificações, nomeadamente, para a escolha das atividades a desenvolver, não descurando as necessidades e potencialidades de cada um dos alunos. É fundamental que, durante as minhas intervenções, motive todos os alunos, através de estratégias de ensino e de novas aprendizagens: quer os que demonstrem dúvidas, como os que sabem, para que a motivação não se transforme em cansaço.

6. Metodologias e macroestratégias de atuação

Segundo alguma revisão bibliográfica realizada, verifica-se que os autores não são unânimes na terminologia modelo/método. Para melhor entendimento, fica-se pela terminologia utilizada por Barreira & Moreira (2004), ou seja modelos.

Na sua prática educativa, um bom professor não deverá basear-se em apenas numa escolha metodológica. Pelo contrário, se quiser atender os interesses e necessidades de todas as crianças, deverá utilizar diferentes modelos de ensino, adequados às aprendizagens e experiências do grupo. Ou seja, os alunos “não aprendem todos da mesma maneira” (Pinheiro & Ramos, p.41) e é necessário adaptarmos as nossas metodologias às especificidades da turma. Haigh (2010, p. 139) afirma que “não existe uma maneira certa única de ensinar, todas as abordagens têm valor. Temos de usar o equilíbrio de abordagens conforme foi apropriado, dependendo do conteúdo que queremos ensinar e a «prontidão» dos alunos”. Não poderei afirmar, por isso, que ao

longo da minha prática pedagógica utilizarei apenas um único modelo, mas, pelo contrário, diferentes modelos, de acordo com os objetivos pretendidos.

Importa realçar, no entanto, que direcionarei a minha ação para modelo socioconstrutivista. Aliás, é este o modelo que mais me identifico para abordar a turma, uma vez que a mesma, como já foi referido anteriormente, demonstra ser dinâmica e com vontade em participar na sua aprendizagem. Para Barreira & Moreira (2004, p.19) no “*modelo socioconstrutivista* o aluno, em cooperação com os seus colegas e professores, realiza a aprendizagem, colocando os seus conhecimentos em interação com os novos conhecimentos a aprender”. É, assim, minha intenção que, durante as práticas educativas, haja uma participação ativa e participativa dos alunos nas atividades.

Torna-se, então, importante que os alunos adquiram aprendizagens através da ação e da experimentação, tornando-se, deste modo, necessário que as aulas não se baseiam por métodos meramente transmissivos, mas sim por métodos ativos. Para que se verifique esta participação ativa, terei de, no entanto, recorrer ao diálogo, pois, segundo Antão (1997, p.7), “sejam quais forem a formação, o perfil pedagógico e a idiosincrasia do professor/educador, e independentemente do avanços e recuos das didáticas e das pedagogias, estamos convictos de que a transmissão/aquisição de conhecimentos e valores tem de estar alicerçada numa eficaz comunicação na aula.”

Este trabalho ativo pressupõe, nesse caso, um *feedback* entre professor e os alunos e, principalmente, uma atualização constante, no que diz respeito aos conteúdos e conceitos abordados. A linguagem utilizada com os alunos será adequada, tanto ao discurso científico, como à faixa etária dos alunos. Quer dizer que os assuntos serão tratados, acima de tudo, com seriedade, mas respeitando o ritmo de aprendizagem dos alunos, pois, como refere Font (2004, p.122), é fundamental que o professor “tenha sempre a certeza do que o aprendiz entendeu o que lhe está a pedir que faça”.

De acordo com o PCT, “na conceção deste projeto tem-se em consideração três princípios orientadores. Em primeiro lugar, a consciência cívica, nomeadamente através de um processo de formação de cidadãos responsáveis, tolerantes e integradores; em segundo lugar, a criação nos alunos de atitudes e hábitos de relação e cooperação, sobretudo através de interação social de aprendizagem e, por fim, assegurar às crianças com dificuldades as condições adequadas ao seu

desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades, proporcionando momentos de interação e cooperação com alunos que possuem um nível de desempenho considerado mais elevado.

Desta forma, para este projeto formativo, podemos destacar as seguintes macroestratégias:

- Normalização dos comportamentos na sala de aulas;
- Aquisição das competências previstas no plano anual de atividades e a criação do gosto pela leitura e pela escrita;
- Organização da prática pedagógica atendendo às dificuldades que alunos do grupo turma apresentam;
- Recursos a atividades diversificadas que mobilizem o interesse dos alunos, com ênfase na oralidade e na atividade lúdica;
- Recursos a suportes visuais e materiais didáticos;
- Desenvolvimento da capacidade de interpretação;
- Desenvolvimento da capacidade de concentração, realizando atividades de curta duração, de acordo com o ritmo próprio de cada aluno;
- Apoio aos alunos na construção da sua autonomia;
- Cooperação com o docente do Apoio Educativo, no sentido de dar uma resposta adequada aos alunos abrangidos pela portaria nº 60/ 2012 de 29 de maio, que recebem Apoio Educativo;
- Cooperação com o docente do Núcleo de Ensino Especial, com vista dar uma resposta adequada aos alunos sinalizados e diagnosticados pela CIF.

Conforme foi indicado anteriormente, estes alunos encontram-se temporariamente nesta escola. Quer dizer que todos os dias deslocam-se da sua freguesia (Livramento) para a freguesia de S. Roque. Este transporte está a cargo de uma empresa de transportes públicos, que encarrega-se de deixar todos estes alunos na Escola de S. Roque II por volta das 08h55m e transportá-los de volta a casa na hora de saída (15h00m/15h45m). Esta breve informação interessa-nos, pois impede-nos de realizar qualquer atividade extra curricular a partir da hora de saída. No entanto, estarei atento a todos os momentos propiciadores de novas aprendizagens, tanto dentro, como fora da sala de aula.

Tem sido, portanto, notória a falta de acompanhamento das crianças no refeitório pois a sua hora de almoço coincide com a hora de almoço dos docentes. “O comportamento é um aspeto do currículo oculto que inclui comportamentos sociais, emocionais e intelectuais. São muitas vezes ensinados pelos professores de modo mais informal, através do reforço dos bons comportamentos sociais, à medida que vão avançando” (Haigh, 2010, p. 85).

Assim, nos dias das minhas intervenções pedagógicas, acompanharei os alunos que almoçam na escola, de forma a, por um lado, sensibilizá-los para as boas práticas à mesa e, por outro, garantir que não desperdicem comida (prática que tem sido comum), pois, para muitas crianças, esta é a única refeição completa que fazem durante todo o dia.

Logo, cabe ao professor do 1º ciclo do ensino básico proporcionar a todos os alunos oportunidades enriquecedoras, propiciadoras de uma aprendizagem sólida. Ele será o principal responsável por estimular os alunos para o desenvolvimento de competências. “Mais do que chegar ao fim do ano lectivo com a consciência tranquila porque *se deu o programa todo*, há que lá chegar com a certeza de que os alunos aprenderam, que tiveram sucesso nas suas aprendizagens” (Pais, A. & Monteiro, M., 2002, p.16).

De acordo com Haigh (2010, p. 138), “a nossa [(dos professores)] meta a longo prazo deve ser transportar os alunos em aprendizes e pensadores independentes. (...) Se os alunos devem tornar-se independentes, temos de treiná-los e educá-los nesta forma de trabalhar. Desafiar a pensar mais profundamente.”

7. Calendarização das atividades

As minhas intervenções pedagógicas decorrerão de acordo com o horário semanal estabelecido pela professora titular (anexo I) e encontram-se calendarizadas para os meses de outubro e novembro, do seguinte modo:

.Data	Domínio / Tema
15, 16 e 17 de	<u>Língua Portuguesa</u> – Compreensão do oral;

outubro	<p>– Diferentes tipos de texto: texto narrativo, poesia e texto descritivo;</p> <p><u>Estudo do Meio</u> – “Membros da minha família”; – “O meu passado familiar mais longínquo”;</p> <p><u>Matemática</u> – Números e operações com números naturais;</p> <p><u>Expressão Musical</u> – Expressão e criação musical;</p> <p><u>Cidadania</u> – O valor da família.</p>
5, 6, 7, 8 e 9 de novembro	<p><u>Língua Portuguesa</u> – sinais de pontuação: ponto (final), ponto de interrogação, ponto de exclamação, reticências, vírgula (não utilização entre sujeito e predicado) dois pontos e travessão. – Diferentes tipos de texto: conversacional e informativo;</p> <p><u>Estudo do Meio</u> – Funções Vitais: função respiratória;</p> <p><u>Matemática</u> – Números e operações com números naturais; – Regularidades; – Resolução de problemas;</p> <p><u>Expressão Plástica</u> – Expressão e criação livre;</p> <p><u>Expressão Musical</u> – Exploração de ritmos;</p> <p><u>Expressão Dramática</u> – Exploração do corpo pela voz;</p> <p><u>Cidadania</u> – Eu e os outros;</p>
26,27 e 28 de novembro	(não existem, ainda, conteúdos programáticos para esta intervenção, pois a sua distribuição dá-se no primeiro dia após as intervenções pedagógicas de cada estagiário)

Os conteúdos programáticos serão abordados e explorados com os alunos, de forma a garantir uma articulação entre todas as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares

8. Avaliação

Qualquer projeto que se construa, deve ser acompanhado por uma avaliação correta e justa. A implementação do presente projeto formativo será avaliada a dois níveis diferentes: avaliação das crianças e avaliação do meu desempenho na sua concretização.

Os alunos serão avaliados em diferentes modos: através de registos de observações diretas (listas de verificação e o caderno de observações diretas), mediante

os seus desempenhos, as suas respostas, atitudes e participação nas intervenções pedagógicas, da interação com os outros colegas, do nível de autonomia no processo ensino/aprendizagem e da capacidade em trabalhar em grupo; a partir das grelhas de correção das fichas de trabalho e das grelhas de avaliação (com algumas das Metas para o 1º Ciclo do Ensino Básico). Em qualquer dos instrumentos, a avaliação incidirá sobre as competências definidas no Currículo Regional da Educação Básica (CREB) para as diversas áreas curriculares. Haverá, também, lugar para os alunos se autoavaliarem.

Por sua vez, a avaliação do meu desempenho na concretização do projeto será realizada através de momentos de reflexões individuais e em conjunto com a orientadora de estágio (docente da disciplina de PES II) e com a professora cooperante da escola. Capucha (2008, p,16) refere que “a avaliação constitui um poderoso instrumento de apoio ao processo de decisão, tornando-o mais participado, transparente, racional e rigoroso.” Esta avaliação permitirá detetar aspetos menos positivos e respetivas soluções, além de introduzir estratégias alternativas, de modo a reconduzir o plano ao seu rumo inicial.

Referências Bibliográficas:

- 📖 Antão, J., (1997). *Comunicação na sala de aula*. Coleção: Cadernos Pedagógicos. Edições Asa..
- 📖 Barreira, A. & Moreira, M., (2004). *Pedagogia das competências – da teoria à prática*. Edições: Asa.
- 📖 Capucha, L. (2008). *Planeamento e Avaliação de Projectos - Guião prático*. Ministério da Educação: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular;
- 📖 Font, C. (Org.).(2007). *Estratégias de Ensino e Aprendizagens*. Porto: Edições Asa.
- 📖 Haigh, A. (2010). *A arte de ensinar: grandes ideias, regras simples*. Academia do livro.
- 📖 Monereo, C. (org.). (2007). *Estratégias de ensino e aprendizagem*. Porto: Edições Asa.
- 📖 Pais, A. & Monteiro, M. (2002). *Avaliação – uma prática diária*. Lisboa. Editorial Presença. 2ª Edição.
- 📖 Pinheiro, J., Ramos, L., (1998). *Métodos Pedagógicos*. Instituto do emprego e formação profissional.
- 📖 Venâncio, I. & Otero, A. (2003). *Eficácia e Qualidade na Escola*. Portugal: Edições Asa.
- 📖 Wassermann, S. (1990). *Brincadeiras sérias na escola primária*. Lisboa: Instituto Piaget. Horizontes Pedagógicos.

Bibliografia:

- 📖 Alonso, L. (coord.). (2011). *Referencial Curricular para a Educação Básica na região Autónoma dos Açores*. Secretaria Regional da Educação e Formação

- 📖 Barreira, A. & Moreira, M., (2004). *Pedagogia das competências – da teoria à prática*. Edições: ASA.
- 📖 Borges, A. et al. , (2010). *Referencial Área de Formação Pessoal e Social. Área Curricular Não Disciplinar de Cidadania Açores*: DREF.
- 📖 Ministério da Educação, (2004). *Organização Curricular e Programas 1.º Ciclo do Ensino Básico*. 4.ª Edição, Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- 📖 Ministério da Educação, (2009). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Direção - Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- 📖 Reis, C. (coord.), (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Anexos

Anexo I

Horário semanal

Horas	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
09:00 09:45	Matemática	Matemática	Matemática	Português	Estudo do Meio
09:45 10:30	Matemática	Matemática	Matemática	Português	Estudo do Meio
Intervalo					
11:00 11:45	Estudo do Meio	Português	Estudo do Meio	Educação Física	Português
11:45 12:30	Educação Física	Português	Educação Física	Matemática	Português
Almoço					
13:30 14:15	Português	Inglês	Português	Inglês	Matemática
14:15 15:00	Português	Cidadania	Expressões	Estudo do Meio	Português/ Matemática
15:00 15:45		Expressões		Expressões	



Universidade dos Açores

Departamento de Ciências da Educação

Mestrado em Educação Pré - Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Ano Letivo de 2011/2012 – 2º Semestre

Prática Educativa Supervisionada I

Avaliação das crianças

07/05/2012 e 08/05/2012

EB1/JI de Maricas (S. Roque II)

Docente da Disciplina: Mestre Ana Sequeira

Orientadora Cooperante: Ed. Sandra Mendes

Mestrando: Carlos Dias

Ponta Delgada, 16 de Maio de 2012

Avaliação

O presente documento surge após a minha terceira intervenção pedagógica, realizada a 7 e 8 de maio de 2012, junto do grupo de crianças do Pré-Escolar, com idades compreendidas entre os 5 e 6 anos de idade, da escola EB1/JI de Maricas (S. Roque II) e orientado pela Educadora Sandra Mendes. Pretende-se, com este documento, refletir e analisar os aspetos avaliativos do mesmo grupo de crianças.

Tal como na última avaliação realizada, nesta também houve o cuidado de confrontar os dados recolhidos nestes dois dias (a partir da lista de verificação, da grelha de avaliação e do caderno de observações diretas), com dados recolhidos anteriormente pelo núcleo pedagógico, de forma a obter uma avaliação mais coerente e justa.

Nestes dois dias, houve, uma vez mais, a preocupação em me focalizar nas competências foco delineadas. No entanto, não senti que fosse necessário alterar atividades/estratégias, muito por culpa de conhecer melhor as necessidades e virtudes do grupo de crianças. Porém, na terça-feira, dia 8 de maio, não consegui realizar o jogo “Quem sou eu? Imita-me!”, prevista para as 11h30m, porque, na atividade anterior, “Sou cozinheiro por uma hora” (confeção de Broas Alemãs), as crianças apresentaram um grande empenho na exploração de todos os materiais, decidindo, assim, prolongar a atividade por mais 30 minutos. Aliás, esta foi a causa por que as crianças não conseguiram desenvolver a CA7 (Desenvolver a comunicação verbal e não-verbal para o progressivo domínio da linguagem e da interação em diferentes situações de comunicação).

Um aspeto a reter é o elevado número de crianças que faltaram na segunda-feira (o A, a D, a E, o G, a I e o M) e as duas crianças que continuaram a faltar na terça-feira (o G e o M).

Deste modo, nos dois momentos de acolhimento e de preparação para o regresso a casa (durante os dois dias), este grupo de crianças tinha como competência foco participar democraticamente na vida do grupo, cumprindo regras elaboradas e negociadas por todos (CF1 – Área de Formação Pessoal e Social). Pude verificar que nem todas as crianças cumprem com as regras previamente construídas (DD1), pois o B, o A, a H, a N e o O não conseguiram aguardar pela saída na fila, sem sair do lugar, e o A, a E e o L não identificaram os seus pertences, estando, por isso, em contante movimento junto da zona dos cabides, o que causa alguma perturbação nos restantes colegas que aguardam pela saída. Porém, todas as crianças pedem autorização para utilizar os objetos que estão na posse de outras crianças.

A segunda e última competência foco destinada ao grupo de crianças foi desenvolver o conhecimento das profissões de modo a alargar saberes básicos necessários à vida social (CF2 – Área de Conhecimento do Mundo). Em primeiro lugar, importa referir que, para a preparação da sequência didática para estes dias, fui informado pela educadora titular que todas as crianças já haviam abordado esta temática (as profissões) e que todos já conheciam as várias profissões. Depois realizei, antecipadamente, uma pesquisa sobre as profissões que as crianças pretendiam fazer parte depois de crescerem.

Todavia, verifiquei que nem todas as crianças conseguiram relacionar as profissões com respetivos objetos de trabalho (DD4). Durante as atividades propostas, houve o cuidado em proporcionar momentos diversos onde as crianças pudessem relacionar-se com os objetos referidos anteriormente. Das profissões abordadas, foi a de carpinteiro aquela onde se verificou mais dificuldades. Neste sentido, apenas a P é que conseguiu associar o serrote com a profissão de carpinteiro, apesar de todos saberem que se tratava de uma ferramenta para trabalhar com madeira. O A, a H e o O não conseguiram associar o serrote à profissão correspondente. Não foi possível observar o restante grupo, neste objeto e nos restantes, uma vez que os exercícios foram realizados com questões direcionadas (com exceção do G e do M, que faltaram nos dois dias, este foi o motivo que não foi possível fazer uma observação a todas as crianças).

O A e a C conseguiram rapidamente associar o crachá à profissão de polícia. Aliás, tal como registei no caderno de observações diretas, “achei curioso o facto de o A ter sido a primeira criança a demonstrar vontade em ser polícia «quando for grande»”, porque «quero apanhar os ladrões», isto se pensarmos que o pai encontra-se a cumprir uma pena de prisão”. Ao restante grupo, não foi possível fazer qualquer observação. Assim como neste objeto, também nos próximos dois não foram demonstradas dúvidas em associá-los a uma profissão. A J, a N e o S associaram, com facilidade, o secador à profissão de cabeleireiro, enquanto a F, o L e o O conseguiram associar o extintor à profissão de bombeiro.

Em relação à profissão de mecânico, verifiquei também dificuldades em lhe relacionarem a “chave de boca-de-grilo”, pois a C., a H, a J, o P e a R não conseguiram, ao contrário do A que, com alguma ajuda, conseguiu realizar a tarefa. Não se conseguiu observar o restante grupo, pelo motivo já conhecido. Achava que o próximo objeto apresentado, a tesoura de poda, seria aquele que as crianças apresentariam mais dificuldades. Mas, das crianças selecionada para realizarem a tarefa, apenas o L e a N

não conseguiram relacionar a ferramenta à profissão de jardineiro, enquanto a J, a R e o S conseguiram.

Contrariamente, todas as crianças selecionadas conseguiram associar os próximos instrumentos à profissão correspondente: a F e o P conseguiram associar o trompete à profissão de músico; a H, o O e a R associaram o pincel à profissão de pintor. Curioso foi constatar que a N (supostamente por distração, uma vez que a N pratica desporto) não conseguiu associar as caneleiras à profissão de jogador de futebol, ao contrário do A, do L, do O, da R e do S.

A par da profissão de carpinteiro, a de piloto de rally também foi uma das profissões onde as crianças demonstraram dificuldades em lha associar um objeto, principalmente na atividade de Exploração do “Baú das profissões”, realizada na segunda-feira. A dúvida surgiu, essencialmente, do objeto apresentado (capacete de mota), pois associaram-no à profissão de piloto de mota. Posteriormente, o A, a F, a H, a J, o O, o P e a R não associaram o capacete à profissão de piloto de rally, enquanto o S, com algum apoio, fê-lo.

O A, o L e a R não conseguiram associar a linha de costura à profissão de costureira, contrariamente à C, à F, à H e à J. A rede de pesca foi rapidamente associada à profissão de pescador pelo A, pela C, pelo L, pela N, pelo P e pelo S ou seja, por todas as crianças que foram solicitadas. Outra associação realizada com alguma facilidade, e sem que ninguém errasse, foi a dos sapatos de ballet à profissão de bailarina. Assim, a F, a H e a R foram as crianças convidadas a executarem a tarefa, que corresponderam com sucesso.

A F, a H e a R não associaram a “caderneta do animal” à profissão de veterinário, enquanto o P e o S conseguiram. O S acrescentou: “eu tenho um livro desse do meu cão em casa”, o que mostra uma certa familiaridade com este tipo de documentos.

Dos últimos quatro objetos apresentados, foi o “nível” aquele que mais dúvidas suscitou. Assim sendo, o A, a C, a F, a H, a J, o L, o O, o P, a R e o S não conseguiram associar o objeto à profissão de pedreiro. O sacho também foi outro instrumento que as crianças demonstraram dificuldades, nomeadamente o A, a N, o O, a R e o S. A H e a J foram as crianças que realizaram a tarefa com sucesso.

Finalmente, não houve qualquer dificuldade em relacionar o giz e a colher de pau às profissões de professor e de cozinheiro, respetivamente. Assim, no primeiro

objeto, associaram-no à profissão de professor a C, a J e o L; no segundo caso, associaram-no à profissão de cozinheiro o A, a C, a F, a N, o O e o P.

Ainda relacionado com a CF2, verifiquei que algumas crianças não identificaram algumas profissões e serviços no seu meio familiar e local, ou noutros que conheça (DD5). Neste sentido, de todas as crianças presentes, o A e o B não nomearam a profissão da mãe (talvez por serem desempregadas e/ou domésticas), enquanto a C, a D, a E, a F, a H, a I, a J, o L, a N, o O, o P, a R e o S fizeram-no sem dificuldade. Em relação à nomeação da profissão do pai, não foi observado se o A, o B e a C conseguem fazê-lo, uma vez que, como não têm uma relação próxima com os pais, optei por não insistir no assunto. Em relação às restantes crianças presentes, todas conseguiram nomear a profissão dos pais. Porém apenas seis crianças nomearam outras profissões que não as apresentadas, sendo elas, a C, a D, a J, o L, a R e o S (este fez referência ao engenheiro civil, definindo esta profissão como “um senhor que manda nos senhores de fazer casas”, tal como foi registado no caderno de observações diretas).

Além das competências foco, este grupo também tinha a CA2 (competência associada 2 – Área do Conhecimento do Mundo – alargar, progressivamente, saberes básicos necessários à vida social de forma a ultrapassar a sua experiência direta e as suas vivências imediatas). Foi possível concluir que todas as crianças presentes antecipam ações simples para o seu futuro próximo e mais distante, a partir de contextos presentes (DD6). Na verdade, as crianças já dizem qual a profissão que quer exercer quando crescerem e avaliaram as várias profissões abordadas, referindo as mais perigosas e as menos perigosas, as mais sujas e as mais limpas, as que necessitam de mais esforço físico e as que necessitam de menos esforço, etc.

Em suma, todas as crianças conseguiram identificar algumas profissões e serviços no seu meio familiar e local, ou noutros que conheça (Conhecimento do Ambiente Natural e Social – Meta Final 26), apesar de umas terem feito com mais dificuldades que outras. Assim, o A, o B e o L fizeram-no com dificuldade, enquanto a C, a D, a E, a F, a H, a I, a J, a N, o O, o P, a R e o S fizeram-no com facilidade. Por outro lado, o grupo apresentou menos dificuldades em antecipar ações simples para o seu futuro próximo e mais distante, a partir de contextos de presentes (exemplos: o que vou fazer logo, amanhã, o que vou fazer no meu aniversário, quando for grande... – Dinamismo das Inter-Relações Natural-Social – Meta Final 28): o A, o B, a D, a E, a F, a I, o L e o P com facilidade; a C, a H, a J, a N, o O, a R e o S com muita facilidade. O L, de acordo

com o que foi registado no caderno de observações diretas, nos dois dias de intervenção, foi uma criança muito mais participativa, comparativamente às anteriores intervenções.

Outra competência associada foi produzir um desenho, como forma de se expressar, para a sua organização espacial (CA1 – Área de Expressão e Comunicação: Domínio Expressão Plástica). Importa referir que todas as crianças atingiram o DD2 (representam espontaneamente imagens que intencionalmente construiu – a partir de um desenho), uma vez que todo o grupo (excetuando as crianças faltosas) quer na elaboração do desenho do fim-de-semana, quer na decoração das caixas para o transporte das bolachas, representaram elementos da família e momento de uma atividade, passeio ou história.

O mesmo aconteceu ao DD3 (elabora um desenho, tendo em atenção a orientação espacial), pois todas as crianças presentes elaboraram o desenho no interior da moldura, abstraíram-se das figuras envoltas à moldura e todos fizeram o desenho primeiro e só depois pintaram a moldura.

No final das atividades de expressão plástica, constatou-se que todo o grupo consegue representar vivências individuais, temas, histórias, paisagens entre outros, através de vários meios de expressão (pintura, desenho, colagem, modelagem, entre outros expressivos (Domínio: Expressão Plástica – Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação – Meta Final 1).

Na mesma Área, mas no Domínio Expressão Musical, as crianças tinham como competência associada explorar ritmos e sons para desenvolver a sensibilidade expressiva e estética no domínio musical (CA3). O grupo de crianças presente demonstrou sensibilidade para diferentes estilos/géneros musicais (DD7): fado, música clássica, música “pop” e infantil. Paralelamente, demonstrou saber fazer silêncio para escutar e identificar as profissões (DD9), na medida em que o grupo fez silêncio para escutar a adivinha e reproduziram o refrão em coro e acompanhando a melodia. Do mesmo modo que o grupo já havia feito anteriormente, também foi possível verificar, aqui, que todos avaliam as profissões.

Desenvolver a compreensão oral, de modo a ser capaz de adequar a sua comunicação a situações diversas (CA4 – Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita), foi outra competência associada para o grupo de crianças. Ao longo da intervenção, todas as crianças demonstraram que atingiram o DD8 (compreende a informação que está a ser transmitida a partir da canção – diferentes situações de comunicação), pois identificaram a profissão correspondente e,

uma vez mais, avaliaram as profissões. Conforme foi verificado em outras intervenções, o grupo apresenta um bom nível de comunicabilidade. No entanto, algumas crianças (A, D, H, I, L e P) têm demonstrado algumas dificuldades em mudar de tópico durante o diálogo, contrariamente ao B, C, E, F, J, N, O, R e S, o que se evidenciou no DD10 (é capaz de participar/manter um diálogo). O grupo, na sua generalidade, foi capaz de iniciar um diálogo e de introduzir um tópico durante o mesmo, embora se note que a D inicia com mais frequência um diálogo com os colegas, que com os adultos. Apenas o A, o B e a D relataram e recriaram experiências e papéis (Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal – Meta Final 23) com facilidade; a E, a F, a I, o L, o P, a C, a H, a J, a N, o O, a R e o S atingiram a mesma meta de aprendizagem com muita facilidade.

Como já foi referido anteriormente, uma das atividades que mais interesse proporcionou às crianças foi a confeção de Broas Alemãs (“Sou cozinheiro por uma hora”), tanto na preparação da massa, como na confeção dos biscoitos. Notou-se, porém, que nesta atividade, a D demonstrou algum receio em sujar as mãos, afirmando que “era pegajoso”; quando começou a mexer na massa, demonstrou ser uma boa cozinheira, pois foi a criança que confecionou os biscoitos mais uniformes (Caderno de Observações Diretas). Também, verificou-se que nenhuma criança conseguiu identificar a origem dos ingredientes, como o caso da farinha (com exceção dos ovos). Achavam todos que, por exemplo, “a farinha vem do supermercado”, tal como a J referiu (Caderno de Observações Diretas).

Para aquela atividade em especial, o grupo de crianças tinha como competência associada mobilizar hábitos de higiene e educação para a saúde (CA5). Foi possível verificar que todas as crianças presentes identificaram os cuidados de higiene a ter com o corpo (DD11), na medida em que todos reconheceram a importância da lavagem das mãos, usaram o chapéu e reconheceram, a sua importância para não cair cabelos e usaram o avental e reconheceram a sua importância para não se sujarem.

A penúltima competência associada destinada ao grupo de crianças foi desenvolver a linguagem matemática nas suas diferentes formas de expressão, para a apropriação do raciocínio matemático nos seus domínios (CA6 – Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática). Desta forma, apenas o A, o B e o L não conseguiram associar a medida/capacidade (DD12), ou seja, não conseguiram relacionar o peso da farinha e do açúcar com o número de copos. O restante grupo fê-lo com relativa facilidade.

Finalmente, as crianças tinham como última competência associada (CA8 – Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Expressão Dramática) aprofundar a descoberta de si próprio na relação consigo e com o outro, através da vivência de diferentes jogos em situações de comunicação verbal e não-verbal. O DD14 (Participa em atividades de expressão dramática: dramatizações e mímica, adotando diversos papéis) apenas pôde ser observado na atividade dos “cantinhos das profissões”, muito por culpa da minha decisão em não realizar o jogo “Quem sou eu? Imita-me!”, pelos motivos supra referidos. Por tal, não foi possível avaliar o DD13 (Utiliza a comunicação não-verbal como suporte da comunicação oral). Nesta medida, naquela atividade, verificou-se que todas as crianças representaram, a partir da mímica, a profissão que escolheram e expressaram comportamentos, de acordo com a profissão que estavam a representar.



Universidade dos Açores

Departamento de Ciências da Educação

Mestrado em Educação Pré - Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Ano Letivo de 2012/2013 – 1º Semestre

Prática Educativa Supervisionada II

Avaliação

26/11/2012 a 28/11/2012

EB1/JI de Maricas (S. Roque II)

Docente da Disciplina: Mestre Ana Sequeira

Orientadora Cooperante: Adriana Soares

Mestrando: Carlos Dias

Ponta Delgada, 5 de dezembro de 2012

Avaliação

O presente documento surge após a minha terceira, e última, intervenção pedagógica, realizada nos dias 26, 27 e 28 de novembro de 2012, junto da turma do 3º B, da escola EB1/JI Padre Domingos Silva Costa (Livramento II), mas que se encontra a funcionar na escola EB1/JI de São Roque (Maricas), por motivos já conhecidos. Pretende-se, com este documento, refletir e analisar os aspetos avaliativos dos membros da referida turma.

De acordo com Pais e Monteiro (2002), “com turmas heterogéneas, constituídas por alunos de diferentes níveis etários e de origens sócio-culturais diversas, há que fazer a diversificação dos instrumentos e das técnicas de avaliação” (p.52). A elaboração do presente documento resulta, então, da análise dos dados recolhidos da lista de verificação, da grelha de avaliação, do caderno de observações diretas, da avaliação da visita de estudo (auto avaliação dos alunos e avaliação do formando), grelha de avaliação de comportamentos e atitudes e da grelha de avaliação da leitura, de forma a se poder “avaliar de forma correta a aprendizagem, as capacidades e as atitudes desses alunos” (*ibid*, p.52). Toda a recolha de informação partiu da observação “sobre o desempenho do aluno, das destrezas desenvolvidas e das suas atitudes.

Praticando a observação, o professor aprende a identificar e a responder às necessidades de cada aluno e, conseqüentemente, a planificação a efectuar será mais fácil, porque adapta à realidade” (*ibid*, p.54).

Tal como nas intervenções anteriores, também nesta houve a preocupação em me focalizar nas competências foco traçadas na sequência didática. Basicamente, tratam-se de competências apresentadas noutras sequências didáticas, tanto por mim, como pelas colegas de núcleo de estágio, visto que, para estes dois dias e meio, pretendia-se, essencialmente, rever conteúdos, de forma a preparar os alunos para a realização das provas trimestrais de avaliação.

Paralelamente, para a terça-feira, foi organizada uma visita de estudo à RDP. Grande parte das tarefas apresentadas (a única exceção foi as da área curricular de estudo do meio) foram ao encontro da pré, durante e pós-visita de estudo. De um modo geral, a organização da visita de estudo teve início a partir do dia 12 de novembro, altura em que foram mantidos os primeiros contactos (telefónicos) e, posteriormente, troca de *e-mails*. Isto é, foi uma preparação que requereu muito trabalho prévio, quer a nível da própria logística, quer a nível da definição de objetivos. Com a visita de estudo,

pretendia-se, acima de tudo, que os alunos tivessem um contato com as funcionalidades de uma estação de rádio, ou seja, que tivessem oportunidade de concretizar e aplicar um conjunto de conhecimentos adquiridos anteriormente.

Importa referir que todas as tarefas planeadas foram executadas com sucesso, com exceção das atividades planificadas para quarta-feira, a partir das 11h00m. Entre esta hora e as 11h30m estava previsto abordar o conteúdo “Relações entre palavras escritas e entre grafia e fonia – homonímia”. Este conteúdo foi, uma vez mais, adiado, sendo substituído pelo conteúdo do “tempo”, devido às dúvidas apresentadas no dia anterior e à consequente necessidade de revisão desse conteúdo (assunto que será abordado mais adiante). Pelas 11h30m, tal como se previa, demos início à apresentação da surpresa de aniversário para a professora Adriana, preparada pelos três formandos e pelos 18 alunos.

Deste modo, para os momentos de matemática, os alunos tinham como competência foco “usar o sentido espacial na visualização e na compreensão das propriedades das figuras geométricas, no plano e no espaço, das transformações geométricas, da noção de demonstração e para desenvolver as noções de grandeza e de medida, com vista à resolução de problemas em contextos diversos” (CF1, competência matemática, CREB, p.65). Num dos exercícios propostos, pretendia-se que os alunos fossem capazes de ler e investigar mapas (DD1), nomeadamente da zona envolvente entre a Escola das Maricas e as instalações da RDP. Assim sendo, todos os alunos conseguiram visualizar, com sucesso, posições, direções e movimentos no mapa. Entretanto, o B1, a C1, a H1, a J1, a M1 e o R1 demonstraram dificuldades em descrever estas mesmas posições, direções e movimentos. Estas dificuldades devem-se, sobretudo, ao desconhecimento que a estes alunos demonstraram ter em relação a uma parte do mapa apresentado.

Todavia, apenas a C1, a J1 e o R1 apresentaram dificuldades em ler e utilizar mapas (DD2), muito por culpa de não terem conseguido realizar leituras das principais ruas identificadas, nomeadamente das ruas de Maricas e de Castelo Branco. Na verdade, estes alunos foram os únicos que não foram capazes de localizar a escola e as instalações da RDP no mapa. Pelo contrário, todos conseguiram traçar o itinerário solicitado. Convém referir que, tanto a C1, como a J1 e o R1 conseguiram traçar o itinerário apenas a partir da projeção do mesmo mapa, já com o itinerário traçado, revelando ter, de acordo com as suas capacidades, algum sentido de orientação espacial.

À semelhança do DD2, também todos os alunos (os de nível 3) demonstraram ser capazes de resolver problemas envolvendo situações temporais (DD16). Em sentido oposto estiveram os alunos de nível 1, que não conseguiram ler e representar medidas de tempo e estabelecer relações entre hora, minuto e segundo. Aliás, este descritor apenas foi, inicialmente, direcionado para estes alunos, na medida em que este foi um tema tratado pela colega de estágio, Selma Moniz, que, segundo a própria, era um “conteúdo que estava bem consolidado” pelos restantes alunos, o que não se veio a verificar. Ou seja, durante o preenchimento do roteiro para a visita de estudo e perante situações problemáticas, onde os alunos teriam de avançar ou recuar no tempo (revisões de conteúdo), pude constatar que nenhum aluno soube responder às questões corretamente, apresentando grandes dificuldades em ler e em representar medidas de tempo e em estabelecer relações entre hora, minuto e segundo. Apenas foram capazes de indicar a hora representada no relógio.

Por este motivo, a resolução da ficha “de regresso da RDP” foi elaborada em grande grupo, com a ajuda do relógio presente na sala, não sendo-lhe, por isso, possível atribuir qualquer classificação. Após a sua resolução, apenas a M1 continuou com algumas dificuldades no que diz respeito ao conteúdo do tempo. Trata-se, então, de um conteúdo que terá de ser abordado sistematicamente (como rotina diária, por exemplo) por todos os alunos.

Após esta breve análise, podemos concluir que todos os alunos ainda apresentam dificuldades no cumprimento da meta 6.4, do domínio geometria e medida – adicionar e subtrair medidas de tempo expressas em horas, minutos e segundos. Na verdade, o B1, a C1, o E1, a G1, a H1, a J1, a M1, a N1, o O1, o P1 e o R1 ainda têm muitas dificuldades.

Associada a CF1, queria-se criar oportunidades aos alunos para “utilizar[em] os sentido do número ”, compreender[em] os números e as operações e usar[em] a capacidade de cálculo mental e escrito, com vista à resolução de problemas em contextos diversos” (CREB, p.65). Segundo o último documento de avaliação, realizado após as intervenções pedagógicas de 5 a 9 de novembro, propus a resolução de algoritmos da adição e da subtração, como rotina diária. Porém, como o tempo foi reduzido, decidi não implementar esta atividade como rotina, substituindo pela realização de contagens progressivas e regressivas, de modo a desenvolver o raciocínio rápido, tão necessário para a resolução da ficha trimestral que se aproxima. No entanto,

os algoritmos foram executados a partir de situações problemáticas, quer na segunda-feira, como na terça-feira.

Comparativamente ao observado na semana intensiva, pude constatar, durante estes últimos dias, um nítido progresso no que diz respeito à compreensão e realização de algoritmos para as operações da adição e subtração (DD4). Pois, dos alunos de nível 3, somente M1 manifestou dificuldades em compreender e resolver estes algoritmos, uma vez que não só não conseguiu identificar a parcela e a soma, como não foi capaz de utilizar qualquer estratégia de resolução. Por outro lado, o B1, contrariamente aos restantes elementos de nível 3, continuou a não ser capaz de utilizar a estratégia por decomposição, porque, como referiu, “é mais difícil”. Relativamente à C1, J1 e R1, verificamos que, tal como a M1, também apresentaram dificuldades em compreender e resolver os algoritmos da adição e da subtração, mesmo com números até às duas dezenas.

Por se tratar de um conteúdo abordado pela primeira vez com estes alunos, propõe-se uma contínua apresentação e resolução daqueles algoritmos.

Infelizmente, devido a dificuldades manifestadas na resolução dos exercícios propostos, conforme foi referido anteriormente, não foi possível, também, proporcionar a rotina diária preparada para estes dias, não havendo, desta forma, oportunidade de observar o DD3 (realizar contagens progressivas, a partir de números dados).

O último descritor de desempenho relacionado com a CA1 foi o DD18 (resolver problemas que envolvam as operações em contextos diversos). Apesar das situações problemáticas propostas apresentarem um grau de dificuldade acima daquela que os alunos estão habituados e de terem de ser resolvidas em grupo, em vez de individualmente como se previa, todo o grupo foi capaz de interpretar o problema, de delimitar um plano e executá-lo e de verificar se a resposta faz sentido. Durante a resolução da tarefa, o E1 teve um pequeno acidente num dos ouvidos (colocou um pedaço de madeira no seu próprio ouvido) e teve de se ausentar da sala, para ir ao hospital. Por tal, não lhe foi possível realizar qualquer observação, no que diz respeito a este descritor de desempenho. A mudança de estratégia de resolução das referidas situações problemáticas originou que não se tornasse possível classificar o desempenho dos alunos.

Ao relacionarmos estes dados com as metas 5.1 e 5.2, do domínio números e operações – adição e subtração (adicionar dois números naturais cuja soma seja inferior a 1 000 000, utilizando o algoritmo da adição e subtrair dois números naturais até 1 000

000, utilizando o algoritmo da subtração, respetivamente), entendemos que, no que concerne a primeira meta, a C1, a J1 e o R1 executem-na, ainda, com muita dificuldade, o B1, o E1, a M1, o O1 e o P1, com dificuldade, a A1, a G1, a H1, a I1, a L1, a N1 e o Q1, com facilidade, ao passo que os restantes alunos fazem-no com muita facilidade. Relativamente à segunda meta, constatou-se um maior número de alunos que ainda têm muitas dificuldades, sendo eles: o B1, a C1, o E1, a H1, a J1, a M1 e o P1. Apresentam, também, dificuldades a G1, a I1, a L1, a N1 e o O1. Os restantes alunos conseguem cumprir a meta com facilidade, sem que haja qualquer aluno que o consiga com muita facilidade.

Como última competência associada à CF1 surge a CA5 “usar a matemática, em combinação com outros saberes, na compreensão de situações da realidade, bem como o sentido crítico relativamente à utilização de procedimentos e resultados matemáticos” (competência social e de cidadania, CREB, p. 66). Durante a realização da visita de estudo, a turma foi dividida em seis grupos, de 3 elementos cada, cabendo a cada grupo a tarefa de preencher um roteiro. De acordo com o referido anteriormente, os alunos demonstraram dificuldades no seu preenchimento, nomeadamente no registo de noções temporais, avivando, desta forma, a importância da realização de visitas de estudo para a consolidação de conhecimentos. Previamente, foi realizada uma pesquisa, via internet, à RDP, designadamente a uma programação, de forma a relacionarmos noções temporais (o programa que passará na rádio mais cedo, mais tarde, ...). O grupo, na sua generalidade, foi capaz de discutir as vantagens e possíveis riscos de uso das tecnologias digitais (DD10), nomeadamente reconhecer a importância e as funções da internet.

Relativamente à segunda competência foco (CF2), aspirava-se que o grupo de alunos participasse “ativamente no processo de produção artística” (competência em educação artística e tecnológica, CREB, p.91). Foi preparada uma lembrança de Natal, tanto para o representante da RDP, como para os alunos, confeccionada a partir de massa de sal. Para a realização da atividade, juntei as mesas no centro da sala, de maneira que os alunos estivessem em grupo, facilitando, desta forma, a partilha de ideias e o acesso ao material, disponibilizado no centro. Conforme executavam a atividade, foi possível constatar que todos os alunos conseguiram manipular e explorar os materiais moldáveis (DD5) com apoio dos moldes. Na verdade, todos os alunos foram capazes de amassar e de estender a massa com as duas mãos, sem, no entanto, partirem para a modelagem com as mãos. Nem todos os alunos, porém, demonstraram ser capazes de explorar possibilidades de expressão plástica mediante a pintura dos enfeites de Natal (DD6),

pois, apesar de todos os alunos terem pintado livremente, sem molde e com alguma criatividade, o B1, a C1, a G1, o Q1 e o R1 foram os únicos capazes de realizar experiências de mistura de cores. Este facto remete-nos para a pouca variedade de opções em técnicas de expressão plástica a que as nossas crianças estão sujeitas no 1º ciclo do ensino básico, resumindo-se, muitas vezes, à ilustração de desenhos. Realça-se, desta forma, a importância da continuidade da promoção deste tipo de atividades, como forma de desenvolver o sentido estético de cada criança.

Nesta atividade em concreto e como associada à CF2, pretendia-se desenvolver a competência matemática CA2, que consiste em “aplicar uma linguagem rigorosa e geométrica em diferentes tipos de representação artística” (CREB, p.91). Uma vez que, por um lado, as figuras geométricas presentes nos moldes foram as consideradas “mais básicas” (círculo, quadrado, retângulo e triângulo) e, por outro, os alunos não manifestaram interesse em criar, sem moldes, figuras diferentes, não se notou, por isso, dificuldades em comparar e descrever propriedades das figuras geométricas presentes nos enfeites de Natal (DD7). De facto, os dezoito alunos compararam e descreveram as propriedades das referidas figuras geométricas. A C1, contudo, só não conseguiu classificar o círculo, contrariamente à J1 e ao R1 que foram capazes de classificar todas as figuras geométricas presentes. Com estes alunos, é de extrema importância continuar a realizar rotinas de contagens de objetos (semelhantes à rotina diária desenvolvida durante a minha semana intensiva), sobre diferentes disposições, que poderão ser diferentes figuras geométricas.

No que diz respeito aos momentos de português, os alunos tinham como competência foco “Mobilizar, de forma consciente e crítica, o conhecimento das unidades, regras e processos gramaticais da língua, nas diferentes situações de compreensão e expressão verbal” (CF3, competência em línguas, CREB, p.50). Foi possível verificar que, dos alunos de nível 3, nem todos os alunos foram capazes de rever os textos com vista ao seu aperfeiçoamento (DD8). Assim, somente o D1, o F1, a K1, a L1 e a N1 redigiram textos com correção linguística; o B1 e a M1 foram aqueles que não redigiram textos respeitando a pontuação.

Paralelamente, estes alunos, juntamente com os restantes de nível 3, foram capazes de elaborar um texto informativo-expositivo, relativo à visita de estudo (DD14). Como o referido texto foi criado após à chegada da visita de estudo, todos manifestaram vontade em participar com ideias criativas. Além disso, souberam integrar as suas ideias nas diferentes partes constituintes da notícia, o que demonstra que todos os alunos

souberam reconhecer e identificar o título da notícia, a cabeça da notícia e o corpo da notícia.

Como tem sido observado, esta turma apresenta carências de correção ortográfica. Como sugestão, proponho uma atividade semanal, em que consiste na abordagem a contos do PRL (Plano Regional de Leitura) e posterior produção textual (por exemplo, leitura da parte inicial do conto e posterior criação individual do final, para depois ser confrontado com o final original).

Relativamente aos alunos de nível 1, é de realçar que todos localizaram palavras em diferentes contextos e diferentes suportes (DD9), designadamente as palavras trabalhadas a partir do método das 28 palavras.

Por último, por motivos já supra referidos, não foi possível realizar a atividade relacionada com as palavras homónimas, pelo que não se conseguiu observar o DD22 (explicitar regras e procedimentos: identificar palavras homónimas).

Associada à CF3, surge a competência digital “interagir, de forma autónoma e crítica, com informação em suportes digitais diversos (documentos áudio e vídeo, correio eletrónico, sms, blogues, fóruns, ficheiros, catálogos, etc.), mobilizando ferramentas adequadas de pesquisa, seleção e tratamento de informação (CA3, CREB, p. 51). Inicialmente, previa-se realizar pesquisas a partir de pequenos grupos (quatro grupos de quatro elementos, distribuídos em quatro computadores). Todavia, com o adiantar do tempo, motivado pela demora na exploração e concretização da atividade de expressão plástica, houve a necessidade de reajustar estratégias. Neste sentido, foi ligado um dos computadores a um projetor e a pesquisa foi realizada em grande grupo, através da exploração individual. Ou seja, cada aluno deslocou-se, ordenadamente, para junto do computador e realizou as pesquisas de acordo com o solicitado pelos colegas.

Por este motivo, não houve possibilidades de observar se todos os alunos aplicam conceitos básicos de manuseamento de um computador (DD11), nem verificar se todos pesquisaram na internet e procuraram a informação necessária (DD12). Dos alunos observados e relativamente ao DD11, ficam as seguintes conclusões: a G1, a H1, a K1, a N1 e o P1 foram capazes de clicar no ficheiro correto e o R1 desligou o computador corretamente (os restantes alunos não foram alvo de observações). Quanto ao DD12, foi possível verificar, com exceção da M1, que os alunos observados conseguiram, com sucesso, os indicadores desejados: a A1, o B1, a C1, o F1, a I1, a J1 e o O1 escreveram corretamente o que se pretendia pesquisar no motor de busca; o D1, o E1, a G1, a K1, a L1 e o Q1 selecionaram a informação pertinente; a M1 não conseguiu,

no entanto, selecionar a informação pertinente, demonstrando, mesmo, muitas dificuldades na leitura da informação apresentada.

Sendo a M1 uma aluna que se encontra a repetir o 3º ano do ensino básico, porque reprovou no ano transato, ela necessita de constantes incentivos e elogios para continuar a atividade com entusiasmo. Um computador é um bom meio de motivação e de incentivo. Sugere-se mais e melhores trabalhos de pesquisa e/ou produção de textos a partir do *office do word*, para posterior exposição.

Outra competência associada à CF3 foi a competência social e de cidadania “integrar e mobilizar, autónoma e criticamente, conhecimentos e competências de pesquisa, seleção, avaliação e organização de informação, com vista à conceção e desenvolvimento de projetos individuais e coletivos” (CA4, CREB, p.52). O desenvolvimento desta competência esteve intrinsecamente ligada à fase do decorrer da visita de estudo.

Para melhor avaliar o desenrolar da visita de estudo, foram elaboradas duas grelhas de avaliação: uma para ser preenchida pelo formando durante a visita e outra para ser preenchida pelos alunos, após a visita. Relativamente à primeira grelha, foram avaliados um conjunto de itens que obedeciam a dois critérios: atitudes e raciocínio. Para o desenvolvimento da CA4, incidamos apenas no primeiro critério. Em primeiro lugar, é de destacar o excelente comportamento e o interesse que todos os alunos apresentaram. Depois, após uma análise à referida grelha, podemos afirmar que todos os alunos revelaram: curiosidade, respeito pelas opiniões dos colegas, atenção às explicações e indicações do professor, envolvimento nas tarefas, responsabilização pelos papéis atribuídos e respeito pelas regras definidas para a visita.

Relativamente à grelha de autoavaliação da visita de estudo (para ser preenchida pelos alunos, após a visita), foram estabelecidas cinco questões: “O que mais gostei de fazer e porquê? O que gostei menos de fazer e porquê? O que aprendi? Em que tive mais dificuldades? Como avalio o meu desempenho?”. À primeira questão, a A1, a C1, o D1, o E1, a G1, a H1, a I1, a J1, a L1, a N1, o P11, o Q1 e o R1 responderam “do gabinete da programação da música, porque dançamos” (uma música a pedido dos alunos – Gangnam Style PYS); o B1 respondeu “da cabeça da rádio, porque é a parte mais importante da rádio”, a G1, a L1 e o O1 responderam “do gabinete de preparação das notícias, porque vi muitos jornalistas” e, finalmente, a M1 respondeu do estúdio das notícias, porque gostei de ver as paredes”.

Contrariamente à opinião do B1, o D1, o E1, o F1, a I1, a L1 e a N1 foram da opinião de que o que menos gostaram foi “da cabeça da rádio, porque é muito fria”; a C1, a G1, a H1, a J1, a K1 e a M1 também gostaram menos da cabeça da rádio, mas porque “apenas vi[ram] umas máquinas”, enquanto os restantes alunos não gostaram “de voltar para a escola”.

À questão “O que aprendi?”, a resposta foi unânime: “como funciona a RDP”.

Relativamente à penúltima questão (“Em que tive mais dificuldades?”), obtivemos uma resposta em branco (da C1) e duas respostas diferentes: “senti mais dificuldades em escrever o nome dos acessórios” (B1 e J1) e “em contar os semáforos” (restantes alunos).

Por fim, à questão “Como avalio o desempenho”, apenas a J1 e a M1 foram da opinião de “Muito Bom”, enquanto a restante turma respondeu “Bom”.

De um modo geral, no final da visita, todos os alunos ficaram a conhecer a funcionalidade de uma estação de rádio (DD13).

Como última competência associada à CF3, temos a competência em línguas, exclusiva para os alunos de nível 1 e que consiste em “construir enunciados verbais dotados de significado, conformes à gramática da língua, às situações e às intencionalidades comunicativas, mobilizando processos cognitivos e translinguísticos complexos (planeamento, textualização e revisão do texto)” (CA6, CREB, p. 50). Foram preparadas, em grupo, três questões para serem colocadas, pela C1, J1 e R1, à pessoa que nos acolhesse e nos guiasse ao longo da visita. No entanto, estes alunos não foram capazes de ler com progressiva autonomia palavras, frases e pequenos textos (DD15).

O trabalho com estes alunos deverá ser, em todas as áreas curriculares, um trabalho muito sistemático de repetição, com reforços positivos sistemáticos, de modo a garantir a sua atenção, concentração e, acima de tudo, a sua motivação.

Importa agora confrontar o critério do raciocínio, presente na grelha para ser preenchida pelo formando durante a visita, referida anteriormente. Durante a visita, foi possível constatar que o B1, a C1, o E1, a H1, a I1, a J1, a M1, o O1 e o R1 não revelaram ser capazes de formular questões pertinentes, ao contrário dos restantes alunos. Paralelamente, o B1, a C1, a H1, a J1, a M1 e o R1 também não verbalizaram observações no local, em oposição aos restantes colegas, que, por diversas vezes, foi necessário limitar o número de questões por alguns alunos.

Entretanto, outro instrumento de avaliação, criado para estes três dias de intervenção pedagógica, foi uma grelha de avaliação da leitura, para ser aplicada, não em exclusivo para as tarefas de português, mas sim para ao longo das várias tarefas promovidas em todas as áreas curriculares abordadas. Desta forma, a C1, a J1 e o R1 nunca leram com clareza; o B1 e a M1 raramente leram desta forma; o E1 e o P1 fizeram-no às vezes; a A1, a H1, a I1 e o Q1 leram quase sempre e o D1, o F1, a K1, a L1, a N1 e o O1 leram sempre com clareza.

No que concerne à leitura de palavras com correção, a C1, a J1 e o R1 nunca o conseguiram fazer. Porém, o B1 e a M1 fizeram-no às vezes, enquanto a A1, o E1 e o P1 fizeram-no quase sempre. O D1, o F1, a G1, a H1, a I1, a K1, a L1, a N1, o O1 e o Q1 leram sempre as palavras com correção.

Outro aspeto a avaliar foi a capacidade de ler palavras sem hesitação. Neste sentido, a C1, juntamente com a J1 e o R1 continuam a ser os alunos que mais dificuldades manifestam na leitura, pois raramente conseguiram ler palavras daquela forma. O B1, o E1, a M1 e o P1 por vezes as leram. A A1, mais a H1, a J1 e o O1 leram quase sempre as palavras sem hesitação, e os restantes alunos leram sempre desta forma.

Em relação ao ritmo da leitura, a C1, a J1 e o R1 raramente leram com ritmo adequado; às vezes, leram desta forma o B1, o E1, a M1, o O1 e o P1. Por seu turno, o F1 e a H1 leram quase sempre com ritmo adequado, ao passo que a A1, o D1, a G1, a I1, a K1, a L1, a N1 e o Q1 leram sempre desta maneira.

Melhores desempenhos tiveram os alunos, relativamente à forma como leram: se a C1 e o P1 leram de forma audível em, apenas, algumas vezes, a J1 e o R1 o fizeram quase sempre. Os restantes alunos leram sempre de forma audível.

Outra dificuldade sentida por alguns alunos foi ler com a entoação devida, de acordo com a pontuação e com expressividade. Assim, a C1, a J1 e o R1 nunca respeitaram a pontuação e raramente leram com expressividade e o B1 raramente o fez, apresentando, mesmo, uma leitura muito “silabática”. O E1, o F1, a H1, a M1 e o P1 respeitaram a pontuação por algumas vezes, enquanto a A1, o D1, a K1, a L1, a N1 e o Q1 efetuaram uma leitura entoada, de acordo com a pontuação presente. Por outro lado, o E1, a H1, a I1, a M1, o O1 e o P1, por algumas vezes, leram com expressividade e o F1 e a G1 o fizeram quase sempre.

Por último, todos os alunos conseguem compreender o essencial do texto lido, embora o façam de diferentes formas. Verificou-se que: a C1, a J1 e o R1, o fizeram por

algumas vezes; o B1, o E1, a M1, quase sempre e, por fim, a A1, o D1, o F1, a G1, a H1, a I1, a K1, a L1, a N1, o P1 e o Q1 sempre.

Após esta breve contextualização, importa, de seguida, realizar uma análise mais profunda destes dados. Assim, o D1, a K1, a L1, a N1 e o Q1 foram os alunos que apresentaram uma muito boa leitura. Logo de seguida, surgem a A1, o F1, a G1 e o O1 que efetuaram boas leituras.

Entre o nível bom e o nível satisfatório, encontram-se o E1, a H1, a I1, e o P1. Estes alunos conseguem associar com facilidade uma letra a um determinado som, no entanto necessitam de muito treino, devendo-lhes continuar a ser incididas mais leituras, relativamente aos alunos que melhor leem.

O B1 e a M1 apresentam dificuldades na leitura, mas estão a nível do satisfaz. Ambos realizam uma leitura muito “silabática”, a nível de alunos do 2º ano, mas são capazes de encontrar num texto escrito a informação desejada. Sugere-se para estes alunos o mesmo que foi para os anteriores, pois somente a partir do treino é que estes alunos poderão superar estas dificuldades.

Finalmente, a C1, a J1 e o R1 apresentam uma leitura muito pobre, mesmo comparativamente a nível 1. Apresentam grandes dificuldades em associar uma letra a um som e a leitura que realizam é de memorização das palavras. O método das 28 palavras tem-se tornado, no entanto, numa boa estratégia para com estes alunos, não só na leitura, como na escrita, o que leva a crer que deverá ser um trabalho a continuar.

Sendo assim, importa comparar estes dados com as metas 5.1, 5.2, 5.3 e 5.4, do domínio leitura e escrita. Em primeiro lugar, convém salientar que, durante os dois dias e meio de intervenções, não ocorreram situações propícias para avaliar os alunos em relação às metas 5.3 e 5.4. Depois, referir que os três alunos de nível ainda manifestam muitas dificuldades no desempenho das restantes metas.

Em relação ao grupo de alunos de nível 3 e no que diz respeito à primeira meta (ler todas as palavras monossilábicas, dissilábicas e trissilábicas regulares e, salvo raras exceções, todas as palavras irregulares encontradas nos textos utilizados na escola), o B1, o E1, a M1 e o P1 foram os alunos que também apresentam dificuldades. Em sentido oposto, a A1, a G1, a H1, a I1, a K1, a L1, o O1 e o Q1 exercem com facilidade e os restantes alunos com muita facilidade.

Finalmente, quanto à meta 5.2 (descodificar palavras com fluência crescente: bom domínio na leitura das palavras dissilábicas de 4 a 6 letras e das palavras trissilábicas de 7 ou mais letras, sem hesitação e quase tão rapidamente para as

trissilábicas como para as dissilábicas), entendemos que muitos alunos ainda têm dificuldades, como o caso do E1, da I1, do O1, do P1, do B1 e da M1 (os dois últimos com muita dificuldade). Os restantes alunos desempenham com facilidade.

Todavia, resta-nos, apenas, avaliar o momento de estudo do meio. Para este momento, os alunos tinham como competência foco “mobilizar conhecimentos, processos e ferramentas de âmbito científico e tecnológico com vista à explicação de fenómenos físicos, químicos, biológicos e geológicos (competência científica e tecnológica, CF4, CREB, pág.79). Como a ficha de avaliação trimestral estava planeada para o dia 30 de novembro, coube-me a tarefa de realizar revisão de conteúdos, nomeadamente das funções vitais do corpo humano.

Assim sendo, todos os alunos de nível 3 demonstraram que conhecem e identificam (DD19) todos os órgãos dos sistemas digestivo e respiratório. O sistema circulatório foi aquele que os alunos apresentaram maiores confusões, designadamente em relação aos capilares, artérias e veias. Deste modo, somente o D1, o F1, a K1, a L1 e o Q1 conseguiram reconhecer e identificar os capilares. O B1, o E1, a H1, a J1, a M1, o O1 e o P1 não foram capazes de identificar e reconhecer as artérias e os capilares. Por isso, um dos recursos criado (cartaz “As funções vitais luminosas”) ficou na sala exposto, para que a professora titular pudesse reutilizá-lo sempre que necessário.

Quanto aos alunos de nível 1, é de referir que manifestaram muito interesse nas atividades propostas. Porém demonstraram muitas dificuldades no reconhecimento e identificação dos órgãos de todos os sistemas do corpo humano. Destes alunos, a C1 foi a que mais respostas corretas deu. Se tivermos em consideração o jogo interativo apresentado, a C1, por duas ocasiões, e contrariamente aos restantes elementos da equipa, deu respostas certas, ajudando mesmo a sua equipa a vencer o jogo. Aliás, aquele recurso demonstrou ser uma excelente estratégia para captar a atenção e de consolidar conteúdos, não só destes alunos, como de toda a turma.

Tal como foi supra referido, alguns alunos não foram capazes de “identificar fenómenos relacionados com as funções vitais do corpo humano”, em particular fenómenos relacionados com o sistema circulatório. Foram eles: o B1, a C1, a J1, a M1 e o R1. A maior dificuldade que estes alunos apresentaram foi diferenciar a pequena circulação, da grande circulação. Para ultrapassar esta dificuldade, seria importante levar recursos que simule, não apenas a grande circulação, como, também, a pequena circulação.

Conseqüentemente, de acordo com a grelha de avaliação, concluímos que a C1, a J1, a M1, o P1 e o R1 ainda têm dificuldades em “sistematiza[r] as modificações ocorridas no seu corpo, explicando as funções principais de órgãos constituintes, bem como as funções vitais de sistemas humanos, e relaciona características fisionômicas de membros da mesma família” (meta final 20 – domínio conhecimento do meio natural e social). O B1, o E1, a H1, a I1 e o O1 têm executado com facilidade, enquanto os restantes alunos o fazem com muita facilidade.

Uma vez que este será o último documento de cariz avaliativo do desempenho dos alunos, torna-se determinante, nesta fase, avaliar os comportamentos e atitudes dos alunos. Deste modo, todos os alunos foram pontuais e assíduos e com uma média de atenção nas aulas muito boa. O interesse/empenho que os alunos demonstraram também foi de nível bom, nomeadamente ao longo da preparação, do decorrer e da pós-visita de estudo. São alunos, na sua totalidade, muito responsáveis.

Entretanto, verifica-se uma discrepância na autonomia durante a realização das tarefas escolares: os alunos de nível I revelam falta de autonomia, enquanto os restantes realizam as suas tarefas escolares sozinhos, na maioria das vezes.

Em relação aos hábitos de trabalho/estudo, todos os alunos realizam os trabalhos de casa. No entanto, a C1, a H1 e a J1 nunca utilizaram diferentes fontes de informação para trabalho e o B1, a M1 e o R1 raramente o fizeram. Os restantes alunos variaram entre “às vezes” (a A1, o E1, a G1, a I1, a K1 e a N1) e “quase sempre” (D1, F1, O1, P1 e Q1).

Sobre a participação na aula, é de referir que a A1, o D1, o F1 (este com algumas dificuldades em responder na sua vez), a G1, a K1, a L1, a N1 e o Q1 são os alunos mais participativos, ao passo que a C1, a J1, a M1 e o R1 são os menos participativos. Os restantes alunos apresentam uma participação na aula satisfatória. Por conseguinte, são alunos que apresentam os seus cadernos organizados.

Em relação à ligação e aplicação de conhecimentos, os alunos que apresentam mais dificuldades de aprendizagem, são aqueles que menos vezes ligam e aplicam os conhecimentos. São eles: o B1, a C1, a J1, a M1 e o R1. O P1 e o E1 por algumas vezes; os restantes alunos fizeram com grande frequência.

Por fim, trata-se de uma turma empenhada e com enorme vontade de aprender. Em momento algum se verificou momentos de indisciplina ou de desrespeito, quer com os professores, quer com auxiliares ou com colegas. Nota-se um elevado sentido de

cooperação entre eles, na realização das atividades, respeitando as diferentes opiniões de todos.

Referências bibliográficas

- 📖 Alonso, L. (coord.), (2011). *Referencial Curricular para a Educação Básica na região Autónoma dos Açores*. Secretaria Regional da Educação e Formação.
- 📖 Pais, A. & Monteiro, M., (2002), *Avaliação – uma prática diária*. Editorial Presença. Lisboa. 2ª Edição.

Organização da rotina diária

Horário	Tarefa/atividade
09h00m /10h15m	- Acolhimento: → canção dos bons dias; → relato de novidades; → marcação das presenças; → observação e marcação do tempo; → reflexão acerca das atividades realizada no dia anterior; → planificação da atividade seguinte (introdução); → momento para ouvir música/ cantar, ouvir histórias ou poesias.
10h15m /10h30m	- Canção da higiene e o momento da higiene (ir ao W.C e lavar as mãos).
10h30m /11h00m	- Tempo destinado à toma do leite e posterior ida para o recreio.
11h00m/12h00m	-Atividades orientadas, segundo o PCG e a planificação individual do(a) Educador(a).
12h00m/12h30m	- Almoço, na presença do(a) educador(a).
12h30m/13h30m	- Brincadeiras livres e diversificadas ao ar livre, com o acompanhamento de assistentes operacionais.
13h30m/13h45m	- Diálogo: “o que se comeu?”.
13h30m/13h45m	- Continuação da atividade da manhã ou início de novas atividades orientadas.
14h45m/15h00m	- Arrumação da sala. - Preparação para o regresso a casa (vestir casacos, pegar nas mochilas). - Construção do comboio e saída.

Quadro geral de planificação no ensino pré-escolar

Data	Atividades	Áreas/Domínios de Conteúdo	
1ª Intervenção (5 e 6 de março de 2012)		Tema: Sólidos Geométricos	
05 de março	1	Leitura e exploração da letra da <i>canção das figuras geométricas</i> (descoberta de palavras que rimam; jogo “Quantos bocados são?”; descoberta da imagem correspondente à palavra).	Expressão e Comunicação: Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita
	2	Trabalho orientado (pintura das figuras com a letra da <i>canção das figuras geométricas</i> ; pintura das figuras da mesma cor).	Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Plástica
	3	Exploração dos blocos lógicos (“Criação livre” e os jogos “Surpresa”, “O mestre chama”, “Descobre a peça em falta” e “A história do pirata”).	Expressão e Comunicação: Domínio da matemática
	4	Entoação da <i>canção das figuras geométricas</i> .	Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Musical
06 de março	5	Projeção, leitura e exploração da <i>História do Quim Quadrado</i> (da autoria do formando).	Expressão e Comunicação: Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita
	6	Construção de um fantoche (personagens da história narrada).	Expressão e Comunicação: Domínio Expressão Plástica
	7	Recorte, pintura e colagem das figuras geométricas, de forma a construir imagens da história do “Quim Quadrado”.	Expressão e Comunicação: Domínio da matemática Domínio da Expressão Plástica
2ª Intervenção (26 a 30 de março de 2012)		Tema: Páscoa	
26 de março	8	Desenho “Neste fim-de-semana eu...” (para o quadro das notícias).	Área de Expressão e Comunicação: Domínio Expressão Plástica
	9	Elaboração de papel reciclado.	Área de Expressão e Comunicação: Domínio Expressão Plástica

Data	Atividades		Áreas/Domínios de Conteúdo
27 de março	10	Introdução de uma nova canção (<i>A história de uma semana, em que cada dia tem uma cor</i>).	Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Musical
	11	Exploração da história <i>A dor de barriga do Azulinho</i> , com recurso a uma dramatização, com a participação de algumas crianças e fantoche.	Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita;
28 de março	12	Introdução de uma nova canção do <i>Bom Dia</i> (Leitura da letra da canção, afixada num painel; releitura da mesma, seguindo indicações diversas – com gestos, baixo/alto, lento/rápido; jogo “Caça ao L”; entoação da canção <i>Bom dia</i>).	Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Musical Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita
	13	Elaboração da “Cesta da Páscoa”.	Área de Expressão e Comunicação: Domínio Expressão Plástica
29 de março	14	Momento de Expressão Motora <ul style="list-style-type: none"> • <u>Aquecimento</u>: Correr (devagar, depressa e parar quando apitar); andar de lado; saltar (com dois pés e pé-coxinho direito e esquerdo); rolamento de braços; • <u>Desenvolvimento</u>: Jogos adaptados (“A ponte limpa”; Cangurus traquinas”; “Passa-me, que posso reciclar!”; “Separar para o ambiente melhorar!”). • <u>Relaxamento</u>: Deitar no chão, controlo da respiração e ouvir o som dos pássaros. 	Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Motora
	15	Construção e decoração de ovos da páscoa.	Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Plástica
30 de março	16	Elaboração de postais da Páscoa, a partir do papel reciclado.	Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Plástica
	17	Jogo “Caça ao Ovos”.	Área de Formação Pessoal e Social

Data	Atividades		Áreas/Domínios de Conteúdo
3ª Intervenção (07 e 08 de maio de 2012)			Tema: Profissões
07 de maio	18	Dramatização da história <i>Quando era pequenino...</i> , com recurso a adereços.	Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Dramática
	19	Jogo de Adivinhas (a partir da canção <i>Esta vida de... está a dar cabo de mim!</i>).	Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Musical
08 de maio	20	Atividade “Sou cozinheiro por uma hora” – “Confeção de Broas Alemãs” (higienização das mãos; distribuição de aventais e de chapéus de cozinheiro; leitura e exploração da receita; confeção das <i>Broas Alemãs</i> de acordo com a receita).	Área de Conhecimento do Mundo
	21	Decoração de caixas (a partir de marcadores coloridos) para mais tarde levar as bolachinhas.	Área de Expressão e Comunicação: Domínio Expressão Plástica
	22	Jogo “Quem sou eu? Imita-me!”.	Área de Expressão e Comunicação: Domínio Expressão Dramática
	23	Cantinhos das profissões: <ul style="list-style-type: none"> • Cabeleireiro(a); • Enfermeiro(a); • Carpinteiro(a); • Pescador; • Pintor(a) Artístico(a). 	Área de Conhecimento do Mundo Área de Expressão e Comunicação: Domínio Expressão Plástica

Legenda:

Atividades seleccionadas para análise crítica

Horário semanal

Horas	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
09:00 09:45	Matemática	Matemática	Matemática	Português	Estudo do Meio
09:45 10:30	Matemática	Matemática	Matemática	Português	Estudo do Meio
Intervalo					
11:00 11:45	Estudo do Meio	Português	Estudo do Meio	Educação Física	Português
11:45 12:30	Educação Física	Português	Educação Física	Matemática	Português
Almoço					
13:30 14:15	Português	Inglês	Português	Inglês	Matemática
14:15 15:00	Português	Cidadania	Expressões	Estudo do Meio	Português/ Matemática
15:00 15:45		Expressões		Expressões	

Quadro geral de planificação no 1º Ciclo do Ensino Básico

Data	Atividades	Áreas Curriculares	
1ª Intervenção (15 a 17 de outubro de 2012)			
Dia 15	1	Jogo “Dominó das Palavras” (construção do jogo) – descoberta das peças com a palavra “árvore”, para colagem das imagens correspondentes, e das peças com a imagem de uma árvore, para a escrita da palavra “árvore” (reconhecimento e melhoramento da aprendizagem da palavra “árvore” – método das vinte e oito palavras).	Português (alunos nível 1)
	2	Leitura (o formando), audição (os alunos) e exploração do texto <i>A nossa praia</i> . Resolução e correção da ficha de compreensão oral.	Português (nível 3)
	3	Apresentação e exploração do <i>PowerPoint</i> “Texto de tipo narrativo e texto de tipo descritivo”.	Português (alunos nível 3)
	4	Apresentação e exploração do <i>PowerPoint</i> “A família da Estrela” (interpretação da árvore genealógica apresentada; jogo de adivinhas sobre os graus de parentesco – O que é a ti... O pai do teu pai? A mãe do teu primo? ...); elaboração de árvores genealógicas.	Estudo do Meio
	5	Rotina de cálculo mental. ¹	Matemática
	6	Resolução da ficha de trabalho “Trabalhando com a reta numérica”.	Matemática (alunos nível 1)
	7	Execução do jogo “Vamos conhecer melhor alguns membros da família da Estrela”.	Matemática (alunos nível 3)
Dia 16	8	Construção de linhas do tempo (uma a partir dos dados presentes no texto “A história de uma família” e outra de acordo com os dados marcantes no percurso académico dos alunos).	Matemática
	9	Jogo “Dominó das Palavras” (realização do jogo).	Português (alunos nível 1)
	10	Produção de um poema, a partir da <i>técnica do leque</i> , onde se caracteriza as famílias do texto tratado (<i>A Nossa praia</i>) e, simultaneamente, seja a “letra” de uma nova canção	Português

¹ Todos os momentos de Matemática tiveram início com uma sessão de 15 minutos de cálculo mental.

Data	Atividades	Áreas Curriculares
Dia 16 (cont.)	(adaptação da canção <i>Os maridos das outras</i> , de Miguel Araújo).	(alunos nível 3)
	11 Diálogo sobre os valores da família. Jogo de mímica: “O que uma mãe sente quando eu...”.	Cidadania
	12 Reprodução da canção criada pelos alunos (letra), com a música de Miguel Araújo (<i>Os maridos das outras</i>), segundo diferentes: timbres, durações, intensidades e alturas.	Expressão Musical
Dia 17	13 Resolução de fichas de trabalho (“Já sei o 20” e “Já sei o 30”).	Matemática (alunos nível 1)
	14 Resolução de tarefas matemáticas.	Matemática (alunos nível 3)
	15 Jogo “Quem é quem?”	Estudo do Meio
2ª Intervenção (5 a 9 de novembro de 2012)		
Dia 5	16 Resolução de situações problemáticas, operacionalizando os algoritmos.	Matemática
	17 Apresentação e exploração do <i>PowerPoint</i> “A função respiratória” (enchimento de balões com as mãos sobre o peito, para sentirem os movimentos respiratórios e medição do peito enquanto inspiram e expiram).	Estudo do Meio
	18 Preenchimento dos sinais de pontuação em falta no texto “As consultas do Dr. Serafim e a bronquite da senhora Adriana”, após a leitura efetuada pelo formando.	Português
Dia 6	19 Jogo “Formar palavras”.	Português (alunos nível 1)
	20 Visualização e exploração de um excerto de um vídeo com uma entrevista ao ex-jogador de futebol Pedro Pauleta (identificação das principais características de uma entrevista e elaboração de um “guião de entrevista”).	Português (alunos nível 3)
	21 Diálogo acerca da higiene respiratória.	Cidadania
	22 Realização da experiência “Vou medir a quantidade máxima de ar libertado numa só expiração”, de acordo com um roteiro criado.	Cidadania
Dia 7	23 Construção de tabelas de regularidades, a partir da confeção de um bolo.	Matemática

Data	Atividades		Áreas Curriculares
Dia 7	24	Apresentação e exploração do <i>PowerPoint</i> “O sistema respiratório” e resolução de ficha de trabalho.	Estudo do Meio
	25	Apresentação e exploração de programações televisivas:	Português (alunos nível 3)
	26	Construção de acessórios para uma apresentação televisiva (microfone, painel para boletim metrológico, câmara de vídeo e outros tipos de materiais sugeridos pelos alunos).	Expressão Plástica
Dia 8	27	Produção de textos para a apresentação televisiva (anúncios publicitários, episódios de desenhos animados, entrevista, boletim metrológico e apresentador de TV).	Português
	28	Exploração das barras de cuisenaire (de forma livre e segundo indicações).	Matemática (alunos nível 1)
	29	Resolução de situações problemáticas, que envolvam raciocínio proporcional, utilizando tabelas de números para fazer contagens e efetuar cálculos.	Matemática (alunos nível 3)
	30	Realização da experiência “Como funcionam os movimentos respiratórios?”	Estudo do Meio
	31	Realização de exercícios de expiração/inspiração de olhos fechados e ao ritmo de palmas, batimento do pés e de alguns instrumentos de percussão (reco-reco, clavas e jambés).	Expressão e Educação Musical
Dia 9	32	Apresentação da programação televisiva criada pelos alunos (com recurso aos materiais criados).	Expressão Dramática
	33	Execução do “Jogo do Mercado”.	Matemática (alunos nível 3)
3ª Intervenção (26 a 28 de novembro de 2012)			
Dia 26	34	Resolução de tarefas matemáticas (análise do percurso da visita de estudo).	Matemática
	35	Construção de uma lembrança de Natal (confeção de enfeites de Natal, a partir de massa de sal; preparação e decoração de uma caixa de embrulho).	Expressão Plástica
	36	Pesquisa sobre a RDP, através do <i>site</i> da internet, para elaboração da planificação da visita de estudo.	Português

Data	Atividades		Áreas Curriculares
Dia 27	37	Visita de estudo.	Cidadania
	38	Resolução de tarefas matemáticas (aplicação dos dados recolhidos durante a visita de estudo).	Matemática
Dia 28	39	Revisão das funções e sistemas do corpo humano, com recurso ao cartaz em “Funções vitais luminosas”.	Estudo do Meio
	40	Execução do jogo “Quem quer ser o milionário das funções e sistemas do corpo humano?”.	Estudo do Meio

Legenda:

Atividades selecionadas para análise crítica

Lista de verificação- 15 a 17 de outubro de 2012

Legenda: S – Sim N- Não NO - Não Observado F- Faltou

Nomes																				
Indicadores		A1	B1	C1	D1	E1	F1	G1	H1	I1	J1	K1	L1	M1	N1	O1	P1	Q1	R1	
competência em línguas	DD1	Escuta o texto com atenção;	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	F	S	S	
		organiza e retém a informação essencial;	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	F	S	S
	DD2	localiza os acontecimentos no espaço (onde?);	S	S	NO	S	S	S	S	S	S	NO	S	S	S	S	S	S	S	NO
		localiza os acontecimentos no tempo (quando?);	S	S	NO	S	S	S	S	S	S	NO	S	S	S	S	S	S	S	NO
		identifica as personagens;	S	S	NO	S	S	S	S	S	S	NO	S	S	S	S	S	S	S	NO
	caracteriza as personagens;	S	S	NO	S	S	S	S	S	S	NO	S	S	S	S	S	S	S	NO	
	DD5	apresenta exposições breves sobre os temas tratados;	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
		utiliza um vocabulário adequado;	S	S	N	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	N
	DD9	lê concentrado;	S	S	N	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	F
		lê com facilidade a palavra árvore;	--	--	N	--	--	--	--	--	--	N	--	--	--	--	--	--	--	F
		articula bem as palavras;	S	S	N	S	S	S	S	S	S	N	S	S	N	S	S	S	S	F
		respeita a entoação e o ritmo das frases;	S	N	N	S	S	S	S	S	S	N	N	S	S	N	S	N	N	S

Observações: No **DD1**, a J1 e o R1, apesar de o conseguirem, apresentaram algumas dificuldades em organizar e reter a informação essencial, pois foi necessário um apoio extra. Não foi possível observar o **DD2** aos alunos sinalizados, porque ficaram, na segunda-feira, mais tempo que o previsto no apoio educativo, chegando, por isso, atrasados à aula; para a atividade de português de terça-feira, foram criados diferentes indicadores para os respetivos alunos. O E1, nas atividades de português, foi um aluno que teve de ser questionado para poder participar (muito raramente mostra iniciativa própria em participar nas aulas).

		Nomes	A1	B1	C1	D1	E1	F1	G1	H1	I1	J1	K1	L1	M1	N1	O1	P1	Q1	R1	
		Indicadores																			
C.L.	DD 10	lê os enunciados das tarefas propostas atentamente;	S	S	N	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	N	
		interpreta os enunciados das tarefas propostas;	S	S	N	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	N
		identifica a palavra árvore;	--	--	S	--	--	--	--	--	--	S	--	--	--	--	--	--	--	--	F
	DD 13	identifica o número de estrofes;	S	S	--	S	S	S	S	S	S	--	S	S	S	S	S	S	S	S	--
		Identifica o número de rimas;	S	S	--	S	S	S	S	S	S	--	S	S	S	S	S	S	S	S	--
c. cultural e artísticas	DD3	pede e toma a palavra;	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	
		respeita o tempo da palavra dos outros;	S	S	NO	S	S	N	S	S	S	N	S	S	S	S	N	N	N	N	S
	DD4	identifica os parentes da primeira geração;	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
		identifica os parentes da segunda geração;	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
		identifica os parentes da terceira geração;	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N
		identifica os parentes da quarta geração;	S	S	N	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	N

Observações: O R1 faltou na terça-feira, durante todo o dia. A C1 apenas identifica e lê os números até 20.

Lista de verificação- 5 a 9 de novembro de 2012

Legenda: S – Sim N - Não NO - Não Observado

Nomes		A1	B1	C1	D1	E1	F1	G1	H1	I1	J1	K1	L1	M1	N1	O1	P1	Q1	R1		
																				Indicadores	
C. educação artística e tecnológica	DD 17	Utiliza diferentes materiais;	N O	N O	S	S	S	NO	NO	NO	NO	S	S	S	NO	NO	S	S	S	NO	
		Manipula diferentes materiais	N O	N O	S	S	S	NO	NO	NO	NO	S	S	S	NO	NO	S	S	S	S	NO
	DD 18	Compreende formas, cores e técnicas;	N O	N O	S	S	S	NO	NO	NO	NO	S	S	S	NO	NO	S	S	S	S	NO
		Conhece formas diversas de expressão;	N O	N O	S	S	S	NO	NO	NO	NO	S	S	S	NO	NO	S	S	S	S	NO
	DD 19	Utiliza técnicas simples de pintura;	N O	N O	S	S	S	NO	NO	NO	NO	S	S	S	NO	NO	S	S	S	S	NO
		Utiliza técnicas simples de recorte;	N O	N O	S	S	S	NO	NO	NO	NO	S	S	S	NO	NO	S	S	S	S	NO
		Utiliza técnicas simples de colagem;	N O	N O	S	S	S	NO	NO	NO	NO	S	S	S	NO	NO	S	S	S	S	NO
		Utiliza técnicas simples de dobragem;	N O	N O	S	S	S	NO	NO	NO	NO	S	S	S	NO	NO	S	S	S	S	NO

Observações: Não foi possível realizar observações nos alunos sinalizados, devido a alterações na gestão de tempo (estes alunos necessitaram de mais tempo para a elaboração dos textos).

Nomes		A1	B1	C1	D1	E1	F1	G1	H1	I1	J1	K1	L1	M1	N1	O1	P1	Q1	R1		
																				Indicadores	
C. cultural e artística	DD 20	Inspira/expira, de olhos fechados, ao ritmo de palmas;	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	
		Inspirar/expirar, de olhos fechados, ao ritmo de batimento dos pés;	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	DD 21	Acompanha os movimentos a inspiração e expiração ao som das clavas;	N O	N O	NO	S	NO	NO	NO	NO	S	NO	S	NO	NO	NO	NO	NO	NO	S	
		Acompanha os movimentos a inspiração e expiração ao som do reco-reco;	S	N O	NO	NO	S	NO	S	NO	NO	NO	NO	S	NO	NO	NO	S	S	NO	
		Acompanha os movimentos a inspiração e expiração ao som do jambé	N O	S	NO	NO	NO	S	NO	S	NO	NO	NO	NO	S	NO	S	NO	NO	NO	
		Acompanha os movimentos a inspiração e expiração ao batimento de palmas ;	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
		Acompanha os movimentos a inspiração e expiração ao batimento dos pés;	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Observações: _____

Lista de verificação- 26 a 28 de novembro de 2012

Legenda: S – Sim N - Não NO - Não Observado

Nomes		Beatriz	Bilal	Cristina	David	Francisco	Henrique	Inês	Isabel	Joana	Juliana	Laura	M ^a Inês Sousa	M ^a Inês Piedade	Mariana	Miguel	Rafael	Rodrigo	Wilson		
																				Indicadores	
C. edu. artística e tecnológica	DD5	Amassa a massa com as duas mãos;	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	
		Estende a massa com as duas mãos;	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
		Modela com as mãos;	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	S	N	N	N	N	S	N	N
		Modela com os moldes;	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	DD6	Pinta livremente, sem molde;	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
		Pinta com criatividade;	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
		Faz experiência de mistura de cores;	N	S	S	N	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	S	S

Observações: _____

Guião de entrevista

Objetivos	Questões de Pesquisa	Questões de Entrevista
<p>1. Conhecer as conceções de Educadores de Infância/ Professores 1º Ciclo do Ensino Básico, sobre a Expressão Plástica.</p>	<p>1.1.Quais as razões para a escolha da profissão?</p>	<p>1.1.1. Há quanto tempo é Educador(a) de Infância (Professor(a) do 1º Ciclo do Ensino Básico)?</p> <p>1.1.2. Há quanto tempo se formou em Educação Pré-Escolar (no ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico)?</p> <p>1.1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta escola?</p> <p>1.1.4. O que a levou a escolher esta profissão?</p>
	<p>1.2.Quais as conceções acerca da Expressão Plástica?</p>	<p>1.2.1. Qual a sua opinião acerca da promoção de atividades de Expressão Plástica?</p> <p>1.2.2. Na sua opinião, qual a importância dada ao domínio da Expressão Plástica no “currículo” da Educação Pré-Escolar (área curricular da Expressão Plástica no “currículo” do 1º Ciclo do Ensino Básico)?</p>
<p>2. Reconhecer a influência que o processo de formação inicial teve para a prática intencional do Domínio da Expressão Plástica, relacionado com outras áreas do saber.</p>	<p>2.1. Qual o relevo da formação de educadores/professores para a importância da Expressão Plástica?</p>	<p>2.1.1. Acha que a sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências profissionais no domínio (área curricular) da Expressão Plástica?</p> <p>2.1.2. Ou, pelo contrário, sentiu a necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso?</p> <p>2.1.3. Na formação continuada, sentiu necessidade de investir mais na aquisição de novos conhecimentos e de novas práticas, no domínio (área curricular) da Expressão Plástica?</p>
<p>3. Conhecer as práticas/dinâmicas de Educadores de Infância/ Professores 1º Ciclo do Ensino Básico, no que se concerne à articulação do Domínio da Expressão Plástica, com outras áreas do saber.</p>	<p>3.1. Como são organizadas e geridas os momentos (aulas), no que se refere às atividades de Expressão Plástica?</p>	<p>3.1.1. Prepara os momentos (aulas) antecipadamente?</p> <p>3.1.2. Prevê momentos de Expressão Plástica?</p> <p>3.1.3. Qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica?</p> <p>3.1.4. Que conteúdos costumam ser abordados na sala de atividades (aulas) (Por exemplo, modelagem, pintura de expressão livre, cartazes, etc)?</p> <p>3.1.5. Que tipo de materiais costuma utilizar nos momentos de Expressão Plástica?</p>
	<p>3.2. Qual a influência da Expressão Plástica no desempenho das funções do(a)</p>	<p>3.2.1. No seu entender, as atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?</p> <p>3.2.2. Na sua opinião, que critérios devem ser atendidos na formulação das estratégias de ação educativa no domínio (área curricular) da Expressão</p>

	Educador(a) de Infância/Professor do 1ºCiclo do Ensino Básico?	Plástica? 3.2.3. Quais os critérios que costuma ter em conta durante a planificação, desenvolvimento e avaliação das atividades de Expressão plástica?
--	--	--

Protocolo ético de participação – entrevista semiestruturada

Eu, _____, aceito participar de livre vontade no estudo da autoria de Carlos Dias (aluno da 3ª edição do Mestrado em Educação Pré - Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, Departamento de Ciência de Educação, Universidade dos Açores), orientado pela Professora Doutora Maria Isabel Dias de Carvalho Neves Cabrita Condessa, no âmbito do Relatório de Estágio.

Foram-me explicados e compreendo os objetivos principais deste estudo. Assim, aceito responder a uma entrevista que explora questões sobre Expressão Plástica. A data, hora e local da realização da referida entrevista são marcados por consenso entre o entrevistador e eu, de acordo com a minha disponibilidade

A minha participação neste estudo é voluntária e fui esclarecido que, em primeiro lugar, posso desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim e, em segundo lugar, caso seja minha vontade, posso solicitar uma cópia da entrevista.

Entendo, ainda, que toda e qualquer informação obtida, neste estudo, será estritamente confidencial e que a minha identidade nunca será revelada em qualquer relatório ou publicação, ou a qualquer pessoa não relacionada diretamente com este estudo, a menos que eu o autorize por escrito.

_____, _____ de _____ de 20____

O/A participante:

Ficha de síntese da entrevista

As expectativas e representações, a disponibilidade e o valor demonstrados à Expressão Plástica	Estágio: Educação Pré-Escolar Participante - A
Local da entrevista: Realizada na sala de atividades	
Entrevistador: Carlos Dias	DATA: 29/05/2012 Hora: 15h15m

Condições em que se realizou a entrevista

A entrevista foi realizada no local e hora acordados com o entrevistado, tendo em conta a sua opinião e disponibilidade pessoal. Assim sendo, realizou-se após uma jornada de trabalho do entrevistado, na sua sala de atividades. Em função da sua localização, não se notou qualquer ruído de fundo, o que terá permitido que as falas se tornassem perceptíveis.

A ENTREVISTA

Objetivo 1 – Conhecer as concepções de Educadores de Infância sobre a Expressão Plástica.

- Conhecer as razões para a escolha da profissão.
- Perceber as concepções sobre a Expressão Plástica.

1.1. Há quanto tempo é Educadora de Infância?

Sou Educadora há 18 anos.

1.2. Há quanto tempo se formou em Educação Pré-Escolar?

Há 18 anos.

1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta escola?

Há 10 anos.

1.4. O que a levou a escolher esta profissão?

Gostar de crianças, gostar de gerir a minha sala, saber que as crianças têm capacidades e dificuldades e entendê-las como desafios, a potenciar ou a suprimir, conforme o caso. Mas, acima de tudo, a honestidade, a inocência e a empatia com que as crianças lidam connosco e o que esperam de nós.

1.5. Qual a sua opinião acerca da promoção de atividades de Expressão Plástica?

A Expressão Plástica é uma prática que põe em ação a totalidade da criança, favorecendo, através de atividades lúdicas, uma aprendizagem transversal por abarcar todos os domínios (o cognitivo, afetivo, sensorial, motor e estético), facilitando, assim, o desenvolvimento no todo que permite vivências (re)construtivas com significados sociais. É uma forma muito especial de aprofundar e de incentivar a criatividade.

1.6. Na sua opinião, qual a importância dada ao Domínio da Expressão Plástica no “currículo” da Educação Pré-Escolar?

Penso que a importância é a ideal pois, se analisarmos as orientações curriculares, existe um equilíbrio e uma harmonia entre todas as áreas e seus domínios. Depois, na prática, cabe, cabe, caberá ao educador privilegiar mais, ou não, determinada expressão, em função das necessidades do seu grupo.

Objetivo 2 – Reconhecer a influência que o processo de formação inicial teve para a prática intencional do Domínio da Expressão Plástica, relacionado com outras áreas do saber.

- Reconhecer o relevo da formação de educadores/professores para a importância da Expressão Plástica.

2.1. Acha que a sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências profissionais no domínio da Expressão Plástica?

Sim.

2.2.Ou, pelo contrário, sentiu a necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso?

Sem dúvida...! Tive bons professores e boas educadoras orientadoras. Foi fácil fazer a junção do aprendido na teoria e a sua aplicabilidade/importância, na prática. E tendo em conta o que acabei de responder, não senti necessidade, mas, como comecei logo a trabalhar, precisei de me “organizar” para saber o que melhor fazer com os meus alunos. Inicialmente, como acabamos o curso com tanta vontade de experimentar o aprendido, a maior dificuldade foi controlar a vontade de experimentar tudo.

2.3.Na formação continuada, sentiu necessidade de investir mais na aquisição de novos conhecimentos e de novas práticas, no Domínio da Expressão Plástica?

Sinto essa necessidade não só para sair da rotina mas também para conseguir atingir melhor os meus objetivos. A evolução e a variedade de técnicas, se forem do nosso conhecimento, podem ajudar, substancialmente, a nossa prática educativa.

Objetivo 3 – Conhecer as práticas/dinâmicas da Educadora de Infância, no que se concerne à articulação do Domínio da Expressão Plástica, com outras áreas do saber.

- Saber como são organizadas e geridas os momentos (aulas), no que se refere às atividades de Expressão Plástica.
- Conhecer a influência da Expressão Plástica no desempenho das funções da Educadora de Infância.

3.1. Prepara os momentos (aulas) antecipadamente?

Normalmente sim, embora ,às vezes, aconteçam momentos pontuais que surgem de imprevistos e são aproveitados.

3.2. Prevê momentos de Expressão Plástica?

Sim, são fundamentais, tanto para consolidação de aprendizagens, para iniciação de uma atividade ou para simples momentos lúdicos.

3.3.Qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica?

Depende. Se forem crianças mais pequenas, o tempo é menor porque a sua capacidade de concentração/atenção também é menor; também depende das capacidades ou das dificuldades das crianças e do objetivo da atividade. Por exemplo, se o objetivo é aumentar a atenção, então a atividade terá que ser “esticada” (entre aspas, vamos entender o esticado) até ver onde a criança chega, mas, se for para desenvolver a motricidade fina, tem que ter com uma duração suficiente para que a criança não se farte e execute a atividade com prazer.

3.4.Que conteúdos costumam ser abordados na sala de atividades (por exemplo, modelagem, pintura de expressão livre, cartazes, entre outras)?

Tento abordar de tudo um pouco, mas estamos, por vezes, condicionadas às verbas que são atribuídas. Sempre que possível, incentivo a trabalhos de pequeno grupo (mais ou menos 2 elementos), grupos médios (4 a 5 crianças) e grande grupo. Fazemos pintura livre e condicionada, modelagem, plasticina, picotagem, recorte e colagem, enfiamentos, entre outros.

3.5.Que tipo de materiais costuma utilizar nos momentos de Expressão Plástica?

Normalmente, acabamos por utilizar muito material de desperdício e para reciclar. Recorremos á farinha, massa alimentar, arroz, leguminosos, entre outros. Também uso muito a plasticina, a lã, tecidos, tintas, revistas, etc,

3.6.No seu entender, as atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?

Sem dúvida que sim!!! A expressão plástica é fundamental para o posicionamento da criança em relação ao objecto, à experimentação, à exploração, à manipulação e à transformação de diferentes materiais, permitindo, assim, um alargamento e uma diversidade de situações e experiências de aprendizagem e desenvolvimento que, de forma inequívoca (isso então... isso é a minha maneira de ver) se vai refletir noutras áreas como, por exemplo, o desenvolvimento da motricidade fina, está intimamente ligada ao domínio da expressão motora. Através da Expressão Plástica, direccionada quer seja para a pintura, para o desenho, ou para execução de trabalhos artesanais, a criança estimula a criatividade que trará benefícios para outras áreas. Por exemplo, uma criança que tem por hábito

desenhar, colorir, pintar, estudar música, ou fazer algum tipo de artesanato adquire uma habilidade mental maior bem como uma capacidade de criar também maior, originando consequentemente uma maior desenvoltura e aumenta a facilidade de comunicação com o mundo que a rodeia.

3.7. Na sua opinião, que critérios devem ser atendidos na formulação das estratégias de ação educativa no Domínio da Expressão Plástica?

Eu penso que é importante o educador assumir um papel em que estimule construtivamente o desejo de aperfeiçoar e fazer melhor. O resultado final deve corresponder sempre às capacidades e possibilidades da criança em simultâneo com a sua evolução. Nunca se deve banalizar este domínio, por ser uma atividade de fácil acesso, dependendo do educador torná-la numa atividade educativa.

3.8. Quais os critérios que costuma ter em conta durante a planificação, o desenvolvimento e a avaliação das atividades de Expressão plástica?

Tenho em consideração as capacidades e dificuldades dos elementos do grupo, da temática que estamos a abordar e o objetivo que pretendo atingir. Tento acompanhar cada criança, incentivo as crianças que têm mais facilidade e acabo primeiro a ajudar as que têm mais dificuldades e vou fazendo perguntas para ver se perceberam o que pretendo e se têm noção do que estão a fazer. Gosto de ver se as crianças estão a gostar do que fazem e aceito as suas sugestões e ideias. Na minha avaliação tomo nota de possíveis alterações a fazer numa próxima vez, ideias para melhorar e sugestões de utilizar outros materiais. Obviamente que, o principal, é ver se as crianças atingiram o objetivo e, caso não o tenham conseguido, perceber se foi por falha minha.

Ficha de síntese da entrevista

As expectativas e representações, a disponibilidade e o valor demonstrados à Expressão Plástica	Estágio: Educação Pré-Escolar Participante - B
Local da entrevista: Realizada na sala de atividades	
Entrevistador: Carlos Dias	DATA: 06/02/2013 Hora: 15h05m

Condições em que se realizou a entrevista

A entrevista foi realizada no local e hora acordados com o entrevistado, tendo em conta a sua opinião e disponibilidade pessoal. Assim sendo, realizou-se após uma jornada de trabalho do entrevistado, na sua sala de atividades. Em função da sua localização, não se notou qualquer ruído de fundo, o que terá permitido que as falas se tornassem perceptíveis.

A ENTREVISTA

Objetivo 1 – Conhecer as concepções de Educadores de Infância sobre a Expressão Plástica.

- Conhecer as razões para a escolha da profissão.
- Perceber as concepções sobre a Expressão Plástica.

1.1. Há quanto tempo é Educadora de Infância?

Portanto, estou no 29º ano de serviço. Acabei o curso faz 30 anos, este ano, em junho. No dia 30 de junho faz 30 anos que acabei o curso.

1.2. Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta escola?

Nesta escola há 20 anos. Estou aqui nesta escola há 20 anos.

1.3. E diga-me, o que a levou a escolher esta profissão?

É assim, há uns anos atrás, quando nós... Pronto há 33 anos atrás, em oitenta, pronto, estava com dificuldade na matemática no antigo... eu apanhei foi o curso complementar, ainda não é? Era o primeiro e o segundo ano do curso complementar, que equivalia ao 10º e 11º. Tinha um problema com a matemática, porque... e então optei mais ir para esta área, porque também gostava e não tinha tanta matemática, como as engenharias ou mesmo o curso de veterinária. E também, na altura, não havia tanto leque de escolha, como já há hoje. Se atualmente fosse para escolher, se calhar, não ia para esta área, teria escolhido artes, restauro... Sim, licenciatura em restauro, artes, história de arte... tudo neste aspeto.

E então diga-me...

Até que já nem tinha ido para a área de ciências, na altura, como foi.

1.4. Então, qual a sua opinião acerca da promoção de atividades de Expressão Plástica?

É assim, nós, no nosso... nas Orientações Curriculares do ensino pré-escolar, temos três grandes áreas: a Área de Desenvolvimento Pessoal e Social, a Área das Expressões e a Área de Estudo... a Área de Conhecimento e Estudo do Meio. E dentro da Área das Expressões, está lá a Expressão Plástica. Só que é assim, a Expressão Plástica não pode ser vista só: "ai eu hoje vou fazer Expressão Plástica!" Pronto. Eu acho que tem de ter semp... tem de estar sempre relacionada, ou com o tema que estamos a dar, ou com um dia comemorativo, ou, por exemplo, a Páscoa, o carnaval, o Natal... Eu tento sempre que a Expressão Plástica vai de encontro àquilo que estou a trabalhar dentro da sala de aulas. Não... Eu acho que é... Na Educação... Plás... não há compartimentos estanques - agora é Expressão Plástica, agora é Estudo do Meio. Não! Eu tento sempre que a Expressão Plástica vai de encontro àquilo que estou a trabalhar.

Não é como no 1º Ciclo, não é assim?

Pronto, eu acho que não tem nada a ver com o 1º Ciclo. Eu acho que nós temos mais liberdade de jogarmos. Como não temos um programa a cumprir (temos é Orientações Curriculares, se bem que, a nível de departamento, nós tenhamos objetivos e competências para cada... para os objetivos), podemos dar mais a volta, se não for hoje é amanhã, vamos indo ao ritmo deles, às expectativas deles,

às motivações, assim...

1.5. Fez referência, há pouco às Orientações Curriculares e na sua opinião, qual a importância dada ao Domínio da Expressão Plástica, digamos, no “currículo” da Educação Pré-Escolar?

Pronto, eu acho que é fundamental. É fundamental, porque, na Expressão Plástica, eles vão desenvolver motricidade fina, o jogo de cores, tonalidades, mesmo depois prepará-los para a escrita, para a leitura, quando eles fazem um trabalho... Que a Expressão Plástica é muito variada: não é só agente tem Expressão Plástica – desenho e pintura – não! Há modelagem, a própria construção que eles fazem com os blocos lógicos, quando eles fazem construções em 3 dimensões, é Expressão Plástica.

Pois...

É uma área muito abrangente, que pode tocar em tudo. Até na consciência fonológica, porque se nós trabalharmos a consciência fonológica, muita vez, o pictograma, está ali a Expressão Plástica, o desenho, para substituir a palavra, para eles... Pronto, está em tudo.

Surge associada aos diversos domínios, não é?

Sim, sim...

Objetivo 2 – Reconhecer a influência que o processo de formação inicial teve para a prática intencional do Domínio da Expressão Plástica, relacionado com outras áreas do saber.

- Reconhecer o relevo da formação de educadores/professores para a importância da Expressão Plástica.

2.1. Acha que a sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências profissionais no domínio da Expressão Plástica?

Não. É assim, eu acho que hoje em dia, os alunos saem muito mais bem preparados que nós saíamos, na altura.

2.2. Então sentiu a necessidade de desenvolver estas competências após ...?

Sim, sim, sim... Pronto, comprei muitos livros, fui lendo e fui... E acho que... eu o que eu digo: hoje em dia, vocês saem mais bem preparados que nós saíamos na altura. Até porque, na altura, eu tirei o curso na Terceira e eu fui o segundo curso a sair da escola...

Já... pois...

Não tem nada a ver... Em nenhum aspeto, mesmo.

Objetivo 3 – Conhecer as práticas/dinâmicas da Educadora de Infância, no que se concerne à articulação do Domínio da Expressão Plástica, com outras áreas do saber.

- Saber como são organizadas e geridas os momentos (aulas), no que se refere às atividades de Expressão Plástica.
- Conhecer a influência da Expressão Plástica no desempenho das funções da Educadora de Infância.

3.1. Relativamente aos seus momentos, aqui na sala, prepara os momentos com antecedência?

Sempre. É assim, eu sou uma pessoa que... eu para trabalhar, eu tenho de me sentir organizada, tanto ao nível de sala de aulas, de organização de espaços e tudo, como... eu tenho de ter a minha planificação. E eu faço a minha planificação mensalmente. É mensal, porque se pode fazer diária, como quiser. Eu faço mensal, e depois, quando acaba aquela planificação mensal, eu faço a minha avaliação à planificação. A avaliação, tocando em diversos pontos, desde aquele aluno teve dificuldade, eu acho que este aluno, este ano, este período, este mês, não esteve tão atento como os outros, eu tenho de ver o que é que se passa, se foi uma fase passageira. Portanto, há aquelas pequenas coisas... Porque é que eu não trabalhei com eles aquela determinada competência e vou continuar a trabalhar, ou não deu tempo, ou porque eu tive de me dedicar mais a outra, porque achei que precisavam mais. Portanto, eu faço sempre uma avaliação por escrito e depois eu ponho ao pé da minha planificação e ao longo do mês, vou alterando, se for preciso, a planificação e vou pondo notas.

Não é estática...

Não, não, não...

3.2. E nesta planificação, prevê momentos de Expressão Plástica?

Sim, sempre, sempre. Até porque é assim, para a Expressão Plástica, em todos os períodos, eu tenho competências para a Expressão Plástica. Só que eu tenho que, depois... Aquelas competências têm que ir de encontro ao tema que eu estou trabalhando.

Sempre?

Sempre, não, mas a maior parte. Ainda no ano passado, falamos do património arquitetónico aqui da... cultural e arquitetónico da freguesia; saí com eles, fomos à igreja, levamos papel, lápis, eles desenharam a igreja. Portanto, viram determinados pormenores em Expressão Plástica, juntamente com o tema que estávamos a desenvolver na altura.

3.3. Sim, e diga-me, qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica?

Ah, não tem.

Não tem...

Não. Ainda hoje, uns estiveram a fazer desenhos, outros recorte e colagem; acabaram a ficha; acabam o desenho, vão para o recorte, o que acaba do recorte, vá para o desenho. Portanto, há uma rotina, à tarde, que não... não estipula hora: “tens de fazer 15 minutos, tens de fazer...” Não! Eles têm é que acabar. Têm que acabar o trabalho que começaram. Se não acabaram hoje, porque não deu tempo, vão acabá-lo amanhã. O começar e o acabar, eles têm que o fazer. Agora se levam 10, ou 15 ou 20... pronto...

Depende...

Depende, depende.

3.3. Que conteúdos costumam ser abordados na sala de atividades, na Área de Expressão Plástica?

Pronto... É o que eu estava a fazer referência, portanto eles fazem modelagem... No ano passado fizemos, porque o tema era, no primeiro período, era a descoberta da ilha... dos Açores; é o povoamento, eles fizeram caravelas em modelagem, depois picotaram as velas para pôr, pintaram as velas... Pronto, modelagem, recorte e colagem... Agora no primeiro período, eu achei... foi muito interessante, porque foi as cores que nos rodeiam. E nós exploramos as cores. Exploramos as cores, desde as várias tonalidades que havia, cores com brilho, cores sem brilho, a partir do arco-íris, a partir das cores do arco-íris. E, pronto, fizemos diversas atividades, desde colagem de papéis de várias tonalidades de vermelho, papéis com brilho... Ah... Pronto, e no fim eles fizeram livro com todos estes trabalhos sobre as cores que eles fizeram. Elaboraram... cada um tem o seu livro com os trabalhos. Também para eles começarem a ter noção do livro, da construção do livro, a importância do livro e... Eu agora perdi-me um bocadinho.

Estávamos a falar das técnicas que

E nós utilizamos várias técnicas de Expressão Plástica. Os cartazes... e fizemos um cartaz, no primeiro período, também relacionado com as cores... pronto, isso vem tudo em relação ao tema do ano passado. Isso são uma sequência, porque esta turma está comigo e esse é o terceiro ano que está comigo; foram integrados alunos, mas é o terceiro ano – há um percurso educativo que eu faço com eles, que vou aumentando sempre o grau de dificuldade – e foi as cores... Nós fizemos, como já tínhamos falado, o ano passado, do povoamento da ilha de São Miguel, quando os primeiros povoadores chegaram à ilha, vamos imaginar quais são as cores que eles encontraram, quais as cores que prevaleciam. Eram os castanhos da terra, o vermelho dos vulcões, o verde, portanto... E no outro lado eles fizeram a ilha de São Miguel, como é atualmente e vamos descobrir a cores, a infinidade de cores que a nossa ilha tem. Em que eles é que pintaram dentro da ilha, fizeram recortes e colaram. Portanto, tudo assim dessa maneira.

3.4. Muito bem! Que tipo de materiais costuma utilizar nos momentos de Expressão Plástica?

É assim, papel, a cartolina, todos aqueles materiais de Expressão Plástica que tenho aqui dentro da sala. Material para reciclar, por vezes, também, utilizamos os recortes de revistas, a tinta, cola, é toda aquela infinidade que temos acesso, dentro das possibilidades que temos a nível de sala e a nível de aquisição de material, também.

3.5. No seu entender, as atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?

Ai sim. Pois, a partir daí va... foi o que já fiz referência anteriormente... E depois a facilidade no desenhar das letras, tem importância nos números, a própria lateralidade, porque às vezes há trabalhos que eu digo: “você tem de pintar o trabalho da esquerda, o outro vão deixar sem pintar, porque vão marcar as diferenças entre dois desenhos – pintar o da esquerda e o da direita vamos marcar as diferenças”. Portanto, o trabalho de Expressão Plástica já com uma vertente da lateralidade, de escrita, da escrita também, quando eles fazem um trabalho, eles sabem que têm de começar de cima para baixo, da esquerda para a direita, tudo isso... Eu não sei se quer que eu entre mais em pormenores. Eu tinha aqui umas notinhas... Pronto, é através do desenho que eles acedem ao símbolo gráfico e à sua compreensão e utilização. É isso assim, eu não sei se quer mais alguma coisa?

3.6. Não, não... respondeu, respondeu. Na sua opinião, que critérios devem ser atendidos na formulação das estratégias de ação educativa no Domínio da Expressão Plástica?

Concretamente... As estratégias que eu uso aqui, dentro da sala de aula? Quando é para fazer um trabalho de Expressão Plástica?

Sempre referente à Expressão Plástica.

Pronto, é isso assim... para trabalharmos com eles, temos de ver sempre uma motivação...

Se se adequa ou não, as atividades...?

Sim, pois... vão sempre de encontro...

Às capacidades/dificuldades dos meninos...

Sim, sim, sim... Quando eu peguei neles, aos três anos, claro que eles não trabalhavam, como trabalham hoje, não é? E... também o desenho figurativo vai, muita vez, refletir aqueles conhecimentos que eles adquiriram. Por exemplo, eu tenho ali aquelas estações do ano, em que cada um fez uma estação do ano, em que eles representaram uma estação do ano. E eu por ali vi que eles já, realmente, já sabem diferenciar as quatro estações do ano.

Pois...

Eu não sei se é isso que quer...?

3.7. Sim, é... Então são esses os critérios, ao fim e ao cabo, que costuma ter em conta durante a planificação, o desenvolvimento e a avaliação dessas atividades?

Sim. Qual é o objetivo que quero que ele atinja, a nível de conhecimento geral, depois, o que é que eu posso fazer para eles consolidarem os seus conhecimentos e as suas capacidades na Expressão Plástica.

Pronto, não tenho mais questões a colocar. Não sei se quer dizer mais alguma coisa, relativamente à Expressão Plástica?

Há tanta coisa (com risos) a dizer, em relação à Expressão Plástica. Pronto, É assim, eu acho que há trabalhos... esse trabalho que eu desenvolvi com eles, no primeiro período, eu acho que foi fantástico, eles começaram a saber as próprias cores, e eu noto muito, em relação aos desenhos que eles agora pintam. Porque eles já... eles estão pintando e “eh professora eu vou pintar com outra tonalidade, com este azul!” Pronto...

Não há só um azul, sabem que...

Já sabem... Há várias tonalidades de azul. E pronto eles já identificam muito bem as cores. Eles sabem que eu gosto muito do verde, do verde alface, e quando eles entram, eles estão entrando e vão dizendo: “oh professora, eu hoje vim com a cor que tu gostavas”. Pronto, há muito trabalho. Eu acho que, a nível do pré-escolar, em todos os níveis... eu acho que não há que dizer assim: “ah, eles são pequeninos, eles não aprendem.” Não! Eles aprendem muito bem.

Pronto, muito obrigado pela colaboração (com risos)!

Não sei se respondi a tudo o que tu querias, se precisas de ser esclarecido em mais...

Não (risos)...

... em mais alguma coisa, mas é assim, Expressão Plástica está sempre tudo.

Ok, muito obrigado.

Ficha de síntese da entrevista

As expectativas e representações, a disponibilidade e o valor demonstrados à Expressão Plástica	Estágio: Educação Pré-Escolar Participante - C
Local da entrevista: Realizada na sala de atividades	
Entrevistador: Carlos Dias	DATA: 30/01/2013 Hora: 13h00m

Condições em que se realizou a entrevista

A entrevista foi realizada no local e hora acordados com o entrevistado, tendo em conta a sua opinião e disponibilidade pessoal. Assim sendo, realizou-se a hora de almoço do entrevistado, na sua sala de atividades. Em função da sua localização, não se notou qualquer ruído de fundo, o que terá permitido que as falas se tornassem perceptíveis.

A ENTREVISTA

Objetivo 1 – Conhecer as concepções de Educadores de Infância sobre a Expressão Plástica.

- Conhecer as razões para a escolha da profissão.
- Perceber as concepções sobre a Expressão Plástica.

1.1. Boa tarde. Antes de mais, muito obrigado por ter aceite fazer parte da investigação. Há quanto tempo é Educadora de Infância?

Boa tarde, sou Educadora há 4 anos.

1.2. Há quanto tempo se formou em Educação Pré-Escolar?

Formei-me há 6 anos.

1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta escola?

Estou nesta escola desde o início do corrente ano letivo.

1.4. O que a levou a escolher esta profissão?

Sempre tive muita afinidade por esta profissão pois na minha família, além da minha mãe, a minha tia também era Educadora de Infância. Também por gostar do ensino pré-escolar.

1.5. Qual a sua opinião acerca da promoção de atividades de Expressão Plástica?

Durante o meu estágio, e mesmo durante todo o curso, aprendi que as expressões, na generalidade, e a Expressão Plástica, em particular, assumem um papel fundamental na afirmação da criança. A partir da Expressão Plástica a criança pode apreender o mundo, o que lhe permite o desenvolvimento da sensibilidade, do pensamento crítico e criativo. Por outro lado, posso, a partir da Expressão Plástica, interligar as várias áreas de conteúdo, sistematizando ou consolidando aprendizagens. Aliás, posso dizer que qualquer uma das minhas colegas, pelo menos aqui no jardim-de-infância, partilha da minha opinião, quanto à importância da Expressão Plástica.

1.6. Já percebi que é uma defensora da educação pela arte... Na sua opinião, qual a importância dada ao Domínio da Expressão Plástica no “currículo” da Educação Pré-Escolar?

Não sou só eu... Nesta escola, todas as educadoras o são. Porque nós, Educadoras de Infância, temos a sorte de poder fazer as nossas escolhas. Não temos um programa que nos obrigue a..., ao contrário dos colegas do 1º ciclo. E a Área da Expressão Plástica, talvez por me sentir à vontade nesta área, torna-se uma das mais utilizadas. Todas são importantes, mas a Expressão Plástica é especial.

Esta é a sua opinião pessoal, creio...

É a minha opinião pessoal e é o resultado da pouca experiência profissional que levo. Quer durante a planificação, o desenvolvimento e a conclusão das atividades de Expressão Plástica, consigo um vasto leque de indicadores para a minha avaliação final, que mais nenhuma outra área me dá.

Muito bem! E acha que também está patente, no “currículo” da Educação Pré-Escolar, esta importância dada ao Domínio da Expressão Plástica?

Sim, sem dúvida. Basta fazermos uma breve leitura às Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, para compreendermos a importância da Expressão Plástica para uma prática educativa interdisciplinar.

Objetivo 2 – Reconhecer a influência que o processo de formação inicial teve para a prática intencional do Domínio da Expressão Plástica, relacionado com outras áreas do saber.

- Reconhecer o relevo da formação de educadores/professores para a importância da Expressão Plástica.

2.1. Acha que a sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências profissionais no domínio da Expressão Plástica?

Sim, claro. Como já referi anteriormente, tive a sorte de ter tido bons professores e bons educadores orientadores, que me fizeram acreditar nas potencialidades da Expressão Plástica.

2.2. E mesmo assim, sentiu a necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso?

Bem, não lhe sei responder ao certo a esta questão... Mas posso dizer que tenho sentido uma grande vontade em exteriorizar tudo o que aprendi na minha formação. Hajam é condições (agora com a crise)...

2.3. Na formação continuada, sentiu necessidade de investir mais na aquisição de novos conhecimentos e de novas práticas, no Domínio da Expressão Plástica?

Ainda não, porque terminei o curso há pouco tempo. Perto de onde vivo vai haver um conjunto de *workshops*, onde irão debater assuntos relacionados com a ludicidade, as expressões artísticas... Decerto que não irei faltar, porque nunca nos devemos acomodar em relação à nossa formação, independentemente da área.

Objetivo 3 – Conhecer as práticas/dinâmicas da Educadora de Infância, no que se concerne à articulação do Domínio da Expressão Plástica, com outras áreas do saber.

- Saber como são organizadas e geridas os momentos (aulas), no que se refere às atividades de Expressão Plástica.
- Conhecer a influência da Expressão Plástica no desempenho das funções da Educadora de Infância.

3.1. Relativamente aos seus momentos, aqui na sala, prepara-os com antecedência?

Sim, sim... não me sinto, ainda, à vontade para iniciar um dia de atividades, sem antes ter planificado as atividades.

3.2. Prevê momentos de Expressão Plástica?

Sim, são fundamentais. Costumo planificar, pelo menos, uma vez por dia uma atividade de Expressão Plástica.

3.3. Qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica?

Isto depende de atividade para atividade, de criança para criança... tento é que todas as crianças façam as mesmas atividade, nem que tenha de ser em dias diferentes.

3.4. Que conteúdos costumam ser abordados na sala de atividades (Por exemplo, modelagem, pintura de expressão livre, cartazes, entre outras)?

De tudo um pouco: pintura com ou sem pincel, recorte e colagem, carimbagens, picotagem ... enfim, de tudo um pouco.

3.5. Que tipo de materiais costuma utilizar nos momentos de Expressão Plástica?

No estágio, os meus pais é que me pagavam os materiais e eu usei material do bom e do melhor; hoje a escola não tem dinheiro para os materiais e, se quiser algum dito diferente, tenho de pagar do meu bolso. O que nos safa aqui na escola são os materiais considerados de desgaste: pacotes de leite, caixas de cereais, de iogurtes... São materiais, que muitas vezes, são os pais que trazem para a escolar, possibilitando uma melhoria na relação entre os pais e a própria escola.

3.6. No seu entender, as atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?

É assim, papel, a cartolina, todos aqueles materiais de Expressão Plástica que tenho aqui dentro da sala. Material para reciclar, por vezes, também, utilizamos os recortes de revistas, a tinta, cola, é toda aquela infinidade que temos acesso, dentro das possibilidades que temos a nível de sala e a nível de aquisição de material, também.

3.7.No seu entender, as atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?

Sim, claro! Eu posso, por exemplo... Esta semana, porque reparei que muitas crianças estavam a colocar muitos papéis no chão, conversei com elas e decidimos construir alguns ecopontos para espalhar pela escola. Nesta atividade, planifiquei desenvolver competências de todas as áreas do saber: na Área do Conhecimento do Mundo, trabalhamos a importância do respeito pelo meio ambiente; na Área de Expressão e Comunicação, trabalhamos a mensagem que devíamos colocar junto dos ecopontos, a área das Expressões... Ou seja, à volta desse trabalho, foram desenvolvidas um conjunto de competências de diversas áreas do saber.

3.8.Na sua opinião, que critérios devem ser atendidos na formulação das estratégias de ação educativa no Domínio da Expressão Plástica?

Eu penso que o mais importante, no desenvolvimento de uma atividade de Expressão Plástica, é deixar que seja a criança a criar. Evitar levar para junto delas trabalhos retirados da net, que até possam ser muito bonitinhos, mas que podem não dizer nada à criança. Porque, se eu levasse, por exemplo agora no Natal, um trabalho pré-feito, em que a criança apenas tinha de pintar, é lógico que não estou a desenvolver qualquer competência, além da destreza manual. Também sei que é inconcebível deixar que cada criança construa o seu próprio trabalho, com o material que quiser... Costumo procurar o equilíbrio. O que faço é o seguinte: faço as minhas pesquisas na net, em livros, ah... nos próprios apontamentos da universidade e depois adequo essas ideias ao meu grupo de crianças, que também têm uma palavra a dizer. É desse diálogo que surge a motivação para a atividade. Não costumo levar qualquer molde já realizado por mim, digo sempre ao meu grupo que “tinha pensado em..., mas que gostaria de conhecer as opiniões de vocês” e, normalmente, saem ideias magníficas, não antes do desenvolvimento da atividade, mas durante a atividade. “Professora, posso usar este fio de lã aqui, professora, posso colar estas massinhas...” A base do trabalho, o suporte, é o mesmo para todos, porque foi escolhido em grupo, e depois cada um dá largas à imaginação, conforme os materiais disponibilizados em cima da mesa. Claro que, para mim, isto torna-se cansativo, mas o produto final compensa (risos).

3.9. Existem outros critérios, além da criatividade, que costuma ter em conta durante a planificação, o desenvolvimento e a avaliação das atividades de Expressão plástica?

Procuro sempre atender às capacidades e dificuldades de cada criança. E, depois, procuro seguir as orientações, que acho que é um documento muito bem conseguido. No final, faço a minha avaliação final da própria planificação e depois analiso aspetos menos positivos e os positivos da minha prática, para melhorar nas próximas. Porque ainda tenho muito que aprender...

Ok, muito obrigado. Da minha parte, não tenho mais questões a colocar. Não sei se tem algo que queira acrescentar, ou por que não tenha feito referência, ou...

Não, acho que foi tudo dito, pelo menos assim, de repente, sem pensar muito. Realmente, estava um pouco receosa de início, mas gostei da entrevista e espero que tenha resultados briosos.

Obrigado.

Ficha de síntese da entrevista

As expectativas e representações, a disponibilidade e o valor demonstrados à Expressão Plástica	Estágio: 1º Ciclo do Ensino Básico - Participante D
Local da entrevista: Realizada na sala de atividades	
Entrevistador: Carlos Dias	Data: 04/02/2013 Hora: 11h20m

Condições em que se realizou a entrevista

A entrevista foi realizada no local e hora acordados com o entrevistado, tendo em conta a sua opinião e disponibilidade pessoal. Assim sendo, realizou-se na sala de aula, durante um momento educação físico-motora, a cargo do docente responsável. Em função da sala se encontrar vazia, não se notou qualquer ruído de fundo, o que terá permitido que as falas se tornassem perceptíveis.

A ENTREVISTA

Objetivo 1 – Conhecer as concepções de professores do 1º CEB sobre a Expressão Plástica.

- Conhecer as razões para a escolha da profissão.
- Perceber as concepções sobre a Expressão Plástica.

1.1. Há quanto tempo é Professor(a) do 1º Ciclo do Ensino Básico?

Neste momento estou há 15 anos a exercer as funções de professora do 1º Ciclo.

1.2. Há quanto tempo se formou no 1º Ciclo do Ensino Básico?

Em Julho de 1997.

1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta escola?

Nesta escola, há 8 anos.

1.4. O que a levou a escolher esta profissão?

Essencialmente, o gosto de trabalhar com crianças, de as ver crescer e de as acompanhar no seu processo de aprendizagem.

1.5. Qual a sua opinião acerca da promoção de atividades de Expressão Plástica?

As atividades de Expressão Plástica são, essencialmente, atividades que desenvolvem o espírito criativo da criança, promovem também o desenvolvimento da motricidade fina, e, por outro lado, quando bem selecionadas, podem ser subsidiárias de algumas aprendizagens na área da matemática, do português, do estudo meio, da cidadania ...

1.6. Na sua opinião, qual a importância dada à área curricular da Expressão Plástica no “currículo” do 1º Ciclo do Ensino Básico?

Em primeiro lugar, desenvolvem o sentido artístico e criativo da criança; em segundo, a área de Expressão Plástica permite a aquisição de alguns pré-requisitos, que são imprescindíveis em alguns conteúdos da Matemática. Sendo assim, pode funcionar, como já disse, anteriormente, como uma área subsidiária da Matemática, ou de Estudo do Meio.

Objetivo 2 – Reconhecer a influência que o processo de formação inicial teve para a prática intencional da área curricular da Expressão Plástica, relacionado com outras áreas do saber.

- Reconhecer o relevo da formação de educadores/professores para a importância da Expressão Plástica.

2.1. Acha que a sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências profissionais na área curricular da Expressão Plástica?

Sim, possibilitou alguns conhecimentos.

2.2. Sentiu, na mesma, a necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso?

Sim... Nós sentimos sempre a necessidade de nos formarmos em qualquer área ao longo da vida, o professor, como eu costumo dizer, é o eterno estudante. Os programas mudam, as próprias necessidades das crianças mudam, em função das aprendizagens que fazem na escola paralela e também é necessário acompanhar os avanços tecnológicos que se impõem nos nossos tempos. Por isso, daí dizer que senti, realmente necessidade de fazer uma formação, para além daquela que tinha inicialmente.

2.3. Na formação continuada, sentiu necessidade de investir mais na aquisição de novos conhecimentos e de novas práticas, na área curricular da Expressão Plástica?

Neste momento, não posso dizer que seja a minha prioridade, em relação à Expressão Plástica. Sinto mais necessidade de me atualizar no âmbito dos novos programas de português e matemática e ao nível das ciências experimentais, porque, neste momento, é o que está em mudança e é o que traz mais novidades.

Objetivo 3 – Conhecer as práticas/dinâmicas do professor do 1º CEB, no que se concerne à articulação da área curricular da Expressão Plástica, com outras áreas do saber.

- Saber como são organizadas e geridas os momentos (aulas), no que se refere às atividades de Expressão Plástica.
- Conhecer a influência da Expressão Plástica no desempenho das funções do professor do 1º CEB.

3.1. Relativamente às suas aulas, prepara-as antecipadamente?

Sim eu faço sempre uma planificação mensal e depois semanal.

3.2. E nesta planificação, prevê momentos de Expressão Plástica?

Sim, semanalmente. Portanto, à semana há sempre um tempo letivo de 45 minutos, destinado à área de Expressão Plástica.

3.3. Pois... E era esta a questão que lhe ia perguntar de seguida: Qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica?

Normalmente, são os 45 minutos. Obviamente que há atividades que exigem mais tempo e, quando isto acontece, pode-se sempre continuar na outra semana ou então retiramos o tempo letivo da expressão musical ou dramática e depois fazem-se, posteriormente, os acertos que são necessários.

3.4. Que conteúdos costumam ser abordados na sala de aulas (por exemplo, modelagem, pintura de expressão livre, cartazes, ...)?

São, essencialmente estes: são as construções, recorte e colagem, modelagem, pintura ..., e, normalmente, os conteúdos são escolhidos de acordo com o programa e em articulação com os conteúdos programáticos das outras áreas, de forma a haver uma interdisciplinaridade.

3.5. Que tipo de materiais costuma utilizar nestes momentos?

Cartolinas, placas de esponja, gesso, barro, guaches, tintas com purpurinas, folhas de árvores, muito material reciclado, colas, etc.

3.6. No seu entender, as atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?

Sim, sem dúvida! Já disse isso, e a Expressão Plástica é subsidiária de aprendizagens no âmbito de outras áreas académicas.

3.7. Na sua opinião, que critérios devem ser atendidos na formulação das estratégias de ação educativa área curricular da Expressão Plástica?

Prioritariamente articular as atividades de Expressão Plástica com outras áreas académicas de forma a promover e facilitar as aprendizagens.

3.8. Quais os critérios que costuma ter em conta durante a planificação, o desenvolvimento e a avaliação das atividades de Expressão Plástica?

No fundo, foi tudo o que já referi anteriormente.

Ficha de síntese da entrevista

As expectativas e representações, a disponibilidade e o valor demonstrados à Expressão Plástica	Estágio: 1º Ciclo do Ensino Básico - Participante E
Local da entrevista: Realizada na sala de atividades	
Entrevistador: Carlos Dias	Data: 04/02/2013 Hora: 11h50m

Condições em que se realizou a entrevista

A entrevista foi realizada no local e hora acordados com o entrevistado, tendo em conta a sua opinião e disponibilidade pessoal. Assim sendo, realizou-se na sala de aula, durante um momento educação físico-motora, a cargo do docente responsável. Em função da sala se encontrar vazia, não se notou qualquer ruído de fundo, o que terá permitido que as falas se tornassem perceptíveis.

A ENTREVISTA

Objetivo 1 – Conhecer as conceções de professores do 1º CEB sobre a Expressão Plástica.

- Conhecer as razões para a escolha da profissão.
- Perceber as conceções sobre a Expressão Plástica.

1.1. Há quanto tempo é Professor(a) do 1º Ciclo do Ensino Básico?

Bem, estou a completar agora 12 anos de serviço.

1.2. Há quanto tempo se formou no 1º Ciclo do Ensino Básico?

Foi em 2000 que acabei o curso, então, cerca de 12 anos.

1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta escola?

Nesta escola, só há 3 anos com este ano letivo... É o terceiro ano letivo que estou nesta escola.

1.4. O que o levou a escolher esta profissão?

Bem... Antes de mais, tem a ver com o percurso de jovem, da participação em ATLS e, principalmente no Verão, que fez com que fosse criando aquele bichinho pela educação, pelo convívio com as crianças. E foi isso, potencialmente, que me levou a ingressar no curso do 1º Ciclo. Pronto, aliado a alguma, entre aspas, daquilo que eu penso ter um pouco de vocação e o amor às crianças e tudo isso, fez com que eu ingressasse pela profissão. Não mais como escape a outras áreas, que muitas vezes as pessoas “ai eu não consigo chegar a determinado curso, então vou, para me desenrascar para o curso de 1º Ciclo”. Não nesse sentido, mas por achar que tinha vocação, por gostar, pelo impacto, pela convivência entre as crianças e inter-relação entre crianças e adultos, porque eu sempre gostei e sempre tive sobrinhos, irmãos... Sou o mais velho de quatro...

Uma família grande...

Sempre me dei bem com os meus irmãos, sempre tive o cuidado com eles em tempos de férias, quando os pais trabalhavam e antigamente agente podia ficar em casa com os miúdos à vontade e tomar conta deles. Agora, hoje não toda a gente tem ATLS e não se pode pensar assim, sequer...

1.5. Qual a sua opinião acerca da promoção de atividades de Expressão Plástica?

Eu acho fundamental a integração das expressões, no geral. Eu acho fundamental... A Expressão Musical, a Expressão Físico-Motora, a Expressão Plástica, a Expressão Dramática... Eu acho fundamental. Eu acho, essencialmente, agora falando da Expressão Plástica, é uma forma da criança se desenvolver, é uma forma da criança descobrir talentos em si mesmo, que nem sempre estão visíveis e é uma forma da criança se aperfeiçoar, uma forma da criança, também, se desenvolver no âmbito da aprendizagem que está a fazer num determinado conteúdo. Eu acho fundamental, e a criança se desenvolva como um todo e descubra capacidades que nem sempre estão implícitas ou não à primeira vista se descobre e com a implementação das atividades de Expressão, tanto de Plástica, como Musical, pode criar gostos e rumos de vida a uma criança que, à partida, não pensaria que pudesse acontecer.

E que, normalmente, podem não ser patentes nas ditas áreas mais importantes...

Exatamente! Hoje em dia...

1.6. Na sua opinião, qual a importância dada à área curricular da Expressão Plástica no “currículo” do 1º Ciclo do Ensino Básico?

Ora bem... Eu acho que é... é pouco importância que se dá nesta área. Porque os programas ditos básicos, ou mais importantes, como os de Português, Matemática, Estudo do Meio, são cada vez mais extensos. São muito extensos, são muito pesados. O que nos limita a nível de tempo (os tempos são divididos em 45 minutos) e cada vez mais estes tempos estão a ser mais ocupados pelas áreas básicas, pelas áreas consideradas mais importantes. O que nos releva para as áreas das expressões com 3/4 tempos semanais. Ora dividir por, agora falando nas áreas de Expressão Dramática, Musical e Plástica, o que dá 45 minutos a cada um. Isto é muito pouco, para se desenvolver um trabalho com alguma coerência e com algum entusiasmo, com... Porque estes trabalhos são, quase sempre, de forma exploratória. A criança tem de ter tempo para fazer as coisas. Ora 45 minutos o que é que dá? Não dá para fazer muita coisa. É verdade que, hoje em dia, nós tentamos conciliar um trabalho de Expressão Plástica em tempos diferentes, ou vamos buscar um bocadinho ao tempo de Expressão para completar um trabalho de Expressão Plástica que estamos a fazer, e vice-versa. É o que nós tentamos fazer, mas nem sempre é possível...

Pois...

Eu acho muito pouco... muito pouco tempo.

Objetivo 2 – Reconhecer a influência que o processo de formação inicial teve para a prática intencional da área curricular da Expressão Plástica, relacionado com outras áreas do saber.

- Reconhecer o relevo da formação de educadores/professores para a importância da Expressão Plástica.

2.1. Acha que a sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências profissionais na área curricular da Expressão Plástica?

Sim. Eu acho que foi muito importante. Eu tive bons professores de Expressão Plástica, a nível da minha formação. Deram-nos muitas ideias, deram-nos algumas técnicas, deram-nos algumas técnicas... inculcaram-nos, (se calhar) inculcaram-nos o gosto por esta área. Eu lembro-me de um professor (que já não está a lecionar na nossa universidade, que era do continente) e fazia trabalhos interessantíssimos. Eram interessantes, porque apelava a um leque de sensações e de... e interligava saberes e técnicas que, supostamente, eram trabalhadas à... cada qual por si. E era muito interessante. Interligava a Expressão Dramática, com a Expressão Plástica, a Musical, e fazíamos trabalhos giríssimos. É assim: aplicar ao 1º Ciclo, é lógico que eles não nos podem, dar todas as ferramentas, se nós não pesquisaríamos, se nós não tivermos um trabalho de fundo, é lógico que não vamos evoluir.

2.2. Ou seja, tem sentido a necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso?

Sim, com certeza. Tem que ser assim, tem de ser assim. As bases que nos dão na universidade, apesar de serem boas, eh pá, apesar de termos... é um levantar de véu de um manancial enorme de técnicas, de aplicação. Cada vez mais está-se a descobrir coisas novas, novas técnicas e que, com o acesso à internet que toda a gente tem, agente descobre coisas e trabalhos lindíssimos e que nós podemos adaptar. Não falta material, não falta dicas, não faltam técnicas. Queiramos e tenhamos nós o tempo para as aplicar. O que é difícil por, dado a... Eu vou lhe ser sincero. Agente... Temos uma planificação semanal que tentamos cumprir à risca. Mas nem sempre é possível. Nem sempre é possível, porque as crianças têm o seu ritmo, as crianças têm o seu ritmo de aprendizagem.

E querendo ir ao encontro desse mesmo ritmo, se calhar não consegue...

Exatamente, exatamente! Há crianças que trabalham muito mais rapidamente do que outras; há outras que nós temos, nós temos de fazer um compasso de espera maior, temos de ter mais paciência, temos de ter mais atenção, que as aprendizagens têm de ser mais reforçadas para aquelas crianças. Porque cada criança é uma, em si, e as aprendizagens são diferentes. Há aquelas que apanham tudo à primeira, há aquelas que nem à terceira vai. Nem à terceira... E depois, o que é que fica renegado para segundo plano? São precisamente as Expressões. E eu não tenho problema nenhum em dizer isso.

Pois...

Porque, a nossa aflição é chegar ao final do ano letivo com os conteúdos das principais áreas programáticas trabalhados e dados. Porque, quer queiramos, quer não, temos avaliações intermédias. Essas avaliações intermédias, é verdade que são para avaliar os alunos, mas também são para avaliar os professores, para ver se o professor deu a matéria toda, ou não. Ora, se um aluno não... chegar ao pé de uma prova intermédia e chegar ali e começar a ver aquilo... “mas eu não trabalhei nada disso, não me lembro nada disso”. Um pode acontecer, em vinte é complicado! Já há algum problema por parte do professor, que não deu a matéria toda. Quem é que está a ser avaliado aí? É o aluno? Não, é o professor também...

2.3. Já referiu há pouco que o tempo destinado às expressões é pouco, é reduzido, é limitado. E, se calhar, também sente que precisava de um pouquinho de mais tempo para as outras áreas ditas mais importantes?

Sim. Eu acho que isso da história da monodocência já não há, já não existe. Eu acho isso... Hoje em dia, com os tempos que nós temos, isso já não existe. Eu defendo um sistema de ensino em sim senhor, o professor, digamos principal, ou o professor que tem a patente de monodocência, como é o meu caso, eh pá, sim senhor, deve trabalhar as áreas mais específicas, deve trabalhar os conteúdos mais específicos. Da mesma maneira que, hoje em dia, se faz com a Educação Física, em que há um professor de Educação Física, eu não vejo por que motivo não haveria de haver um professor de expressões (Plásticas, Dramáticas e Musical). Eu não vejo porque é que não havia de ser assim. Agente sabe porque é que não é assim. Agente tem o nosso sistema de ensino... apesar de ter estes tempos todos contemplados, e tudo mais, por uma questão puramente económica, de colocações de professores, de não gastar mais dinheiro em ordenados e estas coisas todas, agente sabe perfeitamente que não é isso que acontece. Mas o ideal, para os tempos de hoje, seria esta divisão. Mas uma divisão com lógica. Não uma divisão “agora vou parar isto aqui porque eu vou fazer... eu vou pintar um desenho, ou vou fazer uma expressão digitinta, ou qualquer coisa”. Não. Com lógica. Eu dizia uma coisa assim. De manhã, trabalhava-se as áreas mais... ditas mais pesadas (Matemática, Português, Estudo do Meio); de tarde, as expressões. A criança... agente sabe que a criança tem um período de tempo de atenção limitado e condicionado. Ora, estar a massacrar, quer de manhã, quer de tarde, as crianças com conteúdos pesadíssimos, a criança chega a uma certa altura que já nem se interessa, nem pela expressão A, nem pela expressão X, nada. A criança está cansada. Agora, se houvesse um sistema de ensino em que contemplasse, por exemplo, de manhã, as atividades... Nem que entrássemos mais cedo! Atenção, era 8h30m, era 8h30m. Mas agente trabalhávamos, de manhã, as áreas curriculares ditas mais pesadas; e de tarde, expressões. Porque a criança aí está depois do almoço... Custa a pegar numa turma, às vezes, depois da hora do almoço. Porque as crianças já não estão com a mesma atenção que estive de manhã. E, então, este tipo de atenção que a criança tem, que é muito mais leve, muito mais suave, seria dedicado a atividade de expressão (a Expressão Físico-Motora, não pode ser logo, logo depois do almoço, que agente sabe... por causa da digestão, e não sei o quê... e essas coisas todas, não se pode fazer), mas a Expressão Plástica, a Expressão Dramática e a Expressão Musical podiam ser muito bem integradas na parte de tarde do horário das crianças. Nós não íamos para casa. Teríamos de acompanhar as crianças na mesma, porque somos monodocentes. Mas com professores especializados nesta área, que fizesse mais coisas, em parceria com o titular de turma. Um jogo de interação, de partilha, de experiências, de ideias e então aplicar aquela turma. Nem que fosse um professor orientador. Mas acho que devia haver.

Objetivo 3 – Conhecer as práticas/dinâmicas do professor do 1º CEB, no que se concerne à articulação da área curricular da Expressão Plástica, com outras áreas do saber.

- Saber como são organizadas e geridas os momentos (aulas), no que se refere às atividades de Expressão Plástica.
- Conhecer a influência da Expressão Plástica no desempenho das funções do professor do 1º CEB.

3.1. Já referiu anteriormente que elabora uma planificação. E nesta planificação, também fez referência que prevê momentos de Expressão Plástica e disse que cada, para cada expressão, digamos assim, prevê um tempo de 45 minutos.

Exato...

3.2. Agora eu perguntar-lhe-ia que conteúdos costumam ser abordados na sala de aulas (por exemplo, a modelagem, a pintura, ...)?

Sim... É assim... Cada vez mais, estamos limitados a um orçamento. Cada vez mais, estamos limitados a um orçamento. Cada aluno tem direito a 1 euro e tal de material.

Por...?

Por aluno.

Por ano letivo?

Por... semestre. Ou semestre, ou... sim, por semestre, por semestre. 1 euro e tal, 2 prá aí, não mais do que isso. Ora bem! E cada vez mais, o que vemos aqui, são crianças com carências. Crianças que vêm para a escola sem lápis, sem borrachas, sem afias, sem canetas, sem cadernos. Ora bem! Como é que nós vamos pedir materiais, digamos, lúdicos, por exemplo, barros, cartolinas... Que nós pedimos! E nós fazemos as requisições neste sentido: barro, gesso, plasticina, ... montes de coisas que nós pedimos e até... Mas é um esforço muito grande, porque como é que um aluno vem para aqui fazer Expressão Plástica, se não tem lápis, nem um caderno para escrever, nem para nada? É complicado. É complicado. Mas, dentro das limitações que nós temos, temos que racionalizar muito bem os materiais. E até reciclar, até pedir que tragam ou garrafas de plástico, alguma coisa diferente, para se fazer um trabalho diferente. Isso nós fazemos. O que é que nós fazemos mais? Fazemos pintura, que é o mais fácil e o mais básico. Fazemos pintura, fazemos o desenho, fazemos cartazes. As modelagens, pronto, aproveitamos a plasticina para fazer várias coisas, recicla-se outra vez a plasticina. O barro é mais difícil, o barro é mais difícil. Não é que nós não façamos, mas é mais difícil, porque há crianças e crianças e uns sabem trabalhar bem e outros são mais maldosos e sujam, e pintam a manta... É complicado. Mas não quer dizer que não trabalhamos. Trabalhamos. Mas não é uma prática corrente. Não é uma prática corrente, não é muito comum. O mais comum fazer é ou pintura, ou o desenho, ou cartazes, isto... a modelagem de plasticina. Isto é o mais comum fazer. *Digitinta*, também se faz, recorte e colagem, origamis, é dentro disto que nós fazemos.

3.3. Então, que tipo de materiais costuma utilizar nestes momentos?

Pinceis, cartolinas, papel cavalinho, plasticinas...

Fez referência, há pouco, a materiais recicláveis. Que tipo de materiais?

Garrafas, tampas, cápsulas de cafés (por exemplo, no Natal, para fazer uma árvore de Natal com aquelas cápsulas, passo a publicidade, da Nespresso) sempre faz coisas bonitas, cortiça, rolhas de garrafas, cartão... É dentro destes materiais mais usuais da reciclagem. As latas, é um bocado complicado, porque podem se magoar e cortem-se convém... eu não utilizo muito este género de material.

3.4.No seu entender, as atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?

Têm, completamente, completamente. Eu sou muito apologista de que as expressões, a Expressão Plástica, facilita. Ora para descobrir um tema a trabalhar, porque não, em vez de começar logo a matar, entre aspas, já com o tema, começar com a Expressão Plástica, para sugerir o tema que vamos trabalhar. Isto é uma forma diferente de trabalhar e que leva, muitas vezes, os alunos à descoberta e estão a trabalhar aquele tema e, ao mesmo tempo, a fazer a integração da Expressão Plástica e do tema principal. Fala-se tanto da interdisciplinaridade, fala-se tanto disso. E já no meu tempo, falava-se muito, e ainda se fala cada vez mais. Agora não se fala da interdisciplinaridade, fala-se mais na globalidade, na globalização, que ainda é maior ainda. Não é!? Eu acho que é fundamental. Como forma de complementar um conhecimento, de um conteúdo a trabalhar, como forma de iniciar, como forma de fazer o resumo do conhecimento. Uma banda desenhada, com um cartaz, com um desenho livre, com eles próprios a criarem... por exemplo, escrever duas ou três palavras o que é que aquilo quer dizer. Vamos fazer um desenho sobre isso e confrontar as ideias entre eles, o desenhos, os próprios desenhos, as próprias imagens e arranja-se, consegue-se um manancial de informação, que depois é devidamente resumida e devidamente trabalhada e ficam... fica um conteúdo trabalhado, fica o conteúdo dado. Nem sempre o manual, nem sempre o livro. Os pais às vezes queixam-se “ai porque os manuais,... porque deram dinheiro por eles”. É verdade, com certeza e nós tentamos trabalhar com eles, porque realmente os pais investiram naquilo e é lógico que querem ver trabalho feito nos manuais. Mas um manual é um meio de orientação, não quer dizer que nós só vamos trabalhar manuais. Não. Temos de fazer outras coisas, temos de ser mais inovadores...

3.5. Na sua opinião, que critérios devem ser atendidos na formulação das estratégias de ação educativa área curricular da Expressão Plástica?

Tem de haver adequação. Tem que haver adequação à idade, tem que haver adequação à..., por exemplo, se há uma criança com Necessidades Educativas Especiais... tem que haver uma adequação do material. Penso, também, que isso é fundamental. As pessoas às vezes queixam-se e isto é sempre como se fosse uma bola de neve: os do 1º Ciclo queixam-se dos da pré, porque os da pré já deveriam ter tido determinadas aquisições, que não têm; os do 5º ano queixam-se dos do 1º Ciclo, porque os de 1º Ciclo já deviam ter determinadas aquisições e não têm, e assim sucessivamente. Ou seja, nada, nem ninguém está sempre satisfeito. Nós queixamos que temos um programa extensivo para dar. É verdade. O professor de educação, de Expressão Visual, queixa-se que o aluno não sabe recortar bem com a tesoura, ou que não conhece determinada técnica. Nós queremos dar estas técnicas todas! Nós queremos que o aluno saiba trabalhar com o compasso, saiba trabalhar com a tesoura, saiba fazer um recorte, saiba recortar na linha, saiba fazer estas coisas todas. Lógico... E tentamos fazer isto. E tentamos fazer isto. A nível de critérios, é lógico que eu... uma criança com uma deficiência mental, eu vou tentar fazer um desenho, em vez de ser em A4, posso fazer em A3. Maior, para a criança ter maior espaço de trabalho. Facilitar o seu trabalho, dele. Não vou ser tão exigente, por exemplo, que pinte dentro da linha, ou em vez de ser pintura, por que não fazer bolinhas, com um determinado tipo papel, para fazer colagem. É neste sentido que se tenta trabalhar.

Adequar a atividade...

Adequar a atividade às dificuldades. Se o aluno tem mais apetência para a pintura, dá-se um desenho com mais pormenor, para que possa desenvolver estas suas capacidades. Pronto, hoje em dia, com os cortes (cada vez mais não se pode tirar tantas fotocópias assim, não se pode fazer tantas coisas assim), faz-se, mas é mais difícil. Antigamente falava-se, não sei o quê, as dificuldades... Nem sequer se ponha... No meu tempo o professor punha um desenho na frente e aquilo era para todos igual e toca a despachar. Era assim. E era quando calhava. E era pela altura do Natal, da Páscoa e do Verão. Pronto, e estava feito. E aquele desenhinho servia como a capinha das avaliações. E tínhamos que ter aquele cuidado todo, e não sei o quê. Pronto... Hoje em dia, é tanta coisa, é tanta variedade, que as crianças, às vezes, até perdem interesse. E não tá, não sabem e não têm o propósito porquê de fazer aquilo. Porque é tão banal. Qualquer criança que vai a um hipermercado, vê um livro de pinturas a 90 cêntimos e o pai compra, aquilo ele faz nem se quer faz aquilo como deve ser, fica aquilo tudo para ali todo riscado. Nem sequer têm o cuidado de fazer aquilo como deve de ser. As atividades propostas, que cada vez são muito interessantes, não têm o cuidado de as explorar. Tenho uma criança aqui com Necessidades Educativas Especiais que traz-me esses livrinhos e vejo aquilo tudo riscado. E até, quando folheio, vejo que tem atividades interessantes. Não há um cuidado por parte de um pai de ver aquilo e tentar fazer aquilo em casa. Não, porque... agente aqui tenta fazer o nosso melhor, mas em casa também têm de fazer o seu melhor. Não é?

Este livrinho se calhar serve só para ocupar a criança...

É para ocupar...

Nem é para desenvolver o que quer que seja.

Exatamente. Já aquele aluno que não tem, assim, grandes dificuldades, já faz um trabalho diferente. Pode ter esse livrinho e até já vem com curiosidade e vem mostrar ao professor: "Oh professor, veja aquilo..., Eu que eu fiz assim..., Olhe, essa atividade é interessante...". Aí já se vê outro interesse. A criança com Necessidades Educativas Especiais, aí já é mais preocupar, não aqui na sala de aula, mas dentro do seio familiar. Pronto, posso estar a dizer aqui uma grande inverdade. Não são todos, mas, pela experiência que eu tenho aqui na minha sala, é isso. É mais é preocupar, porque o pai está cansado e a mãe está cansada, porque trabalha até tarde. E compreende-se. E quem é pai, sabe perfeitamente que a vida não permite estar sempre lá de roda dos miúdos e é cansativo. Mas, tentar sempre dar uma achega, tentar sempre explorar, para valorizar aquilo que é feito, para valorizar aquele livro, para valorizar aquela atividade e não ser uma mera coisa de fazer por acaso. E é o que, infelizmente, às vezes se vê.

Ficha de síntese da entrevista

As expectativas e representações, a disponibilidade e o valor demonstrados à Expressão Plástica	Estágio: 1º Ciclo do Ensino Básico - Participante F
Local da entrevista: Realizada na sala de professores	
Entrevistador: Carlos Dias	Data: 05/02/2013 Hora: 09h40m

Condições em que se realizou a entrevista

A entrevista foi realizada no local e hora acordados com o entrevistado, tendo em conta a sua opinião e disponibilidade pessoal. Assim sendo, realizou-se na sala de professores, durante um momento educação físico-motora, a cargo do docente responsável. Em função da escola se encontrar com pequenos arranjos, consequentes da obra de requalificação a que foi alvo, notou-se, em alguns momentos, certos ruídos de fundo, o que não impossibilitou, entretanto, as falas se tornarem perceptíveis.

A ENTREVISTA

Objetivo 1 – Conhecer as concepções de professores do 1º CEB sobre a Expressão Plástica.

- Conhecer as razões para a escolha da profissão.
- Perceber as concepções sobre a Expressão Plástica.

1.1. Há quanto tempo é Professor(a) do 1º Ciclo do Ensino Básico?

Sou Professora há 27 anos.

1.2. Há quanto tempo se formou no 1º Ciclo do Ensino Básico?

A formação coincide com os anos de serviço, felizmente para mim. Para aí 1986.

1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta escola?

Nesta escola, estou a iniciar o 13º ano.

1.4. O que a levou a escolher esta profissão?

É assim: nunca pensei muito sobre o assunto, porque sempre me vi como professora. Talvez por aquele blá blá do costume, “que as crianças são a nossa razão de ser, de viver...” Não é bem assim. Gosto de ensinar, se calhar tenho o bocadinho de espírito de chefia e de liderança. Desde pequenina, já brincava às escolas. Então, essa dinâmica de fazer a diferença na vida de alguém, talvez tenha sido isso que me levou a ser professora. O espírito de liderança, não no sentido de dominar, mas no sentido de orientar. Sempre me vi com esta profissão e até hoje continuo feliz por a ter.

1.5. Qual a sua opinião acerca da promoção de atividades de Expressão Plástica?

A minha opinião é a seguinte: eu considero, ainda que o programa do 1º Ciclo, que julgo estar ainda em vigor, tem como objetivo primordial o desenvolvimento integral e harmonioso da criança. Nessa faixa etária, a criança está a descobrir

1.6. Na sua opinião, qual a importância dada à área curricular da Expressão Plástica no “currículo” do 1º Ciclo do Ensino Básico?

Na atual conjuntura, acho que é lhe dada muito pouca importância, atendendo que temos para a área de Expressão Plástica 45 tempos... 45 minutos semanais. Acho que é muito pouco tempo para desenvolver uma área de expressão. Estamos a começar e já acabamos. Daí que, depois, surjam aqueles trabalhos muito pré-formatados, que eu acho não são a essência da Expressão Plástica. Recorta e cola o que já está pré-feito, não pode ser. Eu acho que as crianças precisam de agarrar os materiais, descobrir e redescobrir nesses materiais, sem ter o intuito de encontrar ali uma obra-prima, uma coisinha bonitinha para o adulto, mas que não disse nada à criança.

Pois, preocupar-se mais com o processo do que o produto final...

Do que o produto final.

Objetivo 2 – Reconhecer a influência que o processo de formação inicial teve para a prática intencional da área curricular da Expressão Plástica, relacionado com outras áreas do saber.

- Reconhecer o relevo da formação de educadores/professores para a importância da Expressão Plástica.

2.1. Acha que a sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências profissionais na área curricular da Expressão Plástica?

Certamente que sim. Tive a felicidade de contatar e de ter na minha formação pessoas que eu considero muito capazes, nomeadamente o Professor Tomás Borba Vieira, que é um artista conceituado da nossa praça, para além de outros professores, mas ele ficou-me marcado como um, não digo dos pilares, mas talvez das pessoas que me influenciou na minha prática pedagógica, tanto na área de Expressão Plástica, como nas outras áreas de expressão. Ele utilizava muito aquela maiêutica do Sócrates, se não estou em erro, que é nunca dar uma resposta, mas colocar-nos a nós, como formandos, sempre como os... nós é que tínhamos a resposta a dar. Em vez de nos dar uma resposta, perguntávamos, para nós irmos construindo a nossa própria resposta. E isso também me levou a fazer o mesmo com os meus alunos.

2.2. Sentiu, na mesma, a necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso?

É assim... não vou... apesar de toda a influência que possa ter tido, essa pessoa na minha formação inicial, eu acho que o gostinho pelas áreas de expressão vem antes de nós termos a formação, vem durante e continua depois. Portanto, foi um processo que não parou, foi importante, mas teve continuidade. E depois procurei outras formações nessa área, porque acho que temos de estar sempre atualizados.

2.3. Então tem sentido a necessidade de investir mais na aquisição de novos conhecimentos e de novas práticas...?

Constantemente... constantemente. Temos de estar sempre a reciclar-nos.

Objetivo 3 – Conhecer as práticas/dinâmicas do professor do 1º CEB, no que se concerne à articulação da área curricular da Expressão Plástica, com outras áreas do saber.

- Saber como são organizadas e geridas os momentos (aulas), no que se refere às atividades de Expressão Plástica.
- Conhecer a influência da Expressão Plástica no desempenho das funções do professor do 1º CEB.

3.1. Relativamente às suas aulas, prepara-as antecipadamente?

Com certeza. Não concebo qualquer prática pedagógica sem uma planificação. Depois, na altura, no momento, há um improviso, há interação e os anos de experiência vão nos dando cada vez mais segurança, para nos libertarmos da planificação e interagirmos, mas nunca esquecendo qual era o nosso propósito.

3.2. E nesta planificação, prevê momentos de Expressão Plástica?

Logicamente. Todas as semanas existem 45 minutos destinados à área de Expressão Plástica. E, para além destes 45 minutos, utilizamos a interdisciplinaridade, a área de Expressão plástica, como suporte a outras áreas: à hora do conto, à Expressão Dramática, à área de estudo do Meio. Funciona como um suporte, mas quando há necessidade de criar uma aula de Expressão Plástica mais duradoura, tentamos conciliar duas áreas que possam permitir o desenvolvimento de uma atividade num tempo superior a 45 minutos. Assim como se faz, e é de conhecimento de todos, para o Português ou para a Matemática, também acontece com a Expressão Plástica, momentos mesmo para deixar ao alunos criarem e recriarem...

Durante mais de 45 minutos...

Durante mais de 45 minutos... Os 45 minutos são sagrados, que é aquilo que está no currículo e é aquilo nos é permitido. Até porque existe outras áreas de expressão e esses tempos têm de ser divididos minimamente por todas elas...

E têm que ser respeitados...

E têm que ser respeitados. Uma das coisas que eu defendo é que, independentemente da minha opinião pessoal, das minhas teorias, das minhas orientações, das minhas vontades... eu não tenho o direito, porque sou professora, mas também sou funcionária pública e se existe um Ministério que

determina um determinado currículo, tenho..., não tenho o direito de não obedecer ao que está estipulado.

3.3. Então, que conteúdos costumam ser abordados na sala de aulas relativamente à Expressão Plástica?

Estou a pensar mais em técnicas...

Podem ser...

Pronto, não sei se será por aí... O que é que eu costumo trabalhar? Tenho um primeiro ano de escolaridade, este ano, e o que é que nós temos feito? Pintura, recorte, colagem, aproveitando, porque todos nós sabemos, não vou estar aqui a pronunciar aquela palavra fantástica, que está na ordem do dia, mas por todo o lado há falta de... Só que nós temos que inventar. E as crianças adoram brincar com coisas que já não têm valor nenhum, a nível de mercado: caixas, caixotes, rolos, todo e qualquer material que se pode trazer para a sala de aula, para construir, desconstruir, pintar... Eu vou fazer uma sessão de pintura, não tenho necessariamente que utilizar um papel ou uma tela muito bonita. Dou-lhes caixas, caixotes ou eles próprios trazem, pintam, de forma livre, com as cores que querem, experimentam a mistura de cores, colam, recortam e constroem.

Basicamente, o grande suporte são matérias ditos reutilizáveis.

3.4.No seu entender, as atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?

Eu sou defensora da Educação pela Arte. Porque eu acho que a criança não é um adulto em miniatura, mesmo. É uma criança. E na criança há uma característica, ou várias características, que é a atividade. A criança é ativa por natureza, mas também é criativa. E o que eu tenho, na minha prática pedagógica uns princípios que eu considero fundamentais: a atividade, a criatividade e a comunidade. Advém de uma formação que tive com um pedagogo belga, o sr. *Joseph Vitaque*, e ele defendia aquilo que eu também considero importante, que é a criança é um ser ativo e nós devemos respeitar esta sua natureza ativa, dar-lhe momentos para ela improvisar, para criar e para fazer a aprendizagem da vida em comunidade desta forma, criando, improvisando, agindo. Cada vez mais a nossa sociedade (eu não sei se estou a divagar um bocado, mas eu penso que é assim), a nossa sociedade, cada vez mais, requer de cada ser, de cada cidadão uma intervenção e uma adaptação..., e parta isso ele tem de se adaptar, mas tem que agir sobre ela. Eu acho que, há uns anos atrás, há muitos anos, tanto os sistemas políticos, como a evolução da sociedade, eram de tal forma, que as pessoas não necessitavam, ou talvez não quisessem, que elas pensassem muito. E as artes e todas as áreas que permitem improvisação, criação e intervenção são fundamentais. E eu acho que a área da Expressão Plástica, como outras que eu também defendo, nomeadamente a área da Expressão Musical, a área da Expressão Dramática... permitem momentos de liberdade e que fazem com que a criança se revele, como um ser completo, que, se nós tivermos a criança sentada na secretária ou na mesinha todo o dia, não conhecemos, nem reconhecemos nela toda a sua essência. Temos que dar momentos de liberdade, pequenos espaços onde ela se possa manifestar, onde ela possa extravasar as suas energias e porque todos nós somos seres diferentes. Há meninos que vão ser bons escritores, outros que vão ser matemáticos, bons cientistas, mas poderemos ter grandes artistas plásticos, ou marceneiros, ou pintores ou outros artesãos. Portanto, não temos o direito de castrar essas potencialidades de cada um dos indivíduos.

3.5. Na sua opinião, que critérios devem ser atendidos na formulação das estratégias de ação educativa área curricular da Expressão Plástica?

Relativamente às minhas aulas, qualquer uma das minhas aulas, eu tento pensar sempre na turma, no grupo, mas nos indivíduos. Logo, quando proporciono uma atividade, penso sempre na individualização. Não vou pensar “olhe vamos fazer uma atividade de recorte e de colagem, para todos igual, pré-formatado e esperar um resultado igual”. Não sei se esse é o critério, é realmente pensar que existem vários indivíduos, cada um deles terá uma resposta diferente e todos eles têm de ter a possibilidade de se manifestar, de se revelar. Não sei se respondi à sua questão...

3.6. Sim, sim... Ou seja, o que está... os critérios que costuma ter durante a planificação, o desenvolvimento e a avaliação destas atividades de Expressão Plástica, se calhar, o que está a tentar dizer, é que tenta ir ao encontro das dificuldades de cada um, não é?

Das dificuldades, das necessidades... da dificuldade que cada um tem. Pronto, um exemplo: recortar, nem todos recortam da mesma forma. Se não experimentarem, se não passarem por aí, se não agarrarem numa tesoura, nunca saberão recortar. E depois, mais tarde, noutros níveis de ensino, há as

queixas de que “no 1º Ciclo não se recorta, não se cola, não sa...”. Temos que entender que nem todos vêm, assim como nem todos vêm para a área da Língua Portuguesa, ou do Português, com a mesma facilidade a nível de vocabulário, de oralidade, também nem todos vêm com a destreza manual, com a psicomotricidade desenvolvida da mesma forma. Temos que pensar em todas essas questões, pensar que eu vou possibilitar atividades que me permitam avaliar, diagnosticar o que é que se passa com a minha turma: há uns que precisam de recortar, há uns que desenvolver a *práxi* e a fina, há outros que precisam de movimentos mais largos. Portanto, tenho de possibilitar-lhes, a todos eles, um ponto de partida, donde eles necessitam e não de igual forma. E aceitar. É essa parte da... A coisa que mais me choca, na área da Expressão Plástica, é, quando nós temos um trabalho final, produzido pelos alunos, e depois há aquela avaliação, estupidamente adulta e agressiva, que é “ai tão bonitinho que está esse e aquele não está tão... tá redondinho, não está nada *naif*”, está mesmo adulto e mal feito, muitas vezes. E é o retoque que o professor... eu não vou estar aqui, entre aspas, que alguns adultos gostam de dar, ao trabalho da criança, ingenuamente pensando eles que nós não vamos identificar o traço do adulto ali. Estupidamente mal feito, também.

3.7. Pronto, não tenho mais questões a colocar. Não sei se tem algo que queira deixar aqui ou se foi tudo dito...

Atendendo... Não. Gostei da entrevista, gosto imenso de falar sobre estas temáticas. O facto de termos aqui uma maquinazinha a gravar, às vezes impede-nos de sermos mais nós próprios, mas, à medida que a coisa vai decorrendo, nós vamos sendo um bocadinho mais coerentes... não é bem coerentes connosco mesmos, mas vamos regulando...

Desligamos mais um bocadinho da máquina e entrando mais na realidade das coisas. Eu tenho uma paixão mesmo por ser professora, adoro dar aulas, não me vejo a fazer outra coisa. Até costume brincar, se acertasse no *Euromilhões*, não sei se gostaria de deixar de dar aulas. Agora talvez construísse uma escola, onde pudesse por em prática o sonho que tenho para a educação e, pronto, fazer muito mais pelas crianças. Em relação à pergunta que me fez e às áreas de expressão, eu acho, com a atual conjectura, e com tudo o que tem mudado, com as mudanças que são tantas e tão repentinas, na Educação, hoje o Português tem muita importância e sempre teve, a Matemática também, mas estamos a passar pelas eras. Eu já comecei na época em que se valorizava bastante as áreas de expressão. Se calhar não se dava... dava-se valor ao Português e à Matemática, como sempre se deu, mas deu-se um grande valor às áreas de expressão. Inclusive, eu estive dois anos a trabalhar só nas áreas de expressão, não na Plástica, mas, pronto, havia uma equipa responsável por ir às escolas e apoiar os professores e os alunos...

No 1º Ciclo?

Há uns anos assim. Eu estive dois anos na área de Expressão Musical e haviam colegas que estavam na Plástica, na Dramática. Fazíamos um acompanhamento, à semelhança com a Educação Físico-Motora, sem desqualificar o trabalho de ninguém, mas valorizando essas áreas. Aos poucos, não digo que foram delegadas para segundo plano, mas foram tendo menos tempo, foi-nos permitido dar menos tempo nestas áreas. Pronto, houve uma aposta no Português, que eu acho que sim, e também faço um balanço ao início da minha carreira e ao atual momento e vejo que, em muitas circunstâncias, realmente, há crianças, que por não terem determinadas... por não terem desenvolvido, até determinada idade, determinadas competências no âmbito das áreas de expressão, nas áreas de expressão, mas também na Expressão oral, o raciocínio lógico matemático, e por aí fora, porque as famílias e por todos os motivos que nós sabemos, não se fazem. E foi muito importante apostar bastante no Português, porque eles realmente necessitam que alguém fale com eles, que alguém lhes ensine o que é um livro... Pronto, é muito importante. E na Matemática também muito importante. Daí que, e como se tem alargado o tempo de estadia na escola, têm surgido os ATLS como apoio às famílias. Na minha opinião, se consideram que é necessário (e não vou dizer que discordo), eu acho que devia haver, nem que fosse nos tempos finais. Se me disserem agora “têm de alargar o tempo letivo!” Ótimo. Então, dêem-nos, também, tempo para trabalhar com as crianças as áreas de expressão. E eu gostaria imenso que eles pudessem ter umas tardes, para não dizer as manhãs e as áreas de expressão fossem trabalhadas naquilo que, atualmente, se pode considerar o pós-letivo, considerando letivo, mas para a Expressão Plástica, Expressão Dramática... Porque as crianças também precisam de relaxar um bocadinho, também precisam de sair daquela rotina do TPC, o livro... O livro nem tanto. Mas essa rotina, vai para a escola, sai da escola, vai tomar banho..., vai dormir, vai ver televisão, vai para a consola, fazer os seus joguinhos de computador. Eles precisam de

muito tempo para, porque tenho esta experiência e qualquer *porcariazinha* faz as delícias de uma criança. Eles peguem num caixote de cereais, adoram e ficam ali calados e calmos a ver aquela tinta a escorrer. Não estão a fazer, para nós se calhar, nada de especial, mas estão se a deliciar no seu mundo e eu acho que isso é muito importante, a Expressão Plástica, a Expressão Musical, a Expressão Dramática, as áreas de expressão.

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
1- Características profissionais	1.1- Tempo de serviço	<p>Sou Educadora há 18 anos. Portanto, estou no 29º ano de serviço. Boa tarde, sou Educadora há 4 anos. Neste momento estou há 15 anos a exercer as funções de professora do 1º Ciclo. Bem, estou a completar agora 12 anos de serviço. Sou Professora há 27 anos.</p>	PA PB PC PD PE PF	1 1 1 1 1 1
	1.2- Tempo de conclusão do curso	<p>Há 18 anos. Acabei o curso faz 30 anos, este ano, em junho. / No dia 30 de junho faz 30 anos que acabei o curso. Formei-me há 6 anos. Em Julho de 1997. Foi em 2000 que acabei o curso, então, cerca de 12 anos. A formação coincide com os anos de serviço, felizmente para mim. / Para aí 1986.</p>	PA PB PC PD PE PF	1 2 1 1 1 2
	1.3- Razões que motivaram a escolha da profissão	<p>Gostar de crianças, / gostar de gerir a minha sala, / saber que as crianças têm capacidades e dificuldades / e entendê-las como desafios, a potenciar ou a suprimir, conforme o caso. / Mas, acima de tudo, a honestidade, a inocência e a empatia com que as crianças lidam connosco e o que esperam de nós. É assim, há uns anos atrás, quando nós... Pronto há 33 anos atrás, em oitenta, pronto, estava com dificuldade na matemática / no antigo... eu apanhei foi o curso complementar, ainda não é? Era o primeiro e o segundo ano do curso complementar, que equivalia ao 10º e 11º. Tinha um problema com a matemática, / porque... e então optei mais ir para esta área, porque também gostava / e não tinha tanta matemática, como as engenharias ou mesmo o curso de veterinária. / E também, na altura, não havia tanto leque de escolha, como já há hoje. / Se atualmente fosse para escolher, se calhar, não ia para esta área, teria escolhido artes, restauro... Sim, licenciatura em restauro, artes, história de arte... tudo neste aspeto. / Até que já nem tinha ido para a área de ciências, na altura, como foi.</p>	PA PB	5 7

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
1- Caraterísticas profissionais	1.3- Razões que motivaram a escolha da profissão	<p>Sempre tive muita afinidade por esta profissão, pois na minha família, além da minha mãe, a minha tia também era Educadora de Infância. / Também por gostar do ensino pré-escolar.</p> <p>Essencialmente, o gosto de trabalhar com crianças, / de as ver crescer / e de as acompanhar no seu processo de aprendizagem.</p> <p>Bem... Antes de mais, tem a ver com o percurso de jovem, / da participação em ATLS e, principalmente no Verão, que fez com que fosse criando aquele bichinho pela educação, pelo convívio com as crianças. E foi isso, potencialmente, que me levou a ingressar no curso do 1º Ciclo. / Pronto, aliado a alguma, entre aspas, daquilo que eu penso ter um pouco de vocação / e o amor às crianças / e tudo isso, fez com que eu ingressasse pela profissão. / Não mais como escape a outras áreas, / que muitas vezes as pessoas “ai eu não consigo chegar a determinado curso, então vou, para me desenrascar para o curso de 1º Ciclo”. Não nesse sentido, / mas por achar que tinha vocação, / por gostar, / pelo impacto, / pela convivência entre as crianças/ e inter-relação entre crianças e adultos, / porque eu sempre gostei e sempre tive sobrinhos, irmãos... Sou o mais velho de quatro... Sempre me dei bem com os meus irmãos, sempre tive o cuidado com eles em tempos de férias, quando os pais trabalhavam e antigamente agente podia ficar em casa com os miúdos à vontade e tomar conta deles. Agora, hoje não toda a gente tem ATLS e não se pode pensar assim, sequer... É assim: nunca pensei muito sobre o assunto, porque sempre me vi como professora. Talvez por aquele blá blá do costume, “que as crianças são a nossa razão de ser, de viver...” Não é bem assim. / Gosto de ensinar, / se calhar tenho o bocadinho de espírito de chefia e de liderança. / Desde pequenina, já brincava às escolas. / Então, essa dinâmica de fazer a diferença na vida de alguém, talvez tenha sido isso que me levou a ser professora. O espírito de liderança, não no sentido de dominar, mas no sentido de orientar. / Sempre me vi com esta profissão e até hoje continuo feliz por a ter.</p>	PC	2
			PD	3
			PE	13
			PF	6

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
2- Conceções acerca da Expressão Plástica	2.1- Potencialidades interdisciplinares da Expressão Plástica	<p>A Expressão Plástica é uma prática que põe em ação a totalidade da criança, / favorecendo, através de atividades lúdicas, uma aprendizagem transversal / por abarcar todos os domínios (o cognitivo, afetivo, sensorial, motor e estético), / facilitando, assim, o desenvolvimento no todo / que permite vivências (re)construtivas com significados sociais. / É uma forma muito especial de aprofundar e de incentivar a criatividade.</p> <p>É assim, nós, no nosso... nas Orientações Curriculares do ensino pré-escolar, temos três grandes áreas: a Área de Desenvolvimento Pessoal e Social, a Área das Expressões e a Área de Estudo... a Área de Conhecimento e Estudo do Meio. E dentro da Área das Expressões, está lá a Expressão Plástica. / Só que é assim, a Expressão Plástica não pode ser vista só: “ai eu hoje vou fazer Expressão Plástica!” Pronto. / Eu acho que tem de ter semp... tem de estar sempre relacionada, ou com o tema que estamos a dar, ou com um dia comemorativo, ou, por exemplo, a Páscoa, o carnaval, o Natal... / Eu tento sempre que a Expressão Plástica vai de encontro àquilo que estou a trabalhar dentro da sala de aulas. / Não... Eu acho que é... Na Educação... Plás... não há compartimentos estanques - agora é Expressão Plástica, agora é Estudo do Meio. / Não! Eu tento sempre que a Expressão Plástica vai de encontro àquilo que estou a trabalhar. / Pronto, eu acho que não tem nada a ver com o 1º Ciclo. / Eu acho que nós temos mais liberdade de jogarmos. / Como não temos um programa a cumprir / (temos é Orientações Curriculares, se bem que, a nível de departamento, nós tenhamos objetivos e competências para cada... para os objetivos), podemos dar mais a volta, se não for hoje é amanhã, / vamos indo ao ritmo deles, às expectativas deles, às motivações, assim...</p> <p>Durante o meu estágio, e mesmo durante todo o curso, aprendi que as expressões, na generalidade, e a Expressão Plástica, em particular, assumem um papel fundamental na afirmação da criança. / A partir da Expressão Plástica a criança pode apreender o mundo, / o que lhe permite o desenvolvimento da sensibilidade, / do pensamento crítico / e criativo. / Por outro lado, posso, a partir da Expressão Plástica, interligar as várias áreas de conteúdo, / sistematizando ou consolidando aprendizagens. / Aliás, posso dizer que qualquer uma das minhas colegas, pelo menos aqui no jardim-de-infância, partilha da minha opinião</p>	PA PB PC	6 11 15

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
2- Conceções acerca da Expressão Plástica	2.1- Potencialidades interdisciplinares da Expressão Plástica	<p>quanto à importância da Expressão Plástica. / [Já percebi que é uma defensora da educação pela arte] Não sou só eu... Nesta escola, todas as educadoras o são. / Porque nós, Educadoras de Infância, temos a sorte de poder fazer as nossas escolhas. / Não temos um programa que nos obrigue a..., ao contrário dos colegas do 1º ciclo. / E a Área da Expressão Plástica, talvez por me sentir à vontade nesta área, / torna-se uma das mais utilizadas. Todas são importantes, mas a Expressão Plástica é especial. / É a minha opinião pessoal e é o resultado da pouca experiência profissional que levo. Quer durante a planificação, o desenvolvimento e a conclusão das atividades de Expressão Plástica, consigo um vasto leque de indicadores para a minha avaliação final, que mais nenhuma outra área me dá.</p> <p>As atividades de Expressão Plástica são, essencialmente, atividades que desenvolvem o espírito criativo da criança, / promovem também o desenvolvimento da motricidade fina, / e, por outro lado, quando bem selecionadas, podem ser subsidiárias de algumas aprendizagens na área da matemática, do português, do estudo meio, da cidadania...</p> <p>Eu acho fundamental a integração das expressões, no geral. Eu acho fundamental... A Expressão Musical, a Expressão Físico-Motora, a Expressão Plástica, a Expressão Dramática... Eu acho fundamental. / Eu acho, essencialmente, agora falando da Expressão Plástica, é uma forma da criança se desenvolver, / é uma forma da criança descobrir talentos em si mesmo, que nem sempre estão visíveis / e é uma forma da criança se aperfeiçoar, / uma forma da criança, também, se desenvolver no âmbito da aprendizagem que está a fazer num determinado conteúdo. / Eu acho fundamental, e a criança se desenvolva como um todo / e descubra capacidades que nem sempre estão implícitas ou não à primeira vista se descobre / e com a implementação das atividades de Expressão, tanto de Plástica, como Musical, pode criar gostos e rumos de vida a uma criança que, à partida, não pensaria que pudesse acontecer.</p> <p>A minha opinião é a seguinte: eu considero, ainda que o programa do 1º Ciclo, que julgo estar ainda em vigor, tem como objetivo primordial o desenvolvimento integral / e harmonioso da criança. / Nessa faixa etária, a criança está a descobrir</p>	PD	3
			PE	8
			PF	3

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
2- Conceções acerca da Expressão Plástica	2.2- Interesse dado à Expressão Plástica no currículo	<p>Penso que a importância é a ideal / pois, se analisarmos as orientações curriculares, existe um equilíbrio e uma harmonia entre todas as áreas e seus domínios. / Depois, na prática, cabe, cabe, caberá ao educador privilegiar mais, ou não, determinada expressão, / em função das necessidades do seu grupo.</p> <p>Pronto, eu acho que é fundamental. / É fundamental, porque, na Expressão Plástica, eles vão desenvolver motricidade fina, / o jogo de cores, / tonalidades, / mesmo depois prepará-los para a escrita, / para a leitura, quando eles fazem um trabalho... / Que a Expressão Plástica é muito variada: não é só agente tem Expressão Plástica – desenho e pintura – não! / Há modelagem, / a própria construção que eles fazem com os blocos lógicos, quando eles fazem construções em 3 dimensões, é Expressão Plástica. / É uma área muito abrangente, que pode tocar em tudo. / Até na consciência fonológica, porque se nós trabalharmos a consciência fonológica, muita vez, o pictograma, está ali a Expressão Plástica, o desenho, para substituir a palavra, para eles... Pronto, está em tudo. / [Surge associada a diversos domínios?] Sim, sim...</p> <p>Sim, sem dúvida. / Basta fazermos uma breve leitura às Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, para compreendermos a importância da Expressão Plástica para uma prática educativa interdisciplinar.</p> <p>Em primeiro lugar, desenvolvem o sentido artístico / e criativo da criança; / em segundo, a área de Expressão Plástica permite a aquisição de alguns pré-requisitos, que são imprescindíveis em alguns conteúdos da Matemática. / Sendo assim, pode funcionar, como já disse, anteriormente, como uma área subsidiária da Matemática, ou / de Estudo do Meio.</p> <p>Ora bem... Eu acho que é... é pouco importância que se dá nesta área. / Porque os programas ditos básicos, ou mais importantes, como os de Português, Matemática, Estudo do Meio, são cada vez mais extensos. / São muito extensos, são muito pesados. O que nos limita a nível de tempo / (os tempos são divididos em 45 minutos) / e cada vez mais estes tempos estão a ser mais ocupados pelas áreas básicas, pelas áreas consideradas mais importantes. / O que nos releva para as áreas das expressões com 3/4 tempos semanais. /</p>	PA PB PC PD PE	4 12 2 5 34

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR
2- Concepções acerca da Expressão Plástica	2.2- Interesse dado à Expressão Plástica no currículo	<p>Ora dividir por, agora falando nas áreas de Expressão Dramática, Musical e Plástica, o que dá 45 minutos a cada um. / Isto é muito pouco, para se desenvolver um trabalho com alguma coerência e com algum entusiasmo, com... / Porque estes trabalhos são, quase sempre, de forma exploratória. A criança tem de ter tempo para fazer as coisas. / Ora 45 minutos o que é que dá? Não dá para fazer muita coisa. / É verdade que, hoje em dia, nós tentamos conciliar um trabalho de Expressão Plástica em tempos diferentes, / ou vamos buscar um bocadinho ao tempo de Expressão para completar um trabalho de Expressão Plástica que estamos a fazer, e vice-versa. É o que nós tentamos fazer, mas nem sempre é possível... / Eu acho muito pouco... muito pouco tempo. / Não falta material, não falta dicas, não faltam técnicas. / Queiramos e tenhamos nós o tempo para as aplicar. / O que é difícil por, dado a... Eu vou lhe ser sincero. Agente... Temos uma planificação semanal que tentamos cumprir à risca. Mas nem sempre é possível. Nem sempre é possível, porque as crianças têm o seu ritmo, as crianças têm o seu ritmo de aprendizagem. / Sim. Eu acho que isso da história da monodocência já não há, já não existe. Eu acho isso... Hoje em dia, com os tempos que nós temos, isso já não existe. / Eu defendo um sistema de ensino em sim senhor, o professor, digamos principal, ou o professor que tem a patente de monodocência, como é o meu caso, eh pá, sim senhor, deve trabalhar as áreas mais específicas, deve trabalhar os conteúdos mais específicos. / Da mesma maneira que, hoje em dia, se faz com a Educação Física, em que há um professor de Educação Física, eu não vejo por que motivo não haveria de haver um professor de expressões (Plásticas, Dramáticas e Musical). / Eu não vejo porque é que não havia de ser assim? / Agente sabe porque é que não é assim. Agente tem o nosso sistema de ensino... / apesar de ter estes tempos todos contemplados, e tudo mais, / por uma questão puramente económica, de colocações de professores, de não gastar mais dinheiro em ordenados e estas coisas todas, / agente sabe perfeitamente que não é isso que acontece. / Mas o ideal, para os tempos de hoje, seria esta divisão. Mas uma divisão com lógica. Não uma divisão “agora vou parar isto aqui porque eu vou fazer... eu vou pintar um desenho, ou vou fazer uma expressão digitinta, ou qualquer coisa”. Não. Com lógica. / Eu dizia uma coisa assim. De manhã, trabalhava-se as áreas mais... ditas mais pesadas (Matemática, Português,</p>	

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
2- Conceções acerca da Expressão Plástica	2.2- Interesse dado à Expressão Plástica no currículo	<p>Estudo do Meio); de tarde, as expressões. / A criança... agente sabe que a criança tem um período de tempo de atenção limitado e condicionado. Ora, estar a massacrar, quer de manhã, quer de tarde, as crianças com conteúdos pesadíssimos, a criança chega a uma certa altura que já nem se interessa, nem pela expressão A, nem pela expressão X, nada. A criança está cansada. / Agora, se houvesse um sistema de ensino em que contemplasse, por exemplo, de manhã, as atividades... Nem que entrássemos mais cedo! Atenção, era 8h30m, era 8h30m. Mas agente trabalhávamos, de manhã, as áreas curriculares ditas mais pesadas; / e de tarde, expressões. / Porque a criança aí está depois do almoço... Custa a pegar numa turma, às vezes, depois da hora do almoço. Porque as crianças já não estão com a mesma atenção que estive de manhã. E, então, este tipo de atenção que a criança tem, que é muito mais leve, muito mais suave, seria dedicado a atividade de expressão (a Expressão Físico-Motora, não pode ser logo, logo depois do almoço, que agente sabe... por causa da digestão, e não sei o quê... e essas coisas todas, não se pode fazer), mas a Expressão Plástica, a Expressão Dramática e a Expressão Musical podiam ser muito bem integradas na parte de tarde do horário das crianças. / Nós não íamos para casa. Teríamos de acompanhar as crianças na mesma, porque somos monodocentes. / Mas com professores especializados nesta área, que fizesse mais coisas, em parceria com o titular de turma. / Um jogo de interação, de partilha, de experiências, de ideias e então aplicar aquela turma./ Nem que fosse um professor orientador. Mas acho que devia haver.</p> <p>Na atual conjectura, acho que é lhe dada muito pouca importância, / atendendo que temos para a área de Expressão Plástica 45 tempos... 45 minutos semanais. / Acho que é muito pouco tempo para desenvolver uma área de expressão. / Estamos a começar e já acabamos. / Daí que, depois, surjam aqueles trabalhos muito pré-formatados, que eu acho não são a essência da Expressão Plástica. Recorta e cola o que já está pré-feito, não pode ser. / Eu acho que as crianças precisam de agarrar os materiais, descobrir e redescobrir nesses materiais, / sem ter o intuito de encontrar ali uma obra-prima, uma coisinha bonitinha para o adulto, mas que não disse nada à criança.</p>	PF	7

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
3-O desenvolvimento profissional e o ensino das Expressões	3.1- Influência da formação inicial para a prática intencional da Expressão Plástica	<p>Sim. Sem dúvida...! / Tive bons professores e boas educadoras orientadoras. / Foi fácil fazer a junção do aprendido na teoria e a sua aplicabilidade/importância, na prática.</p> <p>Não. / É assim, eu acho que hoje em dia, os alunos saem muito mais bem preparados que nós saíamos, na altura.</p> <p>Sim, claro. / Como já referi anteriormente, tive a sorte de ter tido bons professores e bons educadores orientadores, / que me fizeram acreditar nas potencialidades da Expressão Plástica.</p> <p>Sim, possibilitou alguns conhecimentos.</p> <p>Sim. / Eu acho que foi muito importante. / Eu tive bons professores de Expressão Plástica, a nível da minha formação. / Deram-nos muitas ideias, / deram-nos algumas técnicas, deram-nos algumas técnicas.../ inculcaram-nos, (se calhar) inculcaram-nos o gosto por esta área. / Eu lembro-me de um professor (que já não está a lecionar na nossa universidade, que era do continente) e fazia trabalhos interessantíssimos. / Eram interessantes, porque apelava a um leque de sensações e de... e interligava saberes e técnicas que, supostamente, eram trabalhadas à... cada qual por si. / E era muito interessante. Interligava a Expressão Dramática, com a Expressão Plástica, a Musical, / e fazíamos trabalhos giríssimos. / É assim: aplicar ao 1º Ciclo, é lógico que eles não nos podem, dar todas as ferramentas, / se nós não pesquisarmos, se nós não tivermos um trabalho de fundo, é lógico que não vamos evoluir.</p> <p>Certamente que sim. / Tive a felicidade de contactar e de ter na minha formação pessoas que eu considero muito capazes, nomeadamente o Professor Tomás Borba Vieira, que é um artista conceituado da nossa praça, / para além de outros professores, / mas ele ficou-me marcado como um, não digo dos pilares, mas talvez das pessoas que me influenciou na minha prática pedagógica, tanto na área de Expressão Plástica, como nas outras áreas de expressão. / Ele utilizava muito aquela maiêutica do Sócrates, se não estou em erro, que é nunca dar uma resposta, mas colocar-nos a nós, como formandos, sempre como os... nós é que tínhamos a resposta a dar. Em vez de nos dar uma resposta, perguntávamos, para nós irmos construindo a nossa própria resposta. / E isso também me levou a fazer o mesmo com os meus alunos.</p>	<p>PA</p> <p>PB</p> <p>PC</p> <p>PD</p> <p>PE</p> <p>PF</p>	<p>3</p> <p>2</p> <p>3</p> <p>1</p> <p>12</p> <p>5</p>

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
3-O desenvolvimento profissional e o ensino das Expressões	3.2- Influência da formação contínua para a prática intencional da Expressão Plástica	<p>E tendo em conta o que acabei de responder, não senti necessidade [de desenvolver competências profissionais no domínio da Expressão Plástica, após ter terminado o curso], / mas, como comecei logo a trabalhar, precisei de me “organizar” para saber o que melhor fazer com os meus alunos. / Inicialmente, como acabamos o curso com tanta vontade de experimentar o aprendido, a maior dificuldade foi controlar a vontade de experimentar tudo.</p> <p>[Senti necessidade de desenvolver competências profissionais no domínio da Expressão Plástica, após ter terminado o curso?] Sim, sim, sim... / Pronto, comprei muitos livros, fui lendo e fui... / E acho que... eu o que eu digo: hoje em dia, vocês saem mais bem preparados que nós saíamos na altura. / Até porque, na altura, eu tirei o curso na Terceira e eu fui o segundo curso a sair da escola... Não tem nada a ver... Em nenhum aspeto, mesmo.</p> <p>Bem, não lhe sei responder ao certo a esta questão... Mas posso dizer que tenho sentido uma grande vontade em exteriorizar tudo o que aprendi na minha formação. / Hajam é condições (agora com a crise)...</p> <p>Sim... Nós sentimos sempre a necessidade de nos formarmos em qualquer área ao longo da vida, / o professor, como eu costumo dizer, é o eterno estudante. / Os programas mudam, as próprias necessidades das crianças mudam, em função das aprendizagens que fazem na escola paralela / e também é necessário acompanhar os avanços tecnológicos que se impõem nos nossos tempos. / Por isso, daí dizer que senti, realmente necessidade de fazer uma formação, para além daquela que tinha inicialmente.</p> <p>Sim, com certeza. / Tem que ser assim, tem de ser assim. / As bases que nos dão na universidade, apesar de serem boas, eh pá, apesar de termos... é um levantar de véu de um manancial enorme de técnicas, de aplicação. / Cada vez mais está-se a descobrir coisas novas, / novas técnicas / e que, com o acesso à internet que toda a gente tem, agente descobre coisas e trabalhos lindíssimos e que nós podemos adaptar.</p>	<p>PA</p> <p>PB</p> <p>PC</p> <p>PD</p> <p>PE</p>	<p>3</p> <p>4</p> <p>2</p> <p>5</p> <p>6</p>

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
3-O desenvolvimento profissional e o ensino das Expressões		É assim... não vou... apesar de toda a influência que possa ter tido, essa pessoa na minha formação inicial, / eu acho que o gostinho pelas áreas de expressão vem antes de nós termos a formação, / vem durante / e continua depois. / Portanto, foi um processo que não parou, / foi importante, mas teve continuidade.	PF	6
	3.3- Influência da autoformação e da colegialidade	<p>Sinto essa necessidade / não só para sair da rotina / mas também para conseguir atingir melhor os meus objetivos. / A evolução e a variedade de técnicas, se forem do nosso conhecimento, podem ajudar, substancialmente, a nossa prática educativa.</p> <p>Ainda não, porque terminei o curso há pouco tempo. / Perto de onde vivo vai haver um conjunto de <i>workshops</i>, onde irão debater assuntos relacionados com a ludicidade, as expressões artísticas... Decerto que não irei faltar, / porque nunca nos devemos acomodar em relação à nossa formação, independentemente da área.</p> <p>Neste momento, não posso dizer que seja a minha prioridade, em relação à Expressão Plástica. / Sinto mais necessidade de me atualizar no âmbito dos novos programas de português e matemática / e ao nível das ciências experimentais, / porque, neste momento, é o que está em mudança / e é o que traz mais novidades. E depois procurei outras formações nessa área, / porque acho que temos de estar sempre atualizados. / Constantemente... constantemente. Temos de estar sempre a reciclar-nos.</p>	PA	4
			PC	3
			PD	5
			PF	3

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo	4.1- Preparação da prática educativa	Normalmente sim / , embora, às vezes, aconteçam momentos pontuais que surgem de improvisos e são aproveitados.	PA	2
		Sempre. / É assim, eu sou uma pessoa que... eu para trabalhar, eu tenho de me sentir organizada, tanto ao nível de sala de aulas, de organização de espaços e tudo, como... / eu tenho de ter a minha planificação. / E eu faço a minha planificação mensalmente. É mensal, porque se pode fazer diária, como quiser. Eu faço mensal, / e depois, quando acaba aquela planificação mensal, eu faço a minha avaliação à planificação. / A avaliação, tocando em diversos pontos, desde aquele aluno teve dificuldade, eu acho que este aluno, este ano, este período, este mês, não esteve tão atento como os outros, eu tenho de ver o que é que se passa, se foi uma fase passageira. Portanto, há aquelas pequenas coisas... Porque é que eu não trabalhei com eles aquela determinada competência e vou continuar a trabalhar, ou não deu tempo, ou porque eu tive de me dedicar mais a outra, porque achei que precisavam mais. / Portanto, eu faço sempre uma avaliação por escrito e depois eu ponho ao pé da minha planificação / e ao longo do mês, vou alterando, se for preciso, a planificação e vou pondo notas.	PB	8
		Sim, sim... não me sinto, ainda, à vontade para iniciar um dia de atividades, sem antes ter planificado as atividades.	PC	1
		Sim eu faço sempre uma planificação mensal / e depois semanal.	PD	2
		[Já referiu anteriormente que elabora uma planificação] Exato...	PE	1
		Com certeza. Não concebo qualquer prática pedagógica sem uma planificação. / Depois, na altura, no momento, há um improviso, / há interação / e os anos de experiência vão nos dando cada vez mais segurança, para nos libertarmos da planificação e interagirmos, / mas nunca esquecendo qual era o nosso propósito.	PF	5

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo	4.2- Previsão de momentos de Expressão Plástica	<p>Sim, são fundamentais, tanto para consolidação de aprendizagens, para iniciação de uma atividade ou para simples momentos lúdicos.</p> <p>Sim, sempre, sempre. / Até porque é assim, para a Expressão Plástica, em todos os períodos, eu tenho competências para a Expressão Plástica. / Só que eu tenho que, depois... Aquelas competências têm que ir de encontro ao tema que eu estou trabalhando.</p> <p>Sim, são fundamentais. / Costumo planificar, pelo menos, uma vez por dia uma atividade de Expressão Plástica.</p> <p>Sim, semanalmente.</p> <p>Logicamente.</p>	PA	1
	4.3- Tempo dedicado aos momentos de Expressão Plástica	<p>Depende. / Se forem crianças mais pequenas, o tempo é menor porque a sua capacidade de concentração/atenção também é menor; / também depende das capacidades ou das dificuldades das crianças / e do objetivo da atividade./ Por exemplo, se o objetivo é aumentar a atenção, então a atividade terá que ser “esticada” (entre aspas, vamos entender o esticado) até ver onde a criança chega, / mas, se for para desenvolver a motricidade fina, tem que ter com uma duração suficiente para que a criança não se farte e execute a atividade com prazer.</p> <p>Ah, não tem. Não. / Ainda hoje, uns estiveram a fazer desenhos, outros recorte e colagem; acabaram a ficha; acabam o desenho, vão para o recorte, o que acaba do recorte, vá para o desenho. / Portanto, há uma rotina, à tarde, que não... não estipula hora: / “tens de fazer 15 minutos, tens de fazer...” Não! / Eles têm é que acabar. Têm que acabar o trabalho que começaram. Se não acabaram hoje, porque não deu tempo, vão acabá-lo amanhã. O começar e o acabar, eles têm que o fazer. / Agora se levam 10, ou 15 ou 20... pronto... Depende, depende.</p>	PA	6
			PB	3
			PC	2
			PD	1
			PF	1

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo	4.3- Tempo dedicado aos momentos de Expressão Plástica	<p>Isto depende de atividade para atividade, / de criança para criança... / tento é que todas as crianças façam as mesmas atividade, nem que tenha de ser em dias diferentes.</p> <p>Portanto, à semana há sempre um tempo letivo de 45 minutos, destinado à área de Expressão Plástica. Exatamente, exatamente! Há crianças que trabalham muito mais rapidamente do que outras; / há outras que nós temos, nós temos de fazer um compasso de espera maior, temos de ter mais paciência, temos de ter mais atenção, / que as aprendizagens têm de ser mais reforçadas para aquelas crianças. Porque cada criança é uma, em si, e as aprendizagens são diferentes. / Há aquelas que apanham tudo à primeira, há aquelas que nem à terceira vai. Nem à terceira... / E depois, o que é que fica renegado para segundo plano? São precisamente as Expressões. / E eu não tenho problema nenhum em dizer isso. Porque, a nossa aflição é chegar ao final do ano letivo com os conteúdos das principais áreas programáticas trabalhados e dados./ Porque, quer queiramos, quer não, temos avaliações intermédias. Essas avaliações intermédias, é verdade que são para avaliar os alunos, mas também são para avaliar os professores, / para ver se o professor deu a matéria toda, ou não. / Ora, se um aluno não... chegar ao pé de uma prova intermédia e chegar ali e começar a ver aquilo... “mas eu não trabalhei nada disso, não me lembro nada disso”. Um pode acontecer, em vinte é complicado! Já há algum problema por parte do professor, que não deu a matéria toda. Quem é que está a ser avaliado aí? É o aluno? Não, é o professor também...</p> <p>Todas as semanas existem 45 minutos destinados à área de Expressão Plástica. / E, para além destes 45 minutos, utilizamos a interdisciplinaridade, / a área de Expressão plástica, como suporte a outras áreas: à hora do conto, / à Expressão Dramática, / à área de estudo do Meio. / Funciona como um suporte, mas quando há necessidade de criar uma aula de Expressão Plástica mais duradoira, tentamos conciliar duas áreas que possam permitir o desenvolvimento de uma atividade num tempo superior a 45 minutos. Assim como se faz, e é de conhecimento de todos, para o Português ou para a Matemática, também acontece com a Expressão Plástica, / momentos mesmo para deixar ao alunos criarem e recriarem... Durante mais de 45 minutos... / Os 45 minutos são sagrados, que é aquilo que está no currículo e é aquilo nos é permitido. / Até</p>	PC PD PE PF	3 1 8 10

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo		<p>porque existe outras áreas de expressão e esses tempos têm de ser divididos minimamente por todas elas... E têm que ser respeitados. / Uma das coisas que eu defendo é que, independentemente da minha opinião pessoal, das minhas teorias, das minhas orientações, das minhas vontades... eu não tenho o direito, porque sou professora, mas também sou funcionária pública e se existe um Ministério que determina um determinado currículo, tenho..., não tenho o direito de não obedecer ao que está estipulado.</p>		
	4.3- Conteúdos, técnicas e recursos expressivos	<p>Tento abordar de tudo um pouco, / mas estamos, por vezes, condicionadas às verbas que são atribuídas. / Sempre que possível, incentivo a trabalhos de pequeno grupo (mais ou menos 2 elementos), grupos médios (4 a 5 crianças) e grande grupo. Fazemos pintura livre e / condicionada, / modelagem, plasticina, / picotagem, / recorte e colagem, / enfiamentos, entre outros.</p> <p>Pronto... É o que eu estava a fazer referência, portanto eles fazem modelagem... No ano passado fizemos, porque o tema era, no primeiro período, era a descoberta da ilha... dos Açores; é o povoamento, eles fizeram caravelas em modelagem, / depois picotaram as velas para pôr, / pintaram as velas... / Pronto, modelagem, / recorte / e colagem... / Agora no primeiro período, eu achei... foi muito interessante, porque foi as cores que nos rodeiam. E nós exploramos as cores. / Exploramos as cores, desde as várias tonalidades que havia, / cores com brilho, cores sem brilho, a partir do arco-íris, a partir das cores do arco-íris. / E, pronto, fizemos diversas atividades, / desde colagem de papéis de várias tonalidades de vermelho, papéis com brilho... Ah... / Pronto, e no fim eles fizeram livro com todos estes trabalhos sobre as cores que eles fizeram. / Elaboraram... cada um tem o seu livro com os trabalhos. Também para eles começarem a ter noção do livro, da construção do livro, a importância do livro e... Eu agora perdi-me um bocadinho. E nós utilizamos várias técnicas de Expressão Plástica. / Os cartazes... e fizemos um cartaz, no primeiro período, também relacionado com as cores... pronto, isso vem tudo em relação ao tema do ano passado. / Isso são uma sequência, porque esta turma está comigo e esse é o terceiro ano que está comigo; foram integrados alunos, mas é o terceiro ano – há um percurso educativo que eu faço com eles, que vou aumentando sempre</p>	PA	8
			PB	18

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo	4.4- Conteúdos, técnicas e recursos expressivos	<p>o grau de dificuldade – e foi as cores... / Nós fizemos, como já tínhamos falado, o ano passado, do povoamento da ilha de São Miguel, quando os primeiros povoadores chegaram à ilha, vamos imaginar quais são as cores que eles encontraram, quais as cores que prevaleciam. Eram os castanhos da terra, o vermelho dos vulcões, o verde, portanto... E no outro lado eles fizeram a ilha de São Miguel, como é atualmente e vamos descobrir a cores, a infinidade de cores que a nossa ilha tem. / Em que eles é que pintaram dentro da ilha, / fizeram recortes / e colaram. Portanto, tudo assim dessa maneira.</p> <p>De tudo um pouco: / pintura com ou sem pincel, / recorte e colagem, / carimbagens, / picotagem ... / enfim, de tudo um pouco.</p> <p>São, essencialmente estes: são as construções, / recorte e colagem, / modelagem, / pintura</p> <p>O que é que nós fazemos mais? Fazemos pintura, que é o mais fácil e o mais básico. Fazemos pintura, fazemos o desenho, fazemos cartazes. As modelagens, pronto, aproveitamos a plasticina para fazer várias coisas, recicla-se outra vez a plasticina. O barro é mais difícil, o barro é mais difícil. Não é que nós não façamos, mas é mais difícil, porque há crianças e crianças e uns sabem trabalhar bem e outros são mais maldosos e sujam, e pintam a manta... É complicado. Mas não quer dizer que não trabalhamos. Trabalhamos. Mas não é uma prática corrente. Não é uma prática corrente, não é muito comum. O mais comum fazer é ou pintura, ou o desenho, ou cartazes, isto... a modelagem de plasticina. Isto é o mais comum fazer. <i>Digitinta</i>, também se faz, recorte e colagem, origamis, é dentro disto que nós fazemos.</p> <p>Estou a pensar mais em técnicas... Pronto, não sei se será por aí... O que é que eu costumo trabalhar? Tenho um primeiro ano de escolaridade, este ano, e o que é que nós temos feito? Pintura, / recorte, / colagem, aproveitando, porque todos nós sabemos, não vou estar aqui a pronunciar aquela palavra fantástica, que está na ordem do dia, mas por todo o lado há falta de... / Dou-lhes caixas, caixotes ou eles próprios trazem, pintam, de forma livre, / com as cores que querem, / experimentam a mistura de cores, / colam, / recortam e /constroem.</p>	PC	6
			PD PE	4
			PF	8

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo	4.5- Materiais: específicos e recicláveis	<p>Normalmente, acabamos por utilizar muito material de desperdício e para reciclar. / Recorremos á farinha, / massa alimentar, / arroz, / leguminosos, entre outros. / Também uso muito a plasticina, / a lã, / tecidos, / tintas, / revistas, etc.</p> <p>É assim, papel, / a cartolina, / todos aqueles materiais de Expressão Plástica que tenho aqui dentro da sala. / Material para reciclar, / por vezes, também, utilizamos os recortes de revistas, / a tinta, / cola, / é toda aquela infinidade que temos acesso, dentro das possibilidades que temos a nível de sala e a nível de aquisição de material, também.</p> <p>No estágio, os meus pais é que me pagavam os materiais e eu usei material do bom e do melhor; hoje a escola não tem dinheiro para os materiais e, se quiser algum dito diferente, tenho de pagar do meu bolso. / O que nos safa aqui na escola são os materiais considerados de desgaste: pacotes de leite, / caixas decereais, / de iogurtes... / São materiais, que muitas vezes, são os pais que trazem para a escola, possibilitando uma melhoria na relação entre os pais e a própria escola.</p> <p>Cartolinas, / placas de esponja, / gesso, / barro, / guaches, / tintas com purpurinas, / folhas de árvores, / muito material reciclado, / colas, etc.</p> <p>Sim... É assim... Cada vez mais, estamos limitados a um orçamento. / Cada vez mais, estamos limitados a um orçamento. / Cada aluno tem direito a 1 euro e tal de material. Por aluno. Por... semestre. Ou semestre, ou... sim, por semestre, por semestre. / 1 euro e tal, 2 prá aí, não mais do que isso. / Ora bem! E cada vez mais, o que vemos aqui, são crianças com carências. / Crianças que vêm para a escola sem lápis, sem borrachas, sem afias, sem canetas, sem cadernos. / Ora bem! Como é que nós vamos pedir materiais, digamos, lúdicos, por exemplo, barros, cartolinas... / Que nós pedimos! / E nós fazemos as requisições neste sentido: barro, / gesso, / plasticina, ... / montes de coisas que nós pedimos e até... / Mas é um esforço muito grande, porque como é que um aluno vem para aqui fazer Expressão Plástica, se não tem lápis, nem um caderno para escrever, nem para nada? É complicado. É complicado. / Mas, dentro das limitações que nós temos, temos que racionalizar muito bem os materiais. / E até reciclar, / até pedir que tragam ou</p>	PA PB PC PD PE	10 8 5 9 29

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo	4.5- Materiais: específicos e recicláveis	<p>garrafas de plástico, / alguma coisa diferente, para se fazer um trabalho diferente. Isso nós fazemos. / [Materiais que costuma utilizar?] Pinceis, / cartolinas, / papel cavalinho, / plasticinas... / Garrafas, / tampas, / cápsulas de cafés (por exemplo, no Natal, para fazer uma árvore de Natal com aquelas cápsulas, passo a publicidade, da Nespresso) sempre faz coisas bonitas, / cortiça, / rolhas de garrafas, / cartão... / É dentro destes materiais mais usuais da reciclagem. As latas, é um bocado complicado, porque podem se magoar e cortem- se convém... eu não utilizo muito este género de material.</p> <p>Só que nós temos que inventar. / E as crianças adoram brincar com coisas que já não têm valor nenhum, a nível de mercado: / caixas, / caixotes, / rolos, / todo e qualquer material que se pode trazer para a sala de aula, / para construir, / desconstruir, / pintar... / Eu vou fazer uma sessão de pintura, não tenho necessariamente que utilizar um papel ou uma tela muito bonita.</p>	PF	10
	4.6- Recurso à Expressão Plástica como instrumento lúdico-pedagógico de outras áreas do saber	<p>Sem dúvida que sim!!! / A expressão plástica é fundamental para o posicionamento da criança em relação ao objeto, / à experimentação, / à exploração, / à manipulação / e à transformação de diferentes materiais,/ permitindo, assim, um alargamento e uma diversidade de situações / e experiências de aprendizagem / e desenvolvimento que, de forma inequívoca (isso então... isso é a minha maneira de ver) se vai refletir noutras áreas / como, por exemplo, o desenvolvimento da motricidade fina, está intimamente ligada ao domínio da expressão motora. / Através da Expressão Plástica, direccionada quer seja para a pintura, para o desenho, ou para execução de trabalhos artesanais, a criança estimula a criatividade que trará benefícios para outras áreas. / Por exemplo, uma criança que tem por hábito desenhar, colorir, pintar, estudar música, ou fazer algum tipo de artesanato adquire uma habilidade mental maior / bem como uma capacidade de criar também maior, / originando conseqüentemente uma maior desenvoltura / e aumenta a facilidade de comunicação com o mundo que a rodeia.</p> <p>Ai sim. / Pois, a partir daí va... foi o que já fiz referência anteriormente... E depois a facilidade no desenhar das letras, / tem importância nos números, / a própria lateralidade, porque às vezes há trabalhos que eu digo:</p>	PA	15
			PB	20

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo	4.6- Recurso à Expressão Plástica como instrumento lúdico-pedagógico de outras áreas do saber	<p>“vocês têm de pintar o trabalho da esquerda, o outro vão deixar sem pintar, porque vão marcar as diferenças entre dois desenhos – pintar o da esquerda e o da direita vamos marcar as diferenças”. / Portanto, o trabalho de Expressão Plástica já com uma vertente da lateralidade, / de escrita, da escrita também, / quando eles fazem um trabalho, eles sabem que têm de começar de cima para baixo, da esquerda para a direita, tudo isso... / Eu não sei se quer que eu entre mais em pormenores. Eu tinha aqui umas notinhas... Pronto, é através do desenho que eles acedem ao símbolo gráfico / e à sua compreensão / e utilização. É isso assim, eu não sei se quer mais alguma coisa? /</p> <p>Sempre, não, mas a maior parte. Ainda no ano passado, falamos do património arquitetónico aqui da... cultural e arquitetónico da freguesia; saí com eles, / fomos à igreja,/ levamos papel, lápis, eles desenharam a igreja. / Portanto, viram determinados pormenores em Expressão Plástica, juntamente com o tema que estávamos a desenvolver na altura. /</p> <p>Há tanta coisa (com risos) a dizer, em relação à Expressão Plástica. Pronto, É assim, eu acho que há trabalhos... esse trabalho que eu desenvolvi com eles, no primeiro período, eu acho que foi fantástico, eles começaram a saber as próprias cores, / e eu noto muito, em relação aos desenhos que eles agora pintam. Porque eles já... eles estão pintando e “eh professora eu vou pintar com outra tonalidade, com este azul!”/ Pronto... Já sabem... Há várias tonalidades de azul. / E pronto eles já identificam muito bem as cores. / Eles sabem que eu gosto muito do verde, do verde alface, e quando eles entram, eles estão entrando e vão dizendo: “oh professora, eu hoje vim com a cor que tu gostavas”. Pronto, há muito trabalho. Eu acho que, a nível do pré-escolar, em todos os níveis... eu acho que não há que dizer assim: “ah, eles são pequeninos, eles não aprendem.” Não! Eles aprendem muito bem. Não sei se respondi a tudo o que tu querias, se precisas de ser esclarecido em mais... em mais alguma coisa, / mas é assim, Expressão Plástica está sempre tudo.</p>	

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo	4.6- Recurso à Expressão Plástica como instrumento lúdico-pedagógico de outras áreas do saber	<p>Sim, claro! / Eu posso, por exemplo... Esta semana, porque reparei que muitas crianças estavam a colocar muitos papéis no chão, conversei com elas e decidimos construir alguns ecopontos para espalhar pela escola. / Nesta atividade, planifiquei desenvolver competências de todas as áreas do saber: / na Área do Conhecimento do Mundo, trabalhamos a importância do respeito pelo meio ambiente; / na Área de Expressão e Comunicação, trabalhamos a mensagem que devíamos colocar junto dos ecopontos, / a área das Expressões... Ou seja, à volta desse trabalho, foram desenvolvidas um conjunto de competências de diversas áreas do saber.</p> <p>..., e, normalmente, os conteúdos são escolhidos de acordo com o programa e em articulação com os conteúdos programáticos das outras áreas, / de forma a haver uma interdisciplinaridade. /</p> <p>Sim, sem dúvida! / Já disse isso, e a Expressão Plástica é subsidiária de aprendizagens no âmbito de outras áreas académicas.</p> <p>Têm, completamente, completamente. / Eu sou muito apologista de que as expressões, a Expressão Plástica, facilita. / Ora para descobrir um tema a trabalhar, porque não, em vez de começar logo a matar, entre aspas, já com o tema, começar com a Expressão Plástica, / para sugerir o tema que vamos trabalhar. / Isto é uma forma diferente de trabalhar e que leva, muitas vezes, os alunos à descoberta / e estão a trabalhar aquele tema e, ao mesmo tempo, a fazer a integração da Expressão Plástica e do tema principal. / Fala-se tanto da interdisciplinaridade, fala-se tanto disso. E já no meu tempo, falava-se muito, e ainda se fala cada vez mais. Agora não se fala da interdisciplinaridade, fala-se mais na globalidade, na globalização, que ainda é maior ainda. Não é!? / Eu acho que é fundamental. / Como forma de complementar um conhecimento, de um conteúdo a trabalhar, / como forma de iniciar, / como forma de fazer o resumo do conhecimento. Uma banda desenhada, com um cartaz, com um desenho livre, com eles próprios a criarem... / por exemplo,</p>	PC	6
			PD	4
			PE	16

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo	4.6- Recurso à Expressão Plástica como instrumento lúdico-pedagógico de outras áreas do saber	<p>escrever duas ou três palavras o que é que aquilo quer dizer. Vamos fazer um desenho sobre isso / e confrontar as ideias entre eles, o desenhos, os próprios desenhos, as próprias imagens e arranja-se, consegue-se um manancial de informação, que depois é devidamente resumida / e devidamente trabalhada / e ficam... fica um conteúdo trabalhado, fica o conteúdo dado. / Nem sempre o manual, nem sempre o livro. Os pais às vezes queixam-se “ai porque os manuais,... porque deram dinheiro por eles”. É verdade, com certeza e nós tentamos trabalhar com eles, porque realmente os pais investiram naquilo e é lógico que querem ver trabalho feito nos manuais. Mas um manual é um meio de orientação, não quer dizer que nós só vamos trabalhar manuais. Não. Temos de fazer outras coisas, temos de ser mais inovadores...</p> <p>Eu sou defensora da Educação pela Arte. Porque eu acho que a criança não é um adulto em miniatura, mesmo. É uma criança. E na criança há uma característica, ou várias características, que é a atividade. A criança é ativa por natureza, mas também é criativa / Cada vez mais a nossa sociedade (eu não sei se estou a divagar um bocado, mas eu penso que é assim), a nossa sociedade, cada vez mais, requer de cada ser, de cada cidadão uma intervenção e uma ada..., e para isso ele tem de se adaptar, mas tem que agir sobre ela. Eu acho que, há uns anos atrás, há muitos anos, tanto os sistemas políticos, como a evolução da sociedade, eram de tal forma, que as pessoas não necessitavam, ou talvez não quisessem, que elas pensassem muito. E as artes e todas as áreas que permitem improvisação, criação e intervenção são fundamentais. / E eu acho que a área da Expressão Plástica, como outras que eu também defendo, nomeadamente a área da Expressão Musical, a área da Expressão Dramática... permitem momentos de liberdade / e que fazem com que a criança se</p>	PF	23

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo	4.6- Recurso à Expressão Plástica como instrumento lúdico-pedagógico de outras áreas do saber	<p>revele, / como um ser completo, / que, se nós tivermos a criancinha sentada na secretária ou na mesinha todo o dia, não conhecemos, / nem reconhecemos nela toda a sua essência. / Temos que dar momentos de liberdade, pequenos espaços onde ela se possa manifestar, / onde ela possa extravasar as suas energias e porque todos nós somos seres diferentes. / Há meninos que vão ser bons escritores, outros que vão ser matemáticos, bons cientistas, mas poderemos ter grandes artistas plásticos, ou marceneiros, ou pintores ou outros artesãos. / Portanto, não temos o direito de castrar essas potencialidades de cada um dos indivíduos. / Atendendo... Não. Gostei da entrevista, gosto imenso de falar sobre estas temáticas. O facto de termos aqui uma maquinazinha a gravar, às vezes impede-nos de sermos mais nós próprios, mas, à medida que a coisa vai decorrendo, nós vamos sendo um bocadinho mais coerentes... não é bem coerentes connosco mesmos, mas vamos regulando... Desligamos mais um bocadinho da máquina e entrando mais na realidade das coisas. Eu tenho uma paixão mesmo por ser professora, adoro dar aulas, não me vejo a fazer outra coisa. Até costume brincar, se acertasse no <i>Euromilhões</i>, não sei se gostaria de deixar de dar aulas. Agora talvez construísse uma escola, onde pudesse por em prática o sonho que tenho para a educação e, pronto, fazer muito mais pelas crianças. / Em relação à pergunta que me fez e às áreas de expressão, eu acho, com a atual conjectura, e com tudo o que tem mudado, com as mudanças que são tantas e tão repentinas, na Educação, hoje o Português tem muita importância e sempre teve, a Matemática também, mas estamos a passar pelas eras. Eu já comecei na época em que se valorizava bastante as áreas de expressão. Se calhar não se dava... dava-se valor ao Português e à Matemática, como sempre se deu, mas deu-se um grande valor às áreas de expressão. Inclusive, eu estive dois anos a trabalhar só nas áreas de expressão, não na Plástica, mas, pronto, havia uma equipa responsável por ir às escolas e apoiar os professores e os alunos... Há uns anos assim. Eu estive dois anos na área de Expressão Musical e haviam colegas que estavam na Plástica, na Dramática. / Fazíamos um acompanhamento, à semelhança com a Educação Físico- Motora, sem desqualificar o trabalho de ninguém, mas valorizando essas áreas. / Aos poucos, não digo que foram delegadas para segundo plano,</p>	

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo	4.6- Recurso à Expressão Plástica como instrumento lúdico-pedagógico de outras áreas do saber	<p>mas foram tendo menos tempo, foi-nos permitido dar menos tempo nestas áreas. Pronto, houve uma aposta no Português, que eu acho que sim, e também faço um balanço ao início da minha carreira e ao atual momento e vejo que, em muita circunstâncias, realmente, há crianças, que por não terem determinadas... por não terem desenvolvido, até determinada idade, determinadas competências no âmbito das áreas de expressão, nas áreas de expressão, mas também na Expressão oral, o raciocínio lógico matemático, e por aí fora, porque as famílias e por todos os motivos que nós sabemos, não se fazem. E foi muito importante apostar bastante no Português, porque eles realmente necessitam que alguém fale com eles, que alguém lhes ensine o que é um livro... Pronto, é muito importante. E na Matemática também muito importante. / Daí que, e como se tem alargado o tempo de estadia na escola, têm surgido os ATLS como apoio às famílias. Na minha opinião, se consideram que é necessário (e não vou dizer que discordo), eu acho que devia haver, nem que fosse nos tempos finais. / Se me disserem agora “têm de alargar o tempo letivo!” Ótimo. Então, dêem-nos, também, tempo para trabalhar com as crianças as áreas de expressão. / E eu gostaria imenso que eles pudessem ter umas tardes, / para não dizer as manhãs / e as áreas de expressão fossem trabalhadas naquilo que, atualmente, se pode considerar o pós-letivo, / considerando letivo, mas para a Expressão Plástica, Expressão Dramática... / Porque as crianças também precisam de relaxar um bocadinho, / também precisam de sair daquela rotina do TPC, o livro... O livro nem tanto. Mas essa rotina, vai para a escola, sai da escola, vai tomar banho..., vai dormir, vai ver televisão, vai para a consola, fazer os seus joguinhos de computador.</p>	

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo	4.7- Critérios na formulação das estratégias de ação educativa na Área de Expressão Plástica	<p>Eu penso que é importante o educador assumir um papel em que estimule construtivamente o desejo de aperfeiçoar / e fazer melhor. / O resultado final deve corresponder sempre às capacidades / e possibilidades da criança / em simultâneo com a sua evolução. / Nunca se deve banalizar este domínio, por ser uma atividade de fácil acesso, / dependendo do educador torná-la numa atividade educativa.</p> <p>Concretamente... As estratégias que eu uso aqui, dentro da sala de aula? Quando é para fazer um trabalho de Expressão Plástica? Pronto, é isso assim... para trabalharmos com eles, temos de ver sempre uma motivação... / Sim, pois... vão sempre de encontro... [das capacidades/dificuldades dos meninos...] Sim, sim, sim... / Quando eu peguei neles, aos três anos, claro que eles não trabalhavam, como trabalham hoje, não é? E... também o desenho figurativo vai, muita vez, refletir aqueles conhecimentos que eles adquiriram. / Por exemplo, eu tenho ali aquelas estações do ano, em que cada um fez uma estação do ano, em que eles representaram uma estação do ano. E eu por ali vi que eles já, realmente, já sabem diferenciar as quatro estações do ano. Eu não sei se é isso que quer...?</p> <p>Eu penso que o mais importante, no desenvolvimento de uma atividade de Expressão Plástica, é deixar que seja a criança a criar. / Evitar levar para junto delas trabalhos retirados da net, que até possam ser muito bonitinhos, mas que podem não dizer nada à criança. / Porque, se eu levasse, por exemplo agora no Natal, um trabalho pré-feito, em que a criança apenas tinha de pintar, é lógico que não estou a desenvolver qualquer competência, além da destreza manual. / Também sei que é inconcebível deixar que cada criança construa o seu próprio trabalho, com o material que quiser... / Costumo procurar o equilíbrio. / O que faço é o seguinte: faço as minhas pesquisas na net, em livros, ah... nos próprios apontamentos da universidade / e depois adequo essas ideias ao meu grupo de crianças, / que também têm uma palavra a dizer. / É desse diálogo que surge a motivação para a atividade. / Não costumo levar qualquer molde já realizado por mim, digo sempre ao meu grupo que “tinha pensado em..., mas que gostaria de conhecer as opiniões de vocês” / e, normalmente, saem ideias magníficas, não antes do desenvolvimento da atividade, mas durante a atividade. / “Professora, posso usar este fio de lã aqui, professora, posso colar estas massinhas...” A base do</p>	PA PB PC	7 4 14

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo	4.7- Critérios na formulação das estratégias de ação educativa na Área de Expressão Plástica	<p>trabalho, o suporte, é o mesmo para todos, / porque foi escolhido em grupo, e depois cada um dá largas à imaginação, / conforme os materiais disponibilizados em cima da mesa. / Claro que, para mim, isto torna-se cansativo, mas o produto final compensa (risos).</p> <p>Prioritariamente articular as atividades de Expressão Plástica com outras áreas académicas / de forma a promover / e facilitar as aprendizagens.</p> <p>Tem de haver adequação. / Tem que haver adequação à idade, / tem que haver adequação à..., por exemplo, se há uma criança com Necessidades Educativas Especiais... tem que haver uma adequação do material./ Penso, também, que isso é fundamental. As pessoas às vezes queixam-se e isto é sempre como se fosse uma bola de neve: os do 1º Ciclo queixam-se dos da pré, porque os da pré já deveriam ter tido determinadas aquisições, que não têm; os do 5º ano queixam-se dos do 1º Ciclo, porque os de 1º Ciclo já deviam ter determinadas aquisições e não têm, e assim sucessivamente. Ou seja, nada, nem ninguém está sempre satisfeito. Nós queixamos que temos um programa extensivo para dar. É verdade. O professor de educação, de Expressão Visual, queixa-se que o aluno não sabe recortar bem com a tesoura, ou que não conhece determinada técnica. Nós queremos dar estas técnicas todas! Nós queremos que o aluno saiba trabalhar com o compasso, saiba trabalhar com a tesoura, saiba fazer um recorte, saiba recortar na linha, saiba fazer estas coisas todas. Lógico... E tentamos fazer isto. E tentamos fazer isto. A nível de critérios, é lógico que eu... uma criança com uma deficiência mental, eu vou tentar fazer um desenho, em vez de ser em A4, posso fazer em A3. / Maior, para a criança ter maior espaço de trabalho. / Facilitar o seu trabalho, dele. / Não vou ser tão exigente, / por exemplo, que pinte dentro da linha, / ou em vez de ser pintura, por que não fazer bolinhas, com um determinado tipo papel, para fazer colagem. É neste sentido que se tenta trabalhar.</p>	PD	3
			PE	9

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo		Relativamente às minhas aulas, qualquer uma das minhas aulas, eu tento pensar sempre na turma, / no grupo, / mas nos indivíduos. / Logo, quando proporciono uma atividade, penso sempre na individualização. / Não vou pensar “olhe vamos fazer uma atividade de recorte e de colagem, para todos igual, pré-formatado e esperar um resultado igual”. / Não sei se esse é o critério, é realmente pensar que existem vários indivíduos, / cada um deles terá uma resposta diferente / e todos eles têm de ter a possibilidade de se manifestar, / de se revelar. Não sei se respondi à sua questão...	PF	9
	4.7- Estratégias de ação educativa na Área de Expressão Plástica	<p>Tenho em consideração as capacidades / e dificuldades dos elementos do grupo, / da temática que estamos a abordar / e o objetivo que pretendo atingir. / Tento acompanhar cada criança, / incentivo as crianças que têm mais facilidade e acabam primeiro a ajudar as que têm mais dificuldades / e vou fazendo perguntas para ver se perceberam o que pretendo / e se têm noção do que estão a fazer. / Gosto de ver se as crianças estão a gostar do que fazem / e aceito as suas sugestões e ideias. / Na minha avaliação tomo nota de possíveis alterações a fazer numa próxima vez, / ideias para melhorar / e sugestões de utilizar outros materiais./ Obviamente que, o principal, é ver se as crianças atingiram o objetivo / e, caso não o tenham conseguido, perceber se foi por falha minha.</p> <p>Sim. Qual é o objetivo que quero que ele atinja, a nível de conhecimento geral, / depois, o que é que eu posso fazer para eles consolidarem os seus conhecimentos e as suas capacidades na Expressão Plástica.</p> <p>Procuro sempre atender às capacidades / e dificuldades de cada criança. / E, depois, procuro seguir as orientações, que acho que é um documento muito bem conseguido. / No final, faço a minha avaliação final da própria planificação / e depois analiso aspetos menos positivos e os positivos da minha prática, / para melhorar nas próximas. Porque ainda tenho muito que aprender...</p> <p>No fundo, foi tudo o que já referi anteriormente.</p> <p>Adequar a atividade às dificuldades. / Se o aluno tem mais apetência para a pintura, dá-se um desenho com mais pormenor, para que possa desenvolver estas suas capacidades. / Pronto, hoje em dia, com os cortes</p>	PA	14
			PB	2
			PC	6
			PD	1
			PE	7

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo	4.7- Critérios para a planificação, desenvolvimento e avaliação de atividades de Expressão Plástica	<p>(cada vez mais não se pode tirar tantas fotocópias assim, não se pode fazer tantas coisas assim), faz-se, mas é mais difícil. Antigamente falava-se, não sei o quê, as dificuldades... Nem sequer se ponha... No meu tempo o professor punha um desenho na frente e aquilo era para todos igual e toca a despachar. Era assim. E era quando calhava. E era pela altura do Natal, da Páscoa e do Verão. Pronto, e estava feito. E aquele desenhinho servia como a capinha das avaliações. E tínhamos que ter aquele cuidado todo, e não sei o quê. / Pronto... Hoje em dia, é tanta coisa, é tanta variedade, que as crianças, às vezes, até perdem interesse. E não tá, não sabem e não têm o propósito porquê de fazer aquilo. Porque é tão banal. Qualquer criança que vai a um hipermercado, vê um livro de pinturas a 90 cêntimos e o pai compra, aquilo ele faz nem se quer faz aquilo como deve ser, fica aquilo tudo para ali todo riscado. Nem sequer têm o cuidado de fazer aquilo como deve de ser. As atividades propostas, que cada vez são muito interessantes, não têm o cuidado de as explorar. Tenho uma criança aqui com Necessidades Educativas Especiais que traz-me esses livrinhos e vejo aquilo tudo riscado. E até, quando folheio, vejo que tem atividades interessantes. Não há um cuidado por parte de um pai de ver aquilo e tentar fazer aquilo em casa. Não, porque... agente aqui tenta fazer o nosso melhor, mas em casa também têm de fazer o seu melhor. Não é? [Este livro] É para ocupar...[a criança.] Exatamente. / Já aquele aluno que não tem, assim, grandes dificuldades, já faz um trabalho diferente. / Pode ter esse livrinho e até já vem com curiosidade e vem mostrar ao professor: “Oh professor, veja aquilo..., Eu que eu fiz assim..., Olhe, essa atividade é interessante...”. Aí já se vê outro interesse. / A criança com Necessidades Educativas Especiais, aí já é mais preocupar, não aqui na sala de aula, mas dentro do seio familiar. Pronto, posso estar a dizer aqui uma grande inverdade. Não são todos, mas, pela experiência que eu tenho aqui na minha sala, é isso. É mais é preocupar, porque o pai está cansado e a mãe está cansada, porque trabalha até tarde. E compreende-se. E quem é pai, sabe perfeitamente que a vida não permite estar sempre lá de roda dos miúdos e é cansativo. Mas, tentar sempre dar uma achega, tentar sempre explorar, para valorizar aquilo que é feito, para valorizar aquele livro, para valorizar aquela atividade e não ser uma mera coisa de fazer por acaso. E é o que, infelizmente, às vezes se vê.</p>	

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
4- Integração da Expressão Plástica com outras áreas de conteúdo	4.7- Critérios para a planificação, desenvolvimento e avaliação de atividades de Expressão Plástica	<p>[Ir ao encontro] das dificuldades, / das necessidades... / da dificuldade que cada um tem. / Pronto, um exemplo: recortar, nem todos recortam da mesma forma. / Se não experimentarem, se não passarem por aí, se não agarrarem numa tesoura, nunca saberão recortar. E depois, mais tarde, noutros níveis de ensino, há as queixas de que “no 1º Ciclo não se recorta, não se cola, não sa...”. / Temos que entender que nem todos vêm, assim como nem todos vêm para a área da Língua Portuguesa, ou do Português, com a mesma facilidade a nível de vocabulário, de oralidade, também nem todos vêm com a destreza manual, / com a psicomotricidade desenvolvida da mesma forma. / Temos que pensar em todas essas questões, pensar que eu vou possibilitar atividades que me permitam avaliar, / diagnosticar o que é que se passa com a minha turma: / há uns que precisam de recortar, / há uns que desenvolver a <i>práxi</i> e a <i>fini</i>, / há outros que precisam de movimentos mais largos. / Portanto, tenho de possibilitar-lhes, a todos eles, um ponto de partida, donde eles necessitam e não de igual forma. / E aceitar.</p>	PF	13

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Unidade de contexto (cada sujeito da amostra) /UR	
	4.8. Critérios valorizados nas práticas em Expressão Plástica	<p>Eles precisam de muito tempo para, porque tenho esta experiência e qualquer <i>porcariazinha</i> faz as delícias de uma criança. / Eles peguem num caixote de cereais, adoram e ficam ali calados e calmos a ver aquela tinta a escorrer. / Não estão a fazer, para nós se calhar, nada de especial, mas estão se a deliciar no seu mundo / e eu acho que isso é muito importante, a Expressão Plástica, a Expressão Musical, a Expressão Dramática, as áreas de expressão./</p> <p>E o que eu tenho, na minha prática pedagógica uns princípios que eu considero fundamentais: a atividade, a criatividade e a comunidade. Advém de uma formação que tive com um pedagogo belga, o sr. <i>Joseph Vitaque</i>, e ele defendia aquilo que eu também considero importante, que é a criança é um ser ativo e nós devemos respeitar esta sua natureza ativa, dar-lhe momentos para ela improvisar, / para criar e / para fazer a aprendizagem da vida em comunidade / desta forma, criando, improvisando, agindo. /</p> <p>É essa parte da... A coisa que mais me choca, na área da Expressão Plástica, é, quando nós temos um trabalho final, produzido pelos alunos, e depois há aquela avaliação, estupidamente adulta e agressiva, que é “ai tão bonitinho que está esse e aquele não está tão... tá redondinho, não está nada <i>naïf</i>”, está mesmo adulto e mal feito, muitas vezes. E é o retoque que o professor... eu não vou estar aqui, entre aspas, que alguns adultos gostam de dar, ao trabalho da criança, ingenuamente pensando eles que nós não vamos identificar o traço do adulto ali. Estupidamente mal feito, também.</p>	PF	9